This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

STANFORD
UNIVERSITY
LIBRARIES

INDICE

1ª PARTE — Passado e presente dos crichanás

I 1
II 27
III 69

2ª PARTE — Ethnographia, archeologia e geographia

I 133
II (Ipurucotós) 139
III (Macuchys) 146
IV (Crichanás) 148
V (Archeologia) 168
VI (Geographia) 171

3ª PARTE — Documentos

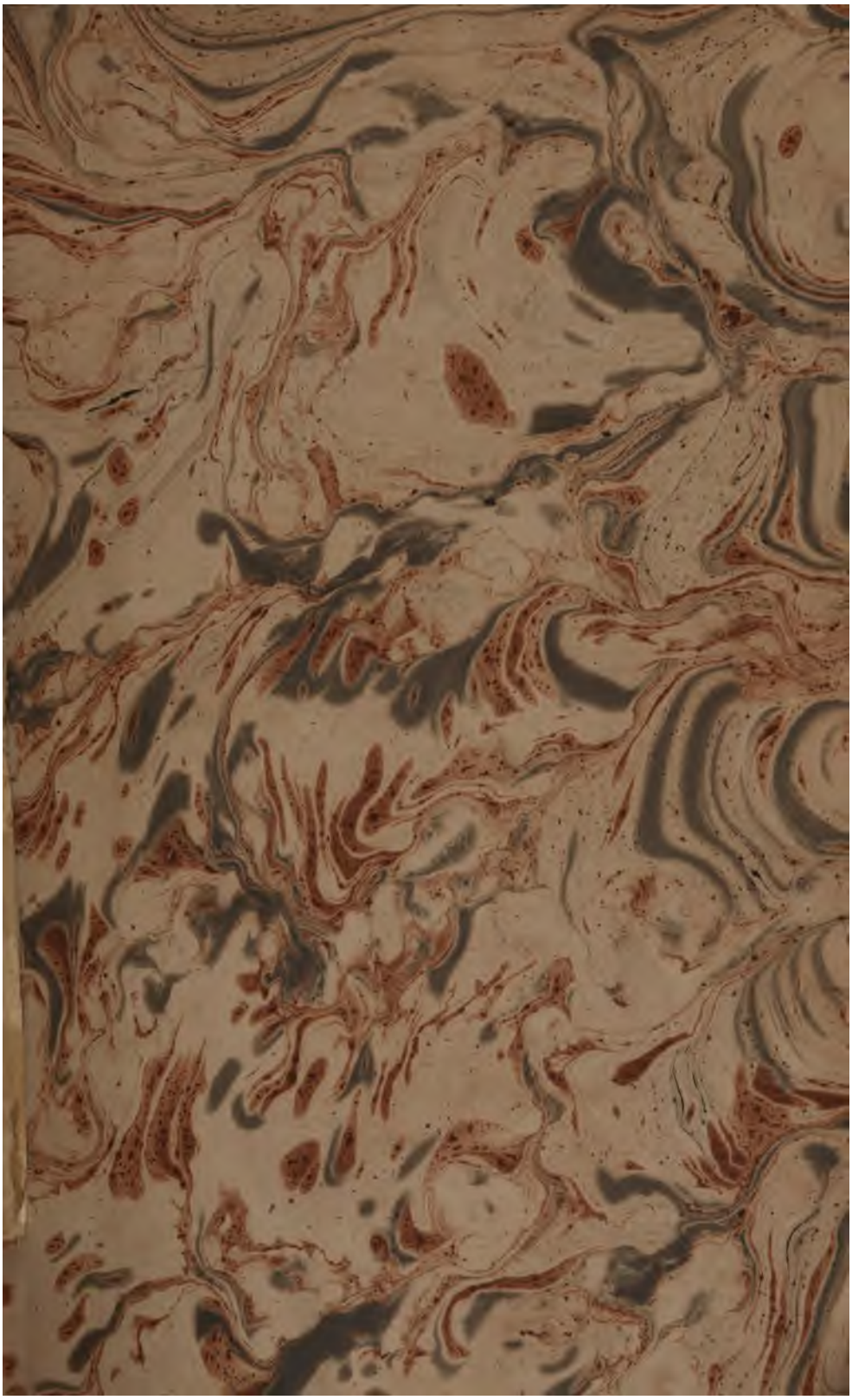
Documentos de ns. 1 a 35 179

4ª PARTE — Vocabulario

Introducção 245
Dialectos 247

5ª PARTE — Appendice

3ª Expedição 263



RIO JAUAPERY

PACIFICAÇÃO DOS CRICHANÁS

POR

JOÃO BARBOZA RODRIGUES

DIRECTOR DO MUSEU BOTANICO DO AMAZONAS

I. Passado e presente dos Crichanás.— II. Ethnographia, archeologia e geographia.— III. Documentos.—IV. Vocabulario.—V. Appendice.

RIO DE JANEIRO

IMPRENSA NACIONAL

1885

588—85

F 2,17
B74

F21642

PRIMEIRA PARTE

PASSADO E PRESENTE DOS CRICHANAS

I

Corria o anno de 1873, quando, de volta da exploração ao rio Jatapú, cheguei a Manáos.

Estava, então, ainda fresca na memoria de todos a tomada da freguezia de Moura pelos indios até ahi denominados Jauaperys, e até hoje me opprime o coração a lembrança da hecatombe que houve, embora pretendessem por todos os modos desmentil-a.

Acabava de estar com os indios Uassahys, do rio Carimany, que me tinham promettido fazer um descimento (1), que não se realizou por não poder eu dispor de alimentos e meios de transporte.

Estava com a promessa; possuia suas armas; sabia que moravam entre as cabeceiras do Carimany e Jauapery; tinha informações que neste rio elles matavam os brancos, porque eram máos, o que, pelos factos e pela comparação das armas, me dava certeza que os Uassahys não eram mais do que os Jauaperys ou um ramo destes.

Quiz verificar. Todos os recursos me foram negados. Isso o affirmei em 1882, por occasião de realizar-se no Rio de Janeiro a Exposição Anthropologica.

---

(1) *Descer indios* ou *descimento* era o termo outr'ora usado pelos antigos bandeirantes, que para amenisarem as expedições faziam viagens ás malocas, trazendo d'ahi centenas de indios escravisados.

Essa crença me fazia sempre pungir o coração, principalmente quando recebia noticias de que aquelles que, pela palavra ou pelo Evangelho, podiam-se chegar ao gremio da civilisação, quando appareciam, eram recebidos á bala e á metralha.

Não contava mais voltar a esta plaga abençoada, berço de filhos meus. Porém a Providencia dispoz o contrario, e, quando menos o esperava, fui chamado á região amazonica.

A ella aportei a 14 de Dezembro de 1883, e, entrando logo no exercicio do cargo de Director do Museu Botanico, para o qual havia sido nomeado, no desempenho de meus deveres, conferenciei com o Exm. Sr. Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá, Presidente da Provincia, a respeito dos indios do rio Jauapery, propondo-me S. Ex. a catechese dessa tribu selvagem.

Aceitei de coração a proposta, não só para aproveitar o tempo que faltava para serem votados os fundos para installação definitiva do Museu Botanico e nomeação de seu pessoal, como para esclarecer minha crença e salvar das garras da barbaria centenas de almas que se perdiam no meio das florestas, varridas pelo chumbo que a polvora impellia, sem que até então ninguem tivesse tentado sua pacificação.

Tinha de partir. Os meios se preparavam. Até meiados de Março de 1884 deveria estar no Jauapery ; porém a partida precipitada do Presidente da Provincia obrigou-me a installar o Museu. Esse facto demorou-me em Manáos.

Assumindo interinamente a Presidencia o honrado Commendador Guilherme José Moreira, a elle me dirigi no segundo dia de sua administração. S. Ex., porém, nada resolveu.

Assumindo a Presidencia, o illustrado Dr. Theodoreto Carlos de Faria Souto recebeu o relatorio do seu antecessor e nelle encontrou o seguinte :

« Era minha intenção enviar agora ao rio Jauapery n'uma das lanchas da flotilha o digno Director do Museu Botanico»

Dr. Barbosa Rodrigues, com quem já me havia entendido a respeito.

« A commissão teria o duplo fim de estudar os productos naturaes daquella região e empregar todos os meios para entrar em relação com o gentio. » (1)

Procurei-o. Fiz ver o que seu antecessor me havia proposto, e S. Ex., com aquelle espirito progressista que o caracterisa, com aquella bondade d'alma que o leva para o ente soffredor, e com a consciencia do justo que só almeja a liberdade do homem, abraçou a idéa, fel-a sua, reformou-a, deu-lhe novo horisonte e pol-a em pratica.

Preparava-me para partir. Os meios estavam combinados. Faltava a execução, quando chegou a Manáos o paquete *Rio Branco*, trazendo a noticia que alguns pescadores tinham-se encontrado com os indios, e, como por acaso levassem um indio do rio Branco, que com elles se entendeu, os naturaes haviam pela primeira vez poupado os brancos e aceitado destes varias instrumentos, dando em troca diversas armas.

Já estando prompto para partir, deixei a cidade de Manáos a 29 de Março de 1884.

Dando assim os motivos que me levaram a não ter, a mais tempo, ido ao encontro dos indios e a razão que me impellia a fazel-o ha mais de 11 annos, cumpre-me apresentar, ainda que rapidamente, uma noticia sobre os indios Crichanás, apontando os factos mais notaveis que se têm dado em relação a elles, afim de que se possa avaliar seu passado, ver si havia ou não motivo de serem esses homens tyrannos e vingativos e provar que nessa época ainda não estavam pacificados.

A liberdade conquista-se a ferro e fogo, si o é preciso. A oppressão, a perseguição, os brios offendidos, fazem o

---

(1) Relatorio com que o Presidente da Provincia do Amazonas, Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá, entregou a administração, etc.,. — 1884. Pag. 28.

homem, que tem consciencia de si, erguer-se á altura de que é digno. Maneja o punhal, empunha o latego, fere ou vergasta quem o opprime ou empunha o arco e despede a frecha que o vinga.

Civilizado ou não, sua liberdade não se vende, seus brios não se ferem impunemente. A vingança é tida muitas vezes por crime, quando não é mais que a desaffronta da offensa que ficou impune.

O braço do indio se levanta, o arco se enteza, a frecha vôa e o branco cahe ferido. E' um selvagem, um barbaro, dizem.

O branco invade um rio, algema seus habitantes, vende-os, leva-lhes aos lares a oppressão e o vicio, incendeia-lhes os TEYUPARES, rouba a honra de seus filhos. E' um civilisador o branco.

Nossa historia mostra que a ferocidade do gentio vem com a civilisação. Pedro Alvares Cabral foi recebido com cantos e dansas festivas. D. Pedro Fernandes Sardinha acabou na ponta das frechas.

Quando em 1669 o missionario Frei Theodosio, da Ordem das Mercês, entrou pela primeira vez no rio Negro, dominava nelle a famosa tribu dos Aruaquys, que se estendia por todas as terras e rios comprehendidos entre esse rio e os rios Uatumá e Jatapú.

A séde principal delles era no rio Jauapery, onde então habitavam pelas cabeceiras que se ligam ás do rio Branco os Tarumás, os Caripunás e os Cericunás, antes Crichanás. De todas essas tribus, as unicas reliquias são as dos ultimos e dos Tarumás, que estão aldeiados nas margens e cabeceiras do Esequibo. Os Aruaquys, que fornecem os cascos de quasi todas as missões e freguezias do rio Negro, tiveram uma grande aldeia denominada PUERI, no logar conhecido hoje por Tauakuera. Seu ultimo missionario, no tempo do Coronel Joaquim Tinoco Valente, foi Frei Antonio, vulgo Tunaré. Em 1768 já esta aldeia se tinha extinguido. Exterminados os Aruaquys, conservaram-se sempre nas cabeceiras do rio Jauapery os Crichanás, e só de 1845 para cá começaram a

descer, chegando a apparecer até no rio Negro, por irem desapparecendo os sitios e roças do Jauapery, de Uirabiana (1) para a foz.

Abandonado o Jauapery, pela decadencia de Moura, cujos habitantes iam-se empregando na perniciosa industria da borracha, delle se foram apossando os Crichanás, começando a estabelecer mais para baixo suas malocas, não deixando, comtudo, de entreter relações com as tribus das cabeceiras do rio Branco e com os Uassahys, do rio Carimany, affluente do Jatapú. Formaram uma tribu que se ramifica á dos Ipurucotós, das vertentes do Ararikuera.

A apparição desses indios nas immediações de Carvoeiro, Moura, Ayrão e Tauapeçaçú começou a amedrontar os habitantes dessas paragens, a ponto de não irem sós a pescarias no Jauapery, e sim em comitivas. Raro era o que se atrevia a entrar por seus lagos.

Apezar de se apresentarem no rio, nunca fizeram mal a pessoa alguma, tanto que, subindo o Jauapery, por ordem do Presidente Manoel Gomes Corrêa de Miranda, o brigadeiro Gabriel, em Março de 1855, disse, no relatorio que apresentou : « neste rio não ha vestigio algum de gentio. » Fugiam, pois, e não atacavam.

Estavam as cousas nesse pé quando o major Manoel Pereira de Vasconcellos, que tinha interesse em obter trabalhadores para suas roças, offereceu-se para ir ao encontro desses indios, cujo nome de tribu era desconhecido, mas que, como desciam do Jauapery, ficaram conhecidos por Jauaperys, passando mais tarde a Jauamerys, e finalmente a Uamerys, Uaimeris e ainda Waimirys. (2)

---

(1) *Uirabiana, arabiana, arubiana*, como hoje se diz, é uma corruptella, penso, de Aruaquyaná, isto é, nação de Aruaquys.

(2) No alto Purús existe a tribu dos Manatenerys conhecida por Castelhanos por já estarem em terreno da Bolivia. Por corruptella e má pronuncia creou-se uma outra tribu, a dos Catianas, que não é mais do que a dos Manatenerys com o vocabulo portuguez corrompido.

Encarregado pelo Presidente João Pedro Dias Vieira da catechese desses indios, reuniu Vasconcellos uma força composta de 50 guardas nacionaes, todos bem municiados, e partiu para o Jauapery a 29 de Abril de 1856. No nono dia de viagem, isto é, a 8 de Maio, subindo o affluente Uatukurá, desembarcou com a força na margem meridional e foi á procura das malocas. Depois de tres dias de marcha, encontrou, a 11, um indio que, vendo a força, fugiu e foi dar signal de alarma á maloca. Vendo os indios que suas habitações iam ser invadidas, reuniram-se para a defesa e foram ao encontro dos invasores que, indo com fim pacifico, ostentavam uma consideravel força armada. Deu-se o encontro. Os indios com razão disputavam suas terras e defendiam suas familias. Os invasores queriam prezas, pelo que se ouviu a voz de fogo. Rebentou pela floresta o estampido da fuzilaria. As balas sibilavam cruzando-se com as frechas, no espaço. Os indios fugiram espavoridos, deixando no campo grande numero de mortos. Os brancos tiveram um homem levemente ferido. Aos gritos de vingança e de dôr entraram precipitadamente os vencidos nas malocas, de onde depois fugiram com as familias. No dia 12 chegaram os civilisados á maloca. Depois de um grande saque, lançaram fogo ás casas, morrendo em uma dellas uma velha e uma criança que não tiveram forças para fugir. A 13 abandonaram esse theatro de horror e ganharam o rio levando todas as UBÀS. Subindo o Jauapery, ao chegar ao Makukuahú, ahi levantou Vasconcellos um quartel onde postou 10 praças, recolhendo-se satisfeito por essa façanha que trancou as portas do rio e deu logar ás hostilidades. Por ordem do Presidente Vieira, a pedido de Vasconcellos, estabeleceu-se em Makukuahú, a 16 de Maio do mesmo anno, um destacamento que sómente era rendido trimensalmente mas que pouco tempo durou.

Desde então desappareceram os Crichanás. Porém, sedentos de vingança, curtindo odio no coração, juraram não

poupar mais o branco que se lhes approximasse e começaram a sahir ás praias.

A primeira victima dos brancos foi um Fuão Jordão que, indo pescar nas praias do Mahaúa, com uma filha de nome Rita e varios companheiros, foi morto, ficando a filha ferida por nove frechadas. Os que erraram o alvo no ataque do major Vasconcellos, o acertavam agora. A comitiva fugiu e veiu enterrar o cadaver de Jordão nas areias da praia Ayurú.

Dentro em pouco outra victima cahia a golpes de frecha: um rapaz, meirinho, que pescava nas prais do YARAPÈ Marakaká.

Animados por essas vinganças, entregando-se as victimas facilmente, atreveram-se, em Tunuahú, a atacar a casa de D. Catharina, estando esta ausente. Saquearam-a. Esse facto fez com que os sitios das ilhas PARANÁS e YARAPÉS do Jauapery fossem abandonados de uma vez.

Começou então uma guerra sem treguas. Apenas o civilisado avistava um indio, fazia-lhe fogo. O indio nunca encontrava o branco sem que o ferisse.

Na tolda da canôa ia constantemente a arma carregada e ai ! do indio que se atrevesse a pescar.

O assalto de 1856, a perseguição dos brancos, levaram os indios a abrir luta sem tregua por espaço de quasi 30 annos. Essa luta era-lhes fatal, mas não lhes arrefecia o odio, e, na sua intelligencia apoucada, segundo uns, elles sabiam enjoeirar os homens. Carvoeiro, Ayrão, Muirapinima e Táuapeçaçú eram por elles visitadas, mas ahi não exerciam a menor offensa. O silencio da floresta sepultava sobre seu humus as victimas da selvageria do civilisado e o facto de uma ou outra de suas victimas apparecia isoladamente. O crime do indio apparecia, porém o numero de victimas das balas civilisadas nunca tornava-se conhecido.

Em ordem chronologica, apresentarei todos os factos que chegaram a meu conhecimento, colhidos em documentos officiaes e em informações fidedignas, algumas dos

protogonistas, sentindo não poder registrar o numero de Crichanás que cahiram aos golpes do branco. Todas as suas apparições serão aqui registradas afim de que fique bem clara sua chronica e se veja que, até á data em que fui para o Jauapery, só se tratava de defender Moura e atacar e repellir os selvagens.

Corria o anno de 1862 quando os Crichanás appareceram pela primeira vez no districto de Tauapeçaçú. Não sendo perseguidos, retiraram-se sem que fizessem mal algum. Em 1863 appareceram de novo no mesmo sitio, espalhando o terror na população. A 22 de Novembro de 1864, estando Joaquim Galvão com seu escravo Silvestre abaixo da Táuaknera (1), tirando ovos de tartaruga, foram ambos mortos pelos indios.

Em Fevereiro de 1865 mostraram verdadeiro cannibalismo. Depois de frecharem um caçador, o dissecaram, tirando-lhe os ossos e deixando os musculos sobre um giráo.

No mez seguinte foi victima outro caçador, cujo companheiro pôde salvar-se com cinco frechadas. Não sei si houve aggressão ou si foram os infelizes apanhados de sorpreza.

Ainda no mesmo mez procuraram os indios chegar á villa de Moura. Não conheço as razões por que não o fizeram: si por serem repellidos, si por mudarem de opinião.

A 11 de Fevereiro de 1867, no lago Cariuahú, atacaram João Galvão, um filho e varios pescadores, sendo os dous primeiros mortos á frecha, ficando os outros feridos, não se sabendo de onde partiu a provocação.

Era vigario de Moura frei Samuel Lucciany.

O Presidente, coronel Innocencio Eustaquio Ferreira de Araujo, contratou-o para pacificar os indios, dando-lhe uma subvenção annual, um interprete pago pelo governo, um destacamento e brindes, estando para isso autorizado pela lei n. 140 de 1 de Agosto de 1865.

---

(1) Conhecida actualmente entre os Crichanás por Typú.

Mandando em Março de 1867 esse missionario uma canôa com praças armadas em diligencia, foi ella atacada, dizem, pelos indios, não se dando facto algum lamentavel. Mas o que é exacto é que, não dando resultado a missão guerrilheira do referido frade e sendo, além disso, muito dispendiosa, o Presidente Epaminondas de Mello rescindiu o contrato « por inutilidade da missão explicitamente confessada por esse missionario », como diz no seu relatorio o Presidente Jacintho Pereira do Rego. (1)

O facto mais lamentavel foi o que se deu na Cachoeirinha em Março de 1868. Indo o individuo de nome Manoel João, com sua familia, composta de 13 pessoas, á pesca das tartarugas, foi toda esta sacrificada ao furor dos selvagens. Ninguem sabe em que condições se deu esse facto, porque sobre elle nada transpirou.

Dizem que o venezuelano André Level Guttierre subindo o rio Negro, a 9 de Dezembro de 1871, foi assaltado pelos Crichanás, que feriram os tripolantes da embarcação, roubaram-lhes os generos, mas não me consta si houve mortos e feridos por parte dos indios. Ficaram 4 tripolantes feridos e 2 mortos.

A 26 de Novembro de 1872, Miguel Nunes Bemfica e Florentino José Guimarães encontraram duas UBÁS em frente

---

(1) Eis a integra do officio dirigido pelo Presidente Epaminondas de Mello ao missionario Lucciany:

« A missão contratada com a Presidencia não podia ser por Vm. abandonada e entregue á força publica. Do seu officio, de 8 de Março, a que com este respondo, vê-se o que acabo de dizer.

« Vm. mandou a força publica ter com os indios, não acompanhando-a, e da imprudencia do chefe resultou que os gentios embraveceram e frecharam os guardas nacionaes. Si o missionario tivesse acompanhado a diligencia, ter-se-hiam evitado sem duvida os ferimentos e dado alguns passos em favor da catechese. Pede-me que augmente o destacamento até 50 praças, de onde se conclue que é esteril e inutil a sua missão.

« A força publica o governo mandará independente do contrato que fez, e quando entender conveniente; e si só com a força publica é que póde-se chamar ao gremio da civilisação os indios bravios, como Vm. expõe no seu citado officio, então o contrato deve acabar.

« Por isso rescindi aquelle contrato, como verá da portaria inclusa, que cumprirá, e da sua data cessam os seus vencimentos. »

a Moura, e, fazendo fogo sobre ellas, afugentaram os indios, que não despediram uma só frecha.

A 27 do mesmo mez, em represalia, encontrando os indios Elias, escravo do capitão Custodio Pires Garcia, frecharam-o.

Chegamos agora ao facto mais importante da vida dos Crichanás, aquelle que deu causa á guerra de exterminio que os civilisados lhes moveram, não dando-lhes quartel, sempre que chegavam ao alcance de suas armas.

Em fins de Dezembro de 1872 ou principios de Janeiro do anno seguinte, diz uma parte official, emquanto o *Diario do Amazonas*, de 17 de Janeiro de 1873, diz que esse assalto foi ás 8 horas da manhã de 12 de Janeiro, segundo a noticia trazida pelo expresso que em canôa foi mandado á capital «os Crichanás assaltaram a freguezia de Moura e della se apoderaram, chegando a frechar uma innocente criança que, esquecida por seus pais na precipitação em que fugiram, dormia em uma rêde. »

A população, nesse tempo de 100 almas, mais ou menos, refugiou-se na ilha Curupiari ou do Sabiá, que por esse facto denominou-se depois ilha da Salvação.

Consta-me, por pessoas insuspeitas da localidade, que os indios entraram por differentes pontos sem que offendessem, mas que, correndo todos amedrontados e fazendo fogo, responderam á hostilidade.

Achando o campo abandonado, assenhorearam-se delle e levaram comsigo o que puderam. Parece que, si em vez de tiros fossem empregados outros meios, talvez não se desse o que se deu, porque penso que quem vem assaltar com um plano feito e inesperadamente, poderia fazer muitas victimas (1) na população descuidada, si o intento fosse o saque e a morte. Pelo que ouvi de pessoas insuspeitas, parece que vinham antes procurar a paz.

---

(1) Só mataram Martinho da Cruz e Simeão, innocente, filho de Thomé.

Chegando á capital a noticia do facto, pintada com as côres mais sombrias da palheta do noticiarista, o Presidente fez seguir immediatamente para Moura uma força do 3º de artilharia, unida a uma outra do corpo provisorio, commandada pelo commandante das armas, brigadeiro João do Rego Barros Falcão, que, além do estado-maior, levou o medico Dr. Luiz Carneiro da Rocha e duas lanchas artilhadas.

Sahiu a força de Manáos a 16 de Janeiro, chegando a Moura a 18, quando já nenhum vestigio havia de existencia de indios nas cercanias da villa.

Fazendo restabelecer o panico geral que tinha havido, o general dividiu a sua força e foi em procura dos fugitivos. Em um lago a lancha encontrou 11 UBÁS vazias que fluctuavam, e grande numero de corpos que boiavam. Foram as UBÁS mettidas a pique. Officialmente diz-se que os tripolantes morreram afogados, porque não sabiam nadar, e se tinham precipitado n'agua ao approximar-se a lancha. Porém o que a tradição ainda conserva e o que ouvi por esse tempo em Manáos, foi que metralharam as canôas, matando á bala os que procuraram salvar-se a nado. A verdade não sei. Seguindo uma força por terra e chegando ao Urubú-cuára, internou-se pelo matto. Encontrando o tenente Pastana os indios (1), começou ás 9 horas da manhã um vivo fogo que terminou alta noite. Não consta officialmente o numero dos mortos, mas dizem que foi extraordinario (2). Nesta mesma data, o subdelegado de Tauápeçaçú mandou bater os indios pelo Curiuahu.

Restaurada a freguezia, começou então a estacionar ahi annualmente, de Setembro a Março, uma lancha de guerra para protegel-a.

---

(1) Por portaria da Presidencia de 28 de Janeiro de 1873 e ordem do dia do commando da guarda nacional de 29 do mesmo mez e anno, foram louvados o tenente Manoel Rodrigues Pastana, o alferes Targino José Maria da Liberdade Bananeira e as praças da guarda nacional. (*Diario do Amazonas.*— 1º de Fevereiro de 1873.)

(2) Diz uma parte official do tenente Antonio de Oliveira Horta « que a população ficou na ilha até ser soccorrida pelo general commandante das armas *que repelliu os indios pela força.*»

A 29 de Outubro de 1874, sendo commandante do destacamento o tenente Antonio de Oliveira Horta, que tomára o commando a 27 de Março de 1873, appareceram nas immediações da freguezia, novamente, os Crichanás, em numero superior a 200, que foram mortos á bala, inclusive o chefe, ficando uma só praça ferida, a de nome Quintiliano José Pereira.

Esgotadas as munições, a 31 de Outubro de 1874, o referido commandante pediu ao commandante das armas mais 100 cartuchos embalados e 1.000 espoletas fulminantes.

Não pondo em duvida a legalidade da defesa, nem a veracidade do facto, comtudo este, reunido ao de 1873, leva a pensar que os Crichanás formam uma tribu de imbecis que não sabem remar, nadar e frechar. Vinte homens civilisados repelliam 200 indios assaltantes e sómente tinham um ferido. E' singular !

Onze dias depois, isto é, a 9 de Novembro, o mesmo commandante, com as 20 praças, atravessou o rio Negro e entrou pelo Jauapery a dar caça aos indios. Ahi encontrou cinco UBÁS que estavam encalhadas á margem e mandou destruil-as. No dia 12, encontrando mais duas, levou-as para a freguezia. A 21 de Novembro, pelas 10 horas da manhã, ouviu-se um tiro e um grito de alarma: era da sentinella do destacamento que, avistando um indio na matta que fica por detrás da freguezia, matara-o e pedia soccorro. Immediatamente o commandante, tenente Horta, reunindo a força, marchou contra os indios, « fazendo-os fugir incontinente com perdas da parte delles, que, á proporção que iam cahindo, eram logo carregados por outros ». Não consta que houvesse *um só ferimento* na força civilisadora, nem que os indios procurassem ferir os moradores. Depois deste feito e com uma força de 34 homens, internou-se pelo matto, dando caça aos que escaparam. Com effeito, não tardou muito a encontral-os, obrigando-os a se refugiar em uma lagôa, « onde fez vivo fogo sobre elles. *Morreram muitos*; feridos escaparam alguns, que se internaram pela matta. »

Ficando ahi abandonadas 12 UBÁS, foram nove *picadas a machado* e tres conduzidas como tropheus.

No dia seguinte, para que a população de Moura ficasse tranquilla, seguiu com a força para o theatro onde na vespera se dera o drama de sangue. Ahi encontrou, segundo informações officiaes e segundo a opinião de uma praça, 23 indios feridos, todos escondidos entre a folhagem das arvores, *onde estavam trepados silenciosos*.

Então começou uma scena de cannibalismo! Eram caçadores enthusiasmados ante um bando de guaribas! Cada um quiz sua parte na caçada. Apontavam a arma, descarregavam e o pobre indio cahia no meio de gargalhadas geraes! Assim cahiram todos, á excepção de um que ficou preso a um galho. Depois desta matança, retiraram-se satisfeitos os civilisados, mas não tanto como parecia, porque, ainda a 23, voltaram para empilhar os corpos e lançar-lhes fogo, « escapando muitos outros que já estavam em estado de putrefacção dentro da lagôa.» Os corvos acabaram a obra civilisadora e ainda por muito tempo alvejavam pelas praias as ossadas dos infelizes Crichanás! O commandante do destacamento foi sempre auxiliado nessas excursões pelos Srs. Manoel Gonçalves, vulgo BICUDINHO, Hermogenes Rodrigues Pastana, Hermenegildo Rodrigues Pastana e outros que em sua parte elogia.

Referiu-me o machinista Bruno que assistiu a todo esse feito como commandante da lancha, que saltou em terra com as praças que tinha a bordo, sob o commando do tenente Emilio Augusto de Oliveira, hoje fallecido, que no dia anterior um indio foi degolado pelo professor Arruda, outro esfaqueado por Camillo Gonçalves de Oliveira Netto, actual morador de Moura, outro preso á terra pelo pescoço, por meio de uma forquilha de páo, e que, depois de quasi todos cahirem mortalmente feridos, Manoel Gonçalves com uma arma reúna não perdia tiro, matando muitos no lago. Quando voltaram no terceiro dia, trouxeram atravessado em uma ubá, a reboque da lancha, o cadaver de um indio

que, arrastado por uma praça da freguezia, esteve em exposição, sendo depois lançado ao rio.

Censurando o commandante das armas o tenente Horta, este, em sua defesa, procurando justificar-se, diz: «desde 1873 tenho feito um estudo especial sobre os meios que me vêm ás mãos como efficazes para ver si os faço chegar á falla, o que me não tem sido possivel, nem a ninguem.»

Depois do que acabo de referir, parece que fica justificado o que se deu logo a 30 de Dezembro do mesmo anno no PARANÁ-MIRY do Uainó. Indo nesse dia a velha Suzanna com Cleta, Genoveva e outras para o sitio, foram assaltadas pelos indios que as mataram, escapando, apezar de levar nove frechadas, um menino de nome Luiz, que, já homem, encontrei ultimamente. Os corpos das mulheres foram achados sem cabeça e a criança ainda com vida agarrada a um galho.

Esta noticia fez partir para Moura o tenente da armada Joaquim Thomaz da Silva Coelho, com uma lancha de guerra que alli ficou estacionada. Esse militar jâmais se encontrou com os indios.

Em 1875, no PARANÁ-MIRY da Desgraça, deu-se ainda um facto que nos mostra que si o civilisado não perdôa a injuria, muito menos o indio que só se guia pela rectidão do coração e não conhece o freio da sociedade. Ainda desta vez foram tres mulheres as victimas, que não succumbiram pela defesa tenaz que fizeram os tripolantes do YARITÉ que as conduzia.

Em 20 de Março de 1875 mataram, no lago Grande, Florentino José Gonçalves, como consta do officio n. 58 do commandante do destacamento.

Em 19 de Março de 1876, estando o pescador Hermenegildo de Souza Brazil no lago Cururú, encontrou os indios; mas, evitando-os, escondeu-se, e, aproveitando a escuridão da noite, fugiu sem ser offendido.

Indo a 16 de Dezembro do mesmo anno o commandante do destacamento de Moura ao rio Jauapery e encontrando

uma UBÁ, fez immediatamente fogo sobre ella, obrigando os indios a fugir e aprisionando a UBÀ. Isto consta da parte de 20 de Dezembro, mas a verdade é esta : nesse dia a lancha, commandada então pelo commandante do destacamento de Moura, tenente Malaquias José Netto, sendo machinista F. Oliveira, chegando á bocca do lago Grande, perto de Tunuahu, encontrando uma UBÁ que parecia abandonada, ao encostar a lancha á terra, encalhou, sendo logo acommettida pelos indios. Houve então vivo fogo de fuzilaria. Querendo os indios tomar a lancha, cobriram-na de frechas, pelo que a tripolação fugiu para os porões, depois de dar um tiro de metralha com o rodizio de prôa que, não estando preso pelo vergueiro, saltou no convez. Ficaram feridos alguns marinheiros e indios, morrendo muitos destes.

Eis como se deu o facto relativo á peça, segundo o *Amazonas*, de 28 de Abril de 1878 : «Sahindo a cruzar a lancha n. 4 até o Jauapery, levando a seu bordo o commandante do destacamento e praças do exercito, encontrou em viagem os indios postados em uma barranca, de onde desde logo começaram a arremessar frechas para bordo. O commandante, citado, mandou carregar a peça, com metralha e fazer fogo, mas, como não estavam mettidas as chavetas de escatel, que prendem as missagras dos munhões, desencapellada a alça do pião da frente do estrado, desapertado e desabotoado o compressor e vergueiro, logo que detonou o tiro, a peça e a carreta ficaram desmontadas.»

O commandante mandou seguir em retirada toda a força. Dias depois recebeu 2.000 cartuchos embalados.

Em Novembro de 1877, voltando de um seringal o portuguez José Gonçalves de Faria e os cidadãos José Amancio e José Pinheiro, ao chegarem á praia do Jacaré, no rio Negro, encostaram a montaria e foram á procura de ovos de tartarugas. Quando voltaram, viram um Crichaná que fugia para o matto e outro assentado á popa da montaria, tendo atravessados ao collo um arco e duas frechas. Suppondo tomada a embarcação, Faria, temendo a approximação de outros

indios, deu um tiro no que se achava á popa. Não tendo acertado o tiro, o indio atirou-se n'agua e procurou esconder-se, protegendo-se com a montaria. Desta os civilisados, a cacete e a faca, assassinaram o selvagem. Este facto como aqui o relato foi-me contado em Tauapeçaçú pelo proprio Faria.

Em Maio de 1878, ordenou o Presidente Barão de Maracajú ao Revm. frei José Maria Vila que estabelecesse uma missão no rio Jauapery. Vila dirigiu-se para esse logar a 22 de Outubro, acompanhado de cinco praças. Consta que, depois de tres dias de viagem, chegando a uma praia onde havia algumas UBÁS velhas, deitou nellas varios brindes. Os indios apparecendo, o hostilisaram, obrigando-o a retirar-se depois de vivo fogo; chegou a Moura a 2 de Novembro e ahi communicou ao tenente José Joaquim de Paula Madureira, então commandante do destacamento, que naufragára na ilha de Monte Christo, perdendo 450 cartuchos embalados que levara. Passando o vapor seguiu para Thomar, de onde, em canôa, foi para o rio Uaupés. Diz o Presidente Barão de Maracajú em seu relatorio de 1879 que «depois de ter esse missionario tentado catechisar os indios do Jauapery, onde, em cumprimento de ordens desta Presidencia, devia estabelecer uma missão, reconhecendo que era impossivel todo o esforço a empregar-se nesse sentido, seguiu para o rio Uaupés.»

Em 17 de Novembro de 1878 appareceram os indios no rio Negro, na ilha Urapanac, porém nada fizeram. Entretanto a lancha n. 1 para lá seguiu e deu-lhes um tiro de metralha.

Em 13 de Novembro de 1878, commandando o destacamento o alferes João Francisco do Espirito Santo, recebeu mais 4.400 cartuchos e 3.300 espoletas que, com 4.000 que no começo do anno tinham sido enviados, dão o numero de 8.400.

Estando a 17 de Novembro de 1879, na praia do Curecuré, Manoel Gonçalves, o *Bicudinho*, com Antonio José de

Aguiar, o *Curador*, appareceram os indios, e, querendo *Curador* mostrar seu poder de PAGÉ, dirigiu-se para elles, sendo logo atravessado e morto por uma frecha. *Bicudinho* fugiu e foi reunir-se aos companheiros que estavam longe, não conseguindo fazer fogo com o revolver que trazia por estar cheio de areia.

Estando á pesca e fazendo para esse fim tapagens no lago Curere, em 9 de Janeiro de 1880, Manoel José Gonçalves Pacheco, Bicudinho, Honorio Nunes, seu neto Manoel Nunes Gonçalves, sendo encontrados os indios, fizeram fogo sobre elles. D'ahi resultou ficar Manoel Gonçalves ferido nas nadegas e costas. Partindo para esse ponto a lancha e ouvindo rumor na matta, deu um tiro de metralha na direcção de onde parecia vir o ruido.

A 5 de Janeiro de 1880, havendo suspeitas de que os indios estavam nas mattas da Praia Vermelha, para lá seguiram o subdelegado e o commandante do destacamento, com uma força na lancha n. 1. Ahi chegando, não os encontraram e dispararam um tiro de metralha.

A 1 de Fevereiro do mesmo anno, mandou o tenente Horta, de Moura, a bordo da lancha n. 1 «o individuo de nome Hermenegildo Pastana com um bilhete, em que participava que estava com 20 homens armados para seguirem para o rio Jauapery, contando com o indispensavel auxilio da lancha. Não sendo este tenente autoridade, diz o documento official a que me reporto, nem occupando cargo algum official neste logar, não podendo portanto envolver-se no serviço publico, respondi ao portador que, de conformidade com as minhas instrucções, havia de entender-me com o commandante do destacamento sobre essa expedição. Nessa mesma tarde dirigi-me para terra e communiquei ao Sr. commandante o plano que se estava forjando e fiz-lhe ver que, distando Táuakuera quasi um grau da villa, seria uma perseguição aos indios naquelle ponto, visto já estarem em retirada para as suas malocas, etc.»

Sendo isso reprovado pelo commandante, comtudo para lá seguiu a 4 de Fevereiro o mesmo tenente com a força de paisanos armados. Não se sabe o que alli fizeram.

Apparecendo a 16 de Novembro do mesmo anno na ponta do Cureru alguns indios, para lá se dirigiu a lancha com o alferes Manoel Ferreira da Silva, que os metralhou com tres tiros. Tornando a apparecer, não offenderam pessoa alguma, fincaram na praia umas 80 frechas formando uma linha, e desappareceram.

A 6 de Janeiro de 1881, depois de terem frechado em um YARAPÉ acima de Moura Manoel Marques e morto no YARAPÉ do Limão Felippe Antonio Videira com 15 frechadas, chegaram os Crichanás a Moura, ponto de partida das lanchas e forças armadas. Entraram em casa de Antonio Bemfica que descançava em uma rêde, estiveram no quarto deste sem offendel-o e foram presentidos por uma mulher. Os indios tambem não foram offendidos; porém, dado o signal de alarma, a lancha e o destacamento os perseguiram.

A 19 do mesmo mez, um criado do tenente Horta, encontrando 60 indios em quatro UBÁS, fez fogo sobre elles e afugentou-os. Este facto mostra que os indios não eram tão máos, pois 60 selvagens facilmente sacrificariam o atirador.

Fazendo-se ver ao governo que havia necessidade de um destacamento em Uirabiana, fez-se ahi, em Setembro de 1881, um barracão para quartel, para onde seguiu a 30 desse mez um destacamento.

Fazia justamente um mez, isto é, a 29 de Outubro, quando os soldados, vendo os indios em uma praia fronteira, para lá se dirigiram e fizeram fogo sem que houvesse aggressão. Tomaram-lhes uma UBÁ que foi enviada para Manáos, depois de matarem dous indios.

A 12 de Novembro, os indios, que queriam tomar desforra, encontrando dous soldados de nomes Tiburcio Mendes de Oliveira e Alexandre José Alves que tinham ido apanhar ovos de tartaruga, os mataram, tomando-lhes a

canôa. Por esse motivo, a 15, foi retirado o destacamento. Nesse dia, indo o capitão Pedro Guilherme Alves da Silva ver as sepulturas dos soldados, achou-as abertas e notou que os indios haviam desenterrado os corpos, tirando os ossos dos braços e das pernas e os dentes. Os selvagens pouco tempo depois queimaram o quartel.

O incendio foi ainda uma represalia, porque, subindo logo após o facto de 12 o tenente Geraldo José de Abreu, e encontrando em caminho cinco TEYUPARES Crichanás, os incendiou.

Em Outubro ou Novembro de 1881, subindo alguns indios civilisados, da tribu dos Uaupés, para Barcellos, chegando a uma das praias do rio Negro, saltaram para apanhar ovos de tartarugas. Sendo encontrados por pescadores de Moura, foram atacados, sahindo um baleado em uma perna. Haviam sido tomados por Crichanás. Pelo officio n. 25 de 16 de Outubro, pediu o commandante mais 500 cartuchos embalados que lhe foram enviados a 4 de Novembro.

A 22 de Outubro de 1883, mandou o juiz de paz, tenente Horta, participar que no logar denominado Marakaká do Maçouro quatro canôas de pescadores, em uma das quaes estava Manoel Gonçalves, tinham encontrado 10 UBÁS de indios; para lá se dirigiu a lancha, levando a reboque a canôa do juiz de paz tenente Horta e subdelegado Rato, com gente armada. Ao chegar a força, foram vistas as quatro canôas fundeadas. A tripolação, de espingardas engatilhadas, apontava para quatro UBÁS varadas em terra. Pelas 7 horas da noite rompeu da canôa do juiz de paz um terrivel tiroteio que durou até ás 8 ½, hora em que vieram as quatro UBÁS para bordo da lancha. Continuou logo depois o fogo que durou até 1 hora da noite, indo então para bordo mais seis UBÁS. O tiroteio foi feito com carabinas a Minié, distribuidas pelo juiz de paz que as recebeu do governo. Calcula o official que commandava a lancha que gastou-se de 1.500 a 2.000 cartuchos. A bordo da lancha estava o 2º tenente de artilharia Antonio José Barbosa que a todo o transe

queria que se metralhasse os indios, sendo impedido pelo commandante da lancha, 2º tenente José d'Almeida Bessa.

A 15 de Novembro de 1883, o juiz de paz, que tinha ido com sua gente armada ao Marakaká, voltou, tendo ainda sido mettida a pique uma UBÀ na noite de 14 depois de um fogo vivo que começou ás 11 horas da noite e durou até ás 2 horas da manhã, sendo as primeiras descargas dadas de surpreza nos indios.

A 13 de Janeiro do mesmo anno havia ainda em Moura um destacamento de 19 praças municiadas com 770 cartuchos embalados, além dos que para as armas Minié tinha em casa o juiz de paz. Este destacamento era dividido em tres piquetes, desde as 5 horas da manhã até ás 6 da tarde, em torno da povoação, segundo communicação do commandante ao quartel-general.

A 20 de Janeiro de 1884, havendo suspeitas de que os indios estavam em Uirabiana, para ahi seguiu a lancha, mas não os encontrando, por proposta do commandante tenente Camargo, foram deixados na praia varios brindes, recommendando o mesmo tenente a Manoel Gonçalves que, caso encontrasse os indios, não lhes fizesse fogo. Isto consta de sua parte de 26 de Janeiro. Disse um pescador que a 24 do mesmo mez tinham apparecido na praia Urupanac alguns indios desarmados (!)

Eis até essa data as noticias que havia a respeito dos Crichanás, todas colhidas em documentos officiaes que transcrevo no fim deste trabalho, podendo-se ver pelo officio n. 14 que cobre um relatorio, que, ainda a 13 de Dezembro de 1883, ninguem tinha tratado de amansar os indios, havendo sómente a pratica de defender a villa de Moura.

Dou aqui a relação das 52 victimas, entre mortos e feridos, até á pacificação dos selvagens. Por ahi se vê que só os moradores de Moura eram os perseguidos, emquanto que os de Tauapeçaçú, Muirapinima, Ayrão e Carvoeiro sempre se viram respeitados. Um só facto se deu com um morador de Anavilhana, que foi ferido defronte de Muirapinima a 23 de

Dezembro de 1869. Refiro-me Rufino de Mattos Beckmann, que, apanhando ovos de tartarugas na praia do Jacaré, em companhia de seu pai João de Mattos Beckmann, foi frechado nas costas, não vindo a morrer em consequencia desse ferimento.

Eis a relação:

Mortos

NOMES	DATAS
Fuão Jordão	1845.
Rita (filha do mesmo)	Idem.
Joaquim Galvão	22 de Novembro de 1864.
Silvestro, escravo	Idem.
Manoel Martins da Cruz	Fevereiro de 1865.
Manoel Vicente	Idem.
Manoel Vicente Filho	Idem.
João Galvão	11 de Fevereiro de 1867.
João de Castro	Idem.
Eduardo	Idem.
Manoel João (com 13 pessoas de familia)	Março de 1868.
Dous indios de André Level Gutierre	9 de Dezembro de 1871.
Simeão, innocente, filho de Thomé	12 de Janeiro de 1873.
Martinho da Cruz	Idem.
Cleta Maria	30 de Dezembro de 1873.
Suzanna Maria	Idem.
Genoveva Maria	Idem.
Florentino José Gonçalves	20 de Março de 1875.
Antonio José de Aguiar	17 de Novembro de 1879.
Fellipe Antonio Videira	6 de Janeiro de 1881.
Tiburcio Mendes de Oliveira, soldado	12 de Novembro de 1881.
Alexandre José Alves, soldado	Idem.
Hermenegildo Rodrigues Pastana	Outubro de 1884.
Anastacio, indio	Idem.

Feridos

NOMES	DATAS
Rufino de Mattos Beckmann	23 de Dezembro de 1869.
Quatro indios de André Level Gutierre	9 de Dezembro de 1871.
Elias, escravo	27 de Novembro de 1872.
Manoel Raymundo	Ignora-se a data.
Domingos Gonçalves Ratto	Idem.
Luiz Martins da Cruz	30 de Dezembro de 1873.
Quintiliano José Pereira, soldado	29 de Setembro de 1874.
Manoel Marques	6 de Janeiro de 1881.
Manoel José Gonçalves	9 de Janeiro de 1881.
Honorio Nunes Pacheco	Idem.
Manoel Raymundo Gonçalves	Idem.

Preparava-me para sahir para o rio Jauapery, quando na noite de 17 de Março de 1884, estando em Palacio para receber as ultimas ordens para a partida, entrou o Revd. padre Dacia que acabava de chegar do rio Negro com a noticia de que tinha havido uma expedição ao Jauapery, afim de catechisar os indios, obtendo-se o mais satisfactorio resultado. Alegramo-nos todos e não parti immediatamente por motivos independentes de minha vontade.

Pomposamente foi apregoada pelos jornaes a noticia dessa expedição, assim como a de uma segunda que se devia fazer.

Nada tendo com essas expedições que, si fossem reaes, eu procuraria auxiliar, porque desinteressada e gratuitamente ia arriscar minha vida, no proveito de uma provincia inteira, com a maior satisfação puz-me a caminho na intenção de me unir aos expedicionarios e auxilial-os, cedendo-lhes todos os louros que porventura viessemos a colher nesse grandioso emprehendimento.

Adiante veremos como os catechistas se houveram para commigo, provando assim o contrario do que fôra annunciado.

II

A 29 de Março de 1884 deixei o porto de Manáos, pelas 12 1/2 horas da tarde, em uma lancha da marinha de guerra, commandada pelo 2º tenente José d'Almeida Bessa, encarregado pelo governo provincial de intentar a catechese dos indios até então conhecidos pelo nome de Waimirys.

Levava como meu auxiliar o alferes do 11º batalhão de infantaria Manoel Ferreira da Silva e como amador, encarregado da parte photographica, o Sr. Conde Ermano Stradelli, além de 10 praças de linha.

Para não alongar este trabalho supprimirei a parte de meu diario relativa aos episodios de viagem de Manáos a Muirapinima, começando a fazer um ligeiro esbôço historico da povoação de Moura.

Está a povoação assentada n'uma planicie alta, que descahe irregularmente para o rio, para o qual se desce por uma pedraria que forma o circuito de toda a villa. Sobre estas pedras estão gravadas varias figuras hieroglyphicas de tempos immemoriaes, das quaes possuo cópias, umas tiradas por mim, outras por varios officiaes commandantes de lanchas que alli têm estacionado. Tem a parte anterior para N. e está na latitude de 1º 33' S. e na longitude 1º 59' O. de Manáos. Toda a povoação está coberta de matto, atravessando-se de lado a lado por um trilho pantanoso, estivado em alguns logares com fundos e lados de UBÁS tomadas ao gentio. Compõe-se de uma só rua parallela ao rio, tendo

angularmente nas extremidades varias palhoças. Consta a povoação de 19 casas, sendo tres de telha. Destas, apenas 11 são habitadas, estando as restantes em completa ruina. A matriz tambem está em ruinas e toda escorada, tendo o interior abandonado e com grande falta de asseio. A melhor casa é a do quartel, embora coberta de palha. Uma unica cousa dá vida ao logar: é uma linda fila de laranjeiras plantadas parallelamente ás casas.

A decadencia de Moura é visivel por toda a parte. A menor fazenda do sul tem mais animação que toda a villa, cuja população attinge sómente ao numero de 121 almas.

Pelo relatorio apresentado pelo tenente Malaquias José Netto, a 9 de Agosto de 1877, vê-se que outr'ora, como hoje, a população de Moura era insignificante, e que Manoel José Gonçalves, vulgo *Bicudinho,* até então não passava de um bom cabo de guerra. Eis o que diz o mesmo commandante:

« 3.º— Quanto á policia do logar só sei que existe o subdelegado e um inspector, residentes na freguezia. Quanto á população, existem ao todo, pouco mais ou menos, 40 almas de ambos os sexos, entre grandes e pequenos; esta mesma quantidade de almas só reside no logar de fins de Março a principios de Agosto, porque, durante o resto do tempo, retira-se para a pesca, deixando suas casas em abandono, ficando sómente neste logar no maximo 10 almas.

«7.º — Para a segurança individual desta freguezia, no meu fraco pensar, de commum accôrdo com os mais antigos e experimentados homens deste logar, como sejam os Srs. capitão Miguel Nunes Bemfica e Manoel José Gonçalves, concordamos que para boa segurança individual nesta freguezia é necessario: 1º, derrubar-se a matta pela retaguarda da freguezia, por onde costumam os indigenas atacar, 200 braças de profundidade, isto é, para o centro, porque estando assim descampado, elles indigenas têm medo de sahir a campo aberto, pois têm por habito frechar escondidos atrás dos páos; 2º, ter dos mezes de

Agosto a Fevereiro um piquete de nove praças e um cabo ou inferior na ilha do Morcego, e outro de igual numero na ilha do Jaboticuara, os quaes devem ser rendidos semanalmente, ficando o resto do destacamento, que deve ser pelo minimo de 20 praças, com o official na freguezia, o qual deverá pelo menos de dois em dous dias ir ver os piquetes; 3º, finalmente, este resto da força residente na freguezia servirá para collocar-se diariamente na retaguarda da mesma quatro piquetes de tres praças cada um, das 6 horas da manhã ás 6 da tarde (isto sómente nos ditos mezes de Agosto a Fevereiro), porque no resto do anno os indigenas não atacam por ser tempo da enchente, sendo elles rondados duas vezes. pelo minimo, pelo commandante e sargento do destacamento, no dia.»

Para que bem se conheça o que foi esta localidade, farei uma digressão historica antes de entrar em assumpto.

Guiados pelos preceitos evangelicos, os missionarios Carmelitas, no anno de 1695, reuniram, para formar uma missão na margem direita do rio Uarirá, affluente do rio Negro, os indios Carayás ou Carayais, que o sargento Guilherme Valente, da guarnição do forte Jesus, Maria e José, mais conhecido por fortaleza de S. José da Barra, trouxera do rio Caburys. Fundada a missão, tornou-se padroeira Santa Rita de Cassia, passando a ficar sob sua jurisdicção os logares de Ayrão e Carvoeiro, assim como os do rio Branco conhecidos por Carmo, Santa Maria e S. Joaquim. Tempos depois foi transferida a missão para Itarendaua (1), onde ficou sendo conhecida por esse nome indigena ou pelo de Santa Rita da Pedreira.

Os indios Carayás eram inimigos irreconciliaveis dos Manáos.

---

(1) *Itá*, pedra ; *endub* ou *endaua*, o sitio, o logar em que estão, isto é, o sitio das pedras; e não *pedreira*, porque então seria *itatyba*, *itacuandy* ou *itacurabity*.

Quando, em 1758, o governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado subiu o rio Negro para Barcellos, na qualidade de commissario e plenipotenciario das demarcações de limites com a Hespanha, autorisado pela lei que mandava elevar á categoria de villa todos os logares que estivessem em adiantado estado de prosperidade, deu a Moura essa importancia confirmando-lhe o nome.

Dez annos depois, em 1768, começou a população a mesclar-se, por terem para ahi affluido os indios Aruaquys, Junás e Cericanás ou Crichanás que haviam fugido á perseguição e ferocidade dos Muras. Nesta mesma época começaram as plantações de café por ordem do governador Joaquim Tinoco Valente, de saudosa memoria.

Em 1772, ainda os Muras obrigaram os Manáos a refugiar-se em Moura.

Descendo o rio Branco, em 1775, os gentios Caripunás e Cericanás ou Crichanás ahi tambem se relacionaram com os Aruaquys, em sua passagem pelo rio Jauapery. Depois da pacificação dos indios Muras, o governador João Pereira Caldas mandou tambem para ahi uma partida delles, a 1 de Julho de 1786.

Esta reunião de differentes nações, todas dirigidas por habeis catechistas e com vistas civilisadoras e progressistas, fez com que em 1789 fosse a freguezia de Moura, por assim dizer, não só o jardim, como o celleiro do rio Negro. A lavoura e a industria caminhavam ufanas, uma apoiando-se em suas fazendas, em seus cacáoaes, em seus cafésaes, outra firme se encostava no gado, nas fabricas de anil, de tecidos de algodão, de palha, fabrico de cordas e de cuias pintadas. Sua população era de 1.200 almas distribuidas em 280 fogos que occupavam uma bella praça e tres ruas sombreadas por linhas de larangeiras. As commissões de limites e scientifica do Dr. Rodrigues Ferreira foram as primeiras causas da decadencia de Moura, porque as levas constantes de gente para o real serviço obrigavam a população

a abandonar seus lares, fugindo ao serviço que os repugnava.

O golpe mais forte, porém, que recebeu e abriu-lhe a estrada da ruina foi dado pelo chefe de divisão José Joaquim Victorio da Costa, logo depois de ter empunhado as redeas do governo da capitania do rio Negro.

Descendo de Barcellos para Barra, prohibiu que os indios servissem a particulares, e empregou á força e sem salario mais da terça parte da população nos trabalhos de sua chacara no Tarumá, e na de seus genros Francisco Ricardo Zany, José Simplicio e Marcello.

Os indios de ambos os sexos eram obrigados a trabalhar seis mezes sem salario, em turmas de 800 individuos, tirados de todas as povoações e das tripolações das canôas, principalmente das de Moura, o que os obrigava a abandonar a lavoura e a fugir para o Pará. Além disso impoz, em 1808, fintas de farinha que eram tiradas de cada tres alqueires. Tudo isso fazia com que fugissem do serviço, e, ainda mais, dos castigos a que estavam sujeitos.

Era então vigario em Moura frei Joaquim de Santa Luiza, frade Carmelita. Quando lhe succedeu, em 1818, o major Manoel Joaquim do Paço ou dos Passos, seguiu a mesma praxe de seu antecessor, juntando mais um imposto em dinheiro a que ficaram obrigados todos os moradores como esmola para a ermida dos Remedios que começou a levantar em Manáos. Essa capella foi destruida pelos patriotas, por occasião de chegar a noticia da independencia do Brazil, sendo no mesmo logar erguida a actual, a esforços do ouvidor Dr. Manoel Bernardino de Figueiredo que succedeu ao Dr. Domingos Nunes Ramos.

Neste plano inclinado, a ruina começou a augmentar gradualmente, tanto que em 1838, pela revisão do codigo do processo criminal, quando o conselho se reuniu, nas sessões de 10 e 17 de Maio, pelo art. 3º lhe foi tirada a categoria de villa, passando ao nome primitivo Itaurendana. Em 1839 sua população já era de 236 almas, espalhadas em 30 fogos.

A lei n. 86, da provincia do Pará, de 30 de Abril de 1841 restituiu-lhe o nome de Moura, porém não tardou a povoação a receber o golpe fatal.

Para custear o resto da pequena lavoura que existia, servia-se de indios que ainda estavam espalhados pelo Jauapery, mas, fugindo uns e escravisados outros, só restaram os da tribu dos Crichanás que preferiam, como Catão, a morte á escravidão.

Nessa época, como já vimos, o major Vasconcellos procurou attrahil-os para seu serviço, e como não conseguisse seu intento, não só os perseguiu, como os massacrou, incendiando suas malocas, deixando-os cheios de terror.

O odio selvagem gritou bem alto por vingança. Esta não se fez esperar e perpetuou-se, tornando cada vez mais forte o resentimento, em consequencia do procedimento dos civilisados, que ulteriormente continuaram a obra de exterminio começada pelo major Vasconcellos.

Chegou então para Moura a época da decadencia, da fome e da desolação, quando podia ser a da renascença. Apezar disso, os interesses politicos fizeram que, pela lei n. 92 de 6 de Novembro de 1858, fosse reconhecida a freguezia para todos os effeitos civis e ecclesiasticos. Constava ella nessa época de 117 fogos que aqueciam 948 almas; mas, apezar de ser assim galvanisada, isso não impediu que a decadencia continuasse, a ponto de em 1866 ter 707 almas; em 1872, 93 fogos em todo districto, com 442 almas, e em 1875 sómente 30 fogos.

Não sei que interesses levaram a lei n. 388 de 16 de Novembro de 1878 a eleval-o de novo á categoria de villa; sendo para ahi transferida a séde da comarca do rio Negro, porque os recursos desse centro são nullos. Tanto isso é verdade que, estabelecendo-se um nucleo colonial de cearenses que em 1880 continha 30 familias com 139 almas, hoje nem existem vestigios dessa transfusão de sangue novo, tendo desapparecido todas as roças, moendas e casas por elles feitas.

Posto que o governo provincial procure melhorar este logar, comtudo é tal seu estado que até hoje não teve elementos para entrar na categoria que a lei conferiu-lhe. Ainda a villa não foi installada, nem tão pouco é freguezia.

Correndo um véo sobre seu brilhante passado e sobre o estado de decadencia a que hoje chegou, passo a dar, máo grado meu, noticia dos encontros pacificos que houve com os indios, encontros que *procuraram transformar em expedições de catechese*. Depois tratarei do objecto de minha missão.

Logo depois de chegar a Moura, procurei conhecer as pessoas que tinham ido aos dous primeiros encontros dos Crichanás. Convidei-as officialmente para que me acompanhassem e particularmente reiterei-lhes o convite. Tratei de saber minuciosamente como se tinham preparado as expedições e os resultados colhidos.

Fazia empenho que essas pessoas me acompanhassem, porque não queria desfolhar os louros obtidos; ao contrario desejava contribuir, com meu fraco contingente, para que elles continuassem a vicejar. Jámais colhi louros alheios. Si alguns encontrei na estrada de minha existencia, foram por mim sempre plantados e regados com meu proprio suor. Si para obtel-os fôr mister mentir ou usurpar direitos de outrem, prefiro mil vezes a obscuridade, com a consciencia pura e immaculada. A verdade, sempre a verdade, porque é sobre ella que assentam a historia e a sciencia. Occultal-a hoje seria mentir aos vindouros e elles nunca me perdoariam si eu os fizesse servirem-se de um documento que os fosse enganar.

Filho de hoje, trabalho para os de amanhã. Como historiador, não posso neste trabalho, o primeiro que se escreve sobre os Crichanás, deixar de noticiar, com a franqueza que me caracterisa, as circumstancias em que se deram os factos de 4, 5, 6, 23 e 25 de Março de 1884, passados com alguns moradores do districto de Moura. Não pretendo obscurecer o serviço prestado, nem chamar a

mim glorias alheias; mas a historia é a historia. Para ella e só para ella referirei o que me foi dito por todos os expedicionarios insuspeitos, á excepção de dous ou tres que não encontrei. Os principaes apontados nas publicações, como Manoel José Gonçalves, vulgo *Bicudinho*, e Zeferino, vulgo *Jararaca*, foram os proprios que confirmaram os depoimentos de todos os outros, depoimentos feitos perante o commandante da lancha e meus auxiliares.

Eis o que houve:

Em fins de Novembro de 1883 appareceu em Moura Zeferino Henrique de Castro, vulgo *Jararaca*, vindo do rio Branco em companhia de seu camarada Pedro Ferreira Marques Brazil, indio MACUCHY. Hospedou-se em casa de Hermogenes Pastana, socio da firma Pastana & Irmãos. Fallindo estes e não tendo posses, foi Zeferino hospedar-se em casa de seu tio Manoel Gonçalves, o *Bicudinho*, no sitio Caruná. Indo a Moura buscar uma factura de generos que encommendara, e, como lhe não fossem estes aviados, chegando a Caruná queixou-se a Gonçalves que estava sem meios de pagar a divida que contrahira com Camillo de Mello de Moura para poder voltar para o rio Branco. Gonçalves o aconselhou; disse que, tendo de fazer uma pescaria no Jauapery, elle tambem lá fosse, porque com o producto da pesca das tartarugas, podia tirar bom resultado. Aceitou Jararaca o convite, e, partindo com a comitiva, composta da familia de Gonçalves e seus aggregados, dirigiram-se todos para o rio Jauapery, onde entregaram-se logo á pesca, espalhando-se durante o dia por diversas localidades. Estando no dia 4 no Carecuré, Jararaca saltou em terra e sahiram-lhe ao encontro alguns indios. Jararaca foi á canôa buscar terçados velhos de seu uso, e, chamando Pedro, obrigou-o a fallar com os indios que o entenderam. Gonçalves estava longe e nada disso presenciou, porém Jararaca o foi chamar, assim como a comitiva. Reunindo-se todos, saltaram alguns em terra, partindo logo depois. A 5, estando em Macucuahú, encontrou de novo

os gentios. Saltaram em terra Jararaca, o indio Pedro e Manoel de Almeida.

Mais tarde chegou Gonçalves, que tambem foi á terra. De volta da pesca, no dia 6, em Urabiana, foram ainda os indios encontrados. Como não os hostilisavam, elles respeitavam os pescadores, que poucos minutos estiveram com os indios, fazendo-se logo ao largo. Chegando ao Caruná, tendo sido felizes na primeira pescaria, combinaram logo uma outra.

Por cartas que haviam recebido de Manáos, o tenente Horta e o professor sabiam e espalharam que eu tinha de ir ao encontro dos indios com o fim de pacifical-os, notando-se então minha demora, porque a ida ha muito estava annunciada. Habilmente concebeu o Sr. tenente Horta a idéa de uma expedição, aproveitando-se do encontro de *Bicudinho,* do qual só teve sciencia á volta deste. Transformou a pescaria em expedição de catechese, juntando-se á segunda levada a effeito para fazer constar que elle dirigira a mesma catechese.

Quem viu os factos praticados até então pelo tenente Horta e comparar o que anteriormente fazia com o que diz ter feito depois, notará que da noite para o dia, de perseguidor dos indios, passou a ser catechista.

Continuemos.

Indo a Moura Jararaca levar tartarugas a Camillo em pagamento de sua divida, contou o facto e disse que, depois da passagem do vapor, voltariam á pesca. Aggregaram-se então a essa partida de pesca o Sr. tenente Horta, o professor e mais alguns moradores, levando cada um varios brindes, como roupas, ferragens, etc., para o caso de encontro com os selvagens. Preparavam-se para partir quando chegou do Rio Branco, em uma canôa, para esperar o paquete *Rio Branco,* o Sr. commendador Bastos, e, a pedido dos moradores, contribuiu com alguma cousa.

Partiram para a pesca a 22, e a 23 encontraram em Uirabiana os indios, tendo havido um outro encontro, a 25,

no Aruaná. Entregaram então alguns brindes velhos em troca de arcos e frechas (1) e trouxeram o que era novo, *por não convir dar mais nada, não tendo elles objectos de valor para trocar*, segundo me afiançou um dos principaes pescadores.

O acaso, primeiramente, e depois um plano para chamar a si o resultado bom que eu porventura podesse obter, e não uma expedição com o fim de catechisar, levaram esses pescadores ao encontro dos indios, tanto que com elles pouco se demoraram e continuaram na pesca fóra do alcance das frechas.

Cumpre registrar aqui o que me disse Zeferino Jararaca, que prova que não se tratou de catechese. No dia 7, depois de terem encontrado os indios, e temendo ser frechados, *fugiram depois de dispararem as armas sobre os mesmos*. Além de Jararaca e do indio Pedro, achavam-se presentes os pescadores Delfino Pereira, Justino Pereira, Ramos Brazil, Lourenço José da Rosa, Firmino Sarmento (vulgo Beré), Bartholomeu, Manoel Rato, Clementino e Roberto Coelho.

Restabelecida a verdade e tendo mostrado que esses encontros nada produziram nem davam resultado á pacificação, passo agora a expor tudo quanto se deu relativamente a meus trabalhos no Jauapery, escrevendo ao correr da penna, por me escassear o tempo.

Antes de chegar a Moura, como os indios Crichanás estendem seus dominios desde Muirapinima, abaixo de Ayrão, até o rio Branco, procurei conhecer as localidades onde continuavam a apparecer, fazendo correrias.

Parti de Muirapinima ás 6 horas da manhã. Tem este nome uma pequena agglomeração de sitios sobre uma eminencia da margem direita do rio Negro, em frente á qual continuam os Crichanás a fabricar roças, sem jámais offender os moradores que lhes ficam fronteiros.

---

(1) Vi venderem-se em Moura frechas a 500 rs. e arcos a 5$000 e 10$000.

A's 7 horas e 35 minutos da manhã passei pela extensa praia do Jacaré, na margem esquerda do rio Negro, onde appareceram e apparecem os gentios.

Costeei pouco depois o logar denominado Chipacá, onde os Crichanás tambem são vistos. Eram 3 horas e 20 minutos quando cheguei á praia do Cururú, onde, pouco acima, se deu a matança de 22 de Novembro de 1874. Houve ahi outr'ora uma povoação que foi abandonada, pelo que, já em 1789, era esse logar conhecido por Cururú tapera. Atravessando da praia Vermelha que lhe fica fronteira, os Crichanás, chegando ao Cururú, afundam as UBÁS e se internam pela matta, ou, subindo pelo ỹARAPÉ da Desgraça, sahem no lago João de Barros, e, passando pelo da Sapucaia, chegam á matta que corre atrás da povoação de Moura. Fronteira á praia do Capitão, que se estende pouco abaixo do ỹARAPÉ da Desgraça, fica a sahida do PARANÀ Uaina (Guariba) que é a continuação do calango que entra em frente a Moura. A esta villa cheguei a 1 de Abril, ás 5 horas da tarde.

Logo depois de ter feito entrega dos officios de S. Ex. o Sr. Presidente, dos quaes era portador, assim como de um meu, em que requisitava duas canôas tripoladas para minha viagem, ordenei ao alferes Ferreira que fosse ao sitio Caruná buscar o cidadão Manoel Gonçalves para ir commigo ao encontro dos gentios, porque estava persuadido que tinha havido verdadeiras expedições de catechese. Passei depois a convidar todo o pessoal de Moura que se tinha encontrado com os indios.

Chegando Zeferino Jararaca com seu indio, convidei-o, em nome da Presidencia, a acompanhar-me como interprete. Recusou obstinadamente, pretextando molestia em pessoa de familia. Depois de procurar por todos os meios movel-o a seguir-me, disse-me que ia pensar. Algum tempo depois, voltou, declarando que estava prompto a seguir-me, si eu lhe désse a quantia de 200$000. Vendo que deste modo removia a difficuldade, aceitei a proposta. Satisfeito,

dirigi-me para casa do professor, e já ahi estava ha algum tempo quando me appareceu de novo Jararaca dizendo que não seguiria commigo si eu não lhe pagasse a referida quantia adiantada. Essa proposta foi feita por saber o proponente que eu não levava essa quantia e que, portanto, não podendo pagal-a, ficava privado do interprete. Felizmente o Sr. alferes Ferreira achou quem m'a emprestasse e pude cortar essa nova difficuldade. Algum tempo depois, tornou a apparecer-me o mesmo interprete e disse-me que não estava para sacrificar sua vida acompanhando-me, porque, subindo eu na lancha, ou os indios fugiriam aterrorisados ou nos atacariam. Ainda venci essa difficuldade fazendo-lhe ver que seguiria em canôa. Deste modo ficamos combinados.

Uma hora não era ainda passada, quando voltou o interprete, dizendo não poder servir-me, porque estando a construir uma canôa que se achava no porto, com a enchente do rio iria a fundo e elle não a queria perder. Depois de empregar todos os meios suasorios ao meu alcance, convenci-o e parti logo para a lancha, afim de retiral-o ao contacto dos que o aconselhavam, porque eu já sabia perfeitamente o fim que se tinha em vista.

Antes de tudo já havia chegado o alferes Ferreira com a noticia de que Gonçalve não me podia acompanhar por motivo de molestia, e, constando-me que esta era fantastica, resolvi ir pessoalmente buscal-o, não por precisar delle, mas para que se não suppuzesse que eu queria prival-o de algum lucro que podesse ter para o futuro e para evitar mesmo que mais tarde se dissesse ter sido elle o catechista, como já se planejava, embora publica e officialmente se soubesse que era elle um dos perseguidores dos indios, como consta de partes de officiaes de mar e terra.

A's 7 horas da manhã de 2, fui na lancha ao sitio delle, e, fazendo-lhe ver que por interesse proprio me devia prestar esse obsequio, resolveu partir commigo, levando em companhia a familia e aggregados que eu convidara, porque tinham tomado parte no encontro do dia 4.

Chegando a Moura, só ás 4 horas e 10 minutos da tarde pude partir, levando a reboque duas canôas velhas e furadas que foram postas á minha disposição pelo juiz de paz e pelo Sr. Hermogenes Pastanas. Essas canôas não tinham tripolação. Cumpre declarar que de Moura não partiu commigo uma só pessoa e, mais, que por todos os meios os moradores começaram a hostilisar-me.

Chegando á bocca do Calango pelo Massoeiro, que é um PARANÀ que une o rio Negro ao Jauapery, deixei a lancha e passei-me para uma canôa, levando n'outra as caixas com brindes e munições de bocca para 10 dias, segundo havia eu requisitado.

A's 5 horas e 7 minutos da tarde, encetamos a viagem em canôa, acompanhados pelas em que iam Gonçalves e sua gente (1). Este PARANÀ é todo de aguas brancas, isto é, de aguas do rio Branco, que, repellidas pelas do rio Negro, se encostam á margem e se espalham pelos PARANÀS e lagos que vão até Uirabiana. Esse facto fez com que todos os historiadores dissessem, fallando do rio Jauapery, que este rio é de aguas brancas, quando as tem da mesma côr das do rio Negro, apenas um pouco mais claras.

A's 7 horas e 15 minutos fundeamos na bocca do ỹARAPÉ Marakaká, pouco acima da fóz do Jauapery. Unimos todas as canôas e fundeamos quasi no meio do rio, temendo algum assalto. Fazendo muita agua a canôa em que ia, foi preciso nomear-se quartos, para durante a noite uma praça esgotal-a, pois de outro modo iria a pique. Passamos pessimamente, porque não tinhamos, eu e meus companheiros, onde dormir sobre a tolda, visto achar-se esta cheia de caixas e de diversos objectos.

---

(1) Recommendei ao tenente commandante da lancha, que, emquanto eu não o mandasse chamar, aproveitasse o tempo para levantar a planta de Moura, rio Negro e foz do Jauapery, e que estivesse sempre prompto para qualquer pedido de soccorro.

A 5 de Abril, pelas 5 horas da manhã, seguimos viagem, tendo antes Gonçalves me assegurado que eu não encontraria indio algum, o que já em terra me havia dito.

A manhã estava triste. Reinava silencio profundo, apenas interrompido pelos gritos das CANINDÉS (ararauna), que aos pares cruzavam o rio. Quebravam a monotonia das margens alagadas, em ỹAPÓS, alguns UACURÁOS (caprimulgus) que, retardados e surprehendidos pelo dia, esvoaçavam, procurando um pouso. As florestas são baixas nesse ponto, de nova apparição e cobertas por uma rêde entrançada de trepadeiras do genero *bignonia*, de flores roseas e brancas, de *ipoméas* brancas, com uma ou outra *Securidaca rosea*, Barboza Rodrigues, que se encontra por toda a margem do rio Negro. As dilleniaceas e as passifloraceas tambem ahi se emmaranham deixando surgir as cecropias.

A's 7 ½ encontramos a comitiva de Gonçalves que, tendo-se afastado a perder de vista a minha canôa, se achava junto á margem, preparando o almoço. Ahi na supposição de que essa comitiva me acompanharia e tomaria parte em todos os transes da expedição, tiramos duas photographias, representando, uma o grupo dos homens, e outra o das mulheres. A's 9 horas e 15 minutos seguimos viagem, porém, apezar de pedir a Gonçalves que marchasse junto a nós, este nos abandonou e seguiu. Não me foi possivel acompanhal-o, porque minha canôa, indo muito pesada e sendo remada por soldados que nunca tinham pegado em remos, não podia competir com as suas que iam leves e tripoladas por tapuyos, que no remar não invejam o melhor marinheiro. Chegamos á Uirabiana ás 2 horas e ¾.

Sendo esse o logar onde tinham sido vistos os indios, ahi demorei-me até ás 3 horas da tarde. Aproveitei a demora para tirar uma planta da localidade. Gritei, chamei pelos gentios, porém nenhum appareceu. Ahi o rio alarga-se. Forma como que um vasto lago, onde apparecem diversas ilhas. Sobrevindo um grande temporal acompanhado de chuva, abriguei-me um pouco abaixo da bocca do lago

Mucura, indo pernoitar na ponta de uma ilha perto do ỹARAPÉ Arauichá, reconhecido por *agua boa*. Os moradores de Moura dão este qualificativo a todos os ỹARAPÉS cujas aguas são puras, limpidas e claras.

Partimos na madrugada de 5, já o tendo feito antes Gonçalves e o interprete. A's 7 horas o encontramos preparando almoço na bocca do lago Cauacunama. Photographou-se esta paragem, e, procurando herborisar nas proximidades, colhi um *Stelis*, dous *Lepanthes* e uma maxillaria que, penso, são novas.

Sahindo ás 10 horas, passei depois de alguma demora pelas ilhas Uaruahu e Táuakuera, onde, na extremidade norte, foi o escravo Silvestre assassinado pelos indios.

A's 3 horas fundeei na Táuakuera. Nas rochas que se elevam acima d'agua e se prendem á terra firme, encontrei signaes evidentes de que os gentios ahi tinham estado na vespera. Entranhei-me pela matta que é toda de nova apparição. Examinei o terreno que liga-se a mattas virgens onde as madeiras mais abundam, taes como o angelim. Torna-se ahi notavel a apparição do páo Brazil (Caesalpinia echinata). Nesse ponto, em 1859, segundo me informaram, existiu um destacamento. Herborisando na matta, encontrei uma bella *Swartzia*, de flores amarellas, côr de ouro, ainda não descripta. E' um dos pontos mais pittorescos do rio.

Chegando á praia do Ayurú, ahi armamos as rêdes e pernoitamos. Aproveitando a luz da tarde, fiz photographar esse sitio, um dos mais bellos, pela muralha que formam as palmeiras JAUARYS (Astrocarium Jauarys), separando a floresta do extenso areal a que beijam as aguas do rio. A' noite um esplendido luar prateava as areias e as aguas, e interrompia o silencio profundo da treva o coaxar forte e plangente do sapo CUNUARÚ repetindo as syllabas *uh! uh! uh!*... Emquanto dormiamos, uma sentinella velava de arma ao hombro, percorrendo a praia. A' meia noite a lua velou-se e a chuva cahiu torrencialmente.

Continuei a viagem logo ás primeiras claridades de 6. O rio desobstrue-se de ilhas e a corrente torna-se mais forte. A natureza estaria morta si os papagaios, as araras e os cancans não palrassem atravessando a floresta. As arvores nesse dia só me deram um *Epidendrum nocturnum*, uma *cattleya superba* e um bom exemplar da *Swartzia* antes encontrada. Nesse ponto os vegetaes acham-se completamente despidos.

Chegando ao Sapa, encontrei novos vestigios de indios, e, posto que os reconhecesse frescos, Gonçalves que ahi se achava fazendo almoço, procurou convencer-me serem antigos. Ahi almocei e me participaram que nossas provisões estavam quasi findas, porque as rações tinham sido dadas apenas para 3 ou 4 dias, em vez de 10 como eu havia pedido. Puzemo-nos a meia ração. Sob um calor ardente e ameaços de chuva continuamos o caminho. A's 6 horas cheguei á ponta chamada SUMAUMA, onde, na ultima pescaria, Gonçalves tinha visto os gentios. Sahindo ás 6 horas da manhã, ás 7 notei que a terra firme ia até á margem do rio, que as arvores se elevavam e que o ASSAHY (euterpe edulis) e o INAJÁ (maximiliana régia) commummente se encontravam ao lado do gigante ANGELIM (Andira sp.)

Parando para almoçar em frente á ilha Uatucurá, disse-me Gonçalves que regressaria nesse dia e que eu o imitasse, porque era inutil procurar os indios que não appareceriam.

Desejando saber a razão dessa obstinação, respondeu-me: «— Lembra-se do que Manoel Urbano fazia no Purús? Caminhava sempre na frente, de modo que os indios, fugindo, nenhum delles era visto pelo branco.» (1)

Comprehendi então seu procedimento e desconfiei que até então tinha sido trahido, isto é, que elle, sabendo que a presença do civilisado fazia fugir sempre o gentio, andava

(1) Esse dito é uma inverdade e uma injuria ao caracter leal desse cidadão a quem a provincia do Amazonas muito deve pelos bons e reaes serviços que tem prestado.

sempre antes de mim para que eu não pudesse encontrar os selvagens. Entretanto seguimos viagem, indo elle sempre adiante com o interprete que remava-lhe a canôa, acompanhando-o, apezar de estar a meu serviço, unicamente por não querer desgostal-o.

Chegando ao furo que vai ao lago Uatukurá, em frente ao ỹARAPÉ Chichiuahú, Manoel Gonçalves despediu-se. Instei ainda com elle para acompanhar-me. Consentiu nisso até Kurekuré, onde dormimos no meio do rio com as ỹARITÉS amarradas a umas myrtaceas do genero *Eugenia*, vulgarmente conhecidas por CASSARY. A's 4 horas da madrugada de 8, Gonçalves metteu-se com o interprete em uma montaria e partiu só, dizendo ir pescar, mas com o fim de fazer fugir os indios, acostumados a retirar-se desde que avistavam seus aggressores. Voltou pelas 7 horas, despedindo-se com toda a sua gente, affirmando-me que eu ninguem encontraria pelo rio. Disse adeus e partiu (1). Em companhia de Gonçalves seguiu um imperial marinheiro levando um pedido urgente para que o commandante da lancha subisse immediatamente o rio, visto estarmos sem mantimentos.

Querendo Zeferino Jararaca seguir em uma montaria com o interprete, pretextando ir pescar, ordenei ao alferes Ferreira que fosse com elle, não perdendo um só de seus movimentos, estudando-lhe todos os actos. Ao chegar ao lago Kurekuré, abordei a uma margem afim de preparar-se qualquer refeição. Já todos tinham saltado. Quando por minha vez ia fazel-o, avistei pela prôa da ỹARITÉ uma immensa cobra surucucú (trigonocephalus) enroscada e prestes a dar o bote. Tomando a arma, matei-a. Foi o primeiro tiro que se deu desde que encetei a viagem, porque, dizia Gonçalves, não se devia atirar para que os indios não se aterrorisassem e fugissem. Estando livre delle, segui nova norma de proceder, esperando que me fosse mais proveitosa.

---

(1) Minha comitiva compunha-se então de 11 pessoas.

Saltando em terra, pela primeira vez internei-me com o alferes Ferreira pela floresta, onde encontrei differentes trilhos que se cruzavam, em alguns dos quaes havia pégadas humanas ainda frescas. Ahi colhi uma Gionoma e um Bactris, assim como uma Vayria amarella e outra roxa que cresciam sobre o humus.

Voltando, soube que nossas provisões estavam quasi terminadas, pelo que não poderiamos seguir. Emquanto se preparavam os ultimos restos, por assim dizer, de nossas refeições já muito reduzidas, amarrei minha rêde em terra, afim de descançar das fadigas da marcha em canôa. Havia já algum tempo que estava deitado, quando ouvi o canto de um passaro. Impressionei-me por achar esse canto singular, não conhecendo passaro algum que cantasse por esse modo. Momentos depois o canto repetiu-se mais perto, seguido logo de outro que respondia. Acreditei serem os gentios, mas soceguei, lembrando-me das informações de Gonçalves que dizia que eu nunca havia de encontral-os.

A's 3 horas, querendo seguir, oppoz-se-me o alferes Ferreira, dando como razão o não poderem as praças viajar sem ração. Fazendo-lhe ver que tinha, por um proprio, mandado seguir a lancha com mantimentos, ainda reluctou, mas, afinal, ordenei a marcha, fazendo com que esse official acompanhasse o interprete.

A's 3 horas e 20 minutos continuei a viagem. As margens nesse ponto estavam transformadas em ỹapós e as ramas das arvores lambiam as aguas. Tinhamos gasto apenas uns 15 minutos de marcha, quando se nos deparou uma UBÁ encostada á margem de onde acabavamos de sahir. A ubá estava occulta pela folhagem. Passando a examinal-a, reconhecemos que tinha sido alli encalhada nesse dia, pelas recentes pégadas de areia que apresentava no fundo, pelos cipós que a amarravam e pelo facto de estar perfeitamente secca quando durante a noite tinha chovido abundantemente. Não duvidei mais que o canto dos passaros era signal do gentio que nos tinha percebido. Collocando então dentro da

ubá differentes brindes, como calças, chapeus, camisas, machados, terçados, fumo, etc., segui viagem, ordenando que fossem os da comitiva deixando tiras de panno pela ramagem do arvoredo, afim de indicar aos indios o rumo que levavamos.

Era o primeiro dia que andavamos sem Gonçalves e logo nesse dia encontramos os indios. Esse facto convenceu-me que até ahi eu fôra trahido. Os selvagens o conheciam e fugiam delle na persuasão de que a comitiva ia hostilisal-os. A's 6 horas chegamos á fóz do ỹARAPÉ Chiparenáua, que desagua na margem direita e onde pernoitamos com sentinella á vista.

Na quarta-feira de Trevas, depois de se tirar uma photographia do pouso e da fóz do ỹARAPÉ Chiparenáua, seguimos viagem chegando ás 8 horas e 20 minutos á grande enseada denominada Mahana ou Maniaua, como dizem os Chrichanás.

Atravessando para a ilha que ahi existe, saltei em terra para preparar os restos de nossa ultima refeição, que era de bacalháo. Presa de uma forte dôr de cabeça, seguida de vertigens, armei a rêde em terra e descancei por algum tempo.

Tendo-se molhado os caixões dos brindes, não só pela agua da canôa como pela da chuva, mandei desembarcal-os para abril-os e pôr a seccar o que estivesse molhado. Isso ia-se fazer, quando inesperadamente appareceram, subindo o rio, quatro UBÁS tripoladas por 40 gentios. Correram todos á praia para vel-os aproar as UBÁS na matta da margem direita, fronteira á ilha.

Mandei immediatamente abrir um caixão de brindes, já de antemão preparado com amostras de tudo que levava.

Recommendei prudencia a todos. Disse ao official que não consentisse que se disparasse uma só arma, salvo quando eu o ordenasse.

Deixando tudo bem disposto, parti sómente com o interprete em uma pequena montaria, e, costeando a ilha

em que me achava, dividida então pelas aguas da enchente, approximei-me da margem em que tinham saltado os indios. Ahi chegando quebrou-se o silencio. Um alarido horrivel e gritos ameaçadores retumbaram pela floresta. Era de fazer estremecer o ruido produzido pelos galhos das arvores que se quebravam e a vozeria dos selvagens!

De repente sobre um grande rochedo que se estende da floresta para o rio surgiu um grupo de indios. Os outros appareceram trepados pelas arvores, ou entre os troncos, batendo fortemente nos peitos e nos feixes de frechas, armados de grandes arcos, com gestos e gritos ameaçadores, como que censurando nossa ousadia, ameaçando-me com as frechas nas cordas entezadas. De pé, na canôa, dirigi-me para o lado onde estavam, animando o meu indio que temia approximar-se. O furor redobrou. Entezaram mais os arcos. Acenei-lhes para que não nos frechassem, dizendo-lhes por intermedio do interprete:

— Meceri ma queman, carainá con uepé ipotopiá tuparé manepin Uaimiry piaon. (1)

Continuou a vozeria. Alguns, porém, apresentaram os brindes que lhes deixara na vespera. Gritei-lhes:

— Carainá com ma quecom auquererebé tobé (2) Uaimiry tuparé yacó, yacó, achiquê.

E apontei-lhes para a ilha.

Abiquei a montaria para o rochedo. Saltei e vi-me logo rodeado pelos selvagens que me arrebataram das mãos os brindes. Convidei-os de novo para um passeio na ilha. Tirando-me de suas mãos, entrei na montaria, onde alguns delles tambem entraram, lançando-se outros a nado, levando os arcos e frechas acima da cabeça, nadando com uma das mãos. O resto correu a buscar as UBÁS.

---

(1) Este é o chefe branco que vem conhecer os Uaimirys e trazer-lhes presentes.

(2) Os brancos vos querem. São bons e desejam a amizade dos Uaimirys.

Chegando á ilha, saltei em terra acompanhado por elles. Gritei pelos brindes, porém os meus, aterrorisados, correram para as canôas que estavam ao largo ou esconderam-se na praia, onde estavamos acampados, separada do rochedo pela matta. Deixaram-me só com os indios. O interprete, com medo, ficou na montaria, distante de mim.

De repente os selvagens me envolveram, agarraram-me e levaram-me á força para a linha d'agua que dividia a ilha, na parte coberta de matto. Para esse ponto era maior a profundidade. Não atrevi-me a atravessal-a, porque tornava-se necessario nadar e eu não o podia por estar doente e vestido.

Mostrei-lhes a montaria e disse-lhes que iriamos nella. Corri para a canôa, acompanhado pelos selvagens, alguns dos quaes lançavam-se n'agua, atravessando o espaço. Entrei na montaria, porém uns 10 a 12, querendo fazel-o a um tempo, viraram a embarcação que se alagou. Estando já todo molhado, dirigi-me para a praia, onde os outros tinham chegado. Ahi, em grande grita, aos pulos e batendo nos peitos, colericos, furiosos, bradavam, agitando os arcos:

— Iuhy ! maiá ! chubrá ! cachurú ! (1) fazendo uma confusão indescriptivel.

Conservando-os á distancia do caixão dos brindes, mandei tirar estes e fui distribuindo a todos, procurando sempre desarmal-os, isto é, recebêr em primeiro logar os arcos.

A principio, ambiciosos pelos presentes que lhes fazia e que arrebatavam-me das mãos, com máo humor e aos gritos, entregavam quasi todas as frechas e arcos. Sómente não tive meios para desarmar tres. Eram os mais furiosos, os que incitavam os companheiros e que se mostravam mais atrevidos e insolentes. Um tinha 50 annos pouco mais ou menos, quasi negro, relativamente aos outros que

---

(1) Machado ! Faca ! Terçado e Contas.

apresentavam o corpo côr de azeitona. O 2º mostrava ter 20 annos; era de um moreno claro e rosado. O 3º, filho do 1º, podia ter 16 annos; era quasi da côr do pai.

Distribuidos os brindes, assaltaram os outros caixões, procurando abril-os a cacetadas. Nesta confusão roubaram um pequeno caixão que já estava aberto. Consegui dominar-lhes a furia e fiz com que as praças embarcassem tudo e remassem para o largo.

Cumpre-me dizer que eu via realisado o que sempre pensara antes de encontrar-me com os indios: que o costume de deixar brindes na praia não era meio de amansal-os, mas sim de tornal-os ladrões e piratas, aguçando-lhes a cubiça. Sempre disse que a maior parte dos assaltos, quando não haviam sido em represalia, tinham unicamente por fim a tomada das canôas, das quaes aproveitavam o ferro cujo uso iam conhecendo. Esse costume foi sempre empregado até 1884, sem que jamais fosse abolido, porque dava um salvo-conducto ao pescador Gonçalves que tinha por habito, quando ia para a pesca, deixar brindes na praia, fugindo logo depois. Essa verdade foi reconhecida de longa data, mas o mal não se remediou. Pelo contrario, o alimentaram pedindo annualmente ao governo brindes, que eram empregados para um fim pernicioso.

Diz o commandante do destacamento tenente Horta, em officio, ao commandante das armas, em 6 de Abril de 1876: «do tempo que receberam os brindes e dos quaes não ficaram agradecidos é que principiaram em correrias na foz do Jauapery, já na frente da freguezia, onde surprehendem os navegantes, etc.»

Esclarecido esse ponto, continúo a narração.

Com difficuldade puz-me ao largo, deixando os indios na praia, praguejando, ameaçadores, mostrando-me as frechas aquelles que não consegui desarmar. Tomando a montaria do interprete, voltei só com elle e o alferes Ferreira á terra. Ahi procurei dominal-os por todos os meios possiveis, soffrendo por isso os maiores insultos. Dispuz os animos

favoravelmente e, acalmando-os, entramos em conversa. Perguntei-lhes:

— Tenapené aitiquê zecon? (1).

Responderam logo, batendo nos peitos:

— Uanim Crichanás (2).

— Tuparé ainam naemé? (3).

— Tuparicon ananei (4).

Querendo fazer um calculo approximado de seu numero, perguntei quantas malocas tinham. Responderam-me, mostrando os dedos das mãos:

— Anciá ean (5).

Dizendo que desejava conhecer o seu chefe, TUCHAUA, responderam:

— Iponaé tomini ecuipinin miquim (6).

Soube então que esses gentios ainda não tinham estado em contacto com os brancos; que formavam o grupo dos exploradores guerreiros que andavam sempre na vanguarda para defender as malocas; que eram tambem os caçadores. Notei que os que estavam commigo eram revezados por outros que se achavam na matta, armados, para defesa dos primeiros, caso houvesse qualquer desintelligencia. Não consentiam que se lhes tocasse no corpo, mas com difficuldade e risco o fui tentando, de modo que no fim desta entrevista já me abraçavam e se mostravam calmos. Cumpre-me observar aqui que os mais furiosos tornavam-se brandos, desde que eu os tocava. Isto porém custou-me grande esforço. Quantas vezes meu auxiliar não me preveniu, temendo que eu fosse victima de minha audacia

---

(1) Que nome tendes? (como vos chamais?)

(2) Somos Crichanás.

(3) Quantas nações ha neste rio?

(4) Só ha uma, a nossa.

(5) Dez.

(6) Não temos chefe (tuchaua). Nossos pais é que são

Quando a calma appareceu, perguntei-lhes:

— Onontá enericon? Apité con peticon tiponin pitobé einetá (Vão buscar depressa as mulheres para receber panno).

Responderam-me:

— Curiará ipaman uiri con inoto porá (Não temos canôas, por isso as mulheres não vieram).

Vendo-os calmos, comecei a explicar-lhes os usos e o emprego de todos os instrumentos que eu lhes dera, taes como: machados, terçados, facas, canivetes, tesouras, enxadas, agulhas, linhas, pentes, anzóes, etc. Vesti todos que estavam presentes com calças, camisas e chapéos. A' medida que eu lhes explicava o uso dos differentes objectos, tornavam-se alegres, dando gargalhadas, como que comprehendendo o que lhes ensinava.

Não conheciam o uso do anzol nem das tesouras e enxadas. Ficaram satisfeitissimos quando o souberam. Da ferocidade passaram a pouco e pouco á amabilidade e mesmo ao carinho, querendo alguns delles abraçar-me. O que mais os impressionou foram meus oculos e meus bigodes. Não comprehendiam como, não tendo eu defeito nos olhos, não podia ver sem esse auxilio, pelo que com attenção me rodearam e examinaram. Queriam que lhes désse o bigode. Pareciam sentidos por não o possuirem, porque passavam os dedos pelo labio superior e mostravam o meu. Arrancaram-me todos os botões das calças. Examinaram-me os cabellos, dedos, unhas, sapatos, meias, etc.

Depois de assim ter-lhes inspirado confiança, agradecidos, começaram a dansar e a cantar:

—Carainá camarará! carainá camarará (1).

Obrigaram-me tambem a dansar, mettido em uma grande roda. No fim do dia estavam todos alegres e não me abandonavam.

---

(1) Branco camarada! Branco camarada!

Um facto aqui apresento para mostrar que, apezar de selvagens, possuem um coração bom e agradecido. Querendo um, a falsa fé, arrancar-me os oculos, fingi ter-me elle magoado a cabeça. Todos me rodearam com ares compassivos, me abraçaram e o insolente indio preto metteu-me logo nas mãos seu arco e duas frechas, que não tinha largado. O supposto offensor foi acremente censurado. Abracei o indio preto e brindei-o com um canivete que conservára no bolso. Começaram então a dansar e a cantar :

— Uaná becó, uaná ! uaná becó, uaná biá ! ! (1)

Por algum tempo deixaram-me só e foram conversar com o interprete a meu respeito. Encheram-o de perguntas. Este, industriado por mim, respondia-lhes que eu era um branco bom, que os procurara para dar-lhes presentes, reunil-os em um só logar afim de que os brancos não lhes fizessem mal ; que ia fazer roças e casas para elles ; que lhes ia dar mais presentes, porém que era preciso obedecer-me, não fazendo mal a mais ninguem.

Correram todos para mim e pondo as mãos sobre os hombros, exclamaram :

— Cacoró muctuiá quené uirichicon anichinam aneiapá pané (2).

Repetindo a phrase do interprete — tuparé nupacai upataracá carainá ton iarequê amenenê con (3), repetiram a resposta acima.

Disse-lhes que queria a amisade delles ; que fossem avisar seus parentes nas diversas malocas, porque eu me ia embora, mas que no fim de cinco dias voltaria, pois desejava vel-os reunidos todos naquelle ponto. Prometteram fazel-o, pedindo-me que eu não os enganasse. Tendo marcado o dia 12 para nosso encontro, preveni-os que subiria

---

(1) Não consegui saber a traducção desta phrase.

(2) Idem

(3) Idem

no mutum, mutum (1), mas que elles não tivessem medo, porque não era mais que uma canôa grande (TANÓ CURIARÁ) onde eu trazia muitos presentes. Alegres, disseram-me que não teriam receio e que eu podia vir na lancha. Despedi-me, dizendo que podiam ir embora.

Disse-lhes :

— Curatá ein dá uruparangun peren uirito reindá caranim eindá, umaipó, ancurapé inató poni epé.

Responderam:

— Eni menipuiapé. Cacoró merupi eueri einaquená menuipuité ana engotubera (2).

Disse-lhes adeus e seguindo para a ỹARITÉ que me esperava ao largo com a gente, parti, dirigindo-me ao encontro da lancha que tinha mandado subir a esperar-me em Uirabiana.

Logo que partimos, correram os indios para as CURIARAS, e, nellas embarcando, tomaram destinos diversos.

Andei toda a noite de bubuia, vindo amanhecer abaixo do Kurekuré. Depois de um luar esplendido, tivemos chuva torrencial pela madrugada.

Entravamos na quinta-feira Santa e forçados a jejuar mais do que manda a Santa Madre Igreja, quando nos veio ás mãos um velho mutum que serviu para quebrarmos o jejum na praia do Ajurú, onde ás 10 horas paramos e almoçamos.

Chegando a Uirabiana, ahi pernoitamos, e pela madrugada, não encontrando a lancha, mandei atacar alguns foguetes do ar, signal convencionado de pedido de soccorro, e continuamos a viagem com direcção a Moura. Nada absolutamente a bordo para se comer, e, máo grado nosso, com um jejum forçado, santificamos a sexta-feira da Paixão.

---

(1) Lancha.

(2) E ha de trazer. Tragam depressa machados. Não nos enganem. Tragam. Não nos enganem.

Depois de muita chuva, cheguei a Moura, ás 5 1/2 horas da tarde, com tres dias de fome.

Logo que cheguei o Sr. tenente Bessa deu-me conta de sua incumbencia. Mandei preparar a lancha para partirmos no dia seguinte, ás 6 horas da manhã. Prohibi o desembarque da tripolação, mas não pude impedir que Zeferino Jararaca e o interprete desembarcassem.

Seriam 7 horas da noite quando este voltou para se despedir, pois não me acompanharia mais, por estar findo o contracto desde que tinha havido o encontro dos indios. Fiz-lhe ver que nosso contracto o obrigava a ir ás cachoeiras e só terminaria quando ahi eu désse por finda minha missão. Eram 9 horas e eu por todos os meios suasorios procurava convencel-o do contrario. Disse-me que me acompanharia si lhe dessem nova paga. Não aceitando eu a proposta, fiz-he ver o papel ridiculo que estava representando no interesse daquelles que o aconselhavam. Chegando a bordo, o indio Pedro em sua simplicidade disse-me que em terra o tinham aconselhado a abandonar-me e, mais, que, ficando, tinha tudo a lucrar, pois eu o estava enganando. Afinal Jararaca resolveu acompanhar-me com seu indio. Prohibi a este que fosse á terra ou que alguem encostasse á lancha.

No dia seguinte (12), ás 5 horas da manhã, a lancha fumegava para partir, quando atracou uma montaria tripolada unicamente por Manoel José Gonçalves, o *Bicudinho*, protector e tio de Jararaca, que, de máo humor, disse-lhe que desembarcasse, pois havia chegado um proprio com a noticia que a sua mulher estava á morte e o mandava chamar. Deste modo não poderia seguir viagem commigo. Comprehendi até onde iam as disposições de Gonçalves e as dos que o aconselhavam. De máo humor fiz com que elle se retirasse, mandando sahir immediatamente a lancha. Esse procedimento convenceu a todos que Gonçalves, desde o primeiro dia, me tinha trahido, quando eu procurava beneficial-o. Soube a razão por que não tinha subido a

lancha: Gonçalves propositalmente demorara-se na viagem. Quando cheguei, acabava o commandante da lancha de receber minha requisição, que ainda estava sobre a mesa. Em vez de descer, o que poderia fazer em tres dias, conforme me promettera, Gonçalves, por passatempo, levara a pescar. A's 6 horas segui viagem, e, atravessando o rio Negro, entrei de novo no PARANÁ do Massoeiro, levantando á bussola a planta do rio.

A's 3 horas da tarde chegamos ao logar onde tinhamos almoçado, no Sapa. Encontramos duas CURIARAS cheias de indios que, vendo-nos, abicaram á praia, onde saltaram, escondendo-se logo. Mandei parar a lancha, e saltando em uma montaria, fui, com alguns brindes, ao seu encontro, gritando :

— Yacó, Yacó, ichiquê !

Eram indios que, avisados pelos outros, subiam para Mahaua. Ahi vesti dous e recebi 111 frechas, 13 arcos, um ACANGATARE, tres collares, um cuidarû e um collar de caudas de tucanos, além de beijús e fructas. Vinham das malocas das cabeceiras do ỹARAPÉ do Sapa. Alguns tinham o rosto pintado de carajuru e o corpo de preto. Esperavam ainda tres CURIARAS. Sobrevindo um forte aguaceiro, estando eu completamente molhado, disse-lhes que os ia esperar no Mahaua. Embarquei na lancha que fundeou a 10 metros distante dos indios, sem que isso os amedrontasse, perguntando, comtudo, si ella não lhes faria mal. Apezar de nos serem extranhos esses gentios não se apresentaram tão ferozes como os primeiros. Ao contrario, pareceram-nos doceis.

Partindo e temendo mais tarde um temporal, fundeamos a lancha dentro da foz do ỹARAPÉ das Gaivotas.

No dia 13, chegando ás 2 1/2 horas á foz do ỹARAPÉ Chichinahú, vi que da floresta da margem direita se levantava uma espiral de fumo, e, mandando parar a lancha, ouvimos um grande alarido e vimos na matta indios que nos chamavam. Saltando na montaria com alguns brindes,

fui á margem e ahi encontrei 10 indios, diversos do primeiro encontro de Mahaua. Entregaram-me logo seis arcos e 36 frechas e pediram-me para entrar com a montaria pelo Chichinahu, onde estava a curiara em que tinham vindo.

Disseram-me que esperavam ahi por outros, afim de seguir para o Mahaua. Estando a lancha fundeada e a poucos passos delles, fiz a bordo tocar realejo, o que muito os admirou. Convidei-os para um passeio á lancha. Estavam quatro vestidos com as roupas que antes lhes déra. Com muita difficuldade consegui que embarcassem dous na montaria e dirigimo-nos para bordo. Ahi chegando obriguei-os a entrar. Com que pasmo olhavam para tudo! Como observavam, não perdendo o mais insignificante objecto! Fiz tocar o realejo. Examinaram-o bem e depois começaram a tocar, cada vez mais admirados. Acabado o exame, mandei que chamassem os outros que haviam ficado na praia, gritando, como desejando tambem vir á lancha. Mandei transportal-os. Novos signaes de admiração. Quanta communicação de pensamentos e quantas interrogações!

Mostrei e expliquei-lhes tudo: o armamento, a peça de artilharia, a machina, o binoculo, a bussola, etc. Ficaram acabrunhados. Preveni que ia fazer mover a machina para que vissem como se andava e que ia dar uma volta com elles. Assim fiz. Ao primeiro movimento da machina espantaram-se; porém depois soltaram uma grande gargalhada, como que admirados de terem tido medo de uma cousa tão simples. Deu-se uma volta pelo rio, não cessando as admirações posto que taciturnos os selvagens. Chegando, preveni-os que ia fazer apitar a machina. Ao primeiro apito estremeceram, mais ao segundo e aos que se seguiram sempre mas fortes saudaram com gargalhadas e assobios, procurando imitar o da lancha. Depois começaram a cantar e a dançar. Estava um indio junto á mesa, quando de repente o vi pular para trás gritando: *quichotó*,

quichotó ! Procurei ver o que havia. O selvagem mostrou-me uma porção de chumbo dentro de uma caixa de charutos. Apontando para diversas partes do corpo, por gestos, indicou-me varias cicatrizes, exclamando : *pum ! quichotó !* Comprehendí que aquellas cicatrizes eram provenientes de tiros que tinha levado. Ainda em outro selvagens, eu e meus companheiros encontramos cicatrizes produzidas por chumbo, bala e metralha. Mostrando-lhes eu o chumbo, ficaram horrorisados.

Si o homem pacifico e civilisado, que tem o remorso e a religião para barreiras a seus impetos, vendo correr o sangue dos filhos, torna-se muitas vezes uma féra, o que não fará o selvagem vendo aberto o flanco de seus pais e o ventre de seus filhos pelas armas de individuos que vão a seu encontro, muitas vezes em seu retiro ou no meio dos prazeres da caça e da pesca ? A vingança que no homem de coração bem formado é uma arma mesquinha e covarde, no selvagem é uma virtude, porque só ella porá fóra de seu alcance o civilisado astuto que quer viver á custa de seu trabalho, deshonrando-lhe os filhos. E' a ponta da frecha que faz com que, livres e puras, ainda percorram as florestas algumas almas innocentes. O indio é uma criança. Não a maltratem, que ella não offenderá pessoa alguma. Si a traição e a ingratidão são o apanagio de alguns, estude-se sua historia e ver-se-ha que estes foram leaes e fieis, mais que a oppressão depois os transformou. O proprio animal não esquece as offensas recebidas. A' proporção que eu examinava-lhes as feridas, de taciturnos e oppressos que estavam por uma força desconhecida, tornavam-se outra vez altivos, fallando todos a um tempo e batendo nos peitos. Chamei o interprete, por que só comprehendi que fallavam em canôa e chumbo, porque de instante a instante repetiam as palavras curiara e quichotó. O interprete explicou-me que os indios se queixavam dos brancos que os roubavam, destruiam-lhes as canôas, deixando-os sem transporte para a pesca e sem alimentos, e que, quando se oppunham aos

brancos, estes os matavam, sem que elles atirassem uma só frecha. Declararam que sómente frecham quando são vistos pelos brancos, pois, si não o fazem, são por elles mortos. Isto explica o facto do Uaupé civilisado, que pescando, foi ferido pela bala do pescador.

Depois de lhes assegurar que de ora em diante os brancos não os offenderiam mais, perguntei si iam para Mahaua. Responderam-me affirmativamente. Convidei-os para irmos juntos até esse ponto. Depois de conferenciar, resolveram quatro seguir na lancha, indo seis na curiara para conduzil-a e pelo caminho avisar os companheiros que os esperavam.

Mandei seguir a lancha e cahuas. Como si fossem civilisados, não fazendo differença dos outros tripolantes, seguiram viagem comnosco, ora sobre a tolda, ora na camara, animando os tripolantes e se entretendo com elles. Um passou toda a viagem sentado na culatra da peça, como um papagaio, arremedando todos os signaes de commando do tenente Bessa.

Estes indios não fumam e são inimigos da fumaça. E' impossivel fumar junto delles, porque tiram logo o cigarro da bocca do fumante e o lançam fóra. Deu-se a este respeito na camara um facto curioso. Fumava eu, tendo o cigarro em uma piteira. Junto a mim fumava tambem outra pessoa. Um dos gentios que estava a meu lado tirou-me a piteira da bocca, e, vendo que seria objecto de apreço, em vez de lançal-a fóra, como faziam com os cigarros, procurou sobre a mesa um logar para collocal-a, e o fez dentro de um copo, passando a tirar o cigarro da bocca, da outra pessoa, collocando-o no mesmo lugar. Um outro vendo-me com um lapis a escrever, tomando nota de suas phrases, acompanhou sempre meus movimentos. Deixando o lapis sobre a mesa e procurando-o depois para continuar as notas, não o encontrei. Interroguei o indio que olhou para a mesa, onde eu procurava o lapis entre outros objectos, deu com elle e tornou a entregar-m'o. Isto pasmou a todos

que estavam na camara, E' que o selvagem tinha decorado e ligado o nome ao objecto, e, vendo-me com papel, vio logo o que eu desejava.

Os indios desejam por todos os modos saber o nome das cousas em portuguez, pelo que procuram repetir as palavras em voz alta.

O Conde Stradelli abrindo seu album, deu o lapis a um delles, pedindo-lhe que escrevesse. O indio sentou-se em uma cadeira, poz o album sobre as pernas e fez com graça alguns desenhos, todos compostos de linhas rectas. Outro tomando o lapis, fez tambem alguns desenhos, porém de fórmas differentes.

Assistiram ao nosso jantar. Admiraram-se das comidas e dos talheres. Não supportam o assucar. Depois do jantar disseram que iam me esperar para que eu fosse com elles ao Eikurú (1) que era o muratekui con itamocacanim, isto é, o banquete da paz, como signal de alliança e festejo ao branco.

Durante todo o trajecto, até ás 4 ½, hora em que fundeamos em frente á ilha, na bahia de Mahaua, andaram elles amistosamente comnosco, antes como passageiros attenciosos do que como selvagens tirados das brenhas. Pediram-me que os mandasse collocar sobre as pedras onde haviam apparecido pela primeira vez. Dei ordem para isso. Apertaram-me a mão alegremente. Disse Einurà, assim se chamava o indio rosado que no primeiro encontro estava furioso, que queria partir commigo, mas que não o fazia, porque a familia o esperava e desejava que ella assistisse á sua partida. Em viagem, entre outras cousas, me disseram que outr'ora haviam habitado as margens do Jauapery, mas que, perseguidos pelos brancos, refugiaram-se no centro.

---

(1) Cachiry.

Dia 14 de Abril

Entre as datas celebres da provincia do Amazonas deve figurar esta que symbolisa paz entre os Crichanás e os civilisados, paz que restituiu á provincia um grande rio piscoso, extensas florestas ricas de productos vegetaes, um solo uberrimo e a tranquillidade de um povo

Os terriveis Jauaperys, os traiçoeiros Uaimirys já não existem. Desapparecendo, deram logar aos Crichanás que se chegam ao civilisado com a taça da hospitalidade, a offerecer o banquete da paz na ilha que, para perpetuar esse facto, denominei do Triumpho. Não são mais aquelles que, emboscados na matta, esperavam a victima imprevidente que se deixava arrastar pelo boiar da tartaruga. Não são mais aquelles que assaltavam villas e matavam crianças innocentes. Não são aquelles que queriam beber o sangue dos brancos, que fizeram tambem correr o seu em mil feridas. São os homens de brio e de coração generoso que trazem seus anciões, suas mulheres, seus filhos de peito, e alegres festejam a presença do branco de quem recebem a benção! Respeitai-os vós agora, brancos; não lhes leveis ás malocas a corrupção, a deshonra e a escravidão. Respeitai-os para que sejais respeitados. O coração do indio é um thesouro. Deixai-o virgem, como virgens são as florestas, á sombra dos quaes se forma. Educai-o, mas não o profaneis!

Acabava o sol de despontar, lançando de si o manto de trevas em que dormira embuçado. A natureza em hymnos harmoniosos saudava seu despertar. Já pela floresta corriam quatro arautos, humidos pelo rocio da noite. Vinham jubilosos annunciar a vinda de seus guerreiros, que, seguidos do que tinham de mais caro, dirigiam-se a prestar homenagens, não aos que os guerreavam e temiam, mas áquelles que lhes estendiam a mão e os procuravam como irmãos.

Sobre a pedra nua que se elevava das aguas negras do Jauapery, sobre essa pedra onde antes se levantavam

ameaças e imprecações, divisavam-se os indios subindo e apontando, a cantar, para o rio, mostrando que por elle entrariam, afim de se encontrarem com aquelles dos quaes reconheciam a amisade.

Fui a seu encontro, recebi-os em minha montaria, levei-os a bordo. Nada disso os satisfez. Queriam ir para a ilha, porque nella o horizonte era mais vasto, e a vista abrangia a curvatura do rio. Anciosos, corriam de um para outro lado, á espera dos seus que tardavam. Emquanto esperavam, dansavam, cantavam e annunciavam um dia de festa. Deviam ter fome, porque tinham andado toda a noite. Offerecilhes um grande peixe, criado nas aguas de seu Imperio. Ensinei-lhes como se fazia fogo. Moquearam o peixe. Tinham fome, mas não comeram. Guardavam para o saborear com os seus.

O sol tocava o zenith. Alvoroçados, correram á praia e gritaram :

— Yacó, yacó, ichiquê naquerepé carainá chirito nani (1).

Quatro CURIARAS, representantes de outras tantas aldeias (UPATÁS), abicaram á praia. Na frente vinha o chefe (TOMINI), com o seu MURUCÓ (corôa de pennas) festivo, empunhando um grosso arco e um feixe de flechas. Suas pernas bambeavam.

A fronte coroada por uma aureola de neve pendia ao peso de mais de cem invernos. Elle, que tinha visto tantas gerações dos seus desapparecerem pela deshumanidade do branco, vinha, antes de descer ao tumulo, festejar a paz de suas familias. Chegou-se a mim, encarou-me e estendeu-me as armas. Recebi-as e abracei-o. As mulheres com os filhos pelas mãos e a cavalleiro ás costas, jogavam-me aos pés as redes, fructos e beijús. A' medida que chegavam, depunham as armas, recebendo em troca brindes que as alegravam. Não eram mais aquelles que, com voz imperativa

---

(1) Parentes, parentes, venham cá. Aqui está o branco bom.

e gestos ameaçadores, gritos selvagens e olhar de féra, nos agarravam pelos pulsos, como que querendo castigar a ousadia de pisar o solo em que haviam nascido. Eram agora amigos que corriam com o jubilo n'alma e o sorriso no labio, a encontrar-se depois de uma longa ausencia.

Retiram dos SARAMBÊS (1) as palmas que cobriam as panellas (TARYS), as fructas e as féculas. A BACABA cozida, a MUMBACA assada, o PEQUIÁ em massa, a PUPUNHA em PERA (2), o polvilho em massa, os beijús torrados, os pães de massa de mandioca moqueados, o UMARY, a PACOVA, tudo sahia como de uma cornucopia e vinha cahir aos pés de uma mulher mais velha. Longe, na matta, o fogo crepitava. As fogueiras elevavam labaredas. Os indios as atiçavam, como que querendo ver realizado um sonho. Preparava-se o banquete.

Entretinha-me com o velho TOMINI que apontava os seus, queixando-se. Mostrava os olhos vasados de uns, o peito, os braços, o ventre, as pernas e as costas feridas de outros. Alludia ás armas dos brancos, parecendo-me dizer que, apezar disso, apezar dessas offensas, esquecia os mortos que então não podiam figurar. De repente fui agarrado por uns seis homens e levado para a frente da fogueira. Fizeram-me sentar nesse logar. Dentro de uma grande panella fervia a agua que a velha mexia com uma vara. Uns traziam agua; outros dissolviam em cuias o polvilho; estes despolpavam n'agua a BACABA cozida; aquelles lançavam na grande panella o polvilho dissolvido, emquanto a mulher, de pé, mexia a gomma (TIPIPI) que engrossava. As dansas e os cantos estrugiam na praia. A alegria era geral. Desfraldado aos ventos, tremulava na lancha o pavilhão nacional. Era a nação inteira a contemplar aquella scena.

---

(1) Cesto de trazer ás costas, preso á testa.

(2) Especie de cestos feitos de folhas de palmeiras.

Vasado o TIPIPI em uma cuia, coberta de caldo de bacaba, estava prompto o EICURÓ. De pé, tremulo, o TOMINI assistia, como eu, a tudo aquillo. A mulher passou a cuia a MEKAKONÓ (jacaré), o indio preto, que por sua vez passou-a ás minhas mãos. Segurei-a de um lado e o TOMINI do outro. Era a taça da hospitalidade que servia de élo entre o branco e o selvagem. Levei-a aos labios, tomando o conteúdo aos goles. O TOMINI fazia a mesma cousa, encarando-me. De repente do grupo que se formára em torno a nós ergue-se um grito unisono que repercutiu pelo espaço:

— Uteran caraiuá.

Arrebataram-me para a dansa, acompanhada de cantos que terminavam pelo estribilho: caraiuá camarará.

Era preciso que a taça corresse por todos. Perguntaram-me si queria que a levasse a meus companheiros. A um signal affirmativo, alguns levaram na CURIARA a panella e dirigiram-se para a lancha. Ahi Mekakonó e outros offereceram a todos o EICURÚ. De volta, offereceram massa de PIQUIÀ sobre beijús; distribuiram MUMBACA assada e vinho de PUPUNHA.

Emquanto era consumida esta silvestre refeição, formavam-se e desfaziam-se as rodas de dansa. Os movimentos eram bruscos e selvagens, contrastando com a expressão de jubilo que arregaçava os labios de todos em um riso jovial.

Estava feita a paz. A concordia reinava de ambos os lados. O soldado uniformisado era abraçado pelo gentio. A mulher selvagem não temia cruzar os braços pelo pescoço do branco e para este passar o filhinho que lhe pendia dos seios. A fraternidade estreitava todos em um só amplexo.

Depois das dansas, homens, mulheres e crianças se agruparam na minha frente. Curvaram as cabeças, estendendo-me as mãos. Que queriam ? Que significava essa posição ? O tomini adiantou-se, pegou em minha mão direita, passou-a tres vezes pela sua e obrigou-me a passal-a tambem pela cabeça igual numero de vezes, salivando-a. Chamei o

interprete. Este declarou-me que os indios pediam-me a benção como homenagem e garantia de que seriam de ora em diante preservados dos ataques dos brancos. Então passei a abençoal-os, sem excepção de algum.

Era curioso ver o afan com que desejavam ser tocados por minhas mãos. As mães seguravam as mãosinhas dos filhos e as estendiam para mim. Os CURUMIS chegavam-se com os braços tambem estendidos. Os velhos me seguravam na mão para que os abençoasse. Ceremonia grotesca, porém imponente pelo respeito e pela crença.

Terminada a scena, continuaram as dansas guerreiras. O TOMINI, o ancião da tribu, chamou-me de parte e disse-me tendo as mulheres em torno :

— Ukueré tequipunam seré kakoró, nahazé unameky meky amerenaky penatopé itepé kume amerenaky neueteran nueté mincha o tumba. Caraiuá akerepé crichaná chin teuapainon (1).

Ao descambar da tarde, as aguas ao longe mostravam reflexos de prata. Eram mais duas CURIARAS que se approximavam. Na prôa, de pé, dous possantes gentios vergavam-se, cavando e cortando a corrente, emquanto enfileirados, via-se sentado um grande numero delles.

Enorme alarido saudou a chegada. Momentos depois, sahindo da matta, apresentou-se um grupo, trazendo á frente um esbelto mancebo, seguido de uma bella mulher, que, a cavalleiro, ás costas, trazia um recemnascido suspenso por uma tipoia que se apoiava na testa. Avançou para mim. Entregou-me o arco. Ella, timida e receiosa, recuou e sorriu. Era de um moreno claro e rosado, de maneiras meigas e voz doce. Um outro grupo que adiantou-se entregou-me tambem as armas.

---

(1) Eu já estou velho. Não sei si te verei outra vez. Vou morrer. Si eu puder te ver, descerei ; do contrario meus parentes descem. O branco é bom e os Crichanás não o abandonam.

Brindei todos, distribuindo objectos de ferro e roupa.

Eram representantes das malocas ou UPATÁS de Sapa e Chichinahu.

Voltando a uma das CURIARAS, a joven Crichaná trouxe-me uma porção de beijús que lançou-me aos pés, sorrindo, emquanto o marido offerecia-me algumas cutias mortas.

Havia ainda esparsos restos do banquete. O EICURU aquecido achava-se junto ao fogo. Foi-lhes offerecido, mas antes que o tomassem, a Crichaná apresentou-me a cuia para que primeiro a tocasse. Assim o fiz, sendo meu acto recebido com uma explosão de gritos, em meio a dansas e cantigas.

Eram 5 horas da tarde. A um signal do TOMINI ganharam todos as CURIARAS, ficando a praia deserta. Era a hora da partida. O TOMINI estendeu-me a mão. Disse-me que os seus moravam longe. Que era necessario partir, mas que voltariam com outros no dia seguinte.

Com effeito, minutos depois deslisavam pelo rio as CURIARAS. A tarde silenciosa veiu substituir em pouco o dia ruidoso.

No dia seguinte, mal a luz acabava de raiar, approximaram-se da praia tres grandes CURIARAS, trazendo parte dos convivas do banquete da vespera, outros novos, fructos, armas, etc. Logo que chegaram, prepararam novo eikuru e formaram dansas, reinando em todos os rostos signaes de alegria e submissão.

O velho TOMINI, de cocaras, sem dizer palavra, assistia a essas scenas. De repente levantou-se, depois da dansa, e a um seu aceno todos me rodearam. Como na vespera, estenderam-me as mãos e curvaram-se. Porém em vez de dar-lhes palmatoadas nas mãos, fizeram com que lhes puxasse um por um os dedos da mão direita, passando-lhes tres vezes a mão pela cabeça.

Com que alegria as mães me apresentavam os filhos ! Esta ceremonia tinha por fim preserval-os de molestias.

Mal tinha acabado a operação, Mekakonó, o indio preto, chegando-se, lançou-se-me aos pés. Perguntando-lhe o que desejava, disse-me que queria que lhe cortasse o cabello. Mandei buscar tesouras e aparei-lhe os cabellos do melhor modo que pude. Desde então, crianças e velhos, homens e mulheres, quizeram que eu aparasse ou cortasse tambem os seus.

Não podendo com tamanha freguezia, encarreguei do serviço o alferes Ferreira e Zeferino Jararara que se arvoraram em cabelleireiros.

Todos penteados, olhavam-se mutuamente e julgo que achavam-se bonitos. Em signal de agradecimento, dansaram e cantaram repetindo sempre : «caraiuá, camarará.» Tendo pouco antes distribuido brincos, pediram-me que lhes tirasse os de corda que usavam, afim de que fossem substituidos pelos de pechisbeque. Assim o fiz, pelo que se mostraram contentissimos.

Estavamos nesta ultima convivencia toda pacifica, quando ouvimos o grito : «Yacó ! yacó !» Era uma outra CURIARA que chegava com gente nova, representante da UPATÁ, do Tará. Saltaram della tres homens, uma mulher gravida, com um filho menor e uma porção de meninos de 10 a 12 annos. Vinham carregados de fructos e beijús. Logo que saltaram, o mais velho dos tres entregou-me as armas. O mesmo fizeram os meninos que vinham carregados de arcos e frechas. Depois de brindar a todos, vendo que era preciso retirar-me, deixando-os nesse estado pacifico, mansos e submissos, pretendendo voltar afim de apreciar o resultado dessa metamorphose, perguntei-lhes mais uma vez si estavam resolvidos a reunir-se em um sitio á margem do rio, para estar sempre em contacto com os brancos. Disse-lhes que me ia embora e perguntei-lhes si podia contar com elles.

Não responderam-me.

Momentos depois, o TOMINI reuniu o conselho dos mais velhos e das mulheres. Sentado em um tronco, rodeado

na parte anterior, pelas mulheres sentadas em terra, chamaram-me e fizeram-me tambem sentar. Alguns passaram-me os braços pelas costas e começaram uma conversa intima, em voz baixa, interrogando-me e, esperando com curiosidade minhas palavras, calavam-se. Não os pude comprehender. Chamei o interprete que estava em uma canôa e fiz com que elle me explicasse o que desejavam os indios. Perguntavam si eu não os estava enganando, si eu voltaria, si promettia que ninguem mais os offenderia. No caso affirmativo iam preparar-se e acompanhar-me. Prometti e despedi-me. Então as mulheres cortaram a tesoura pedaços das franjas do UMAIPÓ e deram-m'os como lembrança.

Ao deixal-os, notei que estavam pezarosos e que experimentavam naquelle momento a saudade. Fiz partir a lancha e gritei-lhes : « uturan ! uturan ! Crichaná. » Responderam-me cantando : « uturan ! caraiuá ! camarara ! »

Em seguida embarcaram e seguiram para pontos differentes. Alguns ficaram na praia até perder a lancha de vista. Era meio dia.

Fronteavamos quasi a foz do Chiparenaua quando encontramos uma CURIARA que subia tripolada por oito gentios, duas mulheres, sendo uma de 15 annos mais ou menos e dous filhos pequenos. Um a mais encontro e vinham do lago Tara. Era gente nova que ainda não me tinha visto. Mandei parar a lancha e, encontrando-os, recebi armas e fructos, dando-lhes brinquedos em troca. Disse-lhes que podiam ir embora, porque eu tambem ia fazel-o. Prometti voltar, declarando desejar vel-os na volta. Obedeceram-me e eu segui viagem.

Quasi as 2 horas da tarde, ao chegar ao YARAPÉ Chichiuá, fomos descobertos por gritos de Crichanás occultos em uma CURIARA. Não os tinhamos visto. Estavam já distantes e, como [illegible], resolvi seguir sem entender-me com elles.

Cheguei a Moura a 16. Immediatamente officiei ao juiz de paz, pedindo-lhe que não consentisse que os pescadores fossem ao rio Jauapery, empregando todos os meios para evitar desintelligencias entre os brancos e os indios.

Passando por Muirapinima, Ayrão e Tauapeçaçú, fiz iguaes recommendações officiaes ás autoridades.

Cheguei a Manáos a 18, ás 11 horas da manhã.

Pelo que fielmente acabo de expor, omittindo pequenos factos e episodios, penso que posso affoutamente dizer que estão completamente pacificados os Crichanás, conhecidos antes por Jauaperys ou Uaimerys.

Depois da descripção das scenas que se deram para a pacificação dos terriveis Crichanás, não posso, ao terminar, esquecer uma coincidencia notavel.

Para festejar o centenario da pacificação dos ferozes Muras que começou em Abril de 1784, os Crichanás deram o banquete da paz a 14 de Abril de 1884. Si a população do Solimões e rio Negro, em 1784, se viu livre dos assaltos dos Muras, a mesma população do rio Negro livrou-se dos Crichanás em 1884.

Não devo aqui occultar que o brilhante triumpho que obtive deve-se tambem á boa vontade e auxilio do Sr. alferes do 11° batalhão de infantaria Manoel Ferreira da Silva, manifestados em todos os encontros que tive com os indios, tornando-se digno de louvores não só por esse facto, como pela disciplina que soube manter no commando das praças que nos acompanhavam. Não são menos dignos de elogios os Srs. tenente Bessa e Conde de Stradelli. O primeiro, sempre zeloso, procurou todos os meios para facilitar minha missão, conservando a disciplina e a ordem a bordo, captando por isso sympathias geraes. Encarregado do trabalho do levantamento da planta, o fez com sciencia, zelo e promptidão, sem atrazar o meu trabalho. O Sr. Conde de Stradelli, a quem entreguei o trabalho photographico, não sómente satisfez a incumbencia, apezar das más condições de

momento, como procurou em tudo auxiliar-me, tornando-se credor de sinceros elogios.

Eis tudo quanto se passou nesta primeira investida ao sertão do Jauapery, que será completada em outros trabalhos que apresentarei, segundo a natural successão dos factos, até o termo da missão de que fui immerecidamente encarregado pelo Exm. Sr. Presidente da Provincia.

III

Antes de dar conta do resultado de minha segunda expedição, seja-me permittido transcrever alguns trechos de uma correspondencia publicada pelo PAIZ, da provincia do Maranhão, e transcripta pelo JORNAL DO COMMERCIO, da côrte, em sua *gazetilha* de um dos dias de Dezembro de 1877.

Posto que repita factos já por mim apontados, comtudo os confirma e dá uma idéa da tribu que, mercê de Deus, pacifiquei, afim de que não se supponha que a fantasia andou pelos logares onde minha vida por mais de uma vez esteve em perigo:

« Moura, que tambem teve o seu commercio e mais de 500 fogos, não conta agora mais de 60, e definha, já pelo abandono dos seus primeiros moradores, já pelos estragos que repetidas vezes lhe têm feito os selvagens Jauaperys.

« Fóra do alcance da frecha do Jauapery, Carvoeiro goza de tranquillidade, bem que não é dado a Moura gozar desde 1870, data em que os selvagens recomeçaram suas terriveis excursões.

« Habita esta gente o lado esquerdo do rio Negro, toda a zona que se estende desde Muirapinima a Moura, que fica do lado opposto, margem direita. As malocas ficam no centro de uma matta immensa, talvez á margem do rio Jauapery (d'ahi lhes vem o nome), que é um dos affluentes do rio Negro, *onde ninguem penetra, sob pena de perder a*

vida, porque estes selvagens são de uma ferocidade que só encontra equivalente em sua valentia.

« Entretanto, não são antropophagos, e sabe-se que são dados á lavoura, o que parece incrivel, attenta sua ferocidade.

« Por mais de uma vez, em annos successivos, têm atravessado o rio e feito grande numero de victimas (1).

« Os povos daquelles logares, auxiliados por destacamentos enviados pela Presidencia e por uma lancha de guerra, por seu turno, lhes têm dado tremendas sovas.

« Quando era commandante das armas o brigadeiro Barros Falcão, este general, que seguiu para Moura em uma lancha, *surprehendeu-os no acto da passagem do rio e fez-lhes horrivel carnificina.*

« *Estas represalias, longe de intimidal-os, mais os têm estimulado e enfurecido, de sorte que hoje é inteiramente impossivel qualquer trato com elles.*

« Aproveitam-se para suas excursões da vasante do rio pois *não sabem nadar;* nem se atrevem a transpol-o durante a cheia pela falta de confiança em suas canôas ou UBÁS, que são frageis e de construcção primitiva. »

A verdade desta noticia é confirmada por um dos presidentes do Amazonas, no relatorio publicado em 1878. Ahi lê-se o seguinte:

« Não obstante recommendar ás autoridades que usem dos meios brandos para provar aos indigenas bravios que seus receios de violencia são infundados; que não os offendam ou empreguem força, informam-me que nem sempre são observadas estas instrucções, e ainda em 1875, por occasião de invadirem aquelles indios a povoação de Moura, fez-se nelles uma grande mortandade, já quando o perigo estava passado e elles retiravam-se em debandada.

---

(1) O total das suas victimas desde sua apparição no rio Negro até hoje é de 30, sendo 26 homens, 3 mulheres e 1 criança que lhes têm custado muitas centenas de companheiros. Só pelas partes officiaes conta-se mais de 300.

« Deste modo difficulta-se a reconciliação com aquelles selvagens, em quem cresce o espirito de vingança com a repetição das offensas. »

O relatorio refere-se aos assassinatos praticados a 21 de Novembro de 1874, mencionados no capitulo I deste trabalho.

Feitas estas citações passo a relatar fielmente tudo quanto occorreu depois de minha chegada a Manáos.

Chegando a esta cidade apresentei a S. Ex. o Sr. Presidente da provincia o resultado dos trabalhos de minha primeira expedição e organizei em uma das salas do palacio uma exposição publica de tudo quanto havia obtido dos indios e preparava-me para executar uma segunda expedição quando me chegou ao conhecimento, por um morador de Moura, que o interprete já tinha seguido para o rio Branco. Isto transformou meus calculos, porque me fazia demorar a partida.

Mandei então meu auxiliar, o Sr. alferes Ferreira, que partisse para Moura e d'ahi seguisse para o rio Branco, com o fim de procurar um outro interprete.

Com effeito, partiu elle a 9 de Maio, empossado, além disso, do cargo de subdelegado de Moura e acompanhado de seis praças casadas. Não podendo seguir minhas cargas na lancha em que ia o referido alferes, partiram ellas no vapor *Andirá*.

No dia 15, pelas 7 horas da tarde, chegou de volta a lancha a Manáos, com a noticia de que o interprete estava em Moura e contratado. Isso desmentia a noticia anterior que fôra propositalmente espalhada para demorar e contrariar minha expedição.

Estando a lancha á minha disposição e voltando unicamente para trazer a correspondencia de meu auxiliar e para transportar-me em seguida, sómente tres dias depois me foi entregue, pelo commandante da lancha, aquella correspondencia, isto contra todos os preceitos de ordem e delicadeza.

Pela correspondencia e por informações da tripolação da lancha, veio-me tambem a noticia de que, a pretexto de

pesca, e contra as ordens terminantes dadas, em nome da presidencia, ás autoridades de Moura, formara-se uma expedição que em um dos dias de Maio partira para o Jauapery, encontrando os indios em Kunáuakunama. A parte official não mencionava hostilidades, porém as informações da maruja diziam o contrario e affirmavam que os gentios estavam de novo enfurecidos.

Esta noticia vinha confirmar a opinião dos habitantes de Tauapeçoçú, Ayrão e Muirapinima. Diziam estes que, logo que eu deixasse os indios, elles seriam atacados com o fim de destruir-se meu trabalho. Reservadamente levei o facto ao conhecimento do Exm. Sr. Dr. Theodoreto Souto, Presidente da provincia.

Tendo deixado os indios tranquillos e pacificados, tres motivos me levaram a prohibir a entrada no rio Jauapery a qualquer individuo, para que não se désse algum facto que destruisse as vistas do governo e inutilisasse seus esforços. Era necessario executar o plano apresentado por mim ao governo e as ordens recebidas. O primeiro motivo era saber que havia interesses particulares que desejavam contrariar-me; o segundo, que podiam entrar no rio especuladores que, com o fim de commerciar, mal aconselhassem ou pervertessem os indios; o terceiro, para evitar algum conflicto que se poderia dar, causando victimas.

Em geral, o regatão não perde estas occasiões e seu contacto com o gentio é sempre pernicioso, com respeito á sua civilisação. O que é elle, o que faz, ninguem melhor disse que o conselheiro Jeronymo Francisco Coelho. Aqui reproduzo suas palavras, que justificam os motivos que me levaram a fechar as portas do Jauapery, até que estivessem os indios inteiramente pacificados, aldeiados e em estado de commerciar.

Diz Francisco Coelho, quando Presidente do Pará, em um de seus relatorios, tratando das razões pelas quaes as missões e aldeiamentos de indios não prosperam:

« Pessoas estranhas vão frequentemente ás aldeias plan-

tar a desmoralisação, seduzir e lesar os indios. Grande parte delles, de ambos os sexos, se acha fóra, a titulo de aggregados, em serviços de particulares, que com elles têm sempre abertas contas leoninas, dando-lhes retalhos de más fazendas pelo quadruplo do que valem e ao mesmo tempo taxando-lhes os serviços em diminutos valores, de modo que é sempre o indio quem deve; e por este titulo de credores perpetuos pretendem desconhecer a competencia dos missionarios sobre os indios e recusam entregal-os, o que são outras tantas causas de contrariedade para o augmento, tranquillidade e boa ordem dos alojamentos.

« Cumpre advertir que esta mesma desmoralisação, seducções e traficancias se praticam não só nestas aldeias, mas em toda a provincia onde ha indios ou aldeiados, ou em suas malocas, e os principaes corruptores de indigenas são essas quadrilhas de canôas de regatões, mascates ou quitandeiros dos rios que os cruzam e penetram por todas as partes, incutindo falsas idéas no animo dos indios, illudindo-os com falsos embustes, suscitando-lhes terrores infundados e dando-lhes conselhos para afastal-os da obediencia e aldeiamento regular, apresentando-se como amigos, porém com o ardiloso e perverso designio de conservarem o exclusivo monopolio de suas relações commerciaes, afim de poderem lezar á vontade e impunemente, visto que os indios não têm claro conhecimento dos valores dos generos que permutam. »

Por motivos independentes de minha vontade só a 3 de Junho pude deixar o porto de Manáos, ás 12 horas da tarde, seguindo na mesma lancha da flotilha, então commandada pelo machinista João José de Bessa.

Debaixo de um grande aguaceiro encetei viagem, vindo esta a terminar ás 4 horas e 20 minutos, em frente á foz do rio Anavilhana. Com rio calmo, arrebol risonho e luar esplendido, atravessei a extensa bahia de Boiaçú, fundeando a lancha ás 12 horas e 30 minutos da noite, em Tauapeçaçú, para ahi pernoitarmos.

Na madrugada de 4, saltei em terra emquanto se recebia lenha. Depois de obter alguns feixes de ramas de MANIVA e milho para plantar, segui viagem ás 10 horas precisas. A's 6 horas passei a ponta das Igrejinhas, nome que ha mais de um seculo conserva, por apresentarem as rochas da margem grandes grutas de fórmas caprichosas, que a imaginação christã fantasia antigas casas de oração, formadas propositalmente pela mão do Creador. Com o grande crescimento das aguas, todas essas grutas estavam submergidas.

A's 8 1/2 horas cheguei a Ayrão, onde pernoitei.

Procurando, á chegada, a autoridade local, não me foi possivel encontral-a, por estar em uma festa.

Ahi encontrei o cidadão francez Roche preparando-se para ir ao Jauapery. Esta viagem não se effectuou.

Parti a 5, pelas 10 horas da manhã, depois de me haver entendido com o subdelegado, sobre o pessoal que me devia auxiliar no levantamento da aldeia do rio Jauapery, e cheguei a Moura ás 4 horas da tarde.

Chegando, apresentou-se-me a bordo o alferes Ferreira, communicando-me que ha nove dias desapparecera o indio Pedro, interprete contratado, sem que seu patrão Zeferino Jararaca o tivesse prevenido ou dado passos para sua captura. Este procedimento combinado com as informações que tive posteriormente, levaram-me á convicção que o indio não tinha fugido, mas fôra aconselhado e seduzido para isso. Em minha opinião estava occulto. Concorrendo todas as circumstancias para culpar Jararaca e para provar que tinha havido uma seducção para inutilisar minha missão e os planos do governo, ordenei ao alferes Ferreira que nesse mesmo dia, á meia noite, sahisse em diligencia para o sitio Caruná, afim de nelle amanhecer e ver si ahi encontrava Pedro occulto, pois havia informações e denuncia nesse sentido.

Com effeito, partiu o alferes Ferreira. Pretendendo eu seguir na lancha para Carvoeiro afim de encontrar-me com

o subdelegado e com o alferes Ferreira, não tendo combustivel para alimentar a machina durante a viagem, consegui que o machinista Bessa mandasse pelo Sr. Hermogenes Pastanas pedir ao tenente A. O. Horta, unico que no logar tinha lenha, que cedesse a quantidade necessaria para poder a lancha seguir. O Sr. Horta recusou vender-m'a, obrigando-me a difficultar minha commissão. Dirigiu-se de novo o machinista a Hermogenes Pastanas, que propoz a Horta restituir no mesmo dia as 300 achas de que carecia. Nova recusa. Apezar disso, ia mover-se a lancha com as poucas achas que havia, esperando em caminho mandar fazer lenha. Felizmente chegou uma canôa com alguns centos de achas mandadas buscar por Hermogenes.

Parti ás 8 horas e 20 minutos da manhã, encontrando o alferes Ferreira de volta, sem ter achado o indio. A's 9 1/2 encontrei um batelão do rio Branco. Parei, pensando encontrar algum indio que me servisse de interprete. Debalde. A's 12 horas da tarde passei a bocca do lago Kuirerú, quasi fronteiro á ilha Urupanake, que na vasante une-se a lêste á ilha Jabuhykuara, formando uma extensa praia, onde apparecem os Crichanás, sendo uma vez batidos, como vimos na primeira parte. E' uma pequena ilha que corre de lêste a oeste, coberta de pouca vegetação. A' 1 hora e 40 minutos passei a fóz do rio Branco e ás 2 e 40 cheguei a Carvoeiro, logar decadente e, na época de enchente, cercado d'agua por todos os lados, em consequencia de assentar em uma ilha baixa e humida.

Não encontrei o subdelegado e, desejando saber si o pessoal que anteriormente requisitára estava prompto, informaram-me que não fôra dado passo algum nesse sentido, nem o subdelegado o daria, segundo declaração sua, depois de chegar de Moura, de onde viera aconselhado.

Passei a noite nesse logar. O dia 7 nasceu sombrio e chuvoso. Apezar disso, regressei ás 6 horas da manhã, fundeando em frente ao Yakundá, onde fui, de canôa, a um sitio em que esperava encontrar o indio Pedro, segundo

informações recebidas. Não encontrando-o, e conversando com o subdelegado de Carvoeiro, disse-me este que não havia avisado pessoa alguma, nem tão pouco sabia de Pedro. Voltei a Moura ás 10 horas.

Vendo-me sem interprete, preparei viagem para o dia seguinte, afim de encontrar os indios no Jauapery. Desprezei as difficuldades.

Com effeito, no dia seguinte (8) á 1 ½ hora da manhã, ia encetar viagem por assim dizer de experiencia, com o fim de levantar a planta do Jauapery, da foz verdadeira ao Marakaká, quando tive noticia, por um morador do rio Branco, que Pedro estava no sitio do Yakundá, pois ahi tinha sido visto na vespera e declarara ahi estar occulto por ordem de Zeferino Jararaca até que este subisse o rio Branco. Acompanhado desse individuo que prometteu entregar-me o indio, illudindo as vistas de Moura, deixei o porto da povoação e atravessei o rio Negro, em direcção ao Jauapery. Porém, tomando o PARANÁ do Mamuriahú, sahi de novo no rio Negro, quasi defronte do mesmo sitio.

Partindo para ahi o individuo que dissera ter visto Pedro, em poucas horas voltou dizendo tel-o visto mais uma vez, mas que o indio fugira para a matta apenas o avistara.

Partiu então para o sitio o alferes Ferreira á paisana e em trajos de caça, desarmado, apenas acompanhado por um soldado tambem á paisana, que remava a montaria.

Pela mulher do dono da casa conhecido por João dos Páos que estava ausente, teve o alferes Ferreira a confirmação de que o indio ahi se achava occulto.

Já havia anoitecido, quando, de volta da pesca, passou por perto da lancha João dos Páos. Chamei-o e perguntei-lhe si Pedro não estava em sua casa. A principio negou, porém depois disse-me que sim e que estava prompto a mostrar-m'o, sem m'o entregar, por estar elle occulto por ordem do subdelegado do Carvoeiro Affonso Brandão. Este subdelegado é o mesmo que recusou obedecer ás

ordens da Presidencia e que no dia 6 negou-me saber do indio Pedro.

Vendo que estava sendo victima de uma trama, urdida pelo pessoal de Moura com o fim de impossibilitar os projectos do governo e obrigar-me a voltar para Manáos, sem realizar minha commissão, resolvi não me deixar envolver na rêde cujas malhas já se estendam até Carvoeiro. Procurei destruil-a. Não devia cruzar os braços diante de factos criminosos. Empreguei todos os meios brandos e prudentes para que não fosse o governo ludibriado por um movel cobarde e occulto. Não visando interesses, e sim o desenvolvimento da provincia e um fim humanitario, entendi não me deixar vencer.

Preciso ser minucioso na apresentação dos factos, para que mais tarde estas verdades incontestaveis não sejam adulteradas pela mão occulta que tantos embaraços tem creado, com prejuizo de tempo, de trabalho e de dinheiro, dirigindo a consciencia de individuos infelizmente rusticos e desconhecedores das leis e da sociedade, realizando assim o dictado, de que *inter cocos regnat strabo*.

Chegando á casa, João dos Páos encontrou o Sr. alferes Ferreira que o esperava, entretido com a familia. João declarou que estava prompto a entregar o interprete Pedro logo que chegasse, pois na occasião estava ausente. Esperou-o o alferes, e, como chovesse torrencialmente, e estivesse a lancha distante, fundeada no rio Negro, esperou que a chuva parasse. Vendo João dos Páos que a noite se adiantava e passava a chuva, convidou o alferes Ferreira a ir a um sitio proximo pertencente ao juiz de paz em exercicio. Accedeu o alferes Ferreira ao convite. Entraram ambos na montaria. João dos Páos remava; conduziu a embarcação por um YAPÓ emmaranhado e chegou ao sitio onde dormia o interprete. Este, sendo despertado e vendo o alferes, tornou-se alegre e pediu noticias minhas.

Perguntando-lhe si queria ir para o rio Jauapery, disse que sim, e sem o menor constrangimento veio para bordo,

pedindo para levar comsigo um filho maior de 18 annos. Satisfez-se vendo aceito seu desejo ; como que ficava livre de um peso que o opprimia.

Logo que chegou, perguntei-lhe porque tinha fugido. Respondeu-me que não o fizera por livre vontade, mas estava escondido por ordem de seu patrão Zeferino Jararaca, que ficara de buscal-o para o levar para o rio Branco, ordenando-lhe que, emquanto o esperava, fizesse remos. Queixou-se que nunca seu trabalho nem o de seu filho fôra remunerado. Por isso não queria mais a companhia do patrão.

Pernoitei no mesmo logar e no dia seguinte fui de novo a Carvoeiro, a pouca distancia do logar em que me achava, para tomar combustivel e ver si encontrava um outro Macuchy que melhor fallasse o portuguez, para servir de interprete entre mim e o indio Pedro. Não encontrando nenhum, voltei para Moura.

No dia 10, pela necessidade que tinha de um individuo que conhecesse a lingua macuchy, voltei a Ayrão, onde me disseram haver um. Passei pelo PARANÁ do Calango afim de completar a planta desse ponto. Cheguei a Ayrão ás 5 1/2 horas da tarde.

Demorando-me no porto de Ayrão á espera do vapor, que devia trazer a commissão que ia para o rio Branco, na minha lancha, no dia 12, estando o indio Pedro em terra, e conversando com outro Macuchy, fez a este declarações que confirmavam o que anteriormente me havia dito, pelo que mandei testemunhar o facto perante a autoridade.

Vê-se por essa declaração que está nos archivos da Presidencia, a expressão da verdade, communicada intimamente a um companheiro, livre e espontaneamente, porque quem conhece o caracter do indio sabe que, fóra do meio corrupto da sociedade, elle só diz o que o coração dicta.

Esta declaração vem confirmar que os poucos moradores de Moura e que mais interesse têm em ver pacificados os Crichanás, foram e ainda hoje são os que se oppoem á sua

pacificação, arrastados pelo interesse particular de um ou outro individuo, que por meios não muito decentes tem conseguido dominar o resto que é composto de uma só familia e de seus aggregados.

Esta familia, descendente dos Bemfica, está dividida em sete fogos, havendo sómente uma outra que é estranha.

Eis a estatistica da *população* de Moura, para provar o que affirmo :

NOMES	HOMENS	MULHERES	CRIANÇAS	TOTAL DE CADA CASA	BRANCOS	TAPUYOS	MAMELUCOS	DE CÔR	PROFISSÃO	SABEM LER	NUMERO DE CASAS
Antonio de Oliveira Horta.	6	5	6	17	2	12	2	1	Não tem....	4	1
Francisco de Almeida Bemfica	2	6	4	12	3	8	1	....	Pescador ...	1	1
Manoel Antonio de Almeida	1	1	2	4	3	....	1	....	»	1	1
Manoel Antonio de Castro.	4	2	3	9	....	2	7	....	»	1	1
Camillo Gonçalves de Oliveira Mello.....	1	1	5	7	5	1	1	....	»	1	1
Manoel Alves de Mello	1	2	6	9	9	....	....	....	Negociante..	2	1
Torquato.....	1	1	2	4	....	4	....	....	Pescador ...	....	1
Total.....	16	18	28	62	22	27	12	1		10	7
Sitios											
Caruná.....	16	12	6	28	....	17	4	7	Pescadores .	1	3
Ratinho.....	8	4	1	13	....	5	8	....	»	2	1
Jakundá.....	2	4	3	9	....	2	7	....	»	....	1
Paranahú	3	5	1	9	....	9	....	....	»	1	1
Total.....	23	25	11	59	....	33	19	7		4	6
Total geral.	39	43	39	121	22	60	31	8		14	13

Passando no dia 13 o vapor *Ituxy*, trazendo o commandante da lancha, o piloto Antonio Monteiro Teixeira da Costa e a commissão da contagem do gado das fazendas nacionaes do rio Branco, e recebendo eu ordem de ceder a lancha que estava á minha disposição, para levar a commissão a seu destino, segui no mesmo vapor para Moura, seguindo tambem nelle minha familia.

Chegando no dia 14, hospedei-me na casa do antigo quartel designado para residencia da commissão.

Cumpre-me aqui dizer o que é este quartel para destruir a calumnia que se levantou de ter eu conservado ahi preso, no xadrez, o indio Pedro.

Compõe-se o quartel apenas de dous compartimentos, sendo uma sala e um quarto, cobertos de palha, tendo ao fundo uma especie de alpendre. Accommodei-me com a familia na sala; no alpendre os soldados, e no quarto que out'rora servia de xadrez, o indio Pedro, seu filho e um criado. Essa divisão servia tambem de casa de arrecadação. A porta desse xadrez vivia aberta e o indio sahia diariamente não só para o banho e necessidades, como para passeios e serviços de particulares, nunca se dirigindo, é certo, para o lado opposto da povoação, temendo ser constrangido a ficar com seu antigo patrão. Esteve sempre morando no *xadrez* com minha familia, que ahi vivia *aquartelada*. O contrario disso é faltar á verdade, revelando má cópia de caracter.

Partindo a commissão na lancha, a 15, fui forçado a demorar-me na povoação até 25, dia em que a lancha voltou do rio Branco, trazendo seis trabalhadores de Carvoeiro, que deviam acompanhar-me.

A's 7 1/2 horas da manhã de 26 sahi de Moura, chegando a Tauakuera que denominei Theodoretopolis, ás 3 horas da tarde. Saltando em terra, encontrei vestigios dos selvagens. Determinei o serviço para a derrubada do dia seguinte. Gastei o resto da tarde herborisando.

A grande cheia tinha feito com que as aguas invadissem toda a margem, de modo que a terra firme ficava distante, tendo pela frente um YAPÓ que difficultava o trabalho. Apezar disso, abriu-se um caminho e pôde-se fazer um grande serviço, preparando-se mesmo um espaço para se poder lidar com os selvagens, caso os encontrassemos em viagem para esse ponto.

A 28, sahi em procura dos indios. Chegando ao YARAPÉ

Chichinahu, onde em Maio os encontrara, seguindo elles commigo na lancha, parei, não só para fazer lenha, como para ver si os avistava. Infelizmente todos os terrenos estavam submersos, e apenas se mostrava uma ilhota onde se tinham reunido as cotias, pacas e veados, fugindo ás aguas. Ahi estavam como encurraladas.

Emquanto se fazia lenha, desci por uma bifurcação do YARAPÉ em procura dos Crichanás. Porém debalde. Passei a noite nesse lugar. A 29, tomando de novo a montaria, subi pelo YARAPÉ, encontrando lindas soqueiras da *Mauritia limnophilla,* que havia encontrado em 1873, no rio Urubú.

Sendo o YARAPÉ de aguas claras e limpidas, appareceram os PIUNS, que nos perseguiram cruelmente.

Apezar de todos os esforços, não encontrei os selvagens. Voltei, e tomando a lancha segui para a enseada de Mahaua. Fundeei na ilha do Triumpho, que tinha unicamente a parte norte descoberta. Ahi fundeei.

Não sabendo si os Crichanás deixavam de apparecer por causa da cheia ou si por terem sido obrigados a fugir, como diziam, resolvi procural-os em terra, descobrir-lhes as malocas, afim de ver o que havia. Era uma temeridade. Era ir, por assim dizer, procurar a féra no seu covil, onde podia estar enfurecida. Porém, confiado em Deus que me dava coragem, atrevi-me a tentar a acção. Confiava na palavra do indio que promettera paz. Tinha como que uma voz intima que me guiava, ordenando que quebrasse o segredo das malocas para acabar com seu encanto, que a todos aterrorisava, julgando-se até impossivel desvendar seus mysterios.

Tomando uma canôa, pelas 6 horas da manhã, segui com o alferes Ferreira e o indio Pedro para terra. Dirigindo-me para o logar onde tinha feito desembarcar os Crichanás que tinham vindo commigo na lancha na viagem anterior, e tendo certeza que elles tinham ido ás malocas, pois voltaram annunciando a vinda de seus companheiros e o banquete da paz, estava convencido que eu iria tambem como elles.

Saltando em terra, achei-me no meio de uma magestosa floresta, cujo silencio não era interrompido siquer pelo canto dos passaros, e onde não apparecia vestigio algum que pudesse servir de fio que me levasse ao ponto desejado. Que rumo deveria seguir? Como o caçador que procura as pégadas da caça que lhe fugiu da mira da arma, assim procurava eu um indicio ao menos que me pudesse servir de fanal. Meus esforços não foram baldados. Um golpe em uma arvore e um galho partido serviram-me de guias. Desse galho, como ponto de partida, procurei outro e achei. Ainda encontrei outros pelos quaes estabeleci um caminho, pois por alli havia um trilho percorrido por alguem. Firmando a attenção unicamente para esse ponto, notei mais algumas pégadas e arvores picadas, o que me fazia crer que, depois de os ter deixado com os terçados, os indios tinham por alli transitado, não por um unico trilho, mas por diversos, disfarçando assim sua passagem, pois não deixavam rasto palpavel. Conhecedor dos costumes indigenas, percebi estar no verdadeiro caminho. Com effeito, depois de meia hora de marcha, deparou-se-me uma clareira, onde se erguiam diversos ranchos, feitos e cobertos de folhas de bacaba (*enocarpus bacaba, Mart.*), uns abertos naturalmente, outros na parte anterior, porém todos com a cobertura rente ao chão. Em todos, nas partes lateraes, havia MUQUENS, além dos que se viam armados entre duas arvores junto ás casas, graciosamente cobertas por folhas daquella palmeira. Nelles encontrei remos, panellas, preparos de tirar fogo, muitas PERAS e PANACUS velhos, desses que se fazem ligeiramente no matto para transporte de frutas e caça.

A presença dos remos fez-me suspeitar que esse ITAPUI, como os selvagens chamam os pousos, era porto de maloca. Tratei de verificar. Foi-me facil achar um caminho para o rio. Ahi chegando, vi que minhas suspeitas eram reaes, por encontrar um claro de matto cortado e signaes de reunião de povo. Procurei divisar alguma UBÁ mettida a pique, mas não pude certificar-me, por causa da grande enchente.

A certeza que aquelle ponto era um porto de maloca alegrou-me. Ordenei a Pedro que fosse á lancha e chamasse os cinco indios de Carvoeiro, trazendo alguns brindes para os selvagens. Vendo meu auxiliar Ferreira, que, apezar de todo o risco de vida, eu teimava em procurar os Crichanás dentro de seus quarteis, declarou-me que, como militar, não seguiria sem as praças. Para evitar desintelligencias, concordei em que ellas me acompanhassem, porém com as armas descarregadas. Emquanto não chegava a gente, tirei um esboço do ITAPUI, comprehendendo os principaes TEYUPARES (1).

Ha certas occasiões da existencia, nas quaes muitas vezes decide-se inesperadamente a sorte de uma empreza. Si a ida á maloca compromettia minha vida e a de meus companheiros, o resultado, si fosse feliz, desvendaria um mysterio e fortaleceria os laços de união e amisade entre selvagens e civilisados. Era empreza arriscada e da qual não se salvaria um só dos meus, caso houvesse luta, porque nosso numero era insignificante, emquanto que o dos selvagens era enorme, além de poderem elles contar com reforços e com os conhecimentos locaes. Nós eramos 11, sómente quatro armados, e isto mesmo com 10 cartuchos cada um, que por experiencia official falhavam 60 °/o. Entretanto passando pela mente as vantagens dessa arrojada expedição e o perigo em que me ia metter, não trepidei. Dirigi-me aos companheiros, pedindo-lhes que fossem corajosos e prudentes, e, dividindo os brindes por todos, ordenei a marcha em silencio, cautelosa e vigilante. Como excellente mateiro seguia na frente o indio Pedro; atrás delle iamos eu e o alferes Ferreira; em seguida cinco tapuyos de Carvoeiro de nomes Torquato Francisco Alexandre, João Ramos Sobrinho, Manoel Pereira de Castro, Marcellino José de Moraes e Izidoro de Carvalho e as quatro praças á paisana, levando as armas a tiracollo.

---

(1) Ranchos feitos de palha.

Não sabiamos a distancia da maloca. Para aproveitar-se o dia, tivemos de fazer uma marcha accelerada, atravez de todas os obstaculos e tropeços que se encontram em uma floresta virgem, quando não existe caminho aberto.

Com effeito, os selvagens, para não deixar vestigios de passagem, para que o branco não possa ir ao logar onde residem socegados, livres de assaltos, em seu percurso atravez das mattas, seguindo sempre a mesma direcção, nunca passam pelo mesmo ponto. D'ahi a falta de um trilho e a necessidade de procurar seus signaes, visiveis unicamente para o indio observador ou para o mateiro.

As curvas, os torcicolos, diminuiam o tempo, por um lado, emquanto os cipós, as folhas espinhosas das palmeiras, os troncos derrubados pelos furacões, os riachos e o IAPÓ, rasgando a roupa e arrebentando o calçado, nos moderava a marcha que levavamos em silencio, meditativos uns, desconfiados outros, receiosos todos.

O calor era ardente, á sombra da pesada atmosphera da matta, onde a viração não corria. O suor nos inundava o rosto. A sêde nos devorava. Felizmente encontramos um YARAPÉ de agua limpida e fresca que nos saciou.

Mais alentados, seguimos nossa marcha. Encontrei n'uma existencia social a gentil palmeira de fructos azues, conhecida por *gronoma picnostachys*, um *bactris* muito proximo a meu *elegans* e ao *campestris*, de Poepig, parecendo-me novo, diversas *genonomas* que crescem á sombra dos castanheiros, dos tanarys, das massarandubas, do páo roxo e de outros gigantes da floresta, cuja coma só deixa passar as frondes do irajá (*maximiliana regia*, Mart.).

Tinhamos passado um IAPÓ e dous grandes YARAPÉS. Chegando a um terceiro trancou-se-nos o caminho. Cahidas sobre elle, diversas arvores seccas e ramalhudas o obstruiam completamente, convergindo para ahi os signaes que nos conduziam. Teriamos nós seguido vestigios falsos ou vestigios de caçadores?

Procurando caminho por sobre os galhos, atravez do

YARAPÉ, com o fim de descobrir vestigios do lado opposto, achando-me no galho mais alto, pareceu-me ver, por entre a folhagem de uma arvore, a ocaraua (1) de palha de uma casa.

Por signaes, fiz suspender a marcha de meus companheiros. Impuz silencio. Chamei o Sr. alferes Ferreira, para certificar-se si minha myopia não me tinha enganado. Estavamos, com effeito, perto de uma casa que ficava a umas cinco braças da floresta. Então eu, o alferes e o indio Pedro, fazendo as arvores derrubadas de pontes, atravessamos o YARAPÉ, saltamos sobre um grande espique de MERITY, que outr'ora servira de ponte, achamo-nos em um trilho limpo e batido que nos levou á porta da primeira casa da maloca. Paramos, applicamos o ouvido, conferenciamos e nos separamos diante da porta que se achava fechada. A casa era circular. Um dirigiu-se pela direita, outro pela esquerda. Momentos depois nos encontravamos defronte de outra porta, diametralmente opposta á primeira. Applicamos o ouvido ás paredes de cascas de páo. Nenhum ruido interrompia o silencio que reinava. Por uma especie de horta seguimos o trilho que nos levou a outra casa maior, toda de palha e interiormente semelhante á primeira, na fórma. Ahi tambem nos separamos como já o tinhamos feito antes. O mesmo silencio. Continuamos do mesmo modo até á quarta casa, e embora avistassemos outras, resolvi retroceder, porque tinha em parte conseguido meus fins e queria o tempo para estudar minuciosamente, livremente, os seus costumes.

Si chegassemos um quarto de hora mais cedo, encontrariamos os selvagens que pouco antes tinham partido, como nos indicavam os signaes e pégadas frescas que encontramos, bem como os MUQUENS accesos onde seccavam polvilho e amendoim. Mandei vir todos os companheiros, abri as

---

(1) Telhado.

casas uma por uma, penetrei nellas, examinei todos os objectos de uso domestico, a disposição interna, a capacidade de cada um, suas iguarias, etc. Fechei as portas como as tinha encontrado e sahi. Em frente á casa principal deixei varios brindes que me tinham pedido, afim de que soubessem que eu ahi estivera. Parti, depois de fazer um esboço da maloca, trazendo desta apenas uma frecha velha differente das que eu conhecia, encontrada em uma casa em ruinas, abandonada, servindo de caramanchão a uma esplendida bignonia, cujas raizes firmavam-se no centro da casa, subindo os cipós ao telhado que pendia ao peso da folhagem que o cobria exteriormente. Tinha deixado meu cartão de visita convidando-os a um encontro em Mahaúa.

A's 2 horas da tarde deixei a maloca. Apenas haviamos dado alguns passos pela floresta, ouvimos o estampido de um tiro de peça. D'ahi a um minuto ouvimos outro. Outro em seguida. Que seria ? Na lancha havia apenas 10 homens, dous doentes. Seria defesa contra assalto ? Seria um chamado ou imprudencia commettida pelo commandante, que não peccava por corajoso ?

Abrindo caminho a terçado, corriamos atravez da matta. Cansados e famintos chegamos á lancha ás 6 horas da tarde. Que tinha acontecido ? Nada mais nada menos que os indios da moloca do Chichinahu, que, tendo ouvido o ruido da lancha, tinham ido a esta, em minha procura. O commandante se aterrorisara e mandara dar tres tiros de peça para amedrontal-os. Desculpou-se dessa imprudencia que me podia ser fatal, dizendo-me que os tiros haviam sido dados como um aviso ou signal para me guiar, caso eu estivesse perdido na floresta. A consequencia desse facto foi a retirada dos selvagens queixosos e o trabalho que tive no dia seguinte para trazel-os á lancha.

O procedimento do commandante não me pareceu o mais acertado.

No dia seguinte (1 de Julho), ainda o orvalho da noite pendia das folhas das arvores e o canto das aves quebrava

o silencio das aguas da grande bahia de Mahua, quando os ramos das arvores das margens vergaram-se. Um alarido enorme se fez ouvir. Appareciam por entre a folhagem os corpos nús e avermelhados dos selvagens, que levantavam na dextra os arcos, em cujas pontas se viam objectos que me haviam antes promettido.

Os gritos de yacó ! yacó ! achiquy ! entremeados com meu nome, fizeram-me logo saltar em uma montaria e ir ao encontro daquelles que sabiam cumprir sua palavra. Eram os da maloca onde tinhamos estado. Traziam-me o que eu lhes havia pedido na primeira expedição, do mesmo modo que eu procedera.

Apresentaram-se 10 homens, tres mulheres e quatro meninos. Apenas me viram junto a si, começaram a cantar e a dansar. Alegres, offereceram-me vinho de MIRITY que apresentavam em um lindo alguidar branco pintado de vermelho de que me fizeram presente. De todos os lados offertavam-me castanhas, carás, beijús e batatas, notando-se em geral uma verdadeira alegria, principalmente nas mulheres, que, depois que vesti-as, deram-me as tangas.

Levei-os á lancha por varias vezes. Em terra conversei com elles na mais doce harmonia, aconselhando-os. Sahindo da matta, apresentou-se-me um homem esbelto de 30 annos, mais ou menos, marido de uma das mulheres, de nome Kabiché, pedindo-me que o curasse. Apresentou-me o pé esquerdo com a unha do dedo pollegar arrancada e presa sómente na parte interna. Sentamo-nos. O indio, collocando o pé sobre meus joelhos, prestou-se ao curativo, pagando-m'o com um arco que poucos momentos antes servira para aparar os golpes que com outro arco o TUCHAUA Apataka applicara-lhe em uma grande luta.

A's 2 horas, pouco mais ou menos, vimos uma UBÁ que subia o rio em direcção á lancha. Chegando a uns quinhentos metros, encostou-se á margem e parou. Seguindo immediatamente com o alferes Ferreira em uma montaria, abordei a ubá em que vinham sete homens e duas mulheres da maloca

do Chichinahú, já meus conhecidos. Entre elles vinha Pichipiá, o caçador, o valente companheiro do intelligente e bom amigo Ueneró.

Foram estes que na vespera, em minha ausencia, haviam fugido aterrorisados pelos tiros partidos da lancha.

Convidei-os para um passeio á lancha. Recusaram, apezar de todos meus esforços. Queixavam-se do CARAIUÁ CHIRIQUY (1). Afinal consegui que Pichipiá, que sempre foi o mais valente, me acompanhasse, ficando porém como refem o alferes Ferreira, entre dous indios, dentro da UBÁ. Os dous indios, a pretexto de abraçal-o, o seguravam convictamente. Brindei o selvagem a bordo. Fiz-lhe ver, pelo interprete, que os tiros nada tinham com elle e que ninguem lhe faria mal. Voltou satisfeito. Apenas chegamos á ubá, appareceu uma outra que se nos reuniu, trazendo seis homens e quatro mulheres da maloca do Kurekuré. Reunidos todos, subiram, mas ao chegarem perto da lancha dirigiram-se para terra, a encontrar os de Mahaua que faziam um alarido horrivel, apontando-me descontentes para a lancha onde se representava uma scena contristadora.

Um marinheiro ia ser chibatado, e estava nú da cintura para cima, preso a um mastro, sobre a tolda. Immediatamente gritei para a lancha. Fui a bordo pedir ao Sr. commandante que adiasse o castigo daquella praça, até que os indios se retirassem, porque aquelle espectaculo destruia todos os meus planos, provocando a colera dos selvagens, dando-lhes um exemplo que os obrigaria a fugir dos brancos, que, quando não matavam, surravam. Deste modo a paz ha pouco restabelecida ver-se-ia quebrada e as antigas offensas, ainda frescas na memoria dos indios e a desconfiança ante esse acto de barbaria, despertariam odios, pois que poderiam julgar que os mimos recebidos não passavam de uma cilada.

---

(1) Branco pequeno.

Felizmente nada succedeu. O marinheiro não foi castigado e os indios não tiveram desconfianças; embora fossem testemunhas de meu procedimento, pois que não me perderam de vista, e quando me dirigi para elles ainda disseram-me descontentes :

—Eruarétequy caraiuá chiriquy ! Unaen caraiuá poiané (1).

Procurei tirar partido do facto, e, desculpando o commandante, fiz-lhes ver que aquelles que não são bons para os brancos, recebem castigos ; que o marinheiro quiz fazer mal ao branco pequeno, por isso ia ser castigado. Deste modo approvaram elles o proceder do commandante e socegaram, exclamando : EHN ! EHN !

Estivemos juntos até ás 6 horas da tarde. A essa hora disseram-me que iam dormir no ITAPUY, que voltariam no dia seguinte.

Com effeito, cumpriram a palavra. Appareceram ás 6 horas da manhã do dia 2 e estiveram comigo até ás 11. Retiraram-se depois por não terem mais viveres. Apanaraká o TUCHAUA myope, disse-me que era filho do centenario TUCHAUA que presidira o banquete da paz ; declarou-me que o pai não pudera vir por estar fazendo muito chu e por haver chuvas. Nesse dia, afim de que perdessem inteiramente o medo, levei á lancha homens e mulheres.

As dòres de cabeça e estomago são frequentes nos selvagens, segundo me disseram, quando indaguei porque sarjavam a testa e o estomago com dentes de PIRÁ ANDIRÁ. Chamam ás sarjaduras IAKUYÇÁ.

Dizendo-me o TUCHAUÁ Apanaraká que eu podia ir á maloca do Chichinahu, deu-me todos os signaes para encontral-a, ensinando-me o porto de Kurekuré, no tempo da vasante.

Querendo ganhar tempo e ir ao Chichinahu, para assim

---

(1) O branco pequeno é máo. Tu és branco bom.

atar mais os laços de harmonia, como os atára em Mahaua, parti ás 2 horas da tarde.

No dia 3, pelas 7 horas da manhã, acompanhado do alferes Ferreira, subi em uma montaria pelo YARAPÉ Chichinahú, encontrando os signaes dados por Apanaraká, não podendo comtudo chegar á maloca depois de um dia de marcha, porque a enchente tinha desfigurado todo o terreno, sendo-nos impossivel achar o trilho que a ella nos levasse. Encontramos apenas o ITAPUY ou pouso de viagem, com alguns objectos de uso domestico, formado de varias palhoças como as do de Mahaua.

Estando as margens com as mattas todas alagadas, sendo por isso impossivel o apparecimento dos selvagens, voltei a Tauakuera, onde continuei a derrubada, por espaço de dous dias, tendo de adial-a por causa das chuvas torrenciaes que diariamente cahiam.

Voltei e cheguei a Moura á 1 hora da tarde de 6.

Nada podendo fazer com relação aos indios em consequencia das chuvas continuadas, a 14 tomei o vapor *Acre* e subi o rio Negro até Santa Isabel, afim de aproveitar o tempo e arranjar collecções para o museu.

De volta a Moura, a 19, ahi tomei a familia, chegando a 21 a Manáos.

A expedição que acabava de fazer mostrou-me que os selvagens, apezar da minha ausencia, não tinham embravecido, mas ainda serviu para apertar os laços de confiança, tornando-os mais doceis e amigos.

A ida á maloca foi o facto mais importante que repercutiu em toda a população Crichaná. D'ahi em diante todos os selvagens que appareciam, embora não me tivessem visto, apresentavam-se sempre como amigos, de modos bruscos e gestos imperativos, é certo, mas que logo perdiam tornando-se carinhosos e meigos.

Esse facto, o mais notavel depois da pacificação, no qual joguei a vida a bem da humanidade, foi invertido por interesses invejosos e pintado com aquellas côres

negras que a cegueira da calumnia sabe inventar, não vendo que as consciencias puras não as aceitam.

O plano que apresentei a S. Ex. o Sr. Dr. Theodoreto Souto, quando Presidente da Provincia do Amazonas, plano sobre o qual me foram dadas instrucções verbaes e escriptas, tem um duplo fim : pacificar e civilisar. Sendo nesta expedição confirmada a pacificação, sendo preciso entrar paulatinamente na obra da civilisação que depende de tempo e meios, entendi, baseado em ordens do governo, separar os indios do contacto do civilisado, qualquer que este fosse, estribado para isso ainda na lei de 24 de Julho de 1845 e no regulamento que rege as missões, dado pelo ministerio da agricultura em 8 de Outubro de 1870.

Em consequencia disso, ao partir, deixei meu auxiliar alferes Ferreira, que tambem era subdelegado do districto, encarregado, por todos os meios possiveis, de prohibir o contacto dos civilisados com os Crichanás e a entrada no rio Jauapery, tudo em proveito dos indios e dos poucos moradores de Moura, aos quaes isso nada prejudicava, porque para pesca têm elles, não só o rio Negro, como os numerosos e piscosos lagos da margem esquerda, onde podem andar sem correr o menor risco.

Entre a deposição das armas, isto é, a pacificação e o ensino, ha um grande estadio, justamente o mais difficil de vencer : é o de impor a obediencia e a confiança. Desconfiado por natureza, o indio, principalmente o Crichaná, que viveu perseguido e massacrado, com a maior facilidade voltará ao estado primitivo, havendo quem lhe inspire desconfiança. O modo de tratal-os, os meios que tenho empregado não o serão por todos, e basta a menor hostilidade, a menor insinuação para que tomem de novo as armas e deixem de acreditar em qualquer. Lançar, pois, as bases para começar a civilisação, isto é, o ensino que os torna cidadãos onde se firmam os deveres de honra, brio, do justo e do honesto, para que sejam uteis á patria, será d'aqui em diante todo o meu trabalho.

A grande cheia obrigou-me a voltar a Manáos, a esperar pela descida das aguas, época unica em que se póde estar com os selvagens. Isso effectuei, certo de que *meus filhos,* como por ironia dizem os moradores de Manáos, ficariam garantidos.

Pedindo-me os Crichanás que, logo que ás praias apparecessem, eu os fosse procurar, porque me iriam esperar, parti a 10 de Setembro, no vapor *Acre*, para Manáos, onde cheguei a 12, devendo partir a lancha de Manáos que me conduziria ao Jauapery a 15.

Ao passar por Muirapinima e por Ayrão, informaram-me que, durante minha ausencia, partira de Moura uma expedição que estivera com os indios em Cuacunama. Além disso, varios pescadores, contra ordens minhas, se tinham dirigido á procura dos indios dando a pesca como pretexto.

Chegando a Moura, soube que o facto era verdadeiro e que iam propositalmente ao Jauapery, com o fim unico de contrariar-me e chamar a si os indios para pervertel-os e usufruirem-lhes o trabalho. Essas viagens eram sempre feitas occultamente, afim de não se criminarem e não poder eu saber dos factos praticados com os indios.

Emquanto esperava a lancha, fui em canôa ao logar em que se dera a carnificina de 22 de Novembro de 1874, em que tomou parte muito activa Hermenegildo Pastana, segundo uma parte official do Sr. tenente Horta, afim de ver si seria possivel ainda encontrar algum craneo.

Ainda existe na povoação de Moura um individuo que á faca acabou de matar os pobres Crichanás baleados naquelle dia. Minha viagem foi infructifera.

No dia 17, sabendo eu que na vespera tinham estado os indios no PARANÁ do Mamuriahú, em contacto com alguns moradores de Moura, para lá me dirigi em canôa, porém não os encontrei, por me terem sido dadas informações erradas, afim de que não os visse. De sobre-aviso, esperei outras noticias.

No dia 19, avisaram-me que os indios tinham apparecido na

ponta do Cuireru, onde fica o boiadoro das tartarugas, e que os pescadores de Caruná tinham estado com elles. Immediatamente parti com o Sr. alferes Ferreira, porém, ahi chegando, não os encontrei. Depois de um dia de pesquizas até o lago Cuireru, voltei, ficando o Sr. alferes Ferreira, afim de verificar a exactidão da noticia e avisar-me logo que chegassem ahi os indios.

Com effeito, a 21 chegou o mesmo senhor dizendo-me que haviam apparecido varios indios, quando elle estava só no matto jantando, e que estivera amigavelmente com elles, que haviam partilhado de sua refeição.

No dia 22, pela madrugada, parti, encontrando nove Crichanás representantes das malocas do Chichinahú, Sapá e Mahaua.

Disseram-me que seus parentes ha muito me esperavam em Theodoretopolis, e, como eu não apparecesse, tinham vindo a meu encontro.

Mandei que se retirassem e fossem esperar-me, porque lá seguiria em breve. Obedeceram e partiram.

Cumpre-me aqui recordar que esse logar para onde agora haviam attrahido os indios com falsas promessas, é notavel por varias correrias, sendo sempre os selvagens repellidos á bala e á metralha. A ultima vez que ahi estiveram foi em 1880, quando foram repellidos á metralha, da lancha n. 1, commandada pelo piloto João Gualberto da Cunha Cardoso. Nessa data, o Sr. tenente Horta remetteu para o *Jornal do Amazonas* uma correspondencia que foi publicada em 8 de Dezembro, correspondencia em que louvava *o serviço* do commandante. Lia-se o seguinte :

« Apezar dos repetidos cruzeiros da lancha, parece que os Uaymiris mais ousados se mostram, zombando assim desse elemento de força. » E como não ser assim ? Haviam de se deixar matar como carneiros, não procurando a vingança ? Por que procuram hoje esse *elemento de força*, como elemento de paz ? Por que ainda hoje os selvagens se queixam dos habitantes de Moura ?

Corramos um véo sobre esse passado luctuoso, sobre esses *serviços prestados com a pacificação dos indios*, que os obrigou a concentrar-se e não apparecer senão nas *datas memoraveis* de 4, 5 e 6 de Março de 1834, depois de se saber em Moura de meu plano e da catechese, e quando já ahi me esperavam. Ainda foi, perseguindo-os, que na mais que memoravel data de 7 do mesmo mez os pescadores espingardearam os selvagens.

Sabendo, no dia 27 á noite, que havia apparecido maior numero de indios e que os pescadores estavam com elles, trocando por objectos inutilisados o armamento dos selvagens, para lá me dirigi levando minha mulher, assim como a do Sr. alferes Ferreira que desejou acompanhar-nos.

Approximando-nos da ponta do Cuireru, avistamos varias canôas que para ahi se dirigiam, vindo do sitio Caruná. Estando minha canôa a tiro de frecha, avistamos sobre as pedras cinco indios, quatro canôas um pouco afastadas e uma montaria encostada. Quando ia abicar, entraram os indios na montaria, conduzida, segundo informações locaes, por Anastacio, aggregado de Hermenegildo Pastana, que os levou para terra.

Encostando a canôa, vi-me rodeado por mais de 20 indios, entre elles Ueneró, que me receberam com satisfação, participando-me que os Macuchys os tinham conduzido em duas canôas para um sitio da outra margem, pedindo-lhes que não consentissem que eu fosse mais ao rio Jauapery, porque eu era um *branco máo, que lhes ia levar a bexiga, que mataria suas mulheres e seus filhos, que os estava enganando, etc.*

Os Crichanás chamam de macuchys os tapuyos, mamelucos e pretos que moram no sitio Caruná, porque só lhes fallava em macuchy Zeferino Jararaca que lhes servia de interprete.

Depois de desfazer aquella torpe calumnia, adrede preparada e planejada para que se aproveitassem do estado de

mansidão a que reduzi os indios e impedir que eu continuasse na catechese, ficando elles encarregados disso e de conseguir que a exaltação e animosidade que havia contra mim cessasse, fiz desembarcar minha mulher e a senhora do alferes. Levando-as para a floresta, foram ellas rodeadas por mais de 40 selvagens que se assentaram em torno, com signaes de admiração e respeito. Indagaram si era minha mulher, si tinha filhos. Examinaram, depois de obtida licença que pediram-me, os cabellos de minha mulher. Admiraram sua côr clara, o vestido, etc., trazendo logo bananas, beijús e algumas outras fructas. Pediram-me que a levasse ao Jauapery para fazer camaradagem com suas mulheres e disseram-me então, que ao receberem a noticia de que eu estava em Moura, vinham a meu encontro, mas que, dizendo-lhes os macuchys que eu *não voltaria mais*, haviam-se deixado levar ao sitio para ver si elles tambem eram bons e si não os matavam mais, contando-se-me que de grande numero de arcos e frechas que tinham dado, haviam recebido em troca um machado, um terçado, um chapeu, uma faca e uma camisa, tudo já servido e inutilisado.

Neste intervallo Hermenegildo Pastana, illudindo minhas vistas, chamou alguns indios para dentro da foz do Cuireru. Juntamente com Jararaca, negociou com elles. Tive conhecimento do facto depois da retirada dos pescadores, porque, entretido com os indios e vendo-os fazer-se de vela, não podia adivinhar ser uma sortida falsa.

A' tarde retirei-me, mandando-os para Theodoretopolis, onde deviam esperar-me. A demora da lancha causava-me grande transtorno, porque si eu tivesse meios de transporte, evitaria a chegada dos indios á margem do rio Negro que por muitos motivos é perniciosa, não só á pacificação e ensino delles, como aos transeuntes que ignoram seu estado pacifico, podendo dar logar a conflictos, na supposição de serem ainda os Uaymerys de outr'ora.

Descançado, esperava em Moura a chegada da lancha,

quando, pelas 5 horas da tarde de 29, fui surprehendido por um bilhete entregue pelo Sr. alferes Ferreira, em que Gonçalves Bicudinho dizia-lhe que oito indios estavam em seu sitio e o *convidava para vel-os si quizesse.*

Esse bilhete, que não era um pedido de auxilio, nem uma participação, e sim um convite ironico, enviei á Presidencia, como prova. Sabendo que os indios tinham ido ao sitio de Gonçalves a convite e levados por gente sua, sabendo que o plano era fazer constar que os indios haviam procurado Gonçalves Bicudinho, que outr'ora deixava brindes pela praia como um salvo-conducto para suas pescarias, como o mais proprio para ser encarregado da catechese ; vendo que era inutil minha presença, pois chegaria ao sitio pelos 9 horas da noite, hora em que os indios estariam longe e dormindo ; não sendo o convite feito a mim, mas ao Sr. alferes Ferreira como particular, e não como autoridade ou meu auxiliar, disse a este que si quizesse ir que fosse, porém que eu não iria com minha presença sanccionar um abuso criminoso ante as ordens que em nome do governo se tinham dado.

Para provar que os indios tinham ido ao sitio de Gonçalves levados pelos pescadores em suas proprias canôas, perante a autoridade local tomei o depoimento de todos que viram os indios conduzidos pelos pescadores e os remetti tambem á Presidencia como uma prova de desobediencia, não pensando que serviria ella para desmentir mais tarde a calumnia de ter sido o sitio atacado e roubado.

Vendo que a lancha não chegava, preparei-me para partir em uma montaria para o rio Jauapery, e já ia embarcar quando chegou a lancha n. 5, commandada pelo 2º tenente Lionisio Lessa Bastos. Segui immediatamente para o Cururu, na mesma lancha, afim de prevenir os indios, si por acaso lá estivessem. Ahi chegando e não os encontrando, voltei a Moura.

No dia 1 de Outubro, pelas 2 horas da tarde, desferrou a lancha do porto de Moura e pelo furo do Calango me dirigi

para o rio Jauapery que estava bastante vazio. Fundeei ás 5 horas da tarde em Uirabiana, em frente á grande praia que ahi existe e onde sempre appareciam os selvagens nessa época, em procura de ovos de tartaruga.

Esperei até ás 10 ½ horas de 2, e procurando alguns vestigios, encontrei, abaixo da ilha, na margem direita, grandes ITAPUIS, onde se tinham demorado. Seguindo viagem, ao chegar ás pedras de Cunacumama avistei uma curiara, cheia de indios que, apenas viram proximo a lancha, abicaram ás pedras e de cima destas acenaram para bordo, chamando-nos e nos mostrando varios objectos.

Saltando, fui recebido com signaes de grande alegria, por esses acatéchetos que pela primeira vez me viam, sendo presenteado com fructos e beijús, entregando os selvagens não só a mim, como a meus companheiros, todas as armas, incluindo machados de pedra que eu no cuireru dissera precisar. Isso provou-me que tudo quanto se passa com os selvagens de uma maloca, é logo communicado a toda a tribu. Disse-lhes que ia para Theodoretopolis e que lá os esperaria para presenteal-os. Saltaram immediatamente na CURIARA e subiram o rio, entrando por um furo.

Chegando a Theodoretopolis achei a derrubada queimada, assim como intactos os feixes de mandioca que deixara enterrados.

No dia seguinte, emquanto esperava pelos indios, mandei encoivarar o resto da derrubada para ser queimada e preparar o terreno para o levantamento das casas.

No dia 4, estava-se ainda nesse trabalho quando chegaram duas CURIARAS com 13 indios, todos pintados de vermelho e com barbas postiças, feitas de pelle de GUARIBA e CUCHIUS, ainda frescas, mas tão bem preparadas e ligadas á cara que dir-se-hiam naturaes.

Esses homens, todos vermelhos, alguns barbados, afastando-se dos que eu até então tinha visto, pareciam ser gente de outra tribu. Não o eram. Simplesmente pertenciam a uma outra maloca chamada Uamerepiá, do nome

do YARAPÉ em cuja cabeceira está plantada. Fica este YARAPÉ no lago Cauácunamá. Depois de brindar e vestir esses acatéchetos, levei-os ao roçado e disse-lhes que ia fazer casas e roças para elles, pelo que ficaram satisfeitos e me convidaram para eu ir tambem á maloca. Preparava-me para seguir com elles, quando chegaram mais tres CURIARAS do Curecuré, vindo nellas Pichipiá, o caçador, com seu pae, o velho Maiapichaná e toda a familia. Saltando, foram ao roçado, ajudaram a encoivarar, a cortar páos e disseram que, conforme eu tinha pedido, haviam lançado fogo á derrubada. Que não tinham levado nem plantado a mandioca, receiosos que isso não fosse de meu agrado.

Além de fructos e armas, offereceu-me Maiapichaná uma rêde. Brindados e vestidos todos, entrei a lidar com elles, aconselhando-os. Tinham-se sentado em redor de mim, alguns abraçando-me meigamente, dando-me as maiores provas de confiança e obediencia.

A's 3 horas da tarde despediram-se os da maloca de Uamerepiá, dizendo que se retiravam porque, sendo muitos reunidos, eu não poderia me entender com todos, mas que voltariam no dia seguinte. Tomando as CURIARAS que estavam no porto, partiram levando todos os aprestos de viagem. A presença das CURIARAS no porto é a maior prova de confiança que podem os indios dar, porque nada zelam com mais interesse que essas embarcações e as cargas que trazem, tanto que nos primeiros tempos ellas ficavam occultas distante, vindo sempre os selvagens a meu encontro por terra. Hoje não só abandonam as CURIARAS, como consentem que se entre nellas e se veja o que trazem. A's 6 horas da tarde seguiram viagem, dizendo-me que iam prevenir os companheiros.

Raiava o dia 5 quando chegaram tres CURIARAS cheias de selvagens, transportando alguns conhecidos meus e outros que pela primeira vez se me apresentavam. Pouco tempo depois chegaram mais duas CURIARAS, tambem conduzindo

individuos pela maior parte desconhecidos, mas tranquillos e cheios de confiança, presenteando-nos com fructos e beijús e entregando-nos as armas.

Pela primeira vez trouxeram entre as munições de bocca uma manteiga com o aspecto da manteiga fresca, porém feita com castanhas amalgamadas com peixe de um cheiro nauseabundo e incommodo. Passam sobre os beijús essa preparação e a saboream como si fosse a melhor manteiga. Quizeram que eu a comesse, mas, fingindo comer, illudi suas vistas e lancei fóra o repugnante alimento. A maior desfeita que se lhes póde fazer é não aceitar suas iguarias. Aceital-as e comer é um dos élos mais fortes que os une ao civilisado.

Reunindo todos sobre o grande lagedo que se estende por todo o porto, mandei que se sentassem formando um semicirculo. Brindei, um por um, aquelles que Maiapichaná me indicava, satisfazendo-os immensamente.

Tendo-me sentado sobre um tronco, sentaram-se muitos junto a mim. Entre elles notavam-se duas mulheres, uma de cada lado, com os braços passados pelas minhas costas. Com toda a meiguice começaram a separar-me os cabellos brancos dos pretos da barba. Lembrei-me então do velho Lafontaine, em sua fabula: *l'homme entre deux âges:*

« La vieille à tout moment, de sa part emportait
« Un peu de poil noir.....
« La jeune saccageait les poils blancs à son tour.... »

As duas selvagens entenderam por fim que me deviam arrancar os brancos. Levantei-me, e, mesmo em francez, repeti-lhes como o fabulista:

« Je vous rends mille graces, les belles. »

Levei depois os selvagens á lancha, onde portaram-se com a maior docilidade. Como verdadeiros manequins, prestaram-se a tomar as posições que eu necessitava para conhecer-lhes as dimensões do corpo.

Ás 12 horas chegou uma outra CURIARA, trazendo nova gente que brindei, depois de presenteado.

Nas travessias que eu fazia para bordo, servia-me de CURIARAS por elles conduzidas.

Pedindo-me os indios que eu fosse á sua maloca, mandei preparar a lancha e parti á 1 1/2 hora da tarde, indo a meia força para poder ser acompanhado pelas CURIARAS.

Chegando a um ỹARAPÉ da margem esquerda, abaixo da praia do Ajurú, onde haviam preparado um ITAPUI e deixado as bagagens, nelle penetraram, seguindo eu para esperal-os no Sapa onde aferrou-se ás 4 horas e 30 minutos.

No dia seguinte ás 6 horas e 20 minutos da manhã appareceram os indios, trazendo grandes PANACUS cheios de mantimentos. Alguns pediram-me para acompanhar-me á lancha, levando as CURIARAS a reboque.

Não sendo possivel levar todas as CURIARAS, apenas levei uma, indo a tripolação á prôa da lancha. Embarcaram os indios de nome Pichipiá, Ameruana, Airuamba, Abiá e Miripiá. A's 10 horas da manhã encontramos outra CURIARA que descia com selvagens acatéchetos e que me viam pela primeira vez. Fugiram com receio da lancha. Mandei que esta parasse e entrando em uma montaria fui a seu encontro, na matta da margem onde se occultaram furiosos. Ahi os chamei e fazendo-os perder o medo e moderar os gestos, voltei para a lancha, dizendo-lhes que subissem para que me encontrassem em Mahaua. Dos cinco que iam commigo a bordo, tres quizeram ficar, por serem da mesma maloca. Tomando a CURIARA, dirigiram-se para terra. Seguiu a lancha conduzindo apenas Pichipiá e Ameruana, que iam prevenir os companheiros que no dia seguinte eu iria á maloca, afim de que me esperassem.

Ás 2 horas e 45 minutos cheguei á ilha do Triumpho que alegremente me mostraram, dizendo ter sido alli o ponto da paz onde a lancha fundeou. Levei na montaria os dous indios para o porto que me indicaram.

A maloca a que pertenciam chama-se Habiare e fica na margem esquerda, differentemente da de Maniana que fica na direita.

Desembarcando, despediram-se, dizendo-me que voltariam no dia seguinte afim de me guiar.

No dia 7, ás 6 horas da manhã, ouvi na floresta, no porto em que na vespera deixara Pichipiá e Ameruana, grande vozeria e gritos de chamado. Para ahi segui immediatamente acompanhado de meu auxiliar Ferreira, sendo, ao chegar, recebidos por mais de cem indios de ambos os sexos, com uma alegria verdadeiramente selvagem. Eram gritos, palmas, cantigas, abraços, risadas, etc., ficando logo envolvidos por elles que nos enchiam de perguntas e de affagos. Perguntando-lhes eu si me vinham buscar para ir á maloca, disseram-me que sim, mas que, tendo vindo todos, era desnecessario fazel-o. Pediram-me que os transportasse para a ilha. Mandei conduzir seis, indo eu com elles e ficando o alferes Ferreira com os restantes.

Chegando á ilha, tomaram o governo da montaria que começou um vai-vem, conduzindo os indios e bagagens. Esse transporte durou até ás 11 horas, reunindo-se para mais de 200, incluidas 40 mulheres e 26 crianças. Pediram-me para fazer fogo, afim de que preparassem o TIPIPI e assassem carás e batatas que tinham trazido em abundancia. Nesse trabalho se occuparam as mais velhas das mulheres, emquanto as outras conversavam commigo.

Ao meio dia fui para bordo almoçar, e quando voltei disse que ia distribuir-lhes brindes que o grande tomini ou presidente lhes enviava em signal de paz e de amisade.

Ordenei então que todos se sentassem em dous grupos, um de cada sexo. Obedeceram-me formando um grande semicirculo terminado á direita pelas mulheres e crianças. Accorados, com arcos e frechas levantados entre pernas, offereciam elles um espectaculo imponente. De pé, no meio do circulo, emquanto esperava a montaria que tinha ido á lancha buscar os brindes, entretinhamo-nos em recordar o banquete da paz e pedia-lhes que fossem fieis á sua promessa. De repente um grito de contentamento repetiu-se em toda a fila; era a montaria que abicava á praia e para

a qual elles me apontavam. Cumpre advertir que nessa occasião estavam sómente commigo o alferes Ferreira, o interprete e um marinheiro.

Desembarcados os brindes, foram lançados por terra, no centro do semi-circulo,e d'ahi os fui tirando e offerecendo-os, primeiramente ás mulheres e crianças,e depois aos homens. Vesti todos. Brindei-os com facas, pentes, espelhos, missangas e ralos, não se levantando pessoa alguma até que estivessem todos vestidos e brindados.

Só se levantaram depois de feita a distribuição. Offereceram-me alguns objectos, como o TIPIPI em um lindo alguidar branco pintado de vermelho. De todos os lados me traziam as mulheres carás e batatas assadas que me pediam para comer. Formaram-se rodas de dansas nas quaes fui obrigado a tomar parte. No correr do dia chegaram de baixo duas CURIARAS com 20 indios que nada receberam, porque nada mais eu tinha para offerecer-lhes. Não esperei encontrar um tão grande numero e por isso não preveni-me com brindes sufficientes. Deste modo, estive com elles até ás 5 horas da tarde, indo depois os indios arranchar-se no porto da maloca, atravessando nas duas CURIARAS que tinham chegado.

Apezar da harmonia, do socego e da calma que reinavam, alguns me perguntaram si eu não os estava enganando, porque assim lhes haviam dito os macuchys de Moura.

Fiz-lhes ver que isso era falso. Entretanto chegou-se a mim uma mulher enraivecida, fallando em altas vozes e com gesto ameaçador.

Mandei o interprete traduzir o que ella queria dizer, pois eu nada entendia, pela rapidez com que a mulher fallava. Respondeu-me o interprete que ella perguntava si eu era tambem macuchy, si eu era tambem dos que matavam seus companheiros. Dizia que os odiava porque haviam-lhe morto um filho pequeno. E mostrava-me uma cicatriz de chumbo que nessa occasião recebera no braço esquerdo.

Era justa a dôr dessa mãe que vira assassinarem-lhe o filho nos braços. Isso fez com que aquelles que me rodeavam se exaltassem, puxassem pela corda do arco fazendo-a estalar de encontro á madeira e tomassem uma physionomia ameaçadora.

Disse-lhes então que tudo estava acabado; que os brancos nunca mais lhes fariam mal; pelo contrario, queriam sua amizade, que eu não era dos macuchys; que entendendo-me com estes, me haviam promettido não os matar mais. Respondeu-me um velho:

— Unaem naquerepé caraiuã yapoqui, macuchy eruaretéquy (1).

Depois de empregar todos os meios que a occasião me suggeriu para accommodal-os e abrandal-os, consegui que voltassem ao estado normal, formando elles uma grande roda com as mulheres. Nella fui eu introduzido, ao passo que elles cantavam e dansavam, dizendo:

— « Caraiuã poiané. »

Depois deste incidente, retirou-se então o resto que tinha ficado commigo, declarando-me que não partiriam emquanto eu ahi estivesse, pelo que iam dormir no porto da maloca.

Pela conversa que nesse dia tivemos cheguei a saber que elles têm como propriedade commum as mattas do Jauapery que lhes garantem a subsistencia, e como propriedade particular só o espaço occupado pelas malocas, onde um não póde ir caçar sem consentimento do outro.

Tendo necessidade de voltar a Moura, para receber a correspondencia que me devia trazer o vapor que alli passaria no dia 12, preparei-me para partir no dia seguinte, porém, logo ás 5 horas da manhã, começaram os indios a atravessar para a ilha nas CURIARAS que tinham vindo de

(1) Tu és um branco bom. Os macuchys são máos.

baixo e de cima. Ahi reuniram-se com alguns outros que só nesse dia appareceram.

Immediatamente dirigi-me para terra, onde ao chegar fui arrebatado para uma dansa brutal e vertiginosa que usam quando querem experimentar forças. As mulheres trouxeram-me beijús e carás. Os homens fizeram varios exercicios, pois eu manifestara desejo de ver o alcance das frechas impellidas pela força do arco. O arco menor tem maior alcance, porque verga com mais facilidade e a 130 metros a pontaria é certeira, alcançando uma frecha 200 metros mais ou menos. Os arcos grandes servem tambem para zingas quando navegam.

Retirei-me ás 9 1/2 horas do dia, mandando-os para as malocas e promettendo voltar. Declarei-lhes que me esperassem em Theodoretopolis, pois d'ahi não passaria mais.

Chegavamos ás 11 horas á praia do Curekuré quando avistamos duas CURIARAS que abicaram á praia, logo que nos avistaram. Encostando a lancha a uma margem para fazer-se lenha, pois já iamos sem combustivel, dirigi-me para a praia na montaria. Ahi encontrei tres homens, um delles filho de Mecaconó, e seis mulheres, uma das quaes já descripta, com as costas completamente callejadas pelo uso do PANACU, e as outras raparigas de fórmas verdadeiramente esculpturaes que se afastavam do typo da mulher selvagem.

Por vezes os trouxe á lancha e com elles estive até ás 2 horas da tarde. Vendo imminente um grande temporal, disse-lhes que se retirassem. Pela primeira vez ouvi empregado o termo « machetá », na significação de faca, palavra essa derivada de « mancheta » hespanhola, sendo ainda uma recordação do contacto com os hespanhóes de Venezuela, o que prova seu descimento pelo rio Parimá.

Tendo partido quasi ás 6 horas da tarde, fundeamos ás 7. No dia seguinte passei por Theodoretopolis ás 10 horas e 40 minutos , e, ao chegar ás 11 1/2 á praia de Uarinahu,

encontrei uma CURIARA com seis homens e uma mulher, que, apenas nos viram, tiraram a roupa que tinham vestido, afim de vir a nosso encontro e receber novos vestuarios. Parando a lancha, fui á terra e com elles estive por algumas horas, sempre aconselhando-os e impondo-lhes minha confiança.

Deixando-os, seguiu a lancha, indo fundear proximo a Marakaká. No dia seguinte, fazia-se lenha nesse logar quando appareceu uma outra CURIARA, tripolada por tres selvagens que andavam á caça, e que, ouvindo o ruido da lancha, vieram a meu encontro. Distribuiram pela maruja da lancha frechas, fructos e beijús.

Partindo, segui em direcção a Moura, onde, logo que cheguei, soube que alguns indios tinham apparecido no Cuirerú, pelo que dirigi-me para ahi no dia 11.

Depois de os mandar para o interior, á volta, fui examinar as pedras chamadas do Cujubim que ficam a NO. da povoação de Moura e sobre as quaes os moradores contam cousas maravilhosas.

São formadas de rochas granitoides arrebentadas e destruidas pela acção do tempo, ficando na parte superior dos diversos blocs fragmentos de uma larga veia de quartzo, finamente crystallisado, que, pela côr branca e semi-transparencia dos crystaes, reflectem aos raios do sol.

Esta zona rochosa atravessa os terrenos de alluvião de Moura até o alto Jauapery, sempre ao norte, apresentando n'um ou n'outro ponto a veia quartzosa. A côr escura das rochas, coroadas por porções brancas, fez com que os naturaes appellidassem as rochas dessa ilha, de Cujubim, allusão feita ás côres do passaro desse nome (Penelope cumanensis), cujo corpo é preto com a cabeça branca. A indole romanesca do civilisado introduziu no espirito indigena a superstição de onde nasceu a crença de que essas pedras não são mais do que as torres de um castello encantado, em que mora uma princeza, que ás vezes se apraz em apparecer sentada sobre as pedras, de vestes

brancas com um grande brilhante na testa. Outros dizem que no fundo do rio está a entrada de um grande palacio, cheio de riquezas, no qual mora um velho de longas barbas brancas, chamado Cujubim, que nas horas de maior calor senta-se nas pedras para se aquecer. A crença está tão enraizada no espirito de alguns tapuyos do logar, que um delles affirmou-me que existia ha pouco tempo uma velha em Moura que quasi todas as semanas mergulhava no rio e ia passar o dia com o velho Cujubim, voltando sómente á noite.

Não tendo partido os indios, pois que os pescadores os attrahiram, no dia 13 alguns delles atravessaram em uma CURIARA e foram ao sitio Caruná, para onde, como já disse, tinham sido antes levados, quando se achava sómente um preto velho de nome Manoel Raymundo. Ahi passaram o dia, sem que causassem a menor offensa ao preto ou destruissem cousa alguma.

Esta visita ao sitio, feita a convite dos mesmos moradores, foi transformada em assalto, como o foi o furto que passo a narrar, succedido no dia seguinte.

Descia o rio Branco um batelão de gado, conduzido por cinco indios Uapixanás, dos quaes só o *encarregado* fallava portuguez, quando ao chegar proximo ao Cuirerú avistaram elles os Crichanás em uma CURIARA. Aterrorisados, não sabendo que estes estavam mansos, procuraram fugir; porém, approximando-se a CURIARA, os Uapixanás encostaram o batelão á margem, e, saltando em terra, fugiram abandonando-o completamente. Vendo o barco desamparado, os Crichanás entraram nelle, e, apezar de encontrarem machados, gallinhas, rêdes, etc., apenas levaram comsigo um pequeno bahú de marupá em que ia a roupa do *encarregado* e uma carta do dono do gado para seu correspondente. Voltando os Uapixanás, conduziram o batelão a Moura, onde venderam as gallinhas.

Este facto simples e natural, até entre civilisados, veio provar que os Crichanás, não só estão mansos, como não

roubam, como o faziam antes da pacificação. Si tivesse havido assalto, como dizem os jornaes adversarios, teriam sido mortos os Uapixanás, mesmo sobre as aguas, e os Crichanás roubariam ou destruiriam tudo, como sempre acontecia antes de minha ida ao Jauapery.

Cabe-me referir aqui o que dizia um correspondente de Moura em Abril de 1878:

« Finalmente, para provar ás avessas a civilisação a esta tribu de selvagens basta dizer: Ha mais de nove annos que veem atravessar vapores da companhia do Amazonas e lanchas do governo; habitam as costas fronteiras dos povoados; teem conhecimento das armas de fogo, de muitos aperfeiçoamentos modernos, e nada disso excita-lhes curiosidade; ao contrario, de anno a anno, tornam-se mais ferozes e votam odio eterno aos brancos. »

Por que seria? Por sentirem no corpo o effeito do aperfeiçoamento das armas modernas.

Para evitar a repetição do facto officiei immediatamente ao meu auxiliar para que fosse com as praças estabelecer um destacamento abaixo da foz do rio Branco, afim de prevenir toda e qualquer embarcação de não passar junto á margem esquerda, proximo do Cuirerú.

Nesse mesmo dia, pelas 12 horas da tarde, segui na lancha, acompanhado de minha mulher e de uma filha de tres annos de idade, em direcção a Ayrão, com o fim de ahi tomar algum pescador que me pudesse guiar ao rio Jauapery, pela sua verdadeira fóz.

Com effeito, chegando a essa povoação ás 5 1/2 tomei o pescador de nome José Palheta, que no dia seguinte conduziu a lancha por um paraná-miry, chamado impropriamente rio Jauapery até o Mamoeiro. Estudando a região, levantei a planta dessa porção da margem esquerda, formada de ilhas e furos que conduzem as aguas do rio Branco confundidas com as dos rios Negro e Jauapery. A alluvião moderna que forma as vargens da margem esquerda, com o decrescimento que tiveram as aguas do rio

Negro, deixou nellas canaes que formam lagos e que nas grandes cheias reunidas as transformam em YAPÓS, de modo que a antiga fóz que era outr'ora na margem do rio Negro, o é hoje no interior das vargens, em um canal ao qual se chega por seis entradas conhecidas geralmente por boccas do rio Jauapery, apezar de se lhes dar tambem nomes proprios.

Não me posso eximir de dar aqui um ligeiro historico da povoação de Ayrão, sem duvida alguma de mais merecimento que Moura por seu progresso e civilisação. Foi ahi que permaneci durante o desempenho de minha commissão.

Honra-se, com justo motivo, a povoação de Ayrão de ter sido a primeira que existiu no rio Negro. Disputam a primazia de fundadores os padres da companhia de Jesus e os frades Carmelitas, dando a historia razão áquelles. Achando abaixo das ilhas de Anenene, hoje Anavilhanas, na grande enseada conhecida por Boia-assú, os padres Manoel Pires e Francisco Velloso, da companhia de Jesus, um logar apropriado para uma missão dos indios Tarumás que haviam catechisado, ahi reuniram esses indios em 22 de Junho de 1857 e formaram a missão conhecida depois por missão dos Tarumás. No anno seguinte foram esses missionarios substituidos pelos padres Francisco Gonçalves, provincial da ordem no Brazil, e Pedro Pires. Depois dos padres Vieira e Luiz Figueira foram aquelles os mais notaveis da congregação. Foi dada por padroeira da missão N. S. da Conceição. Não tendo ahi residencia fixa os missionarios, El-rei D. Pedro em 1690 ordenou que devia ahi residir um missionario, pelo que o padre João Maria Garçoni para ahi se dirigiu e preparou uma casa para residencia dos padres, entregando-a no anno seguinte ao padre João Justo de Lucca, que foi o primeiro missionario residente. Não tendo os jesuitas numero sufficiente de padres, o Revd. padre Vieira em 11 de Fevereiro de 1670 escreveu a El-rei, pedindo que se dividissem as missões, pelo que, em 21 de Dezembro de 1686, uma carta régia ordenou que assim se fizesse, dividindo-as pelas diffe-

rentes ordens, tocando então, não só a missão dos Tarumás, como todas as que se fundassem no rio Negro, aos Carmelitas. A divisão foi feita em 1695. Tomando os Carmelitas conta da missão, passou ella a ter por padroeiro Santo Elias, sendo nomeado seu primeiro missionario frei João Evangelista. Tendo em 1692 os Aruakys atacado a missão, e, temendo-se tambem assaltos dos Muras, em 1732, frei José da Magdalena mudou a missão para o logar que hoje occupa a povoação de Ayrão, dando-lhe o nome de Santo Elias do Jahú por ficar pouco abaixo da foz do rio desse nome. Segundo Baena e Accioli, essa missão foi fundada por frei Theodosio, da ordem das Mercês, quando em 1669 o capitão Costa Favella entrou pelo rio Negro. Que em 1662 estava no Amazonas frei Velloso, o confirma Berredo, e que já existiam as missões jesuitas o dizem os padres Vieira e Moraes. Quando em 11 de Fevereiro de 1660 o padre Vieira escreveu á rainha D. Luiza de Gusmão e quando a 12 de Fevereiro do anno seguinte respondeu ás accusações da camara de Belem, refere-se elle a essa missão, pelo que se vê que frei Theodosio em 1669 já encontrou a missão fundada.

O capitão Pedro da Costa Favella, o escravisador de indios, o chefe das tropas de resgates, não podia consentir na fundação de missões, pois seu fim era sómente obter escravos a ferro e fogo. Aquelle que acabava de fazer uma hecatombe no rio Urubú, não era presumivel que viesse arrependido e penitente fundar missões em desconto de seus peccados. Quando o governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado subiu o rio Negro em 1758, conferiu á missão o titulo de freguezia com o nome de Ayrão, tirado de diversos logares portuguezes. Em 1788 compunha-se a povoação de duas ruas, com 180 fogos e mil e tantas almas. Trinta e tres annos depois, em 1791, principiando os Aruakys a dominar o rio Negro, assaltaram a missão, assalto que se repetiu mais tarde, quatro annos depois, obrigando os Tarumás a fugir e a se refugiar no rio Branco, indo para as fontes do Repununi. Os Aruakys dominaram o Ama-

zonas desde S. José do Amatary até o rio Negro e tinham a séde no rio Uatumá, onde ainda hoje existem suas reliquias. Com a decadencia do rio Negro e com a peste das bexigas, em 1820 existiam 11 casas e 247 almas em 1840. Hoje a população é pequena, e, posto que seja um dos pontos mais prosperos do rio Negro e onde se nota maior animação e actividade, não tem comtudo o logar mais a categoria de freguezia, tirada pela lei n. 62 de 28 de Agosto de 1856, ficando annexa á de Tauapeçaçú, cuja povoação é uma TAUQUERA. A escola de Ayrão é a mais frequentada do rio Negro, contendo 54 alumnos de ambos os sexos.

Depois desta breve noticia sobre o passado de Ayrão, continúo a narração do que se deu depois de minha chegada ao rio Jauapery.

Estando fundeada a lancha em frente a Theodoretopolis, depois de preparado o terreno para aldeiamento e esperando eu os indios, não apparecendo elles, ás 6 horas da tarde do dia 18 ergui solemnemente no centro do terreno uma grande cruz, não só para symbolisar a paz e união estabelecidas entre civilisados e selvagens, como para servir de pedra fundamental da nova aldeia, marcando assim visivelmente o ponto para futuras reuniões, emquanto não se conseguisse um aldeiamento definitivo.

Admirado de não ver os indios, apezar de repetidos signaes e chamados, resolvi procural-os no dia 19. Segui com a lancha até a praia do Curekuré, onde parei emquanto se fazia lenha.

Sahindo ás 6 horas da manhã, com céo nublado, notei que toda a largura do rio estava litteralmente coberta de myriades de pequenas *ephemeras* brancas, de azas transparentes que apresentavam no espaço o aspecto de um manto de neve a desdobrar-se. Era tal a quantidade dellas que, partindo a lancha ás 6 horas, com a marcha de seis milhas por hora, até ás 10 horas atravessou sempre o espaço coberto por esses animaes. A essa hora, depois de nascer o sol,

começaram a cahir n'agua e na lancha. Desde a noite anterior que tinham apparecido, ficando a lancha cheia dellas, attrahidas pelas luzes, morrendo aos milhares. Na noite seguinte ainda appareceram algumas, perdendo-se depois completamente.

Pelas que apanhei e observei, vi que tinham nessa noite deixado o estado de nympha, porque as femeas faziam cahir sobre as aguas os ovos em fórma pastosa, morrendo em seguida. Os ovos eram em tão grande numero que a agua, em um copo, toldava-se, e quando seccos tomavam a côr e o aspecto do mercurio doce.

Um desses factos tive occasião de observar uma manhã, quando em 1873 explorei o rio Urubú, porém só agora tive ensejo de verificar; e é que esta segunda especie de *ephemera* é daquellas que em seu primeiro estado de vida habitam as aguas e dellas surgem para gozar o esplendor do dia por poucas horas. Verifiquei mais a razão que tinham os indios para dizer que, em certos logares do Amazonas, as borboletas nascem das aguas. Não são lepidopteros, é certo, mas é facil ao indio tomar por taes os nevropteros.

Na Europa, em alguns logares, é tal a quantidade desses insectos que os pescadores francezes dão á camada das ephemeras que se forma sobre as aguas o nome *manne* ou maná.

Logo que cheguei ao Curekuré fiz repetidos signaes para chamar os Crichanás.

Sahindo ás 5 1/2 da manhã do dia 20 para herborizar; entrando no lago Curekuré, avistei algumas UBÁS que se dirigiam para a extensa praia que o rio forma na entrada do lago. Abicando a montaria, saltei em terra e fui a seu encontro. Cincoenta e tantos se me apresentaram alegres, vindo na frente um já idoso, de altura fóra da normal, cantando e dansando graciosamente, com um ACANGATARE na mão. Parei ante o grupo que formou uma barreira, ficando isolado entre nós o indio que dansava. Apenas acabou de dansar, chegou-se a mim e collocou-me na cabeça o enfeite que trazia na mão. Reuniram-se todos em derredor. Eram

acatéchetos, da maloca do Curekuré, que, estando no preparo das roças e ouvindo os silvos da lancha, vieram encontrar-me. Estavam sujos de carvão e de cinza, inclusive as mulheres e as crianças. Entre elles apresentou-se um velho, arrimado a um páo, aleijado das cadeiras e com uma perna encolhida. Disse-me que esse defeito fôra produzido por uma quéda quando pequeno.

Partindo para a lancha, fui buscar brindes e commigo vieram minha mulher e minha filhinha.

Ao saltar em terra fomos recebidos com vivas provas de prazer. Quizeram logo que os acompanhasse nas dansas. Foram buscar as crianças de peito, entregando-as a minha mulher para que as amamentasse. Carregaram minha filha, examinaram-lhe os cabellos louros, o vestuario, os sapatos, carinhosamente a puzeram na montaria onde minha mulher estava sentada. Até ás 9 horas estivemos com elles na praia. Voltando nós para bordo, alguns atravessaram a nado a entrada do lago e por terra foram á lancha que encostára á margem para receber lenha. Mais tarde chegaram diversas CURIARAS cheias de indios. Indo á terra encontrei meus velhos conhecidos de Mahaua, que, taciturnos, tristes e acanhados me receberam.

Algum facto grave devia ter succedido. A alegria dos de Curekuré contrastava visivelmente com a tristeza dos de Mahaua. Essa fria recepção e a mudez dos selvagens me impressionaram. De repente Ueneró chamou-me e pediu-me que o levasse á lancha. Satisfil-o.

Ahi chegando, tomou-me pela mão e levou-me á camara. Occultando-se e tirando-me das vistas da tripolação, segredou-me ao ouvido uma longa narração, da qual só pude perceber que longe havia um branco morto. Chamei o interprete, porém Ueneró nada quiz referir a este. Retirando-se o interprete, pediu-me que o levasse para baixo, depois de ainda me ter segredado alguma cousa.

Estando a lancha encostada e tendo os indios passado da praia para a matta de onde saltavam para bordo,

receiando o commandante alguma invasão, deu ordem de marchar.

Ueneró que tinha atirado as frechas a Pichipiá, pedindo a este que viesse buscar um machado que conservava em mãos, vendo a lancha andar a toda a força, saltou n'agua. Essa brusca retirada incommodou-me, não só pelo perigo que havia para o indio, como porque impediu que elle me acompanhasse para mostrar o que me dissera. Felizmente já me tinha despedido dos selvagens, pedindo-lhes que fossem encontrar-me em Theodoretopolis, onde os ia esperar. Quando a lancha partiu mais de cem indios me diziam adeus da praia. Uns tristes e abatidos, outros alegres e chocarreiros: estes do Curekuré, aquelles de Mahaua.

Impressionado e contra minha vontade, voltei, para evitar alguma desharmonia com o commandante da lancha. Ao passar pela praia do Chichinahu, avistei no centro da praia quatro frechas fincadas, dispostas duas a duas, e, encostada á margem direita, uma CURIARA tripolada por oito indios, que fugiram para terra, apenas nos avistaram.

O facto das frechas fincadas e da fuga dos selvagens, apezar de estar um de camisa e chapeu, signal de que já havia estado commigo, ainda mais me impressionou.

Mandei parar a lancha, e immediatamente fui á praia, acompanhado pelo commandante e pelo interprete.

Depois de chamar pelos indios, apresentaram-se-me elles armados, cada um com uma frecha e um arco de madeira branca, ainda verde, grosseiramente feito, como arco de occasião. Mostraram-se tristes e pouco communicativos. Apenas me disseram que tinham estado em Tauakuera, onde tinham visto a cruz, e por isso iam a meu encontro. Estando o sol abrazador, retirei-me, dizendo-lhes que voltassem, afim de que eu os brindasse. Deram-me as frechas que estavam na praia e um arco. Esses indios eram os que tinham estado commigo no Cuireru e que agora iam subindo.

Chegando a Theodoretopolis, ancorei, afim de esperar os indios. Como não apparecessem até o dia 24, isto contra

o costume e contra as promessas feitas, desconfiando que se tinha dado algum facto em minha ausencia, facto que modificara a expansão natural dos indios e que os tornara receiosos, o que se observava nas frechas fincadas, signal de conflicto, resolvi partir para Moura, onde cheguei á tarde, depois de ter ido á ponta do Cuirerú e de saber pelo pescador Manoel Raymundo que, depois de minha partida, nenhum indio tinha apparecido.

Apenas cheguei, confirmou meu auxiliar o que dissera Manoel Raymundo. Communicou-me que na madrugada do dia 14, em que eu partira em direcção a Ayrão, tinha ido para o rio Jauapery, com o fim de mariscar (1), o individuo de nome Hermenegildo Rodrigues Pastana com o indio Anastacio, da nação Uapixaná e que até essa data não tinha apparecido, suppondo-se que os Crichanás o tivessem morto. Communicou-me mais que no terceiro dia da desapparição tinham ido alguns parentes procural-o, mas que haviam voltado sem encontrar vestigio algum. Immediatamente fez-se a luz em meu espirito: estava explicada a presença das frechas e a tristeza que notei nos selvagens, que tanto me impressionara.

Hermenegildo era um homem conhecido pelos indios de longa data. Tinha sido um dos que os matavam a sangue frio, um dos que com elles negociaram no Cuirerú e os levaram ao Caruná, um dos mais avessos á minha catechese, não respeitando ordens, um que sempre dissera ser seu maior desejo a exterminação dos Crichanás. Conhecendo-o, não duvidei que tivesse havido alguma provocação e que os indios aproveitassem a occasião para vingança.

Nesse mesmo dia 14 communicou-me ainda meu auxiliar que, passando pelo furo do Calango, Affonso Brandão, em uma montaria, encontrou os indios que subiam do Cuirerú, que com elle estiveram sem que lhe fizessem a menor offensa.

---

(1) Mariscar, no Amazonas, significa pescar de anzol peixes pequenos para gasto diario.

Quiz immediatamente partir para o Jauapery, afim de descobrir a verdade, mas, tendo a lancha de voltar a Ayrão, afim de levar o pratico, resolvi esperal-o.

No dia 26 voltou a lancha, mas como estivesse doente uma pessoa de familia, e sendo esse logar baldo de recursos, vi-me obrigado a adiar a viagem para mais tarde. Foi providencial essa demora, porque os moradores, segundo me informaram, estavam todos armados e publicamente diziam que, caso os Crichanás apparecessem no povoado, seriam todos mortos.

No dia 28, pelas 11 horas da manhã, estando eu na divisão da frente do quartel em que morava, conversando com o machinista da lancha, appareceu-me uma criada, dizendo-me que na capoeira dos fundos da casa estavam dous indios me procurando. Immediatamente corri para fóra e ao sahir ao alpendre ouvi distinctamente a voz de um indio conhecido que me chamava:

—Caraiuã, achiquy.

Tremendo pela sua existencia, fui até o matto onde encontrei mais de cincoenta indios, todos armados, tendo á frente Pichipiá, que declarou vir procurar-me. Eram os que eu deixara tristes em Mahaua. Conduzi-os para minha casa e immediatamente mandei chamar meu auxiliar, afim de que elle prevenisse os moradores que não fizessem mal algum aos indios, e que fosse para a outra extremidade da povoação, afim de evitar qualquer conflicto provocado pelos moradores. Declarei ainda que responderia pela mansidão e boa disposição dos selvagens.

Apenas appareceram em minha casa os indios, encostaram á povoação algumas CURIARAS, de onde desembarcou o TUCHAUA com outros 50 homens, duas mulheres e varias crianças. Dirigiu-se com os companheiros para minha casa.

Estando os moradores prevenidos, sahi á frente delles, abraçado pelo TUCHAUÁ e por outros. Percorri toda a povoação levando-os commigo, pedindo a todos que não os offendessem nem negociassem com os selvagens, porque

elles vinham pacificamente dar uma prova solemne de que não queriam mal aos brancos.

Os moradores tomados de um panico infundado, os viram passar, espreitando-os pelas portas e pelas janellas; porém quando eu voltava, passado o medo, sahiram á rua, não só homens, como mulheres e crianças, começando logo, contra ordens e pedidos meus, um verdadeiro assalto ás suas armas e enfeites que de boa vontade entregavam, recebendo em troca arcos de pipas, garrafas, latas vazias de leite condensado e biscoutos.

Depois de conduzil-os de novo á casa onde se tinham reunido varias mulheres e crianças, disse-lhes que podiam passear pela povoação. Trinta e tantos sentaram-se no alpendre da casa e ahi estiveram com minha mulher, meus filhos que já conheciam e com as mulheres que estavam reunidas.

Para evitar qualquer conflicto, pois isso desejavam os moradores que queriam um pretexto para assassinal-os, sahi, deixando minha mulher e as outras mulheres a sós com elles, certo de que seriam respeitadas e nada lhes aconteceria.

Espectaculo imponente apresentava a pequena povoação, onde, em grupos ou isolados, estavam, em trato pacifico, mais de 100 indios que deixavam que se lhes tirasse as armas, mostrando-se tranquillos, apezar de saberem que fallavam com os que tinham perseguido e morto seus parentes. A senhora do professor vestiu uma das mulheres e todos, inclusive as crianças, se chegavam para os indios como si estes fossem civilisados. Estiveram os selvagens dentro da povoação até ás 4 horas da tarde. Não atacaram pessoa alguma, não invadiram casas ou quintaes nem saltaram cercas ou furtaram cousa alguma, portando-se como verdadeiros cavalheiros, desmentindo deste modo tudo quanto de calumnioso se dizia a seu respeito.

O velho PAPÁ, O TUCHAUA que os acompanhava, por vezes procurou entender-se commigo, porém não dispondo eu de tempo para conversar com elle, por estar occupado em

percorrer a povoação afim de evitar algum incidente desagradavel, disse-lhe que no dia seguinte me entenderia com elle em Theodoretopolis.

A's 4 horas da tarde, havendo demonstrações de desagrado dos moradores que nada mais tinham a arrancar aos indios que nada mais tinham para dar, chamei o PAPÁ em casa e disse-lhe que fosse embora com os seus e me esperasse no Jauapery.

Ordenou elle immediatamente a retirada, e dez minutos depois todos tinham partido, uns pelo matto, outros pelas CURIARAS.

Este acontecimento é o mais notavel nos fastos da vida de Moura. Nunca della se approximou que não fosse morto, e, consequentemente, todas as vezes que o indio ia ao povoado guiava-o o desejo de vingança. A ida, pois, dos indios a Moura prova exuberantemente que estão mansos. Porém, como era necessario desvirtuar esse acontecimento para chegar alguem a seus fins e tirar-me toda a gloria dessa pacificação, foi communicado para Manáos que a povoação de Moura tinha sido *atacada e assaltada*. De um triumpho fizeram uma derrota.

O *Commercio do Amazonas*, de 15 de Novembro de 1884, diz o seguinte:

« No dia 28, ainda os mesmos indios *saquearam* a villa de Moura. »

O *Jornal do Amazonas*, de 9 do mesmo mez e anno, diz:

« ATAQUE DE INDIOS.— Até á hora em que partiu a canôa, oitenta e tantos indios *ferozes* occuparam a villa, *tomada de assalto*.»

Comparando-se esses trechos com o que diz o mesmo *Jornal do Amazonas*, informado pelo mesmo correspondente, salta logo á vista do leitor imparcial que a verdade foi sacrificada ante a inveja e o despeito. Diz o referido periodico:

« No dia 29 (1) os indios, em grande numero, atraves-

(1) Esta data é falsa.

saram para esta villa, onde desembarcaram com *muitos objectos de seu uso que trouxeram, trocando-os por ferramentas* e outras cousas que necessitavam. »

Estando a lancha com fogos accesos, como havia ordenado, logo que os indios se retiraram, embarquei e atravessei o rio Negro. Na travessia avistei os indios em 11 grandes CURIARAS que atravessavam da praia do Puire. Vi-os ao chegar ao furo do Calango. Esperei-os. Chegando á lancha, disse-lhes que seguissem, porque eu iria ter com elles no dia seguinte.

Depois de os ver em marcha, voltei a Moura, afim de munir-me de mantimentos. No dia seguinte parti, pela manhã, e, chegando á praia de Uirabiana, encontrei as CURIARAS encostadas e os indios todos em terra, faltando apenas duas que me affirmaram ter ficado atrás. Com effeito, assim foi. Seguindo as demais CURIARAS, haviam ficado duas para que os selvagens se certificassem si eu partiria ou não, tanto que a 29 uma dellas tripolada por nove indios voltou á povoação, e, encostando ao porto, saltaram em terra os selvagens, voltando logo depois de verificarem que eu ahi não estava mais, nem a lancha.

Chegando a Theodoretopolis, ás 3 horas da tarde, notei que a cruz estava arriada. Vi que a tinham arriado afim de aproveitar os pregos que uniam os braços, mas que o haviam feito com geito e arte, collocando os braços como antes estavam.

No dia 30, pelas 7 horas da manhã, começaram a chegar os indios, indo eu encontral-os. Censurei-os por terem arriado a cruz. Defenderam-se dizendo que não haviam sido elles e sim outros que tinham aproveitado os pregos. Esperei a vinda dos outros. Entre os que vieram appareceram alguns que se tinham reunido aos que foram a Moura e que eu não conhecia. Segundo informaram, esses é que tinham tirado os pregos da cruz.

Reunindo-os, preguei de novo os dous braços de madeira e fiz com que elles cavassem novo buraco e levan-

tassem a cruz. Fizeram esse trabalho com a melhor vontade.

Estavam todos sobre o grande lagedo que forma o porto do aldeiamento, quando o indio Uachiniquy contou-me que alguns parentes haviam morto Hermenegildo, e que, tendo elle reprovado esse procedimento, haviam aquelles fugido para as MALOCAS dos Tarumás. Levando-o á lancha, ahi, na presença do Sr. tenente Lessa Bastos, do machinista e da tripolação, interrogado pelo interprete contou minuciosamente o facto, que depois foi confirmado pelo PAPÁ e por outros. Disseram mais que quando se encontraram commigo em Curekuré, suppunham que eu já sabia do facto. Logo que os assassinos o revelaram, correram ao Curekuré, porém como estavam presentes os desta maloca, nada me puderam informar. Depois foram a Moura, querendo saber si eu estava mal com elles.

O facto da morte foi assim explicado:

Tendo deixado o Cuirerú, os selvagens tomaram as ubás e vagarosamente subiam o rio, quando, ao chegarem proximo ás ilhas do Marakaká, viram uma montaria tripolada por dous homens que os chamavam. Pararam e saltaram em terra, depois de encostarem as CURIARAS. Logo depois chegou Hermenegildo com Anastacio que, por pedido, obtiveram dos selvagens os arcos e as frechas, ficando elles apenas com poucos nas CURIARAS. Exigindo em troca alguma cousa, Hermenegildo disse-lhes que não dava nada. Os selvagens, então, dirigiram-se á montaria e d'ahi tiraram um terçado e uma camisa que estava debaixo do fogão da prôa. Hermenegildo arrebatou-lhes das mãos ambos os objectos, o que exasperou-os, revoltando-se por se verem enganados. Hermenegildo intimidou-os, agarrando um delles, cruzando-lhe os braços e fazendo menção de amarral-o, assim como os outros, e leval-o preso para Moura. Furiosos, partiram. Hermenegildo seguiu-os na montaria e entrou por um canal, de onde voltou para seguil-os ainda por algum tempo. Encostando depois á terra,

começou a preparar fogo. Suppondo os indios que elle os seguia com o fim de realizar suas ameaças, saltaram em terra, arranjaram arcos que armaram com as cordas dos que tinham dado e foram á procura do pescador, descendo alguns na CURIARA a encontrar a montaria. Os que caminhavam pelo matto, guiados pelo fogo, pois já anoitecia, encontraram Hermenegildo e Anastacio assentados junto ao fogo. Um dos selvagens atirou duas frechas que se foram cravar nos dous antebraços do primeiro. Levantando-se os dous e correndo para a montaria, Anastacio, tomando a espingarda, avistou pela frente uma CURIARA com os indios de pé. Atirou-lhes ao rosto e ambos os selvagens cahiram mortos ou feridos. Digo mortos ou feridos, porque não me deram noticias certas delles. Vendo cahidos dous dos seus, os restantes mataram Anastacio a frechadas e afogaram Hermenegildo. Depois destas mortes subiram o rio, apanhando ovos de tartaruga pelas praias e conduzindo quatro tartaruguinhas que Hermenegildo tinha dentro da montaria.

Pelo que acabo de expor, vê-se que o roubo e a ameaça foram as causas do conflicto e que não se dariam as mortes si Anastacio não tivesse morto os indios. Já tinham inutilisado Hermenegildo que, ferido nos antebraços, não os poderia amarrar. Haviam-se contentado com isso, porque si quizessem o teriam logo morto, frechando-o no corpo (1).

Tão natural pareceu-lhes essa morte que não a occultaram. Pelo contrario, sabendo os proprios que mataram com os quaes estive no Chichinahu, que eu me achava no rio, espetaram as frechas, indicando as quatro mortes, separando-as para que se soubesse que de parte a parte haviam morrido duas pessoas. Ueneró logo me revelou o facto no Curekuré e os outros espontaneamente o fizeram, indo mesmo a Moura procurar-me. Sabiam que nesse

(1) Si houvesse ferocidade, teriam tambem os indios morto Affonso Brandão que antes haviam encontrado.

logar iam talvez arriscar a vida, tanto que foram bem armados para o caso de aggressão, o que sempre succedia.

Como de outras vezes, houve no facto acima simples represalia, sendo Hermenegildo victima de seu desrespeito ás ordens, de sua avareza e de sua imprudencia.

Diz o *Amazonas*, de 8 de Dezembro de 1884, em uma correspondencia:

«.... quem conheceu Hermenegildo, forçoso é acreditar-se que fosse capaz de semelhante procedimento.»

Depois que me revelaram o facto, reunindo-os em terra, reprovei-lhes o procedimento, recordei-lhes que tinham promettido nunca mais fazer mal aos brancos e ameacei-os de não os procurar caso continuassem nesse caminho.

Fiz-lhes ver que Hermenegildo não os queria amarrar e que apenas, temendo que elles o matassem, tinha-os ameaçado para que fugissem sem offendel-o. Disse mais que o branco não os offenderia, salvo si elles quebrassem a promessa. Aconselhando-os, brindei a todos, ficando juntos até á noite. Retiraram-se depois para um ITAPUI que tinham feito em Theodoretopolis.

No dia 31, logo de manhã, tornaram a apparecer e com elles estive até ás 10 horas. A essa hora despediram-se por faltar-lhes mantimento.

Pedindo-lhes que viessem aldeiar-se nesse ponto, responderam-me que iam aproveitar o resto da secca para prepararem grandes roças afim de terem bastante mantimento. Só no anno seguinte se aldeiariam. Despediram-se, dizendo que sómente d'ahi a um anno haviam de voltar.

Ao partirem, estando eu no alto do lagedo do porto, chegou-se a mim o PAPÁ e pediu-me a benção, isto é, a imposição de minhas mãos sobre sua cabeça, soprando-a, afim de protegel-o contra o ataque dos *canaimés* ou brancos inimigos. Foi uma ceremonia imponente e grotesca ao mesmo tempo. Um por um dirigia-se a mim, curvava-se; recebia a benção e partia calado, sem trocar uma unica

palavra com os companheiros. Seguia para a CURIARA, que punha-se em marcha logo que completava a lotação.

Já tambem seguia viagem quando appareceu uma CURIARA pequena, vindo do Sapá, trazendo um indio, que, com o filho, vinha a meu encontro. Pediu-me que voltasse, pois a gente do Sapá queria fallar-me. Recebi seus mimos, brindei-o e prometti voltar.

Voltando a Moura, soube que occultamente se preparava uma expedição ao Jauapery, cujo fim era procurar os vestigios do finado Hermenegildo, segundo uns, e, segundo outros, vingar sua morte.

Com effeito, na madrugada de 2 partiu a expedição, composta de seis canôas, nas quaes iam Gonçalves Bicudinho, Manoel Raymundo Ramos, Wenceslau, Jararaca, Justino e alguns aggregados.

A' vista disso, resolvi mandar a lancha a Manáos pedindo providencias á Presidencia e previnindo-a que eu desceria quando descesse o vapor, afim de combinar os meios de se levar avante a catechese, acabando com os obstaculos que os moradores oppunham.

Voltando a lancha, apezar da vasante já ser grande fui ainda ver si encontrava os indios e saber si tinha havido algum conflicto com a expedição que chegara a Moura no dia 6 de Novembro.

Parti, pois, a 17 e fui até Theodoretopolis, onde me demorei até o dia 22, não tendo apparecido durante esse tempo senão duas CURIARAS com uns nove indios, acatéchetos, trazidos pelo que se encontrara commigo, vindo do Sapá.

Vendo que, si não partissemos logo, nos arriscariamos a encalhar até o anno seguinte, resolvi voltar, isso com grande difficuldade, por terem descido as aguas com bastante velocidade. Apezar disso, por varias vezes encalhamos.

Regressamos, não tendo obtido a menor informação sobre a expedição de Moura.

Ao chegar, soube que o filho do interprete que deixara convalescendo, tinha sido raptado pelos indios. Uma simples

inverdade, pois o desapparecimento deu-se das 11 horas para o meio dia, do centro da povoação, quando não havia um só indio no baixo Jaúapery ou rio Negro.

Sabendo os moradores que eu só chegaria na vespera da passagem do vapor ; que commigo descia o auxiliar, assim como as cinco praças que se recolhiam ao batalhão que ia, por ordem superior, seguir para o sul ; sabendo que eu não teria tempo de procurar o filho do interprete e que este naturalmente não me acompanharia sem saber o destino do filho, trataram de seduzil-o para me privarem dos serviços do pai. Este destruiu o plano que fôra bem combinado. Vendo que já o tinham enganado do mesmo modo occultando-o para não trabalhar commigo, declarou que não se importava com o filho e que partiria.

Por informações que colhi, soube que, por meio de promessas e enganos, o tinham levado para o sitio Caruná, de Gonçalves Bicudinho. D'ahi sahiu para ser embarcado em um batelão e remettido para o rio Branco, logo que sahi de Moura. Isto communicou-me o subdelegado do districto, depois que cheguei a Manáos.

A 27 de Novembro cheguei á capital da Provincia, no vapor *Majú*, que partira a 25.

Acompanhou-me minha familia.

Ao passar por Ayrão tive mais uma prova da completa pacificação dos Crichanás, facto que enche de satisfação os moradores do logar. Na margem esquerda do rio Negro, abaixo de Ayrão, existe a praia do Jacaré, celebre nos annaes das correrias dos indios e respeitada por todos, porque ahi foi seu ponto principal e favorito. Nem um só individuo outr'ora alli desembarcou que não fosse logo atacado ou morto. Pela primeira vez então tinham os Crichanás respeitado os brancos, provando-lhes sua pacificação.

Passando ás 9 horas da manhã de 24 de Novembro pela referida praia, os cidadãos Bruno d'Assumpção Pacheco, inspector de Muirapinima, e Silvestre José de Moraes, em uma montaria, avistando um delles um pato, disparou um

tiro cujo som attrahiu logo á praia mais de 30 indios, da maloca do Curinahu, que sahiram, armados como sempre, porém chamando-os e offerecendo-lhes objectos. Saltaram os dous em terra e estiveram com os indios até ás 2 horas da tarde, sempre amistosamente, sendo ambos presenteados com arcos e frechas, presentes que Bruno pagou com diversos objectos e roupas. Pediram que voltassem e que os esperariam por espaço de cinco dias.

Na minha passagem preparava-se uma expedição para o primeiro domingo, expedição em que tomariam parte não só os moradores de Muirapinima, onde mora Bruno, como alguns de Ayrão.

Esse facto importante veio confirmar e coroar a obra de pacificação, pois nos prova que os indios do Curinahu, embora acatéchetos, aceitaram a paz geral de que tiveram noticia por alguns que me encontraram e pelos companheiros de outras malocas. Este facto que muito significa em relação á paz que estabeleci, foi desvirtuado por um periodico que transformou o encontro pacifico em *luta tremenda* (1), que apezar de durar das *9 horas da manhã ás 2 da tarde entre trinta e tantos selvagens que arremessavam mortiferas frechas* sobre os dous homens desarmados, nem uma só os alcançou, podendo estes ainda colher *muitas frechas e arcos presenteando com ellas algumas pessoas de Ayrão.*

Eis como se escreve a historia.

A 27 de Novembro cheguei a Manáos e pretendia logo voltar, si motivos de molestia não me impedissem. Minha presença era necessaria no Jauapery. Os indios que me tinham pedido que voltasse breve, tendo estado commigo em Moura, ficaram de ahi voltar si eu não fosse a seu encontro, pelo que, quando parti, deixei ordem á autoridade dessa localidade para zelar pela sua segurança, caso voltassem, o que effectivamente se deu.

(1) O grypho é do texto do *Jornal do Amazonas* de 4 de Dezembro de 1881.

Nenhuma prova mais cabal podem os indios dar e os civilisados ter do que a noticia trazida pelo vapor *Mojú*, que chegou a Manáos a 28 de Dezembro de 1884.

Depois que me retirei de Moura, logo no dia 6, foram os indios á povoação e d'ahi em diante, quasi diariamente, se demoram pacificamente, á minha espera, trocando armas e differentes objectos com os moradores, que disso se aproveitam para commerciar. O mesmo vapor foi portador da prova de sua completa pacificação, trazendo centenares de frechas, de arcos e muitos objectos remettidos pelos moradores que os mandavam vender em Manáos.

A estada, pois, dos *terriveis Uaimirys* em Moura, delles que nunca lá foram senão para tirarem um desforço da guerra que se lhes fazia, falla-nos bem alto, dizendo que os Uaimirys do decennio passado não são os mesmos Crichanás de hoje. Aquelles nada perdoavam; estes desarmam-se para que os brancos os imitem.

Está, assim, livre a povoação de Moura e todos os habitantes do rio Negro, dos ataques dos selvagens, porque os Crichanás não são indios Uaimirys. Entretanto não convem maltratal-os ou lesal-os, porque, como homens, têm brio, e, si os seus forem offendidos, reagirão como sabem reagir os civilisados.

Aqui ponho ponto á descripção do que occorreu durante o tempo empregado por mim em tornar de um gentio feroz e sanguinario um indio manso e apto para entrar no caminho do ensino, que o levará a ser um cidadão util á patria, ou um ente embrutecido e inutil, conforme as lições que d'aqui em diante receber. E' uma massa de cera que tomará todas as fórmas que se lhe quizer dar.

E' de meu dever dar aqui um publico testemunho de gratidão ao Illm. Sr. capitão de fragata Francisco Goulart Rollim, chefe da flotilha do Amazonas, que prestou a esta expedição os melhores serviços, assim como louvar o Sr. tenente Leonisio

como homens livres, sejam seus direitos equiparados aos de todos os cidadãos, tratando-se-os com moderação, humanidade e desvelo, para que appareçam fructos sazonados e não esses atrophiados que surgem da *civilisação* conquistada pelo interesse commercial. O sujeitar-se o indio a negocio, isto é, o derramar o suor para encher o regatão de productos que a este enriquecem e que troca por bugigangas, não chama-se civilisação, porém immoralidade e embrutecimento. Esta é a verdade.

Si a carta régia de 12 de Maio de 1798, a portaria do Barão de Valença de 1 de Janeiro de 1821 e o officio da Junta Provisoria do Pará de 3 de Outubro do mesmo anno tivessem sido executados, outro seria o futuro dos indios, outro teria sido o estado de engrandecimento da provincia do Amazonas. Desgraçadamente não querem fazer valer a alma e o coração do gentio. O civilisado só quer delle o braço e o suor, ainda que para isso derramem-lhe o sangue. Não desejam o homem, mas uma machina inconsciente. E' triste que o senhor do solo, não podendo lutar, se torne escravo do invasor, em geral muito menos habil, muito menos intelligente e brioso.

Ah! manes de Nobrega e de Anchieta!

E' triste ver os indios expulsos das florestas em que se crearam, onde suas rêdes se ataram e suas malocas se ergueram!

Como não querer que a nostalgia impere, e como obstar que a raça desappareça dilacerada pelas garras da morte?

Extorquidas as terras, derrubadas suas mattas, revolvidas suas INCAÇAUAS (urnas mortuarias), como viverão elles? E ainda mais, divididos, esparsos e foragidos?

Como serão entes uteis á sociedade, si no coração trazem o fel da saudade e do odio que só pelo embrutecimento imposto pela civilisação é apagado, si antes não resvala no tumulo?

Que o seculo XIX não assista mais a esse espectaculo. Que se prohiba a dispersão dos membros de uma tribu.

Que suas terras lhes sejam legalmente doadas, como é de lei, sem direito de alienação. Que se cumpra o aviso de 21 de Outubro de 1850, para que não sejam depois os indios usurpados do que é seu.

E' indispensavel que sejam nellas instruidos para que, quando lhes sobrevenha a desgraça, pelo commercio, como civilisado, tenha a terra que o viu nascer e o alimentou como propriedade.

Faça-se isso e os indios serão felizes.

Sendo elles considerados orphãos e por esse facto incapazes de transacções com os civilisados, é de primeira necessidade, para que possam ser educados, que sejam cumpridas as leis, cartas régias e alvarás do tempo colonial, confirmados pelos decretos de 30 de Junho de 1833, pelos avisos de 31 de Julho e 3 de Agosto de 1834, pelo decreto de 24 de Julho de 1845 e muitos outros, como o de 8 de Outubro de 1870 que deu instrucções ás missões do Amazonas.

Nenhum passo se póde dar proveitoso para o paiz e para o indio si não houver uma prohibição completa que evite o contacto entre indios e civilisados.

Felizmente novo horisonte se divisa nas aguas do Amazonas, e espero ver em breve realizada a maior aspiração da humanidade: — A liberdade com a lei e a fraternidade com o Evangelho. (1)

FIM DA PRIMEIRA PARTE

---

(1) Em appendice, na ultima parte deste trabalho, encontra-se o resultado da 3ª expedição feita ao Jauapery.

SEGUNDA PARTE

ETHNOGRAPHIA, ARCHEOLOGIA E GEOGRAPHIA

I

Depois da narração dos successos de minhas expedições, apresentarei um esboço ethnographico que mais tarde será completado com estudos que ulteriormente fizer. Os conhecimentos adquiridos pelo contacto em que estive com os indios aqui serão consignados, afim de que melhor se comprehenda o assumpto.

Como já o disse, só depois da desapparição dos Aruakys foi que appareceu no rio Jauapery uma horda de selvagens desconhecidos que, depois de 1856, nunca perdoaram a ousadia do civilisado que transpunha seus arraiaes, matando-o sempre que chegava ao alcance de suas frechas. Disse um escriptor do *Amazonas*, a 17 de Abril de 1878, o seguinte a respeito dos indios em questão: « Si bem que pratiquem actos de cannibalismo os mais atrozes, não commiserando-se dos velhos, dos enfermos ou das crianças, não são todavia anthropophagos ; matam cruelmente a victima que lhes vem ás mãos, cortam-lhe a cabeça, descarnam-lhe as pernas e os braços, levam os ossos dessas duas partes e abandonam o resto do tronco. Dizem que estes ossos são aproveitados para os bicos das frechas de que fazem uso. »

A historia justifica essas crueldades que foram praticadas em represalia, depois da matança de 1856, do morticinio de 1873 e do cannibalismo de 1874.

Não se conhecendo o nome dessa tribu que, pelos costumes e pela linguagem, se differençava das outras conhe-

cidas, o vulgo dava-a a conhecer dizendo: *indios do Jauapery*, que passaram depois a ser conhecidos simplesmente por Jauaperys. Assim o nome do rio veio a ser tambem o dos selvagens que o habitavam.

Mais tarde, julgo, que por erro typographico, foram esses indios em uma peça official (1), pela primeira vez, tratados por Jauamerys, e d'ahi originou-se o nome pelo qual foram mais conhecidos até descobrir eu o verdadeiro nome da nação a que pertencem. Por abreviatura, vulgarisou-se o nome Auamirys que a pronuncia facilitou em Uamerys, vindo a corruptela ainda mais alteral-o. Assim Uamirys, Waimeris, Uaymerys, Haimirys, e ainda Waymerys foram nomes que se vulgarisaram, sem razão, porque só representam a ignorancia em que se estava do verdadeiro nome e a pronuncia das differentes pessoas que se occuparam desses selvagens. O Director dos indios da Provincia do Amazonas em um relatorio (2) ainda os chrismou por Maimerys.

Infeliz tribu! O proprio nome foi sempre assassinado desde que appareceu. Entretanto ella não é nova nos annaes do rio Negro, pois data sua existencia de mais de um seculo.

A nação Crichaná foi conhecida de nossos maiores, que com ella commerciaram. O tempo e as hostilidades, porém, a tornaram outra vez desconhecida. O primeiro que a mencionou foi o ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, em seu *Diario de viagem* feito em 1775. Não sei si por má informação, si por ter ouvido mal ou si por engano typographico, sahiu em seu *Diario*, publicado em 1825, o nome Crichaná mudado em Cericuná, nome que foi copiado por aquelles que se lhe seguiram, chegando alguns, como Baena, a transformal-o em Cericuna. Essa quéda para tornar breve a syllaba longa dos nomes de tribus é notavel.

---

(1) Relatorio do Presidente Jacintho Pereira Rego — 1868 — Pag. 9.

(2) Annexo ao relatorio do Dr. Epaminondas — 1866 — Pag. 37.

Assim, ninguem hoje diz ou escreve Uapichaná, Pauichianá, etc., e sim Uapichana, Pauichiana, etc. *Aná* e não *ana* quer dizer nação, parentes, e a traducção basta para explicar o erro dos que tornam a syllaba breve. Exemplo: Uapichaná quer dizer nação gato, Pauichianá nação mutum, Crichaná nação grillo.

Por ahi vê-se que Ribeiro Sampaio escreveu Cericaná e não Cericuná. Por má escripta ou má pronuncia, Crichaná passou a ser Cericaná. A aspiração do *h* dá á pronuncia *cha* quando mal aspirado o som de *ca*. Vê-se pois que os pretendidos Uaimirys são os Crichanás que, segundo Baena, ainda em 1839 existiam no Jauapery. A não serem os Crichanás os mesmos Cericunás, como desappareceu esta tribu sem deixar vestigios? Não foram missionados nem se aldeiaram, senão em pequeno numero, em Moura; não podiam, pois, extinguir-se completamente porque nem sequer houve emigração.

Corridos os Aruakys (1) do baixo Jauapery, depois de 1787, foram para o Uatuná e para as Guyanas, onde ainda existem, ficando senhores do alto Jauapery os Crichanás que nunca haviam sido perseguidos.

Faziam sua apparição, mas, como eram uma nação pouco conhecida, não existindo mais os que a conheceram no seculo passado, para se poder saber seu verdadeiro nome, foram elles baptisados pelo nome do rio por onde continuavam a descer.

Parece que deixo provado que o verdadeiro nome dessa tribu é Crichaná, que me foi dado pelos proprios selvagens:

« — Enim Crichanás tuná Jauapery. »

Forma esta tribu um desmembramento da grande nação dos Crichanás, Kirischanas, Quirixanas ou Krichanás, como

(1) Os inglezes escrevem Aranaks, porém os naturaes do rio Branco pronunciam Aruaquês, que é o som do I.

varios estrangeiros escrevem, conhecida tambem vulgarmente por guaribas ou Uariua tapuya e guaharibos. Habitaram em épocas muito anteriores a 1768 o rio Uereró que afflue na margem esquerda do rio Negro, pouco abaixo de Thomar, e no Uaracá que afflue na mesma margem, quasi defronte de Barcellos.

Esses nomes originam-se de dois costumes seus : o primeiro da largura, comprimento e modo de atar o UEICÓ, tanga ou rabicho que usam, do qual sahe, á altura do coccyx, uma longa ponta cahida em fórma de cauda ; o segundo do uso de barbas postiças feitas de pellos de guariba ou coatá.

Quando em 1777 o ouvidor F. X. Ribeiro Sampaio escreveu a sua *Relação geographica e historica do rio Branco da America portugueza*, tratando da gentilidade desse rio, menciona a nação Guariba Tapuya, suppondo-a differente da Crichaná, entre as que ainda não estavam reduzidas, sem determinar a localidade em que tinham assento suas aldeias.

« Pelas informações dos Paravianás (1), diz o referido ouvidor, *a nação Guariba Tapuya dizem que tem rabo como guariba.* »

E accrescenta :

« *São os indios muito dados a contos maravilhosos que costumam revestir de circumstancias, umas verosimeis, outras que logo mostram a falsidade, mas sempre cobertos com um véo escuro e que occulta a verdade debaixo da fabula.* »

Esta observação é exacta. Nunca se deve perder uma observação do indio, porque muitas vezes o que nos parece um absurdo occulta uma verdade. Em geral explicam os effeitos sem que procurem conhecer as causas, e sempre ha um

(1) Paravianás, Paravilhanas, corruptela de Parananá, tribu que habitou os rios Branco e Tacutú, e que está hoje extincta.

fundo verdadeiro em tudo que observam. A nós convém indagar e explicar.

A impressão que nos causa o Crichaná com seu *ueicó* é a de um guariba ou macaco. Têm razão os Paravianás. Eu e meus companheiros fomos tambem desse modo impressionados.

Reside essa grande nação nas fontes do Orenoco e do Parimá e nas nascentes do Essequibo, atravessando os indigenas, de léste a oeste, uma região de mais de 6°, e de norte a sul, de mais de 3°. Percorre uma extensão de mais de 200 leguas e está em contacto com diversas tribus, sendo o mais immediato com a dos Ipurucotós, Mahacús, Uaiumarás, Macuchys, Tarumás e Aturahiós.

O Crichaná, o Ipurucotó e o Macuchy não são mais que ramos de uma mesma arvore genealogica, como nos provam os costumes e os dialectos. O Crichaná falla o Ipurucotó, porém com as modificações phoneticas que tambem apresenta o Macuchy, constituindo, por assim dizer, uma nova lingua. As differenças, que podemos comparar com as que existem entre o portuguez, o hespanhol e o italiano, serão apreciadas no vocabulario que se encontra em logar competente.

Das fronteiras de Venezuela, entre as cabeceiras do Orenoco e do Parimá, na serra do Arutamy, entre as margens do Parimá e as do Uraricapará existem as principaes sédes desta grande e feroz nação, havendo uma outra nas nascentes do Essequibo, por meio da qual os habitantes do Jauapery se relacionam com os Tarumás e Aturahiós, ahi existentes.

Dadas estas explicações sobre o nome e origem da tribu que com risco consegui pacificar, alliciando-a a aldeiar-se, emquanto não realizo esse *desideratum* como complemento deste despretencioso trabalho, passo a dar uma noticia do que observei sobre os usos gentios.

Tendo para mim, com o disse, que o tronco Ipurucotó bifurcou-se, dando origem aos ramos Crichaná e Macuchy, ou

por desintelligencias de familia, ou por augmento de população que demandava grande espaço para, pela caça, prover á sua subsistencia; estando certo que a distancia, o meio, o tempo e mesmo a conveniencia fizeram com que a lingua fosse modificada, não posso deixar de dar aqui, posto que rapidamente, uma noticia dos costumes das duas grandes nações que dominam os rios Urarykuera e Mahu, para melhor estabelecer um parallelo entre ellas.

II

IPURUCOTÓS

Começarei pela tribu dos Ipurucotós, conhecida tambem por Puricotós ou Procotós, por me parecer ser o tronco principal, pois ainda hoje delle parte o commercio e conserva a influencia que o pai sempre tem sobre os filhos, ainda que formando familias separadas.

Das cabeceiras do Urarycapará, desde a serra de Tepequen ou Tipiquy até o Urarykuera e Parimá, têm elles suas malocas e exercem seu poderio, sempre respeitados, levando suas excursões até ás fontes do Parimá e á serra do Mercuary, para commerciarem com os Mahacus, cujas malocas ficam entre as dos Quirriahus e Maiangcongs. Os Mahacus são os nomades dos regatos do Parimá.

Em 1735 ainda esta nação não era conhecida e só depois das correrias dos hespanhóes que procuravam estabelecer-se no rio Branco, foi que appareceu, sendo sempre muito respeitada, já pelo seu numero, já pelo seu valor.

O Ipurucotó é indio das selvas. Edifica suas *upatás* no meio da matta virgem, nas cabeceiras dos ỹARAPÉS, pelo que sua tez amorenada não é cobreada nem bronzeada pelos raios do sol equatorial. A pallidez é seu distinctivo.

O uso barbaro da TATUAGEM não é admittido na tribu. Apenas pintam-se com CARAJURÚ e furam as orelhas onde enfiam um pedaço de frecha, suppondo que desse modo ficam mais airosos. No rosto traçam cinco listras horisontaes que correspondem á bocca, ás narinas, aos olhos, ás sobrancelhas e á testa, todas atravessadas por uma outra vertical sobre o nariz. O corpo é irregularmente manchado de urucú, tendo os pés e as pernas inteiramente pintados, parecendo estar sempre de botas. Cortam os cabellos horisontalmente na frente e na altura do pescoço, e arrancam a barba e as sobrancelhas. As mulheres tambem usam os cabellos cortados e pintam-se pela mesma fórma, com uma unica differença : pintam os cabellos com urucú.

As casas de suas malocas são circulares, com a coberta ponteaguda, deixando no apice uma abertura que serve de chaminé, sendo não só as paredes como a coberta feitas de UBIN *(geonoma sp. var.)* trançado. Cada casa tem duas portas diametralmente oppostas. São construidas sempre no meio das florestas.

Suas armas são : o ARCO *(urapaiangon)*; a TAQUARA *(unamenai)*, para guerra e caça grande; a TAMARANA *(ucaipá)*, o TIPOQUEN, de dente de osso para caça miuda, e a PICHI, de ponta farpada, para peixe. Usam tambem na caça a CRAUATANA *(corá)*, cujam frechas *(cuanze)* andam amarradas em esteiras e mettidas em uma aljava *(muery)* feita de uarumá *(marantha sp. var.)*, coberta de cerol de abelhas com tampa de pelle de veado. Servem-se do UIRARY *(cumaruná)* que não fabricam, porém obtêm pelo commercio com os Mahacus que o fazem. Além dessas armas usam para a caça da anta uma lança *(inumia)*, cuja ponta é grande e de taboca, assim como para a caça do veado e do macaco têm uma frecha cujas pontas se desprendem *(urapá-ipu)*. Essas pontas curarisadas são differentes, segundo a caça, e guardadas em um estojo *(sarimain)*, feito de taboca, ornado de enfeites de fios de algodão. Todas as frechas são emplumadas, com pennas de mutum, de gavião

ou de arara canindé e enfeitadas no remate por outras vermelhas de papo de tucano. Os arcos têm quasi o duplo do comprimento do homem ; são achatados ou canaliculados de um lado e cylindricos de outro, feitos de MUIRAPIRANGA ou PAIRÁ, ambas leguminosas. Os selvagens empregam os arcos com a corda bamba. Esta depois de amarrada nas extremidades é passada pelas costas do arco em todo o comprimento, de modo que, uma vez arrebentada, resta ainda um bom pedaço para fazer a substituição.

Suas festas são sempre animadas pelo ANARUAPÁ, que é um vinho inebriante como o CACHIRY feito com o PAYUARU. Tem este nome um grande beijú feito de massa de mandioca e torrado no forno. Acamado em um COTAI (*paneiro*) e borrifado d'agua até ficar azedo, bolorento e fermentado, é mettido em potes ou YAÇÁUAS (*cahaná*) para fermentar mais. Dissolvido n'agua e coado forma então o ANARUAPÁ que dá vida a seus cantares e danças. Além deste vinho, fazem tambem o PAYUÁ ou CACHIRY preto e o ANAECÓ. O primeiro é feito de mandiocas pequenas raspadas e cortadas em laminas, que, seccas ao sol e depois torradas ao forno, são pulverisadas em pilão, misturando-se o pó com polvilho fresco afim de fazer-se beijús que, dissolvidos n'agua, dão a bebida tão apreciada. O segundo é feito com milho cozido, que, mascado, fermentado e coado, dá tambem vinho que muitas vezes leva a ferocidade a seus prazeres. As mulheres são as encarregadas do fabrico das bebidas.

Seus alimentos constam de caça, usando beijús em vez de farinha. Além da caça e de algum pescado, alimentam-se ainda com fructos, com que preparam vinhos que não embriagam como o de MERITY (*mauritia flexuosa*), PUPUNHA (*guilhichua speciosa*) e PIQUIÁ (*caryocar brasiliensis*). Os condimentos para seus manjares são o TURENÉ, caldo de pimentas cozidas com sal, e o IEBAÇÁ, pimentas seccas e pulverisadas, vulgarmente conhecido pelo nome tapuyo JEQUITAIA.

No tratamento das molestias empregam as sarjaduras e as sangrias. As primeiras são feitas com dentes aguçados de peixes. As segundas com ferrões de raia. Chamam ás lancetas de dentes PAPÊ e ao ferrão para sangrias CHIPARÉ. Estas são usadas sem tocar nas veias, atravessando sómente a epiderme e os tecidos de lado a lado. Estancam o sangue com a mucillagem acre de varios tajás (*colladium sp. var.*) que chamam *muran*. Curam os golpes produzidos pelo papê com pimentas socadas. Atacam tambem as sezões com pimentas socadas esfregadas nos olhos.

Os Ipurucotós fazem annualmente varias festas, porém as mais caracteristicas e barbaras são aquellas em que se emancipam os mancebos, habilitando-os a bons corredores e dextros caçadores, e a que fazem quando alguma joven attinge á puberdade e a preparam para supportar corajosamente os trabalhos. A' primeira denominam CARIPETABÊ e á segunda IPOTAIÁ.

Reunidos na época da caça os anciões e o povo da maloca, depois de preparado um grande cachiry, apresentam-se os mancebos, que pela primeira vez vão á caça longinqua, e ao som de seu CHIMARY, instrumental composto de TORÉS (*tiquian*), flautas de dous furos (*cacará*), gaitas de taboca (*chiuahi*), TAMBARINHO (*samburá*), e QUEHUES (*maracás*), tudo compassado pelo bastão (*uarangá*), de grossa taquara com MARÁCÁS enfeitados de pennas. Começam as danças, que se tornam tanto mais vivas quanto mais corre o cachiry.

Suspensas as danças, introduzem nas narinas dos mancebos, unicos que não bebem, um cordão feito de MERITY (*chimiquipá*), embebido no succo de pimentas, que passando-lhes pela fossa nazal, sahe na bocca, por onde outro individuo a tira. Feita esta operação, para poderem os moços bem arremedar a caça, sarjam as pernas para fortalecel-as de modo a fazel-os bom corredores, e os braços afim de facilmente manejarem e entezarem o arco. Outras vezes cobrem-lhes os braços de for-

migas, cujas ferroadas peçonhentas, além da grande dôr que produzem, fortalecem os musculos. Continúa então a festa. Os neophytos não podem dormir junto ás mulheres, beber cachiry, comer sal ou pimentas e chegar ao fogo. Termina a solemnidade com os ultimos goles de cachiry. Partem os moços para a caça, emquanto as mulheres preparam outro cachiry para recebel-os á volta das excursões venatorias.

Si essa operação, feita ao som de instrumentos cavernosos e atroadores, é barbara e dolorosa, não menos martyrisante é a que está sujeita a joven Ipurucotó quando chega á época precursora da maternidade. Quando o primeiro menstruo se apresenta em uma menina, é immediatamente a victima suspensa, em uma rede, a grande altura, onde passa todo o tempo que a natureza determina, findo o qual, depois de tres dias de descanso, reune-se o IPOTAIA ou o conselho de familia. Ao som de TORÉS, é agarrada a joven por dous parentes que a conservam segura pelos braços abertos, emquanto o pai a vergasta tres vezes. Depois, collando aos seios um pequeno PARY (esteira) cheio de formigas (*apará*), estas os sangram terrivelmente com o ferrão duro e peçonhento. Tirado do seio, applicam o PARY no abdomen e nas costas, conservando-se a moça por alguns dias em dieta. E' crença que esse martyrio fortalece e faz com que possam as mulheres supportar os mais duros trabalhos.

A formiga APARÁ é uma especie do mesmo genero da TOCANDYRA (*cryptocerus*), porém menor, negra. Aninha-se no humus das mattas. Vi alguns desses ninhos no rio Jauapery e presenciei o effeito da ferroada em meu interprete Pedro, que foi picado por uma dellas. Era tal a dôr que sentia, que tremia retorcia-se com calafrios e suores, chegando a chorar. O alcali volatil fez desapparecer esse soffrimento quasi instantaneamente.

Por esse facto calculo qual não será a dôr que soffrem as donzellas Ipurucotós. O uso das formigas para prova de va-

lentia é admittido não só em tribus do Brazil como da Columbia.

Depois deste ceremonial, cobrem a pobre rapariga com enfeites e escondem o cofre dos deleites, na phrase de Baena, com o MAIPÓ ou sendal de missangas, cujas franjas são de CHIRICHIRI (*thecetia nervifolia*) e cortam-lhes os negros cabellos, rentes, pelo occipital.

A veste usual dos homens é o UARCÓ, tanga comprida, tecida de algodão, pintada de vermelho, passada entre as pernas, com uma longa ponta pela frente e terminada nas costas por franjas de pennas de tucano. Os unicos ornamentos são o CUMETARÉ, braçaduras tecidas de algodão tintas de urucú, amarradas nos ante-braços, ficando suspensos longos fios enfeitados de pequenas pennas de arara e de cauda de tucano, e o UIRAM, massos de fios de algodão passados a tiracollo e cruzados no peito, deixando cahir lateralmente grandes borlas dos mesmos fios enfeitados de pennas dos passaros mencionados.

Em seus dias festivos usam o UIARCÓ, corôa de palha, armada com pennas de cauda de arara vermelha aparadas e cintadas junto á palha por uma linha de pennas pretas de mutum. Collocam verticalmente, na parte posterior, cinco pennas inteiras da cauda de arara (UIARCOIMBER).

Ornam-lhes o pescoço varios collares que, durante a dansa, soffrem substituições diversas. Esses collares denominam-se HONOCOMOHIÉ. São brancos, pretos ou vermelhos e feitos de pennas abertas pelas nervuras e encrespadas. Nas pernas usam o URUPANÚ, ligas que tomam o nome de URACUMÉ quando usadas nos artelhos. Ambos, porém, são feitos de corda de pellos de COATÁ (*logothrix sp.*) com pennas de gavião. Na cintura trazem uma cinta UARUMÉ, de fios torcidos com pellos de COATÁ e por baixo do collar de pennas um outro de dentes de TAITITU (*dycotiles sp.*) que cahe na cintura, terminando nas costas por longas franjas de pennas de tucano e arara. Chama-se esse collar UATÓIREPÉ.

E' este o vestuario usado nas festas de esponsaes em que, sem ceremonial algum, o pai entrega a noiva ao noivo, no meio de dansas e de uma embriaguez geral pelo CACHIRY.

Nos funeraes usam o mesmo traje, assim como na festa que fazem tres dias depois de prantearem o morto e de ser elle enterrado na casa onde falleceu, que abandonam.

Enterram o corpo horisontalmente com as mãos postas entre as côxas que são amarradas.

Geralmente trazem no pulso do braço esquerdo um fio embreado, formando pulseira, afim de evitar o choque da corda do arco (UICIAMÉ).

Suas redes (ocarimi) são longas, estreitas, feitas de MERITY. Dormem nellas os pais e filhos. As dos solteiros são menores.

Com os Ipurucotós negociam os Aricunás, os Uaimarás, Uakys, Mahaens, pois são elles os intermediarios entre todas as tribus do rio Branco.

III

MACUCHYS

Os usos dos Ipurucotós estendem-se aos companheiros Macuchys, exceptuada alguma modificação nos trajes; usam estes a corôa de pennas que denominam uirocá, fornecida por aquelles Os Macuchys differençam-se dos Ipurucotós em collocar por baixo da corôa penugens de patò, presas nos cabellos por meio de leite vegetaes. Não usam nenhum outro enfeite e trazem a tanga que é simples e pintada de azul. Nas pernas e pulsos trazem contas de sementes vegetaes, ou, os mais civilisados, de missangas. A vida campestre e a natureza do solo lhes modificaram os habitos.

Suas armas são todas iguaes ás dos Ipurucotós e as CRAUATANAS e uirarys negociadas com os mesmos que as vão buscar entre os Mahacús. Armas e ceremonias são em tudo semelhantes,distinguindo-se principalmente pela TATUAGEM que é usada em ambos os sexos e pelos cabellos das mulheres que são compridos.

Pintam-se impregnando tinta preta na pelle por meio de espinhos. Usam uma listra horisontal sob o labio inferior terminando no superior acima dos cantos da bocca. Dessa listra central partem outras duas que terminam no queixo e

outras dos cantos da bocca, formando para baixo um quarto de circulo. As mulheres usam duas linhas, uma sobre o labio superior, outra no inferior. A primeira se prolonga encurvando-se sobre as faces; a segunda sobre as maxillas. Os homens traçam sobre o peito esquerdo uma pequena linha vertical para que sejam bons frechadores. Usam as orelhas, a separação das narinas e o beiço inferior furados. Nas orelhas trazem brincos de moedas batidas, no nariz outro brinco de moeda cortada em fórma de meia lua e no beiço um outro enfeite dos tuberculos do buzio STROMBUS GIGAS, enfeitado de longas franjas com pennas. Aos primeiros chamam PANARIÁ, ao segundo PIRATÁ e ao terceiro PIENON.

Os Macuchys enterram seus mortos deitados, com as mãos unidas ás côxas e mettidos dentro de cascas de páo d'arco (UARAHUIÉ). Não usam cemiterio e os enterros são feitos no campo, debaixo de arvores.

As tangas, Macuchys (UMASSÁ), são quasi iguaes ás dos Ipurucotós: sómente em vez de maracás têm franjas de algodão pintadas de urucú.

Em suas excursões por logares arenosos e pedregosos, onde levantam-se as malocas, usam o PEÇAÇÁ, sandalias feitas da vagina das folhas do merity.

Para que se possa bem estabelecer a comparação, passarei aos costumes crichanás.

Não me foi dado ver ceremonial algum. Porém pelos trajes festivos que apreciei, póde-se aquilatar a paridade que existe entre as armas, enfeites e outros objectos delles comparados com os de outras tribus.

IV

CRICHANÁS

Como os Macuchys, seus principaes objectos são obtidos entre os Tarumás que negociam com os Aturiahus, que por sua vez os vêm trazer aos primeiros.

Descendentes dos Crichanás, do Arutany, dos quaes se separaram por emigração, discussões de familias ou augmento de população, distanciados do centro ipurucotó, seus costumes têm soffrido modificações, já pelos annos e esquecimento, já pelo meio differente em que vivem, circumstancias estas que conduzem sempre a alterações nos habitos de vida.

Com effeito, deve haver mais de um seculo que da tribu mãe se destacou o grupo que ora existe no Jauapery, indo a principio habitar o rio Uaracá, onde eram conhecidos por Guaribas, sendo d'ahi repellidos talvez pelos Aicás ainda hoje não pacificados. No rio Uaracá afflue o Demenene, habitado pelos Crichanás.

Entre os Crichanás do rio Uanapery só existe a tradição dos Ipurucotós e dos Crichanás do Parimá, porque o contacto já não se faz immediato, mas sim por intermedio de um outro grupo que se estabeleceu nas fontes do Essequibo e que deve ter sido modificado pelo contacto dos Tarumás.

Segundo informações que me prestaram os proprios selvagens, habitam elles o baixo Jauapery, isto é, das cachoeiras para a foz, divididos em 10 aldeias edificadas nas immediações de Canacunama, Sapá, Curecuré, Tará (1), Chiparenaua, Uatucurá, Maniauá, Macucuahú, Carabinani e Curiuahu. Todas estas aldeias enviaram-me representantes. Pela maloca que examinei, que dizem ser a maior, calcúlo que as outras serão habitadas por 200 individuos mais ou menos, não excedendo o total dos indios a 2.000.

Suas aldeias ou malocas (UPATÁS), como tive occasião de ver e examinar cuidadosamente, são sempre levantadas no centro das florestas virgens e junto a ỹARAPÉS ou corregos que facilmente lhes fornecem a agua, não só para seus usos, banho, etc., como para dar-lhes o pequeno pescado, conhecido por peixe do matto, que em geral limita-se á TARAHIRA, ANUJÁ, JEJU, ACARÁ, TAMOATÁ, etc., que apanham em cofos chamados UAICARABÉS.

Entre as malocas e os portos existem os ITAPUIS que são pousos de descanso e que lhes servem de dormida ou guarida, quando a noite ou a chuva os surprehende nas excursões. Ahi guardam sempre não só os remos, como as panellas (ARIPÓ), alguidares (CAMECUI), e o apparelho de tirar fogo (APOTÉ). Esses ITAPUIS são levantados no meio da floresta, limpa da pequena vegetação. Aproveitam as proprias arvores para erguer as choupanas (TUQUINSARÉ) e os *muquens* (USSURÁ).

Construem os TUQUINSARÉS redondos e obliquos. Os primeiros são armados em arcos, sobre os quaes assentam a cobertura de folhas de bacaba (*œnocarpus bacaba*, Mart.), desde o chão, deixando duas coberturas diametralmente oppostas. Os segundos são planos, formam uma meia agua sustentada na parte anterior por forquilhas e cobertos da mesma palha dos primeiros, vindo a cobertura até o chão.

---

(1) Chamada pelos Crichanás Ulacayaba.

Em ambos, de um lado, fazem um giráo, como um banco, servindo de MUQUEM para aquecer as redes e as comidas. Cada um delles accommoda seis a dez pessoas. Em cada tuquinsaré guardam as frechas em um só feixe, collocado horisontalmente á altura da mão, descansando do lado da ponta em uma forquilha, e do lado opposto em uma roda de cipó presa ao tronco de uma arvore.

Ao lado de cada uma dessas choupanas levantam um USSARÁ, coberto de folhas de bacaba, para que a chuva não molhe a caça que se muqueia. Para isso, aproveitam uma ou duas arvores proximas para, entre os troncos, armarem o giráo e a armação que cobrem de folhas.

Quando aproveitam um só tronco, fazem o MUQUEM com o giráo triangular, amarrando as folhas no tronco, dispensando assim a armação de varas que os outros costumam ter.

As UPATÁS ou aldeias compoem-se de varias UMENENÉS ou casas, assentadas irregularmente, conservando entre si a distancia de 10 a 30 metros. Deixam em redor a matta que as encobre. Em roda de cada casa ha uma pequena horta onde cultivam mandioca, bananas (URUPACCÁ), carás (IMER), batatas, cannas (CANARACUIME), aipim ou macacheira (CANÁ), ananazes (CAIOARÁ), cubias (CATORONÁ), além da pupunha, merity e amendoim. Suas UMAINÁS ou roças são mais distantes e centraes.

Em frente á porta principal de cada casa existe um UPARÓ ou terreiro.

As casas são circulares, de 10 a 20 metros de diametro, apenas com duas portas diametralmente oppostas, sendo a da entrada principal sempre collocada ao norte. As paredes são de folhas de UBIM (*geonoma sp.*) bem trançadas e acamadas, formando uma espessura de dous a tres decimetros, tendo apenas de altura uns dous metros. A cobertura, da mesma folha, tem a fórma conica, com beira baixa, unindo-se no apice transversalmente a deixar uma pequena fresta, por onde sahe a fumaça, sendo difficil a entrada dos raios solares, razão pela qual o interior é sempre escuro.

Em algumas casas as paredes são de cascas de arvores sobrepostas horisontalmente. E' singular a entrada. As portas são collocadas em um plano muito mais interno, havendo entre ellas e as paredes uma especie de atrio, onde podem accommodar-se seis homens. Este atrio é formado por quatro grandes tijolos feitos de tabatinga, dous na linha da parede, dous interiormente, collocados em angulos rectos e separados pelos esteios, ambos com toda altura da parede.

Diametralmente oppostos e fazendo uma reentrancia nas paredes, collocam dous giráos que servem de MUQUEM, sobre os quaes armam duas ou tres prateleiras de varas. Estes MUQUENS não interrompem o circulo interno e estão armados no centro dos dous semicirculos formados pelas portas. Dos caibros do telhado pendem cordas com PACARANÉ (*uru*), onde guardam os ACANGATARES, rabichos e outras bugigangas. Na palha do telhado estão os arcos e as frechas. Dous ou tres esteios collocados no centro servem para as redes que partem das paredes. Cada casa dá logar a 20 a 30 individuos.

Ahi encontram-se pilões (ACUÉ), escavados a fogo, ralos (CHIMARIRI) de caninos de macacos e dentes de cutias, panellas de varias dimensões, algumas de mais de 50 cent. de diametro, alguidares para o vinho de fructas, paneiros longos e cylindricos de UAINBÉ para ovos de tartaruga (UARICHÁ), fructos de varios LECYTHIS (cuias de macaco) que servem para tomar CACHIRY, castanhas cortadas para cuias, facas de costellas de tartaruga para raspar fructos e outros objectos que constituem seu trem domestico.

Suas panellas têm um desenho elegante: são de argilla bem preparada, apresentando duas fórmas com varias dimensões. Os alguidares são brancos pintados de varios arabescos vermelhos, e vidrados com resina de JUTAHY.

Pelos desenhos de sua ceramica e pelos de seus UEICÓS ou tangas, vê-se que sua intelligencia não é acanhada e que

elles sabem facilmente combinar as rectas, em figuras regulares e symetricas, com o gosto artistico. Em geral, a pintura dos vasos é formada de gregas sobrepostas como rectangulos concentricos, todos com os angulos reintrantes. Pela louça, pelo bem acabado dos arcos, pelas frechas, pelas casas e pelos tecidos de algodão e de palha, mostram esses selvagens um estado de adiantamento moral, superior a muitas tribus já civilizadas.

São os Crichanás, em geral, dotados de caracteres que denotam força e robustez. São altos e esbeltos; têm o tronco largo, as espaduas muito mais largas que as cadeiras; o peito elevado, o ventre deprimido; os membros musculosos e robustos, as mãos pequenas, bem delineadas e fortes; as pernas musculosas e pouco cheias; os pés pequenos, chatos, sem concavidade nas solas e com os dedos pollegares afastados, cabeça proporcionada ao corpo; craneo dolicocephalo, face oval; maçãs pouco salientes; olhos pequenos e rasgados, pardo-escuros, pouco bridados; supercilios quasi direitos; nariz semi-aquilino, com as narinas dilatadas e chatas; dentes grandes, em geral verticaes; os da arcada superior sempre estragados ou gastos pelo trabalho que exercem quebrando fructos de palmeiras e ossos, pela mastigação de carnes duras e ás vezes cheias de areia, e pelo habito de mascarem argilla, conhecida por tabatinga.

O moreno claro é a côr nelles predominante, posto que alguns, raros, tenham uma côr de azeitona pronunciada, o que os distingue, como succede ao negro entre brancos. A pelle é lisa e macia como setim. Os cabellos negros, lisos, sedosos, porém duros pelo máo trato. A barba, que arrancam ou fazem, é quasi nulla, emquanto que os pellos das partes genitaes são longos e crespos. As pernas são muito cabelludas, os braços pouco e o peito pellado. Cortam os cabellos da cabeça com os dentes de uma maxilla de piranha que é afiada como tesoura.

Nenhum cheiro exhala seu corpo, mesmo quando ha transpiração.

Dividindo em tres grupos as varias dimensões que tomei, eis a média que posso aqui apresentar:

ALTURA ACIMA DO SOLO	HOMENS DE 20 A 50 ANNOS		
	1º GRUPO	2º GRUPO	3º GRUPO
	m	m	m
Altura total	1, 63	1, 71	1, 71
» do conducto auditivo	1,055	1,058	1,056
» » queixo	1, 39	1, 44	1, 43
» » acromion	1, 39	1, 47	1, 44
» » epicondylo	1, 05	1, 10	1, 11
» da apophyse styloide do radium	0, 79	0, 82	0, 83
» do médio	0, 67	0, 67	0, 64
» da furcula sternal	1, 32	1, 36	1, 39
» do mamelão	1, 17	1, 23	1, 23
» » umbigo	0, 95	1,005	0, 99
» » pubis	0, 84	0, 87	0, 86
» » perineo	0,765	0,812	0, 81
A braça	1, 69	1, 76	1, 82
O palmo	0, 20	0, 22	0, 22
A chave	0, 18	0, 20	0, 22
Comprimento do pollegar	0, 65	0,070	0,073
» » médio	0, 10	0,107	0, 12
Altura do vertex acima do solo (individuo sentado)	0, 88	0, 88	0, 87
Distancia dos acromions	0, 28	0, 32	0, 30
Circumferencia do tronco	0,922	0, 95	0, 90
Comprimento do pé	0,245	0, 26	0, 27
Largura do pé	0, 10	0, 10	0, 11
Circumferencia da cabeça	0, 55	0,575	
Distancia entre os olhos	0,032	0,035	
Do nariz ao queixo	0,065	0,070	
Entre os mamelões	0, 20	0,195	
Da raiz do cabello ao queixo	0,195		
Olhos	N. 2	N. 2	
Pelle	N. 28	N. 28	

As mulheres são mais baixas, embora algumas sejam bastante altas e mostrem robustez e força. Têm comtudo as fórmas mais arredondadas, carnudas e graciosas. As espaduas largas e fornidas ; o peito bombeado, com os seios perfeitamente conicos, pequenos, separados um do outro pela distancia do diametro de um delles, dirigidos para fóra e para baixo, só erectos em raparigas de 12 a 18 annos ; quando maiores de 30, cahidos ; trazem os mamelões coloridos formando uma só linha com o seio, mesmo nas mães ; ventre não saliente, coxas regulares e pernas finas, mãos e pés pequenos.

O systema nervoso é apparente sob a epiderme, principalmente nas faces e no tronco.

Rostos em geral redondos, faces pouco salientes ; olhos arredondados, vivos e pardo-escuros ; sobrancelhas direitas, nariz pequeno e narinas achatadas ; bocca grande, labios finos, com dentes verticaes, claros e em geral estragados. Côr moreno-clara, ainda mais que os homens. São bonitas, esbeltas e elegantes.

Como em todas as tribus, é a mulher a besta de carga. E' ella quem faz a roça, quem cozinha e quem nas excursões traz ás costas o PANACU com as provisões de viagens, as rêdes, as panellas e os filhos.

Vi algumas mulheres que tinham as costas desde o pescoço até ás nadegas completamente callejadas. As crianças sobem-lhes ás costas pelas pernas com a mesma facilidade de um macaco.

Observei entre os Crichanás dous factos notaveis que explicam a crença que entre os selvagens ha desertores ou individuos roubados por elles. Refiro-me á myopia e ao albinismo.

A myopia é rarissima nos povos não civilisados. Em homens maiores de 40 annos notei muitos myopes, alguns em grau muito elevado. Attribuo isso ao reflexo das aguas do rio e ás areias das grandes praias que se formam no verão. São ellas muito frequentadas pelos selvagens e com o correr dos annos fazem com que elles percam a vista. Mais vulgar é o albinismo que observei em homens e mulheres. O albinismo, commum entre os negros e pouco apparecendo nos brancos, ainda não foi observado nos indigenas do Brazil. Essa anomalia, como se sabe, póde ser geral ou parcial. Os factos que observei foram desta ultima natureza. O albino Crichaná não tem a materia pigmentosa da pelle, o que dá a esta uma côr branca que se destaca inteiramente da dos outros ; é extremamente myope, posto que tenha a materia negra da face interna do choroide, destinada a absorver os raios luminosos, pouco apagada ; soffre de um strabismo

convergente; não supporta a luz do sol; tem os cabellos perfeitamente negros; o systema piloso, embora pouco desenvolvido, apparece nas pernas, nos sovacos e no pente, ahi bem desenvolvido,; não se differença do commum na estatura e na robustez, sendo apenas menos corajoso.

Calcúlo em 2 °/₀ o numero de albinos. A côr da pelle é a que tem o n. 2, na tabella feita pela Sociedade anthropologica de Paris. O que em geral os predispõe ao albinismo é o clima insalubre, a miseria, a prenhez muito repetida, são as diatheses endemicas, etc., causas que, presumo, não se dão no rio Jauapery. Pelo menos a robustez geral attesta que ellas não existem. Talvez a união constante entre parentes proximos seja a causa predisponente.

Si no civilisado, em que os virus syphilitico e escrophuloso mais ou menos imperam, produzindo por essa união a phtisica, a gotta, as escrophulas, o rachitismo, etc., no selvagem, que desconhece esses *dons* da civilisação, a degeneração produzirá sem duvida o albinismo. O que é certo é que o albino Crichaná não se afasta dos parentes senão pela côr da pelle, pelo strabismo e pela myopia, sendo o homem tão alto, tão forte e tão bem conformado como qualquer dos mais bem constituidos. Esse facto, comparado com outros de differentes tribus, parece querer me convencer que a causa unica que lhe dá origem é a união entre parentes muito proximos.

Em geral, nas tribus pouco numerosas, destacadas de outras, como a dos Parintintins e Andirás, do Tapajós, notam-se individuos brancos que os civilisados tomam por desertores e que não passam de albinos.

Por que razão não se nota o facto nas grandes tribus dos Miranhas, dos Mundurucús, dos Uaupés e outras?

A média das proporções das mulheres é representada pelas qne apresento tomadas em uma mulher de 18 annos.

Altura total	1m,44	A chave	0m,19
» do conducto auditivo	1m,33	Comprimento do pollegar	0m,18
» » queixo	1m,22	» » médio	0m,06
» » acromion	1m,21	Altura do vortex acima do solo (individuo sentado)	0m,10
» » epicondylo	0m,89		
» » apophyse styloide do radium	0m,90	Distancia dos acromions	0m,37
» » dedo médio	0m,71	Circumferencia do tronco	0m,760
» » furcula sternal	0m,52	Comprimento do pé	0m,23
» » bico do mamolão	1m,16	Largura do pé	0m,09
» » umbigo	1m,05	» dos quadris	0m,33
» » pubis	0m,82	Distancia entre os olhos	0m,225
» » perineo	0m,71	Do nariz ao queixo	0m,032
A braça	0m,62	Entre os mamolões	0m,07
O palmo	0m,60	Olhos	0m,22

Em geral a voz em ambos os sexos é clara e vibrante, embora tenha um som guttural, e expressem-se com rapidez.

Parecendo ter uma indole perversa, são bons e compassivos. São irasciveis e vingativos, porém parece que não conservam rancor, pois que momentos depois de um accesso de colera tornam-se inteiramente calmos como si nada houvera agitado seu espirito. Foram sempre tidos por crueis e sanguinarios, porém, si compulsar-se sua historia, ver-se-ha que sempre a represalia foi que os fez máos. A morte de Hermenegildo Pastana nos dá um exemplo até de cavalheirismo. Hermenegildo ameaçara amarrar os braços do indio ; este inutilisou-lhe os braços ; Anastacio matando dous indios fez com que estes se vingassem nos dous. Ella por ella ; dente por dente.

Seus movimentos são rapidos e graciosos. Em suas correrias contra os brancos, sempre que podem obter o corpo de alguma de suas victimas, o descarnam para tirar o craneo e os ossos dos braços e pernas para collares, flautas e pontas de frechas.

Observando a fórma das cabeças, notei que a oblonga é mais commum entre os homens, embora visse algumas bem circulares, fórma ésta mais commum nas mulheres.

De uma compleição vigorosa, attestando saude, mostram que resistem bem ás intemperies e que chegam á decrepi-

tude. A idade de 70 annos, mais ou menos, é vulgar. Vi exemplos de maior idade, chegando a observar um chefe já decrepito, maior de 120 annos, que, apezar de magro e tremulo, ainda andava com vigor e ligeireza.

Nos partos, como na quasi totalidade dos gentios do Brazil, observam o resguardo ou ECÓ UCÔ (1) dos Tapuyos, que corresponde á *couvade* ou incubação dos Francezes, adoptada nas raças primitivas e principalmente pelos Tibarenos do Ponto Euxino, pelos Corsos, no tempo de Diodoro da Sicilia, pelos Bascos, pelos Bearnezes, pelos Hespanhóes do tempo de Strabão, pelos povos do Canadá e da Groenlandia, pelos Caraibas e ainda não ha muitos annos pelos montanhezes da Suissa, pelos Tartaros e outros povos orientaes, facto esse que os filia a muitas outras raças, ethnicamente.

Considerando o pai que pertencem-lhe os filhos e não sendo a mãe mais que o *sacco onde são estes guardados*, segundo a phrase do Padre Anchieta, logo que a mãe dá á luz uma criança, o pai recolhe-se á rêde por espaço de 30 dias, mais ou menos, pondo-se em dieta e não fazendo trabalho algum, porque acreditam que todo e qualquer cansaço, dôr ou soffrimento do pai recahe sobre o recem-nascido que exclusivamente delle descende. Isto fez com que o Dr. Letourneau dissesse que « la couvade équivaut à une adoption ; par elle l'homme affirme sa paternité.»

A proposito não posso deixar de mencionar aqui um facto que se dá entre os selvagens e mesmo entre muitos indios civilisados, como o observei entre varias tribus e agora ainda tive uma confirmação apreciada por mim cuidadosamente.

Em geral a mulher selvagem quando sente approximar-se o termo da gravidez dirige-se para o matto longe da maloca

---

(1) Corruptela de *ecô* estar, *yecoy* encostar-se, descansar, que corresponde ao *niuiriai* dos Ipurucotós e dos Crichanás, ao *arumoqué* dos Macuchys e ao *curaiyara muchapan* dos Unapichanas, de *curai* criança, *yara* pai e *muchapan* resguardo.

e ahi, solitaria, dá á luz, ás vezes sem dôr, os filhos, cortando-lhes ella mesma o umbigo. Depois de inteiramente livre do trabalho secundario do parto, dirige-se para o rio, banha-se assim como ao recemnascido e volta para a maloca, onde entrega o filho ao pai, que entra logo de *resguardo*, emquanto a mãe continúa em seus trabalhos caseiros e de roça, como si nada tivesse acontecido.

O facto mais notavel é a desapparição do corrimento lochial immediatamente ou no dia seguinte, sendo raro aturar quatro dias, mesmo os lochios serosos.

Sabe-se que em paizes baixos e humidos observa-se o facto do augmento do leite que diminue o fluxo. Ainda mais : a posição em que desde a infancia se senta a mulher selvagem, com as pernas afastadas, contribue para a dilatação da bacia e facilidade dos partos. Porém o que não posso explicar é si a suspensão dos lochios, abruptamente, é devida á alimentação quasi sempre animal, si ao modo de vida trabalhoso e exposto ás intemperies, ou ainda si ao habito transmittido pelas gerações. Só a acção muscular e tonica do utero basta muitas vezes para expellir o producto total da concepção, sem dôr, auxiliado já pela natural dilatação da bacia, já pela pouca resistencia que offerece o segmento inferior do utero á passagem do feto, phenomenos que concorrem na selvagem pelos seus habitos de vida. Porém o facto da suppressão dos lochios é mais notavel. Quando se annuncia a approximação do parto, a mulher ajoelha-se, espera pelas contracções uterinas, e firmando então o perineo sobre o calcanhar para impedir sua ruptura, segura com ambas as mãos o galho que lhe passa pela cabeça, de proposito escolhido, e, forcejando nelle, e inclinando a cabeça para traz, por esforço proprio, auxilia as contracções e expelle o feto que fica cahido sobre algumas folhas de palmeira até expellir a placenta, o que acontece acto continuo. Tomando então a criança, amarra o cordão umbilical e corta-o com uma faca de taboca, enterrando em seguida a placenta. Em geral, durante o parto não ha hemorrhagia alguma, porém meia

hora depois esta apparece abundantemente. Então a mulher se levanta e todo o sangue que se accumulara no utero corre por alguns minutos. Apenas pára a hemorrhagia, a mãe toma o filho nos braços, vai á corrente mais proxima, banha-se com o filho e volta para casa, sem que appareçam os lochios e sem que sobrevenham os accidentes que a suppressão delles occasiona. Rara é a mulher que nos tres dias subsequentes ao parto é incommodada pelas serosidades que o utero expelle. Os fluidos que concorrem para o utero, desde que este fica livre do feto, vão immediatamente para os seios ?

Apresento o facto ás autoridades. Estas que o estudem e expliquem.

Não serão os lochios na mulher civilisada antes uma leucorrhéa proveniente de seus habitos contra a natureza ?

Em geral no terceiro dia cahe o umbigo das crianças e algumas nações, como a dos Macuchys, o prendem aos pulsos dellas afim de evitar o tetano, tirando-o só no fim de um mez, isto é, depois do *ecó-ucó* paterno.

Os Crichanás afastam-se em geral dos indios diversos, em ambos os sexos, por não terem o ventre desenvolvido e affectarem uma côr que denota não soffrerem de molestias hepathicas de que soffrem quasi todos no valle amazonico, pois os indios são habitantes de uma região baixa e humida, tendo os filhos por caracteristico a obesidade. Penso que a causa que afasta essa tribu das demais nesse particular é o não usar ella da farinha d'agua que, pela sua natureza e preparo, perdendo as materias azotadas, ataca extraordinariamente o figado.

São indios das florestas e não ribeirinhos. Alimentam-se de caça e fructos, de vinhos de varias palmeiras e de preparados feitos com massas e mandioca. Usam o TUIRINO ou sal vegetal.

Apreciam muito a pesca, porque mais facilmente pescam á frecha, com anzol feito de unha de gavião ou com um apparelho feito de um pau bipontudo, atado no centro por uma

corda, ou em CACURYS, onde attrahem com ciganas (*apistocumus cristotus*) vivas ou jacarés (aligator). Além disso pescam nos ÿARAPÉS com os UAICARABÊS, que são covos de differentes fórmas para o peixe miudo.

Apezar de mateiros, nadam com summa facilidade, pelo que parece-me falso o que affirmam, quando, referindo-se aos encontros, diziam alguns que morriam os indigenas afogados por não saberem nadar. Eu os vi nesse exercicio, com pesos ao pescoço e com uma das mãos occupada pelas armas, nadando e mergulhando perfeitamente e atravessando grandes distancias.

Os individuos de ambos os sexos andam nús, tendo cabellos negros e sedosos cortados do mesmo modo. Cahidos para frente e para traz, são aparados horisontalmente pouco acima das sobrancelhas, até quasi ás orelhas, que ficam cobertas pelos que cahem sobre o pescoço, que tambem são cortados horisontalmente na altura dos hombros. Homens e mulheres arrancam os supercilios, assim como as mulheres os pellos do *monte de Venus* e dos sovacos.

Ambos os sexos trazem as orelhas furadas. Nestas enfiam o PANALARY, brincos feitos de um cordão de fibras de uma pollegada de comprimento, terminando em dous nós.

Os homens envolvem o membro viril na pelle dos escrotos, passando por cima o UEICÓ, cinta ou rabicho branco de algodão, pintada de gregas pretas, preso na frente por um cordão fino de fibras de merity. Passado entre pernas, enrola-se posteriormente no mesmo cordão, ficando uma grande ponta cahida como rabo. Alguns UEICÓS são ornados de pennas vermelhas do urupigio do tocano de papo branco (*ranphastus toco*).

As mulheres andam tangadas com UMAIPÓS de fructos de PUCÁ (*cissus sp.*) tecidos com fios de fibras, tendo uma franja feita do albumen do CARANÁ e endocarpo de MARAJÁ, partidos no meio, enfeitada com ossos do ouvido de cotia e calices de uma flor que penso ser uma myrtacea. Affectam a fórma

trapesoide, com a parte superior de mais de dous decimetros de comprimento. No pulso do braço esquerdo, os guerreiros e os caçadores usam um tecido de fibras ou casca de NAMBE' para evitar que a corda, ao despedir a frecha, fira a carne. Chamam a esse tecido IAURUMATY.

Alguns pintam o corpo de preto e a cara de vermelho com carajurú (*Bignonia sp. var.*); outros litteralmente o corpo de vermelho, para evitar as mordeduras dos PIUNS e dos CARAPANÁS. Pintam-se ainda com barro roxo, cury, porém por faceirice.

A pintura é feita de linhas cruzadas ou parallelas estendendo-se por todo o corpo e rosto, o que os desfigura completamente. Usam o MUIROCÓ, enfeite de cabeça, feito de uma corôa de um tecido de palha UARUMÁ, onde espetam verticalmente na frente tres pennas de rabo de arara vermelha (*ara arauna*) e atrás duas, havendo em redor da corôa de palha duas orlas de penna de gavião e coruja, collocadas horisontalmente.

Os homens trazem, mesmo no corpo, o URUMOTÉ, especie de cinta em que enfiam tudo que têm de conduzir. Esta cinta é feita de raizes de NAMBÉ ou de TIMBÓ TITYCA (*Clussi sp.*) e mesmo de talo de jacitara tecida.

Suas armas são: o arco (UARAPAN) e a frecha (upren). Os arcos são direitos, subarredondados e planos do lado da corda que é de CURANÁ (*bromelia sp.*), de uma madeira rija e pesada; quando nova avermelhada, tornando-se depois escura; denomina-se pairá (leguminosas). Em geral são os arcos de dous metros e meio de comprido.

As frechas são de duas especies: a de guerra (upren) e a de caça (tamarai). As primeiras têm a haste de UBÁ, de comprimento e a SUUMBÁ de $0^m,50$. E' a haste feita de duas myrtaceas denominadas PAJAURU e SAPE, pintada de vermelho com a seiva do CARARÉ (1) dos Macuchys (melasto-

(1) Conhecida por *tapiira cayana* (goiaba de anta) ou tinta de sapateiro.

merae), tendo o ITAPUÁ de osso humano ou de veado; as segundas se differençam por ter a suumbá toda de madeira terminando pyreformemente ou em cone adelgaçado. Ambas são emplumadas com pennas de mutum de um lado e de gavião de outro, enfeitadas de pennas vermelhas e amarellas de tucano.

Usam collares de sementes de teuné, vulgarmente conhecidas por periquito AMANIA (*bombax sp.*), com dentes de anta, de macaco e de onça, assim como incisivos humanos e fragmentos de bicos de tucano ou conchas. Junto ao collar trazem uma maxilla de piranha (*serrasalmus piraya*) ou peixe morcego ou piráandirá (*cynodon scomberioides*), com seus afiados dentes que lhes servem de lancetas para sarjar as carnes quando querem se fortalecer ou quando estão doentes. Além desses collares, nas festas, usam gargantilhas de caudas de tucano, enfiadas em um cordão, equidistantemente separadas por um pedacinho de páo. Nesses collares penduram enfiadas de papos de tucano a que chamam UARAMU.

E' tambem em seus festivaes que usam os MUROCÓS, de que já fallei, as braçadeiras de pennas de cauda de arara nos antebraços e de rabichos enfeitados de pennas de tucano. E' a obra mais delicada que fazem. Alguns usam collares feitos unicamente de pennas da cauda da arara vermelha. Usam ainda para marcar compasso de suas dansas o UARANGA, semelhante ao dos Macuchys, porém feito de um só colmo de taquara que, batido no solo, produz um som lugubre, porém que se casa perfeitamente com o batido dos pés. Usam tambem MARACÁS ou chocalhos feitos de um tecido de palha cheio de seixos, como guizos, fabricados do endocarpo de um fructo que desconheço; estes maracás trazem pendentes de uma corda cujas extremidades seguram simultaneamente com ambas as mãos. Para caça servem-se de assobios de femures de COATÁ e de gavião real, assim como de outros de TUCUMÁ AÇU (*astrocaryum princeps*, Barb. Rod.)

Suas canôas ou CURIARAS são feitas de um só tronco de CAJÚ AÇÚ (*anacardium brasiliense,* Barb. Rod.), escavado, conservando externamente a fórma primitiva do tronco, porém chanfradas nas duas extremidades formando obliquamente popa á prôa. Em geral têm 10 a 12 metros de comprimento. Os remos são feitos de SAPOPEMAS de varias arvores; affectam as fórmas do remo tapuyo, mas têm o cabo mais comprido e medem 1m,20. Cada CURIARA accommoda de 10 a 20 pessoas, indo o da prôa, de pé, remando. Quando é preciso voltar, viram-se: os da popa passam a remar e os da prôa a governar.

Sua comida, além da caça e da pesca, consta de BEJUSICICA, mingáo de polvilho a que chamam TIPIPI, fructos assados e cozidos como membaca, curúa, castanha e pupunha, massa de piquiá, vinho de bacaba, de pupunha, de assahy, etc. Fazem uma especie de manteiga que untam nos beijus; é muito apreciada, apezar do cheiro nauseabundo e repugnante. Fabricam-a com castanhas podres soccadas com peixe, unindo-se em uma massa da consistencia e côr da manteiga fresca. Usam uma especie de pão de mandioca, enformado em TIPITI, e secco no MUQUEM. Comem-o dissolvido n'agua, como a massoca que dá a CARIBÉ.

Em geral estes selvagens são asseiados. Sómente o couro cabelludo, em ambos os sexos, anda sempre sujo.

O costume de comer bichos da cabeça é vulgar entre elles, como em muitas outras tribus da região amazonica.

Parece-me que não são polygamos, porque vi cada homem com uma só mulher. Tratam com carinho as mulheres e os filhos, de que são ciosos.

Os casados usam MAQUYRAS (*oarimy*) de palha de merity, de tres a quatro metros de comprimento, tendo apenas um metro de largura. Ahi dormem como os Chantaquiros, do Perú, o casal e os filhos. A cavallo, sobre os lados dos punhos, deitam-se pae e mãe, ficando os filhos no centro, entre as pernas de ambos. Os solteiros têm maquyras menores. Para aquecer-se e afugentar os CARAPANÁS fazem fogo junto

ás redes, o que lhes dá uma côr negra e um cheiro de fulligem.

Suas ceremonias funebres e matrimoniaes por emquanto não conheço. Só sei que quando morrem são envolvidos e amarrados na propria rêde e sepultados de pé no ôco do tronco de alguma arvore. Vulgarmente se encontram arvores assim mortas pelo APUHY (*clusia*), cujas raizes formam o tronco de uma nova arvore, ficando dentro o ôco produzido pelo apodrecimento do tronco que alimenta a perfida parasita. Mais tarde, unindo-se essas raizes transformadas em tronco, envolvem o cadaver que fica encerrado nesse tumulo magestoso, o mais digno por certo do filho das florestas. Assim esparsas pela matta, ficam essas arvores que contêm os despojos daquelles que repousaram á sua sombra. A' noite, talvez, essas sentinellas perdidas, ao rumorejar da aragem pela sua folhagem, levem ás malocas o perfume de suas flores que despertarão saudades pungentes e talvez mesmo gritos de vingança, quando a aragem trouxer o perfume das flores do tronco onde repousar a victima do civilisado. Sepulchro original que para o futuro levantaria hypotheses diversas quando o tronco fosse derrubado pelo machado profanador do filho do progresso. Quanto, pela importancia, essas florestas mortuarias excedem aos *bosques da morte* dos Australianos e aos arboreos cemiterios dos Iroquezes e Siaoux!

Conheço duas especies de dansas Crichanás. Nellas tomei parte, porém não posso dizer si serão sempre assim executadas e em que occasiões usadas em suas festas.

A primeira faz-se em rodas, em que simultaneamente homens e mulheres levantam, ora o braço e perna direita, ora o braço e perna esquerda, e andando assim sempre em redor. Na segunda formam homens e mulheres uma roda, porém de joelhos, sentados sobre as curvas das pernas e inclinados por terra; nesta posição batem compasso com as palmas das mãos, acompanhando os cantos. Ainda não vi os instrumentos de suas festas. De cinco cantos tomei a

letra. O primeiro que apresento é o das mulheres. Começa deste modo:

« Uanauá miá uama miá ehn ! (bis)
« E tombiquiné apoté iané, ehn ! ehn ! ehn ! (bis)
« Uaná bicó uaná biá, ehn ! ehn ! ehn ! (bis)
« Camaraçá narachiná, ehn ! ehn ! ehn ! (bis)
« Camaraçá poiané, ehn ! ehn ! ehn ! (bis).»

Para transporte de suas bagagens usam PANACUS, OMBRAN ou SAMBARÉS, longos, abertos na frente, objectos estes que trazem ás costas suspensos á testa. São de lindo tecido de UARUMÁ e pintados de preto, fingindo arabescos regulares e bonitos.

As crianças são transportadas ás costas pelas mães, sentadas em uma TIPOIA, feita de liber de ENVIRA *(guateria sp.)*, a cavalleiro sobre os flancos. Os meninos de 8 annos em diante usam pequenos arcos e frechas, em tudo semelhantes aos dos homens. Em ambos os sexos, nessa idade, começam a andar tangados.

Em geral as tribus selvagens tiram da natureza ou de algum caracteristico proprio os nomes para seus filhos. Dessa praxe não se eximem os Crichanás. Para os civilisados esses nomes são barbaros, mostrando curteza de idéas, como disse Warnaghen, esquecendo-se este escriptor de que os nossos não o são menos e foram originados do mesmo modo. Eis aqui alguns nomes proprios que conheci e tomei:

«Cabiché»—a malhada—Tinha o rosto e corpo cobertos de sarda.

«Noporó» — o caminheiro — Razão natural tiveram para esse nome.

«Mamiá» — a céga — Tinha um olho vasado.

«Apanaracá» — o orelhudo — Não se lhe podia dar melhor nome.

«Ueneró» — o gafanhoto — Seus movimentos foram perfeitamente comparados.

«Conocy» — o anzol — A curvatura do corpo deu origem ao nome.

«Uaitery» — o macaco — Lembram suas fórmas as dos quadrumanos.

«Miripiá» — a vesga — Tinha strabismo convergente.

«Uaianó» — o cará — Não sei qual a origem desse nome.

Si são barbaros esses nomes, não o são menos os Baratas, os Ratos, os Coelhos, os Carneiros, os Camellos, os Cabritas, os Hortas, os Figueiras, os Pecegueiros, os Oliveiras, os Serras, os Montes, os Valles, os Rios, os Trovões, os Borralhos, os Farinhas, etc etc. e tantos outros tirados tambem da natureza.

E' dever meu corrigir aqui um engano a que fui levado outr'ora por más informações.

Logo depois do ataque das forças do governo aos indios Crichanás em 1873, fizeram-me presente de um vestuario e de algumas armas,afiançando-se-me que eram despojos dos mesmos indios; em consequencia disso, na *Revista Anthropologica*, á pag. 47, dei um desenho de um indio com os mesmos trajes que,sei hoje, pertencem,embora incompletos, aos indios Crichanás do rio Demeune. O engano era facil, porque a posição official da pessoa que me fez o presente, o facto de ser este feito logo depois do ataque por essa pessoa presidido e depois de ter eu verificado que o arco e as frechas eram iguaes ás que haviam mandado algumas praças e moradores de Moura, tudo me levou a cahir em erro. Ninguem conhecia o vestuario, por não conhecer os Crichanás. Para evitar que alguem para o futuro commetta outro erro baseado no que eu disse, aqui hoje me desdigo. O verdadeiro costume crichaná é o que acima noticio. Os Crichanás que, pensei, eram os indios Uasahys, do rio Carimany, não o são, mas presumo que com elles têm relações, porque consta-me por algumas pessoas e pelo relatorio do Sr. Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães que em 1855 subiu o Jauapery, que os Uasahys descem pelo rio Tenêrêuahu, que na região das cachoeiras afflue no Jauapery.

Facil é, por trocas, ir ás mãos dos Uasahys costumes crichanás.

Os Crichanás que já habitaram as fontes do Uaracá e que atravessaram o rio Branco, em qualquer encontro com os Chirianás que habitam os rios das Cuieiras e o Mamimêu, affluentes do Demeune, no Uaracá, mas que fazem correrias até o Caterimani, affluente do rio Branco, podem obter objectos que sirvam para trocas com indios de outras nações, o que é vulgar. O certo é que dos Uasahis recebi objectos chirianás e armas crichanás. Tudo isso me levou a affirmar um erro, servindo comtudo o facto de lição para mim e outros.

V

ARCHEOLOGIA

Quando em 1877 tratei nas minhas Antiguidades do Amazonas das inscripções que tinha encontrado, não mencionei as que existem sobre as rochas de Moura, por não tel-as visto nem obtido informações a respeito. Deve-se seu conhecimento, creio, ao 1º tenente da armada imperial Laurindo Victor Paulino Junior que, tendo sido despertado pelo meu escripto, segundo m'o declarou, e, achando em Moura, quando ahi esteve estacionado, algumas inscripções, fez varias pesquizas e chegou a copiar muitas, encarregando, ao retirar-se, outros collegas de copiar mais algumas que porventura encontrassem durante o tempo em que ahi se demorassem.

Essas cópias, todas reunidas, foram photographadas pelo Sr. Camillo Vedani que me offereceu um specimen das photographias. Na minha estada em Moura, aproveitando a secca, com as cópias, procurei as inscripções e verifiquei sua exactidão, copiando ainda outras.

Tendo-me já occupado das inscripções amazonenses, não podia deixar de tratar aqui das de Moura, mesmo para completar a noticia da região de que tenho fallado.

A villa de Moura, como disse, assenta sobre um planalto com a encosta norte formada hoje de um grande pedregal solto, rolado e agglomerado, pela acção do tempo, razão pela qual outr'ora deram-lhe o nome de Itarendaua.

Este pedregal é formado de rochas granitoides, que em tempos idos formaram como que um paredão disposto em camadas mais ou menos horisontaes divididas por filons de quartzo.

A acção das aguas, durante as enchentes, sobre a parte inferior, decompoz as rochas e, carregadas pelas aguas as partes que cimentavam os crystaes quartzosos, escavou-as inferiormente, formando como que cavernas. Faltando assim o apoio, as rochas superiores não resistiram, quebraram-se, e, precipitando-se, subdividiram-se e agglomeraram-se desordenadamente. Esse trabalho das aguas ainda hoje é visivel em alguns pontos do rio Negro, como nas Igrejinhas, onde as escavações se conservam, por existir ainda apoio.

As inscripções que estavam dispostas na parte vertical e na horisontal (de cima), talvez em ordem, hoje se acham espalhadas, apparecendo em todas as direcções das rochas, umas inteiras, outras partidas, outras occultas, com as faces para baixo. Algumas ainda se acham no sitio primitivo, outras rolaram para muito longe, por causa do declive do terreno. Umas são bastante visiveis, porém outras, onde a acção atmospherica ou das aguas actua com mais intensidade, estão quasi apagadas. Acham-se comtudo algumas isoladas em rochas, ainda em seus logares naturaes.

Desde a ponta da Ribeira e da ilha da Salvação que outr'ora estava ligada a Moura, até ao Puiry, estão disseminadas as inscripções que sómente na vasante se descobrem por terem rolado as pedras da jazida primitiva para a margem do leito do rio. Em Ayrão descobrem-se algumas feitas pela mão dos mesmos artistas. Essas figuras são todas anthropomorphas, zoomorphas e phantasticas, feitas de

linhas curvas, caprichosas, em combinação com outras rectilineas.

Entre essas figuras existem na face norte de uma rocha da enseada do Puiry, pouco abaixo da povoação, duas conhecidas vulgarmente por Santa Rita, nome da padroeira do logar, dado, como já vimos, pelos Carmelitas em 1695, quando fundaram a missão do rio Uarirá. Estas duas figuras não representam, comtudo, a imagem da Santa porque, quando, no começo do seculo XVII, se passou a missão para Itarendaua, já essas figuras ahi existiam. O trajo semelhante á CUSMA peruana ou TIPOIA boliviana, com que estão vestidas, foi equiparado ao habito da Santa, e o ACANGATARE de pennas a um resplendor. Essas figuras nos fallam que naquelle tempo esse trajo já era usado.

E' fóra de duvida que essas inscripções assignalam um facto notavel e que não são filhas do ocio e do passatempo. Para mim marcam nesse logar o repouso de um povo que emigrava, que, descendo as aguas do rio Negro, deixava esses signaes para guia do troço que lhe succedesse.

A natureza da rocha, o tempo e o trabalho que demandava a gravura funda em seus flancos, não é obra de passatempo, porque, fossem quaes fossem os instrumentos empregados, essa obra havia de produzir fadiga, exigia paciencia e tempo. Si não tivessem em vista um fim qualquer, não se cansariam, tomando sobre os hombros trabalho tão aturado.

São modernas ou precolumbianas essas inscripções? Pelos estudos que se hão feito sobre as inscripções encontradas na America, é fóra de duvida que remontam ao anno 800 mais ou menos da época christã e que foram feitas por mãos estranhas áquella parte do globo.

Pretendo em trabalho especial tratar mais detidamente dessas inscripções, assim como das que existem na cachoeira Jauarité, no rio Uaupés, de outras encontradas dispersas pelo rio Negro até ás Lages e das do rio Urubú, das quaes possuo cópias.

VI

GEOGRAPHIA

Só de nome, de longa data, é conhecida a região do valle occupado hoje pelos indios Crichanás, onde existem espalhadas suas malocas e onde desenrolaram-se tantas scenas de horror, depois de ter sido esse ponto um celleiro para o commercio, no tempo colonial. Nenhuma exploração scientifica ou regular foi ahi feita.

Aquelles que, no seculo passado, ahi navegaram, commerciando, não deixaram cousa alguma escripta e muito menos publicada, de modo que hoje, a não ser algum pescador ou aquelles que ahi têm ido bater os indios, ninguem póde conhecel-o.

Entretanto existem dous manuscriptos sobre o rio Jauapery: um escripto em 18 de Agosto de 1787 por Pedro Affonso Gato (1), por ordem do governador Manoel da Gama Lobo d'Almada, que existe na Bibliotheca Nacional, e outro de 27 de Agosto de 1855 do capitão Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães, na presidencia do Dr. Manoel Gomes Correia de

---

(1) Noticia ocular que dou dos rios Jauapery e Curerú e do rio Aranacuá por informações que tirei dos moradores do logar do Carvoeiro, etc.

Miranda e que se acha no archivo da presidencia da provincia do Amazonas. O primeiro é tão curto que aqui o transcrevo, completando assim este trabalho:

« Fica o rio Jauapery fronteiro á villa de Moura, indo-se por ella acima corta ao norte, e passadas duas cachoeiras vira ao nascente. E' este rio de pouco cabedal de aguas. As suas cabeceiras vão acabar em uma pequena serra. Da primeira cachoeira até á segunda são dous dias de viagem; da segunda á terceira é dia e meio de viagem; da terceira á quarta menos de meio dia de viagem; e por isso consta o dito rio de quatro cachoeiras grandes, e o mais entre as mesmas cachoeiras consta de lages cobertas de mui pouca porção de agua.

« Não me consta que tenha communicação alguma com outros rios e só me dizem que no tempo de muitas chuvas tem sahida para o rio Anahuá, por entre pantanaes. E tambem não consta que tenha communicação com nação alguma estrangeira, fronteira a esta capitania.

« Tem muita numerosidade de gentio da nação Aruaqui.

« Não tem haveres de qualidade alguma, que me conste.

« E' rio muito doentio, por serem as suas aguas pestilentas, principalmente no mez de Abril, do qual me retirei no dito mez, e aliás falleceria eu, como succedeu a 14 indios dos que me acompanhavam; e eu fiquei em tal estado que cheguei a tomar o Sacramento da Extrema Unção. E vazou tanto no dito mez que, si me não retiro, me seria preciso esperar pela outra enchente para o fazer.

« Naveguei pelo dito rio acima o tempo de 40 dias, com declaração que embarcado só seriam 24, até 25 dias, e os mais por terra, á procura do Gentio a que foi destinada a minha derrota. »

O segundo é um pequeno relatorio, antes um diario da viagem que fez o autor quando foi encarregado de um reconhecimento para a abertura de uma estrada de conducção de gado das fazendas do rio Branco para a capital do Amazonas, e que não nos dá noticia alguma geographica,

limitando-se a observações sobre as margens, embocaduras de alguns affluentes e numero de cachoeiras do affluente que denominou Miranda.

O trabalho, pois, que agora apresento, embora incompleto e defeituoso, é o unico que vê a luz da publicidade, e possa elle, com todas as imperfeições, servir de guia a outro que melhor o complete.

Não tendo sido o fim de minhas excursões o estudo do rio scientificamente, mas chamar ao gremio social os ferozes indios Crichanás, que infestavam suas margens, não deixei entretanto de fazer alguns estudos, sempre que os selvagens ou o tempo m'o permittiam.

Apresentei a narração dos factos que nelle se deram ; bosquejei os que vão cahindo no dominio da historia ; descrevi os usos dos selvagens ; sirva agora este captiulo para tornar melhor conhecido o campo onde elles imperam e onde se deram as perseguições e represalias cujas datas vão marcadas na carta appensa a este trabalho.

Presumo pelas informações dos indios que o rio Jauapery (1), Jauapery, Jauaperi, Hiaupiri, Hyauápery, segundo a orthographia dos que o têm nomeado, nasce nas vertentes de SO. de uma das ramificações da serra do Acary a 1°, 30' mais ou menos ao N. do Equador, descendo por entre serras a encachoeirar-se até a lat. N. de 20°, onde entra então um rio morto, vindo de NE. para SO. a principio, voltando depois ao S. até á confluencia do rio Miranda, dirigindo-se então novamente para SO. até a 17' lat. S. em que passa a dirigir-se sempre a S. até á sua foz, em um PARANÁ do rio Negro, no logar chamado Marakaká a 1°, 28' lat. S. e 1°, 54' long. N.

A principio corre parallelo ao rio Unauahu ou Anauá, que nasce na mesma serra e afflue no rio Branco, e depois

(1) Jahu, sujo, api, caminho, e Y agua, caminho d'aguas sujas, allusão ás aguas barrentas do rio Branco que nelle se intromettem.

tambem inclina-se a correr parallelo a este rio, entre 1º 55' e 2º long. O. de Manáos.

Nas vertentes S. da mesma serra do Acarahy, que pelo N. dá origem ao Essequibo, nascem os rios Uatumá e seu affluente Jatapú, o Jamundá e o Trombetas.

Seu percurso é de 160 leguas mais ou menos, sendo 80 de rio morto.

Da confluencia do rio Miranda, explorado pelo capitão Gabriel, até á primeira cachoeira, distam 40 leguas e desta á ilha do Triumpho, na enseada Mahaua, 22.

Do rio Miranda, cujas aguas são claras e percorrem uma região encachoeirada de mais de 60 leguas até á ilha do Triumpho, desaguam, por ordem geographica, na margem esquerda, o Lauahu, seis e meia leguas abaixo da cachoeira, na margem direita, a duas leguas, o Campina, na margem esquerda, a seis leguas, o Bonaná, e, na margem direita, 15 leguas abaixo, o Macucuahu, seguindo-se, na margem direita, nove milhas de distancia, o Chipareuaua, e na mesma margem o Chichinahu, distante tres leguas.

O maior affluente é o rio Miranda.

No baixo Jauapery diversos ỹarapés desembocam em ambas as margens, e como percorre uma vargem muito extensa, formam por extravasamento em ambas as margens grandes lagos, dos quaes alguns seccam pelo verão, todos muito piscosos. Alguns delles são d'aguas claras, pelo que têm o nome d'aguas boas.

Diversas ilhas matizam suas aguas, tornando-se mais numerosas para a foz, sendo por ordem geographica as maiores do Uatucurá, Sumauma, Gaivotas, Sapa Tauakuera. A mais notavel, embora de tres a quatro milhas de circuito, é a do Triumpho, não só por ter-se dado nella o banquete da paz, como por ser o centro ou o ponto de reunião dos indios, que têm perto suas malocas e occupam as florestas do baixo Jauapery.

Si no alto Jauapery o terreno é todo pedregoso, apparecendo rochas de quartzo puro, gneis e grés, correndo pelas

abas das serras, na parte baixa só as rochas apparecem em frente á ilha do Triumpho, na margem direita, abaixo, na esquerda, e mesmo no meio do rio, na Cachoeirinha, no Ayurú, em Theodoretopolis antiga Tauakuera, em Canacunama e em Uirabiana.

Suas margens argillosas, de pura tabatinga, cobertas de pouco humus, ora se elevam a prumo, ora se abaixam e se estendem em praias, formadas pela vargem, não apparecendo as terras firmes senão em Meruim, Mahaua e d'ahi para cima.

A pouca quantidade de humus faz com que a vegetação, não podendo levar suas raizes á tabatinga, por ser ingrata e dura, se estenda horisontalmente, o que motiva, nas enchentes, levado o humus e as raizes descobertas, cahirem as arvores carregando ás vezes pedaços de barrancas. Pela cheia muitas ilhas desapparecem e as proprias barrancas se afundam formando grandes yapós que se ligam a lagos.

Esta enchente que vai de Março a Setembro mais ou menos, priva os indios, que têm poucos meios de transporte de apparecer no rio, porque, estando todas as aldeias em terra firme, muito distantes das cabeceiras dos ỹarapés, não podem vir a pé enxuto ás margens. Nesse tempo se vêem os pescadores no rio, dormindo, entretanto, nas canôas, n'agua ou nas pequenas ilhas alagadas, onde fazem fogo para os alimentos sobre as arvores.

A vegetação das margens é pobre, com intrincado enredo de plantas sarmentosas e trepadeiras. Estas fazem as margens em alguns logares inaccessiveis e agarram as arvores que a ellas estão proximas, atirando-as á corrente.

O leito de todo o rio é arenoso, formando bancos movediços que ora formam corôas, ora se ligam ás praias unindo muitas vezes uma praia a outra, de modo que, embora o rio tenha boa largura, depois de meia vazante, em alguns logares, não offerece calado para embarcações que necessitem de cinco palmos d'agua.

Sua largura, que regula pouco mais ou menos uma milha

na foz, segundo a época, pouco se estreita para cima até Mahaua, o fazendo sómente onde é dividido por ilhas que formam então PARANÁS.

Quando as praias se elevam, por entre ellas o rio se estreita, cava canaes, formando barrancas de areia, cortadas a prumo de mais de quatro metros, como observei. Nessas praias é que de Setembro a Dezembro desovam milhares de tartarugas que attrahem os indios, tornando perigosa a passagem, pois os selvagens atravessam de uma para outra margem em UBÁS ou curiaras, ou ainda a nado.

As gaivotas, os corta-agua, em grande quantidade, tambem depositam os ovos pelas praias, fazendo os ninhos sobre a areia, sem um só graveto que os ampare e proteja.

O rio se estreita para as cabeceiras, formando algumas cachoeiras e saltos perigosos.

A principal maloca, a de Mahaua, fica justamente na linha equatorial na O. de N. 1º 55'.

Em cem annos, isto é, de 1787, as margens do rio Negro têm-se modificado. Isto prova a observação que tenho feito de que as aguas do Amazonas têm paulatinamente diminuido, de modo que nas grandes cheias hoje não chegam aos logares onde outr'ora chegavam.

Essa modificação, motivada pela diminuição das aguas, fez com que a foz do rio Jauapery, que outr'ora foi distinctamente no rio Negro, hoje o seja em um paraná que unido a outros faz crer que sua embocadura é formada por um delta.

A formação geologica do terreno, as correntes e a côr das aguas nos mostram claramente que antigas ilhas que estavam quasi no meio do rio Negro foram reunidas á terra firme por meio de alluviões e immersão das margens, deixando estreitos canaes, por onde com grande velocidade correm as aguas do rio Negro, confundidas com as do rio Branco, que descem sempre encostadas á margem esquerda.

N'um desses canaes desemboca o rio Jauapery, cujas

aguas se confundem com as dos rios Branco e Negro para sahirem pouco acima de Ayrão, a 1° 48' de lat. S. e 1° 44' de long. O. de Manáos, emquanto que a verdadeira foz fica a 1° 28' lat. e 1° 54' long., como já vimos.

Algumas milhas abaixo da foz do rio Branco, logo abaixo da foz do lago Cuireru, uma grande, porém estreita ilha, denominada do Mucuim, toda de terrenos de alluvião, forma o PARANÁ chamado do Mamuriahu por onde entram as aguas do rio Branco. Esse PARANÁ encontra outro que termina a ilha, o do Calango, que leva as aguas do rio Negro, defronte de Moura, a unirem-se ás do rio Branco. Assim confundidas, se dividem a formar a ilha do Calango, cujo PARANÁ sahe logo no rio Negro, indo para o N. as aguas do rio Branco pela continuação do PARANÁ do Muriuahu a formar o do Massoeiro, onde desemboca o Jauapery. Unidas assim as aguas, alarga-se o PARANÁ vulgarmente conhecido por Jauapery, e, formando lagos e ilhas diversas, vai sahir em frente a Ayrão.

Em seu trajecto, recebe por outros canaes o Urauá cupichaua e um pequeno em frente ao rio Unini, que levam ainda aguas do rio Negro, fazendo assim com que este augmente de volume. Assim formam-se grandes ilhas como a antiga do Calango, a do Apuhy, a do Mboia-açú, a do Kupichaua e a do Jauarykurua.

Todas estas ilhas são formadas de cascos das antigas, mencionadas por Lobo d'Almada, augmentadas de alluvião moderna que as uniu ás margens, deixando os canaes, alguns dos quaes seccam pelo verão.

As proprias ilhas, pela enchente, em alguns logares, transformam-se em Yapós que no tempo da secca deixam pequenos lagos no centro como os Purupuru, Apuhy, Tucunaré, Gaivotas, Mboia-açú e outros.

Sua corrente é, pouco mais ou menos, de tres milhas por hora, augmentando-se á medida que se eleva o terreno, approximando-se da região das cachoeiras e tornando-se quasi nulla na foz, onde as aguas são repellidas pelas do

rio Negro que, com uma velocidade de seis a oito milhas, algumas vezes, corre em um canal de sete braças de profundidade na época da vasante.

Abaixo da praia do Ayuru a corrente, onde o leito e margens são rochosos, estreitando-se o canal, torna-se impetuosa, atirando-se em sigma de L. para O.

Sua temperatura durante o dia, quando não corre viração, na média, é de 28° cent., ás 2 horas da tarde, e de 21° cent. á noite.

Em geral as manhãs são enevoadas e sombrias, emquanto que as tardes são esplendidas. E' um rio monotono e triste. Poucos são os logares que offerecem bonitas perspectivas como Uirabiana, Cauacunama, Ayurú e Mahaua, pois que ahi o terreno não é accidentado e a vegetação que cobre as margens é sempre a mesma.

Felizmente não soffre-se a praga dos CARAPANÁS e PIUMS, apparecendo estes unicamente nas proximidades e nos Yarapés conhecidos por *aguas boas*.

Embora duas pessoas das que sempre me acompanharam apanhassem sezões, apenas duas, tenho certeza que na época da enchente o rio é doentio, porque os indios, como me referiram, soffrem febres intermittentes que os dizima, como aconteceu em 1884, em Abril, fallecendo por essa occasião muitos meus conhecidos e o velho TUCHAUA, que assim realizou o que disse no banquete da paz:

« Ucueré tequeipunan seré cacoró, nahazé nanequy inequy amerenaquy pénatopé. »

FIM DA SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE

DOCUMENTOS

Doc. n. 1

Parte do commandante das armas coronel João do Rego Barros Falcão, á presidencia do Amazonas, dando conta da commissão encarregada de defender a villa de Moura, assaltada pelos Waimirys, em 1873.

CÓPIA

Quartel do commando das armas da provincia do Amazonas, em Manáos, 27 de Janeiro de 1873.

Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de referir a V. Ex. como foi desempenhada a commissão em que se dignou mandar-me á freguezia de Moura, assaltada pelos Waimirys, indios selvagens que habitam o rio Jauapery. Como V. Ex. presenciou, embarquei ás 5 horas da tarde do dia 16 do corrente nas lanchas da flotilha ns. 3 e 5 com uma força de praças do 3º batalhão de artilharia a pé e do corpo provisorio de guardas nacionaes em destacamento; acompanharam-me meu ajudante de ordens o 1º tenente de artilharia Affonso de Pinho de Castilho e o Dr. Luiz Carneiro da Rocha, 1º cirurgião da armada, por V. Ex. posto á minha disposição. A's 6 horas da tarde largámos deste porto.

Desta capital até o ponto de nosso destino, nenhuma occurrencia se deu digna de interesse. Depois de pequenas interrupções devidas a necessidades de remediar alguns

desarranjos na machina da lancha n. 5, chegámos a Tauapessassú ás 7 ½ horas do dia 17; ahi demorámos o tempo preciso para receber combustivel, suspendêmos ás 10 horas da manhã e continuámos a navegar todo o dia e noite.

Durante a viagem parámos algumas vezes para chamar á falla as canôas que desciam o rio e pedir informações relativas ao objecto da commissão; tivemos tambem demoras por terem as lanchas encalhado algumas vezes, em consequencia de estarem as aguas muito baixas, e os nossos praticos não conhecerem o canal.

Finalmente chegámos a Moura ás 9 horas e 25 minutos do dia 18, tendo passado pela povoação de Ayrão ás 10 horas e 18 minutos da noite anterior.

Tratei logo de informar-me circumstanciadamente do acontecimento do ataque dos indios, de indagar do destino que tinham elles seguido e tomei providencias para tranquillisar os habitantes da freguezia que se haviam refugiado em uma ilha proxima e prestar-lhes todo o auxilio de que careciam.

A uma commissão composta do major Carlos Baptista Mardel, do tenente Manoel Rodrigues Pastana e do subdelegado da freguezia, incumbi de distribuir pela população os generos alimenticios que o commerciante Francisco de Souza Mesquita offereceu para fim tão meritorio e daquelles que V. Ex. tão previdentemente enviára com o mesmo destino.

Foram tambem logo prestados pelo Dr. Carneiro da Rocha, com a solicitude que o distingue no seu ministerio, os soccorros de que precisava um infeliz habitante da freguezia que tinha sido ferido por duas flechas arremessadas pelos barbaros.

Dadas estas providencias e bem inteirado da direcção em que os Waimirys poderiam ser encontrados, provi-me de combustivel e reembarquei-me na lancha. Convém aqui notar que já achei aqui reunida parte da guarda nacional da freguezia, conforme as ordens que V. Ex. expedira para

o seu aquartelamento, desde que tivera sciencia do rumor das correrias dos selvagens.

A nossa força augmentada com o contingente da guarda nacional, dividi em duas columnas, confiando uma ao major Mardel e outra ao tenente Pastana; e depois de munir-me de algumas igarités e canôas, suspendi do porto de Moura ás 3 horas e 40 minutos da tarde de 18. Toda a força do 3º batalhão de artilharia a pé ao mando do major Mardel seguiu em canôas, afim de entrar em um furo proximo da ilha de Moura; as duas lanchas estiveram durante a noite rondando as duas boccas do lago Aguum.

Ao amanhecer de 19 fiz desembarcar a força do 3º batalhão que se achava dentro do lago e bati toda a ilha onde se suppunha estarem os indios.

Apenas encontrámos sensiveis e recentes vestigios de sua passagem e entre elles *onze ubás que mettêmos a pique* e que necessariamente tinham servido para o seu transporte de uma para a outra margem do lago.

A circumstancia de acharmos as ubás no logar onde suppunhamos os indios e a delles não saberem nadar (!), como é notorio, levou-me a crer que elles tinham sido victimas da precipitação com que pretendiam escapar-nos, desde que nos approximámos.

Esta supposição foi confirmada, pois posteriormente foram encontrados diversos cadaveres já em estado de putrefacção.

Depois de bem explorados todos os igarapés, paraná-miris e ilhas das proximidades, e tendo toda a certeza de que os indios que tivessem escapado se achavam internados nas mattas espessas da margem direita do rio, mandei toda a força embarcar na lancha n. 5 e seguir para a freguezia, em cujo porto fundiei ás 5 horas e 30 minutos da tarde. Anteriormente havia tambem ordenado ao 1º tenente Affonso de Pinho de Castilho que explorasse toda a margem esquerda, afim de verificar o boato de terem as mulheres e crianças dos indios para ahi passado no dia antecedente.

Esta commissão foi desempenhada por aquelle official na lancha n. 3, de um modo satisfactorio, não obstante o forte temporal que cahiu acompanhado de intensa chuva; não se verificou, porém, o boato divulgado. Não limitei-me sómente a estas providencias, e no dia 20 fiz marchar duas expedições com o fim de descobrir onde os Waimirys se teriam refugiado, bem como obter melhores informações que habilitem o governo a resguardar as povoações de novos ataques dessa tribu. Para isso seguiu pela manhã a lancha n. 3 com a força sob o commando do major Mardel com ordem de explorar o rio Jauapery, e procurar indicios dos indios e das localidades em que elles têm suas malocas; e ao meio dia partiu outra expedição ao mando do tenente Pastana, dividida em duas forças, seguindo uma por terra e a outra embarcada, ambas com direcção á serra do Urubú-quára, onde se suppunha refugiados alguns indios. A ultima força entrou pelo rio Uineny, deixando de observação em sua fóz uma canôa guarnecida. Resolvi ficar durante a noite com a lancha n. 5 na freguezia, já para reparar algumas avarias da machina, já para tranquillisar a população, sempre aterrada quando a força della se separava.

A's 5 horas e 5 minutos do dia 21 segui na referida lancha com um pratico e ás 8 horas e 28 minutos entrei na bocca do Uineny, onde da canôa em observação soube que em sua viagem encontraram muitos cadaveres de indios que desciam pelo rio, o que justificava a presumpção que já referi. Sabendo tambem que o tenente Pastana se tinha internado pelo rio com parte de sua força, fui a seu alcance, encontrando-o ás 9 horas e 10 minutos nas primeiras ilhas que ahi existem. Informou-me aquelle official ter ouvido tiros na direcção de SO. e presumir que elles fossem disparados por parte de sua força que havia seguido ás ordens de um forriel. Resolvi por isso dirigir-me á serra Urubú-quára, junto á qual dei fundo ás 11 horas da manhã. Ahi demorei-me até ás 2 ½ horas da tarde, mandando bater toda a matta da fralda da serra sem encontrar vestigios dos indios.

Continuando, porém, a ouvir tiros, regressei para o logar onde tinha deixado o tenente Pastana e, não o encontrando, segui até á foz do Uineny, onde soube que a força, que desde o dia anterior se tinha internado na matta, havia sido atacada pelos indios, que, depois de forte resistencia, foram batidos, tendo a lastimar-se que dous ficassem mortos e grande numero fossem feridos. Parte delles se tinha escapado carregando os feridos e a nossa força depois de batel-os até ás 4 horas da tarde, sem novo encontro, acampou para tomar algum alimento, de que estava privada por mais de 24 horas. A' vista destas noticias reuni-me ao tenente Pastana e a toda fórça dirigi-me para o logar Aguum, onde verifiquei a noticia do ataque ter-se dado na margem de um igarapé proximo do lago, tomando os indios a direcção da freguezia.

Deixei no lago uma canôa com guarnição armada e segui para Moura, onde dei fundo ás 9 horas da noite.

Ao amanhecer de 22 fiz desembarcar a força que estava na lancha n. 5, e, reunindo-lhe 20 guardas nacionaes, mandei bater todo o matto proximo á freguezia e procurar fazer juncção com a outra força que no dia antecedente tinha sido atacada. Esta operação fez-se ao meio-dia, tendo-se encontrado arcos e flechas quebradas e ensanguentadas, e restos de algumas dellas queimadas e indicios da derrota e fuga dos indios.

Conseguiu-se tambem arrecadar grande parte dos objectos saqueados e que elles abandonaram com a sua fuga precipitada.

Á's 2 1/2 horas da tarde regressou a lancha n. 3 da exploração do Jauapery e sobre ella reporto-me ao que refere o distincto major Mardel, cumprindo accrescentar que foi a primeira vez que as aguas desse rio foram sulcadas pelo vapor.

A lancha da flotilha percorreu por mais de 30 leguas sem o menor obstaculo, reconhecendo-se que elle póde até ser navegado por vapores de maior calado.

Á's 4 horas da tarde regressaram as duas columnas, bem como o tenente Pastana ; fiz toda a força de linha embarcar nas lanchas e postei a da guarda nacional na povoação.

Durante todas estas expedições não tivemos a lamentar desastre algum, tendo as nossas praças escapado ás flechas dos selvagens, protegidos pelos troncos das arvores das mattas onde foram atacadas.

Referindo a V. Ex. estas occurrencias, não posso passar em silencio o estado de abatimento moral em que encontrei os habitantes de Tauapessassú, Ayrão e Moura ; os ultimos principalmente haviam abandonado as habitações e estabelecimentos, e se refugiaram em uma ilha, expostos aos rigores das intemperies e da fome; e todos bemdizem as promptas providencias de V. Ex. que lhes restabeleceram a tranquillidade e deram a protecção de que tanto careciam.

Os indios deixaram traços bem sensiveis de sua passagem pela freguezia e assassinaram a uma infeliz criança que alli havia sido esquecida em uma rêde, traspassando-lhe o corpo com a ponta de uma flecha como si fosse um punhal.

O infeliz de que já fallei e que foi ferido quando com outros individuos ia reconhecer o logar onde se achavam os indios, falleceu ás 5 horas da manhã de 22, apezar dos esforços que o distincto Dr. Carneiro da Rocha empregou para salval-o.

Não posso deixar de chamar a attenção de V. Ex. para a necessidade que ha de energicas providencias que contenham esses indios que infestam as margens do rio Negro, desde a praia do Jacaré até á foz do rio Branco, e atacam os viajantes, interrompendo as communicações com esta capital em grande parte do anno.

Reconheço que é má a contingencia em que estamos *de contra elles empregarmos meios de força*, mas cumpre-me dizer a V. Ex. que, *ou deve-se lançar mão desse recurso, ou então abandonar aquellas povoações e entregar aos selvagens aquella zona* que tanto se presta á agricultura, seguindo o curso superior do rio Negro da séde da administração.

Resta-me recommendar a V. Ex. os serviços prestados pelo 1º cirurgião da armada Dr. Luiz Carneiro da Rocha, 1º tenente Affonso de Pinho de Castilho, meu ajudante de ordens, tenente honorario do exercito Antonio de Oliveira Horta, e alferes Manoel Joaquim Ayres do Nascimento; pelos officiaes da guarda nacional major Carlos Baptista Mardel, tenente Manoel Rodrigues Pastana e alferes Targino José Maria da Liberdade Bananeira, e espero que V. Ex. fará chegar ao conhecimento do governo imperial os relevantes serviços por elles prestados com dedicação e desinteresse a bem da segurança publica. Igualmente recommendaveis são as praças do 3º batalhão de artilharia a pé, as do corpo provisorio e da guarda nacional de Tauapessassú e Moura pelos perigos e privações que passaram, as primeiras desde 16 até 24 do corrente, e as das duas freguezias tambem pelo serviço gratuito que prestaram apenas recebendo alimentação.

Terminando esta exposição participo a V. Ex. que a bem da tranquillidade publica deixei em Moura um destacamento de um cabo de esquadra e nove praças ás ordens do major Mardel.

Deus Guarde a V. Ex.— Illm. e Exm. Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto, D. Presidente da Provincia.— (Assignado) João do Rego Barros Falcão, coronel-commandante das armas. » (1)

---

(1) Reservo-me o direito de apreciar todos estes documentos, griphando e admirando varias phrases e topicos mais dignos de nota.

(Nota do autor.)

Doc. n. 2

Parte do tenente Antonio José de Oliveira Horta, commandante do destacamento de Moura, ao commandante das armas da provincia, pedindo praças e cartuchos para o destacamento e dando conta de mais um assalto de indios, em 1874.

CÓPIA

Commando do destacamento de Moura, 31 de Outubro de 1874.

Illm. e Exm. Sr.— Faço nesta data seguir para essa capital um expresso pedindo providencias ao Exm. Sr. Presidente no sentido de ser-me remettidas *algumas praças para reforçar este destacamento, e 1.000 cartuchos embalados e 1.000 capsulas fulminantes*. Os indios atacaram esta freguezia em numero de *duzentos e tantos para mais*, appareceram pela retaguarda da freguezia pelo lado do cemiterio; nada fizeram por estar tudo determinado em ordem; houve apenas um ferimento que traspassou o braço direito do guarda Quintiliano José Pereira, o qual se acha em tratamento; os indios foram *completamente rechaçados, muitos mortos, inclusive o chefe* que os conduzia. Peço a V. Ex. a sua consideração no pedido que faço ao Exm. Sr. Presidente.

Neste instante vieram as praças da marinha dar-me parte que pela meia-noite ouviram gritos de afflicção para o Uainô; não sei ao que attribuir, si foi outra marinha atacada ou si é *os perdidos que estão em gritos, sujeito-me mais a esta ultima hypothese* que já vou verificar. Não sou extenso a V. Ex. pelos serviços que me cercam.

Deus Guarde a V. Ex.— Illm. Sr. Dr. Francisco da Costa Araujo e Silva, tenente-coronel commandante das armas da provincia.— (Assignado) Antonio José de Oliveira Horta, tenente e commandante. »

Doc. n. 3

Parte do tenente Antonio José de Oliveira Horta, commandante do destacamento de Moura, ao commandante das armas da provincia, dando conta das diligencias feitas para *restabelecer o socego publico da freguezia alterado pela aggressão dos indios* e historiando os *actos de bravura* praticados por essa occasião em 1874.

COPIA

N. 17. — Commando do destacamento de Moura, 24 de Novembro de 1874.

Illm. Exm. Sr.— Com a maior satisfação tenho a honra de dar cumprimento á determinação de V. Ex. contida em officio sob n. 692 de 4 do corrente, de toda occurrencia e diligencias por mim feitas para restabelecer o socego publico dos habitantes desta freguezia alterado com a aggressão dos indios selvagens Jauaperys. No dia 7 do corrente, pelas 5 horas da tarde, ancorou neste porto a lancha n. 2 da flotilha de guerra, trazendo 20 praças sob o commando do tenente Emilio Augusto de Oliveira, como bem me scientificou V. Ex. ficar sob as minhas ordens.

Fiz desembarcar as praças para o quartel deste destacamento nesse mesmo dia, e no dia seguinte pelas 8 horas da manhã reuni entre guardas nacionaes e praças de linha *30 baionetas* e o sargento da força Leonel Ramiro da Silva Castro. Segui com ellas com direcção ao trilho feito pelos indios, cujo fica na retaguarda desta freguezia ao lado esquerdo do cemiterio, e deixei uma força de 10 homens nesta freguezia, sob o commando do tenente Emilio para garantir os habitantes no caso fosse atacada na minha ausencia. Logo que estive em frente á picada ou trilho, internei-me pela matta com a força descendo e subindo ladeiras conforme a direcção que seguia o trilho e pude

chegar na retaguarda da praia denominada Capitão; ahi deparei com o acampamento delles em numero consideravel; parei com a força a ver a nova direcção, encontrei seguindo para a ilha que fica abaixo da mencionada praia, segui passando banhados e atoleiros e fui sahir na margem do rio, muito abaixo desta freguezia, na descida que fizeram muito abaixo para embarcarem-se, ahi parei, examinei tudo e contramarchei chegando nesta freguezia ás 5 ½ horas da tarde sem ter encontro, apenas vestigios e acampamentos.

No dia 9, ás 4 horas da tarde embarquei na lancha com 20 praças e o cadete-sargento Leonel e o 2º sargento reformado Camillo Gonçalves de Oliveira Mello que se prestou voluntariamente, e segui com destino ao rio Jauapery, ficando neste ponto *este destacamento* com o resto da força sob o commando do tenente Emilio: ás 6 horas da tarde já dentro do rio, deparei com *cinco ubás encalhadas em uma enseada, ordenei ao sargento Camillo que com oito praças fosse destruil-as, o que fez immediatamente;* segui a navegação depois de ter andado duas horas, ancorei ás 6 ½ horas da tarde, conservei logo que escureceu uma sentinella durante a noite.

A's 5 horas da manhã mandei suspender o ferro e prosegui a viagem, encontrando difficuldades na navegação pela falta d'agua para a lancha que de momento a momento encalhava em corôa de areia que não offerecia difficuldade em desencalhar-se; com este embaraço pude chegar até á ilha intitulada Urabiana, mandei dar fundo junto á praia da mencionada ilha, saltei em terra com algumas praças, percorri a praia e a ilha, nada encontrei, retrocedi deste logar por falta d'agua para a lancha, com o mesmo cuidado e como que fiz na subida a ver si descobrira os indios atravessando emboscados nos logares que costumam atacar sempre que se navega nesse rio onde imperam com tyrannia; infelizmente nada encontrei a não ser as cinco ubás que foram inutilisadas; cheguei á freguezia no dia 11 ás 7 horas do dia.

No dia 12, ás 7 horas da manhã, em vista de uma participação que tive, fiz seguir a lancha com 10 praças sob o commando do tenente Emilio para o mesmo fim afim de ver tres ubás que diziam existir no igarapé de uma enciada (1) puchada em terra, lá foram encontradas e *mandadas destruir uma e conduzidas para esta freguezia duas* no regresso que fez a lancha ás 3 horas da tarde desse mesmo dia.

No dia 15 fiz seguir a lancha com uma força de guarnição sob o commando do tenente Emilio afim de cruzar o rio entre Ayrão e esta freguezia, regressou sem nada ter encontrado ás 9 horas do dia 16.

A 19 fiz seguir denovamente a lancha para cruzar o rio entre esta freguezia e a povoação de Carvoeiro levando seis praças de guarnição sob o commando do mencionado tenente, regressou a 20 pelas 2 horas da tarde sem encontrar cousa alguma nessa viagem.

No dia 21 pelas 10 horas do dia, estando toda a força neste ponto com a guarda composta de 16 homens com sete sentinellas, uma das armas e seis na retaguarda da freguezia pelos flancos atacados no dia 29 de Outubro ultimo, como bem communiquei a V. S. foi novamente atacado pelos mesmos indios Jauaperys em numero consideravel, com o foror proprio de selvagens, sahiram da matta que hoje está distante das casas com subtileza e distreza, as quaes foram logo vistas pelas sentinellas que *immediatamente fizeram fogo sobre elle*, logo em continente colloquei-me no meu posto, juntamente o mencionado tenente Emilio, deffendemos a posição, fazendo-os fugir em continente com perdas da parte delles *que a proporção que iam cahindo* eram logo carregados por outros, assim que retiravam-se em completa desordem pela matta, dei ordem que a lancha partisse immediatamente para ir cruzar abaixo

(1) Reportando-me ao original, sou obrigado a conservar a ortographia e estylo do autor do documento. (N. do A.)

desta freguezia entre a praia denominada Capitão e a ilha do Cururú para impedir a passagem delles, fiz embarcar na mesma lancha n. 2º cadete 2º sargento Leonel Ramiro da Silva Castro com seis praças, com ordem de não deixar passar os indios afim de *puder perseguil-os* pela matta. Reuni a força municiei denovamente todas as praças *com tres massos de cartuxos cada uma* e capsulas correspondentes, deixei 16 praças nesta freguezia sob o commando do tenente Emilio para garantir este ponto e com as 34 praças e o sargento reformado do 3º batalhão de artilharia Camillo Gonçalves de Oliveira Mello que se offereceu para me acompanhar na *perseguição dos indios* segui atrás dos mesmos pelo trilho que fizeram para dar na retaguarda da freguezia e ajudado pelos homens praticos das mattas, prosegui a marcha ao encontro delles ás 11 horas do dia, observando, as praças que me acompanharam que na marcha não queria separação nem rômor sob pena de serem punidos: Caminhei com ligeireza a passos accelerados em parte, passando altos e baixos, banhados e atoleiros sem perder o trilho que aqui aparecia, e elle desaparecia, depois de muito caminhar, já no centro da matta, encontrei o primeiro indio que estava descansando no trilho deitado em uma sahia de mulher, o qual fugiu como um relampago das nossas vistas, deixando o arco e flechas ensanguentadas, reconheci estar ferido, segui-o logo, porém não pude pegar pela falta da direcção que elle tinha tomado, apezar da ordem e actividade que marchara sobre elles, abandonei este e fui em procura da columna que seguia frente, demonstrada pelo trilho; seriam 4 horas da tarde, já a força tinha marchado muito, quando formei proposito de acampar logo que viesse o crepusculo, para levantar acampamento no dia seguinte até descobrir os indios: ainda não tinha caminhado um quarto de legôa quando *encontrei-os acampados, carreguei sobre elles para agarrar alguns*,—não pude por não sujeitarem-se a entregar-se, pelo contrario faziam frente flechando, visto isto avancei com precipitação para elles, levando-os até

dentro de uma legôa, onde fiz vivo fogo sobre elles pela resistencia que faziam, *morreram muitos feridos escaparam alguns* que se internaram pela matta. Do acampamento onde estavam fiz conduzir toda a bagagem que tinham, entre 40 e tantas redes de duas e tres pessoas cada uma, muitos remos, flechas e arcos em grande quantidade, estavam alli promptos para o embarque em retirada, o que não effectuaram pela ligeireza da marcha sobre elles e avistarem a lancha que crusava.

Tudo examinado, desci com a força para a margem do rio, onde já estava a lancha, mandei algumas praças saltarem n'agoa, a procura das ubás que deveriam estar alagadas, como de facto foram achadas *em numero de 12, 3 mandei logo metter o machado e as 9 conduzi para a freguezia* onde cheguei ás 7 horas da noite. No dia seguinte (22) pelas 9 horas do dia fiz seguir uma força na lancha sob o commando do tenente Emilio afim de examinar o lugar onde tinha encontrado e batido os indios, levando na força o 2º sargento Camillo e acompanhado do professor Florentino Rois de Andrade que se prestou logo que alli chegou o referido tenente desembarcou, encontrou o resto dos indios *atrepados nas arvores* d'onde flechavam a força que por baixo procuraram por elles, *foram mortos e feridos* muitos, regressando ás 3 horas da tarde por ter-se-lhe *acabado a munição que levava.*

No mesmo lugar onde encontrou-se os indios foi vista pelo tenente commandante da força uma pequena jangada que estiveram preparando para passarem para o lado opposto onde existem as malocas.

Antes de chegar a força nesta freguezia deu-se em viagem um successo lamentavel com a perda de um soldado, o qual foi do modo seguinte: embarcou para a lancha o soldado da 4ª bateria Manoel Francisco Cabral com a carabina ainda carregada, sem tirar a capsula quando fiz o embarque, casualmente dispara a carabina recebendo o tiro pouco abaixo do estomago e que sahiu-lhe a bala pelas costas do que

resultou morte instantanea, conforme a participação que do tenente recebi.

Neste mesmo dia, as 4 horas da tarde *municiei a gente* e embarquei-me na lancha com algumas praças e o sargento Leonel; dirigi-me para o lugar, saltei na matta, já nada encontrei, retrocedi ás 5 horas da tarde.

No dia 23 pelas 11 horas do dia segui com uma força embarcada na lancha com direcção ao lugar já mencionado depois de ter deixado o resto da força nesta freguezia sob o commando do tenente Emilio afim de passar um exame em toda matta e *mandar queimar os cadaveres que fossem encontrados, o que fiz logo que ahi cheguei, fazendo uma pilha e mandando queimar;* dirigi-me para a lagôa onde encontrei *muitos corpos na beirada já em estado de putrefação* e alguns queimados pelos proprios indios que não enterram os seus.

Em todas as diligencias que fiz para repellir o atrevimento dos indomitos selvagens Jauperys, que tem trazido nestes annos não pequena desanimação aos habitantes deste lugar pelos repetidos ataques que dão com surprezas, causando deste modo transtornos, prejuizos innumeros aos mesmos habitantes, fui auxiliado pelos cidadãos MANOEL GONÇALVES, Florentino Rois Arruda, *Hermogenes Rois Pastana*, HERMENEGILDO ROIS PASTANA e finalmente pelo 1º machinista Bruno.

Dando conta á V. S. de tudo quanto se tem passado, vou solicitar nesta opportunidade de uma lancha para estacionar nesta freguezia a qual se torna indispensavel para factos identicos. Faço seguir nesta data a lancha n. 2 com o fim de ir buscar munição que a existente neste destacamento é pouca para qualquer emergencia.

Deus Guarde a V. S.— Illm. Sr. Tenente-coronel Joaquim da Costa Rego Monteiro, Digno commandante das armas da provincia.—(Assignado) Antonio José de Oliveira Horta, tenente commandante.»

Doc. n. 4

Officio do commandante do destacamento de Moura, ao commandante das armas da provincia, pedindo nova remessa de *cartuchos* e *capsulas*, em 1874.

CÓPIA

« N. 19. Commando do destacamento de Moura, 25 de Novembro de 1874.

Illm. Sr.— Solicito de V. S. *mais cartuchos embalados e capsulas fulminantes* para este destacamento, visto *ter-se dado consumo nestes ultimos dias a um conhete e tanto* ultimamente recebido.

Deus Guarde a V. S.— Illm. Sr. tenente-coronel Joaquim da Costa Rego Monteiro, D. commandante interino das armas da provincia.— (Assignado) Antonio José de Oliveira Horta, tenente commandante. »

Doc. n. 5

Officio do commandante do destacamento de Moura, ao commandante das armas da provincia, *narrando factos historicos relativos aos Jauperys*, em 1875.

CÓPIA

« N. 61.— Commando do destacamento de Moura, 6 de Abril de 1875.

Illm. Sr.— Tenho a honra de accusar a recepção do officio de V. S. datado de 25 do mez passado no qual me *recommenda empregar todos os meios* amigaveis, usando de mo-

deração para com os indios Jauperys, isto no caso de não correr perigo a vida e a propriedade dos habitantes deste lugar. Cumpre-me dizer ao Illm. Sr. tenente-coronel commandante das armas que, sempre que tenho occasião de me ver em frente dos indios Jauperys emprego todos os meios amigaveis usando até de muita moderação para com elles, porém isto não os faz mais brandos nem tão pouco diminuir a ferocidade que elles têm em matar e roubar. Quando apparecem nesta freguezia é frechando a quem encontrar, seja criança ou velhos, até animaes não os poupam, nesta conjunctura o unico meio é batel-os, porque a moderação neste caso não seria mais do que dar a elles occasião de matar e roubar a seu bel prazer e o exterminio completo dos habitantes deste lugar.

Tenho muita experiencia destes indios, acompanho-os desde Janeiro de 1873, época em que foi esta freguezia tomada por elles e restaurada pela força que commandei sob as immediatas ordens do Exm. Sr. general Barros Falcão, *desde esse tempo tenho feito um estudo especial sobre os meios que me vem ás mãos como efficazes para ver se faço-os chegar á falla o que não me tem sido possivel e a ninguem*. Para prova do que levo dito me permittirá o Illm. Sr. tenente coronel commandante das armas narrar aqui factos historicos acontecidos a poucos annos.

O frei Samuel então vigario desta freguezia contava como certa a catechese dos indios Jauperys logo que se dispozesse a ir no rio onde habitão ; o governo da provincia, no interesse de chamar os taes indios ao gremio da civilisação, ordenou ao referido frei Samuel que procurasse meios e modos de catechisal-os e para isso enviou muitissimos brindes onde se via differentes quinquilharias proprias para attrahir a selvatica attenção dos indomitos Jauperys. Embarcou o dito frei Samuel em uma canôa tripolada por 10 homens e dirigiu-se para o rio Jaupery, logo que chegou no lugar Tanaquera fez sahir tres homens e mandou expor em ordem todos os objectos, dentro da

matta cobertos por um toldo por causa do tempo e feito isto retiraram-se. Dias depois, mandou o dito frei Samuel examinar se tinham os indios levado os brindes, isto pelos mesmos individuos que os collocaram, logo que lá chegaram sempre com precaução, avistaram já perto, que tudo estava intacto, encostaram a canôa e saltaram tres homens que foram recebidos com frechadas, dos quaes sahiram dous feridos gravemente e que poderam escapar-se atirando-se na canôa e remando para o largo apezar dos ganchos de antemão preparados para puchar a canôa não permittirem com a rapidez que o caso pedia; existem nesta freguezia os dous feridos desse tempo, para attestarem indifferentismo dos indios Jauperys a objectos que conduzem a civilisação e a falla outras tribus menos perversas.

Do tempo que receberam os brindes e dos quaes não ficaram agradecidos é que principiaraõ em correrias na foz do rio Jaupery já na frente da freguezia onde surprehendem os navegantes e nestes tempos aqui no centro do povoado, como passo a demonstrar: em 1871 atravessaram para a ilha denominada Arará que fica á esquerda desta freguezia, ahi conservaram-se sem serem vistos e quando passava junto a margem da ilha dous batelões do commerciante André Lever Gotierre foi o primeiro assaltado por elles, fazendo mortos e feridos os tripulantes do referido batelão e já tratavaõ de descarregal-o se não fosse a protecção que de prompto receberam os agredidos pelo proprio dono dos batelões que por pouco não ficaraõ os indios de posse, apezar de dous dias de resistencia; o prejuiso desse commerciante foi publico e notorio.

Nessa occasião os habitantes de Moura conhecerão que as suas casas seriam pelos indios varejadas e que a vida do homem nesta freguezia corria perigo, por presenciarem muito perto de si um drama atterrador.

Não se fizeram esperar nos fins de 1872, ou para melhor em Janeiro de 1873, appareceraõ nesta freguezia, assenho-

rearam-se della depois de fazerem duas mortes, jogaraõ os seus habitantes para um recife que fica em frente, expostos á acção do tempo e a fome e zombaraõ do pobre povo que se via afflictos sem recurso, até que foram soccorridos pelo Exm. Sr. general Barros Falcão de alimentos e segurança de vida, *repellidos que foram os indios pela força*, o mesmo general deixou ficar 10 praças para o sustentaculo deste lugar.

A 30 de Dezembro do mesmo anno de 1873 reappareceram na mesma paragem onde tinham dado o desembarque, abaixo desta freguezia e foram postar-se no paraná-miry do Uainô e ahi emboscados mataraõ uma familia enteira que se destinava para o seu domicilio depois da festa do Natal, composta de mulheres, só desta familia, pode escapar um menino com nove frechadas, o qual ainda existe e está ségo, restante dessa infeliz familia.

Em 1874 atacaram esta freguezia duas vezes a primeira em 18 de Outubro e a segunda a 21 de Novembro, decorrendo apenas um mez e tres dias do primeiro ao segundo ataque, o que mostra que as malocas não ficam tão distantes considerando-se as atravessias que fazem para dar cá.

No assassinato que fizeram no inspector deste quarteirão que já V. S. está sciente, conheceu-se que destinavaõ-se para este ponto.

Logo que aqui chegou a lancha com o reforço que V. S. mandou-me, dirigi-me para o lugar e alli encontrei a montaria que ainda conservara duas frexadas de uma banda a outra da tolda puchada em terra, depois de todo examinado segui para a freguezia e ordenei que a lancha conservasse-se prompta tanto de dia como de noite para qualquer necessidade imprevista.

Fiz cruzar os rios que banham esta freguezia pela mesma lancha sob as ordens do tenente Santos a quem fazia as necessarias advertencias e em todas as viagens nada mais encontrou digno de mencionar.

Neste meu officio peço ao Illm. Sr. tenente-coronel commandante das armas relevar algumas faltas e a minuciosi-

dade dos factos que faço chegar ao conhecimento de V. S. dos quaes tenho sido testemunha occular excepto de dous, acontecido com Gotierre e frei Samuel, porém que tenho delles inteiro conhecimento.

Deus Guarde a V. S.—Illm. Sr. tenente coronel Joaquim da Costa Rego Monteiro.—D. commandante das armas da Provincia.— (Assignado) Antonio José de Oliveira Horta, tenente commandante. »

Doc. n. 6

Officio do alferes Salvador Nunes Machado, pedindo reforço para o destacamento de Moura, ameaçada pelos indios, em 1876.

CÓPIA

« N. 25. Quartel do destacamento de Moura, 24 de Março de 1876.

Illm. e Exm. Sr. — Pelo expresso militar do rio Branco officiei a V. Ex. pedindo *reforço para este destacamento*, e como seja provavel não ter ainda chegado o dito expresso á essa capital, torno de novo repetir. No dia 19 do corrente no lugar denominado Courerú, defronte a esta freguezia, foi visto pelo pescador Hermenegildo de Souza Brazil os indios Uaymiris que para poder escapar delles selvagens foi preciso esperar anoitecer do contrario seria victima com os demais companheiros, e por isso peço a V. Ex. para que se digne dar suas ordens afim de ser este destacamento reforçado.

Deus Guarde a V. Ex.— Illm. e Exm. Sr. coronel Manoel Ignacio Bricio, D. commandante das armas da provincia.— (Assignado) Alferes Salvador Nunes Machado. »

Doc. n. 7

Parte do commandante do destacamento de Moura, ao commandante das armas da provincia, dando conta de um encontro com os indios e remettendo um arco por estes abandonado, em 1876.

CÓPIA

« N. 6. Quartel do commando do destacamento do 3º batalhão de artilharia a pé em Moura, 20 de Dezembro de 1876.

Illm. e Exm. Sr.— Tenho a honra de communicar á V. Ex. que no dia 15 do corrente ás 4 horas da tarde sendo informado por alguns habitantes dos arrabaldes desta villa que os indios selvagens tentavam atravessar o rio, mandei apromptar a lancha e no dia 16 as 6 horas da manhã segui na mesma com quatro praças e dous habitantes acima citados para mostrarem-me o lugar onde se achavam os referidos indios, e por elles fui conduzido até a bocca do Jaupery.

Na margem esquerda da dita bocca, indo d'aqui da villa, bem encostado a uma alta barranca, onde é o canal, fomos accomettidos por uma tão grande quantidade de flechas que vi-me forçado a *mandar dar alguns tiros afim de amedrontal-os*.

Repentinamente avistamos uma ubá (especie de canôa), cheia dos ditos indios que tentavam atravessar daquella margem para esta villa e fiz com que a lancha tomasse aquelle rumo a toda força, porém foi impossivel alcançal-os porque aproaram para terra e quando perto della se acharam, lançaram-se a nado deixando a ubá a mercê da correnteza, a *qual mandei agarrar* encontrando-se nella um arco que remetto a V. Ex. e bem assim tres flechas das

que elles nos mimosiaram. Felizmente desde aquella data até hoje não tem occorrido novidade.

Deus Guarde a V. Ex.— Illm. e Exm. Sr. coronel Manoel Ignacio Bricio, commandante das armas da provincia do Amazonas.— (Assignado) Malaquias José Netto, 2º tenente commandante do destacamento. »

Doc. n. 8

Officio do commandante do destacamento de Moura, ao commandantes das armas da provincia, communicando haver recebido 2.000 cartuchos e 2.000 capsulas, em 1877.

CÓPIA

« N. 14.— Quartel do commandante do destacamento do 3º batalhão de artilharia a pé em Moura, 16 de Setembro de 1877.

Illm. e Exm. Sr.— Partecipo a V. Ex. que pela lancha da flotilha de guerra *recebi dous cunhetes com 1.000 cartuchos embalados cada um e 2.000 capsulas fulminantes.*

Deus Guarde a V. Ex.— Illm. e Exm. Sr. Coronel Agostinho Marques de Sá, M. D. commandante das armas da provincia.— (Assignado) Francisco de Assis Cametá, 2º tenente commandante. »

Doc. n. 9

Officio do commandante do destacamento de Moura, ao commandante das armas da provincia, communicando que a presidencia ordenara-lhe a expedição de 2.000 cartuchos e 2.500 capsulas, em 1878.

CÓPIA

« N. 37.— Quartel do commando do destacamento do 3º batalhão de artilharia a pé em Moura, 1º de Janeiro de 1878.

Illm. Sr.— Accuso ter recebido o officio de V. Ex. n. 635, em que communica-me ter S. Ex. o Sr. Presidente expedido ordem no deposito de artigos bellicos para me ser remettido *2.000 cartuchos embalados e 2.500 capsulas fulminantes*, cuja munição ainda me não foram remettidas.

Deus Guarde a V. Ex.— Illm. e Exm. Sr. Agostinho Marques de Sá, M. D. coronel commandante das armas da provincia.— (Assignado) Francisco de Assis Cametá, 2º tenente graduado commandante. »

Doc. n. 10

Parte do 2º cadete 2º sargento Antonio de Jesus Cantanhedo, de Moura, participando um naufragio havido junto á ilha de Monte Christo no Jauapery e remettendo uma communicação do missionario Villa ao Barão de Maracajú, em 1878.

CÓPIA

« Destacamento da villa de Moura.— Parte.— Para os devidos fins levo ao conhecimento de V. S. que cinco horas depois da partida da diligencia desta freguezia para o rio

Jaupery, naufragamos ao chegarmos á ilha de Monte Christo; em consequencia de uma forte tempestade, tendo-se perdido *além da munição que o missionario frei José Maria Villa* communicará a V. S. mais os objectos constantes da relação junta.

Freguezia de Moura, 2 de Novembro de 1878.— (Assignado Antonio de Jesus Cantanhedo, 2º cadete 2º sargento. »

Communicação do missionario Villa.

CÓPIA

« Exm. Sr.— No Jauperis. Habendo-se perdido em um naufragio que sucedeu perto a ilha de Monte-Criste a cuantia de *450 cartuxos embalados*, communico a V. Ex. á fim de que se de je á relação que envia o Sr. tenente Paulo Madureira, commandante deste destacamento.

Deus Guarde a V. Ex. o Sr. Varon Maracaju. P. Fr. José Maria Villa.»

Doc. n. 11

Officio do commandante do destacamento de Moura ao commandante da guarnição de Manáos, participando o naufragio havido no Jauapery, em 1878.

CÓPIA

« N. 37.— Quartel do commando do destacamento na freguezia de Moura, 13 de Novembro de 1874.

Illm. Sr. Communico a V. S. que nesta data fiz entrega ao Sr. alferes João Francisco do Espirito Santo, com as formalidades do estylo, o commando do destacamento, bem

contudo a cargo do mesmo. Communico tambem a V. S. que em officio do commmando das armas sob n. 15 de 10 de Setembro proximo passado prestei quatro praças e um inferior para acompanharem ao missionario frei José Maria Villa ao rio Jaupery, os quaes partiram desta freguezia a 22 do passado e regressaram a 2 do corrente tendo-se perdido, em consequencia d'um naufragio, que tiveram, *450 cartuxos embalados* e os objectos constantes da relação junta, bem como *500 capsulas fulminantes*.

Deus Guarde a V. S.— Illm. Sr. Major Dr. Felinto Gomes de Araujo. M. D. commandante da guarnição de Manáos. —(assignado) José Joaquim Paula Madureira, tenente.»

Doc. n. 12

Communicação do 1º tenente Antonio Madeira Shaw, commandante da lancha n. 3 estacionada em Moura, em 17 de Novembro de 1878.

CÓPIA

« Tendo no dia 17, pelas 6 horas da manhã, os indios Jauaperys apparecido em grande numero na ponta do Curerú, e vindo á villa em uma igarité os homens que estão na ilha do Arupanak, na salga do pirarucú, deram-me parte que estavam assustados por quererem os gentios atravessarem, sahi ás 11 horas da manhã deste mesmo dia e dirigi-me ao lugar indicado. Segundo me informaram, os indios retiraram-se logo que viram canôas tripoladas, sahidas da ilha dirigirem-se para lá. Como todos que se achavam presentes manifestassem desejo de saltar, não obstante ouvir-se ainda rumores no matto, *determinei dar um tiro de metralha*, afim de afugentar os indios caso estivessem proximo, e de algum modo proteger o desembarque da gente.»

Doc. n. 13

Officio do commandante do destacamento de Moura ao commandante da guarnição de Manáos, communicando ter prestado auxilio aos habitantes da ilha de Monte Christo, ameaçados pelos indios, em 1878.

CÓPIA

« N. 2.— Quartel do commando do destacamento na freguezia de Moura, 19 de Novembro de 1878.

Illm. Sr.— Communico a V. S. que no dia 17 do corrente foi-me communicado ter apparecido em frente a ilha denominada Monte Christo, que fica perto desta freguezia, grande numero de indios Juaperys os quaes ameaçavam com gestos aos *habitantes* (1) da referida ilha, não podendo distribuir praças desta freguezia para garantia dos habitantes e como para alli partisse a lancha de guerra que aqui se acha estacionada, prestei 2 carabinas, 80 cartuxos embalados e 340 capsulas fulminantes, tudo para defeza dos habitantes da ilha acima referida.

Deus Guarde a V. S.— Illm. Sr. major Felinto Gomes de Araujo, M. D. commandante da guarnição de Manáos.— (Assignado) João Francisco do Espirito Santo, alferes e commandante. »

---

(1) Esta ilha é completamente deserta.

Doc. n. 14

Communicação do Piloto Augusto Constancio Rocluig, commandante da lancha n. 1 em 1880.

CÓPIA

« Na madrugada de *6 de Janeiro de 1880* chegou á Moura uma canôa com o cidadão *Manoel José Gonçalves*, o qual communicou que vinha descendo o rio Jauapery com direcção ao rio Negro, uma grande quantidade de indios em ubás, e que, na vespera, pelas 5 horas da tarde tinham sido atacados diversos pescadores em Urabiana, pelos indios os quaes, em numero superior a duzentos, cortaram-lhes a retaguarda e os obrigaram a passar debaixo de uma chuva de flechas, não sendo um só desses homens ferido por terem se lançado ao rio e a nado, conseguindo passarem na sombra de suas canôas. Havendo desconfiança que os indios houvessem continuado a marcha de Urabiana para baixo, e que durante a escuridão da noite tinham atravessado para a margem direita do rio Negro com o fim de atacarem a villa, mandei immediatamente puchar o fogo e fundeei em posição conveniente, para repellir qualquer aggressão á villa. Não tendo até o meio dia sido ella atacada, suspendi e segui aguas abaixo conduzindo á bordo o subdelegado da localidade, afim de verificar se existiam vestigios dos indios nas margens proximas á povoação e fazer com que se retirassem para o sentro, tendo antes de partir convencionado com a gente de terra um signal, no caso de encontro.

A' 1 hora chegamos á praia do Capitão e, depois de examinarmos minuciosamente esse logar, e reconhecermos que os indios ainda não haviam passado para a margem direita, atravessamos o rio Negro, e entramos no Jauapery pela bocca que fica quasi em frente á ilha do Morcego.

A's 5 horas e 20 minutos cheguei a Arabiana e dei fundo conservando o fogo abafado, e assim passei a noite com toda a vigilancia.

No dia 8 ás 5 horas e 30 minutos da manhã, desembarquei com o subdelegado e algumas praças, depositando aquella autoridade, em terra, alguns terçados, facas e machados, que pela presidencia da provincia foram enviados para serem offerecidos aos indios, e pouco depois regressamos para bordo.

A's 6 horas e 30 minutos suspendi e continuei a cruzar aguas acima.

A's 7 e 40 minutos achava-me na ilha do Mucura donde regressei; aguas abaixo por não haver ainda agua para o calado da lancha, deste ponto para cima.

A's 8 horas e 30 minutos cheguei a Arabiana onde encontrei, proximo a ilha que fica em frente da praia, algumas flechas.

A's 9 horas continuei a navegar aguas abaixo; ás 9 e 5 minutos passei o canal das pedras de Urabiana; as 10 horas entrei no paraná do Ponoaù, onde, ha tempos, antes da tribu dos Uamerys dominarem o Jauapery, existiam alguns sitios, os quaes foram abandonados em consequencia dos frequentes assaltos que soffreram desses indios.

A's 11 horas sahi debaixo do paraná, ás 12 horas e 15 minutos entrei no rio Negro e ás 12 horas e 35 minutos cheguei á Moura onde dei fundo e mandei apagar o fogo.

A' 1 hora e 15 minutos da noite de 9 para 10 de Janeiro atracou na lancha uma chalana com o subdelegado da villa, o qual communicou-me que os indios achavam-se em frente a ilha de Urupanã, na bocca do lago de Curirù, que fica quasi em frente á Moura, e que algumas canôas que estavam no lago pescando, ao sahirem na tarde de 19, do lago, acharam-se com a retaguarda cortada por uma numerosa quantidade de indios que os hostilisaram fortemente, fazendo-os regressar para dentro do lago, onde se conservaram até a noite, quando puderam sahir protegidos

pela escuridão, *tendo sido feridos gravemente os individuos de nome Manoel Joaquim Gonçalves e Honorio Nunes Machado*, e levemente um menino.

Havendo ainda no lago quatro canôas com pescadores e correndo essa gente *risco de serem atacados e assassinados* pelos indios na sahida para o rio Negro, mandei immediatamente puchar fogo.

Dirige-me para terra e depois de communicar o occorrido ao Sr. commandante do destacamento, regressei para bordo e as 3 horas da madrugada, suspendi e segui aguas acima.

A's 4 horas e 45 minutos entrei na bocca do lago; ás 5 horas passei no lugar mais estreito e ahi encontrei uma estacada que tomava de um lado á outro a passagem. *Destrui esse obstaculo* e ás 5 horas e 15 minutos estava no lugar onde na vespera foram atacadas as canoas, ahi encontrei algumas flechas que boiavam á mercê de aguas.

Continuei a navegar em procura das canoas.

A's 7 horas ouvimos movimentos no matto; suspeitando que fossem os indios e para evitar que me fosse cortada a retirada por meio de estacadas ou derrubadas de arvores que tapassem a passagem, *fiz um tiro de metralha* para dentro do matto e fiquei ahi algum tempo de observação.»

Doc. n. 15

Relatorio do piloto Augusto Constancio Rocluig, narrando os factos occorridos *de 15 de Janeiro* a 7 de Fevereiro de 1880.

CÓPIA

« Na tarde de 15 de Janeiro de 1880, tendo-se apresentado na Praia Vermelha, em frente á ilha de Urupanã (1)

(1) A ilha Urupanak acima do Moura e a Praia Vermelha, abaixo, em frente ao rio Uniny.

duas jangadas, e apparecendo de noite fogo na matta fronteira á ilha, o que denunciava acharem-se alli os indios e desconfiando os moradores das proximidades desse logar que effectuassem a passagem para a margem direita durante a noite, principiaram a abandonar os seus sitios e refugiarem na villa chegando á Moura durante a noite de 15 para 16 algumas canôas com familias.

Sendo de urgente necessidade fazer retirar para o centro os indios afim de evitar qualquer aggressão e fazer com que as familias regressassem para seus sitios, mandei puchar o fogo.

A's 9 horas da manhã, embarcaram na lancha o Sr. commandante do destacamento com algumas praças e o subdelegado da villa com diversos cidadãos que voluntariamente se offereceram para seguirem e desembarcarem no logar onde se desconfiava que estivessem os indios se preparando para atravessarem.

A's 9 horas e 10 minutos suspendi e segui aguas acima e ás 10 horas e 15 minutos cheguei a ilha do Urupanã e ahi recebi mais oito cidadãos. Atravessei depois o rio Negro e ás 10 horas e 30 minutos entrei na boca do lago Curirú.

A's 10 horas e 45 minutos passei a estacada e ás 10 horas e 50 minutos deu-se o primeiro desembarque, pouco acima do estreito, desembarcando nesta occasião 20 homens, inclusive as praças do exercito, ficando a guarnição da lancha prompta para saltar em terra no caso de ser necessario.

A 1 hora e 15 minutos regressou para bordo a gente, sem haver encontrado os indios nesse logar, porém existiam no matto muitos caminhos feitos por elles e sem direcção ao estreito, o que fez crer que tivessem atravessado para a outra margem. Desatraquei e segui para a margem opposta onde effectuou-se novamente o desembarque.

Logo que a gente desembarcou encontrou o caminho dos indios na direcção da Praia Vermelha, no rio Negro, e seguiram por esse caminho proximo ao rio, acompanhados pela lancha que ia devagar para protegel-os n'um caso de ataque.

A's 3 horas e 40 minutos da tarde já estando muito cansada a gente, atraquei e recebi á bordo, e segui pelo paraná acima; ás 3 e 55 minutos estavamos na Praia Vermelha no lugar onde tinha sido visto o fogo na noite anterior.

Atraquei e deu-se o ultimo desembarque, percorrendo a gente parte do matto até ás 4 horas e 40 minutos que regressaram para bordo declarando que não haviam encontrado os indios, porém que pela grande quantidade de pisadas que se viam no matto, era de suppor que estivessem em grande numero, perto, ou então que tivessem fugido ao ouvirem o barulho da lancha.

Mandei nesta occasião *fazer um tiro de artilharia* para afugental-os, e pouco depois atravessei o rio Negro, chegando á ilha de Urupanã ás 5 horas onde desembarquei os cidadãos que ahi haviam embarcado.

Parti de Urupanã ás 5 horas e 10 minutos e cheguei a Moura ás 5 horas e 45 minutos. Desembarquei a tropa e paysanos, recolhendo-se novamente aos seus sitios as familias que os haviam abandonado.

A's 5 horas da manhã do dia *29* segui um cruzeiro para o rio Jauapery, ás 5 horas e 10 minutos entrei pela boca do paraná que fica em frente a Moura, ás 7 horas e 35 minutos penetrei no paraná do Tonoaú, ás 8 horas e 45 minutos sahi pela boca de cima e ás 10 horas cheguei a Arabiana e dei fundo para verificar se ali estavam os indios, como se desconfiava em Moura.

Desembarquei na praia e depois de percorrel-a, entrei só, e por duas vezes, na matta sem encontrar vestigios alguns dos indios, não existindo mais nesse logar os brindes que havia deixado no ultimo cruzeiro. Depositei em terra o resto dos brindes que tinha á bordo, regressei para a lancha e á 1 hora e 30 minutos suspendi e segui aguas abaixo.

Cheguei ao rio Negro ás 3 horas e 50 minutos, atravessei-o e ás 4 horas e 10 minutos dei fundo no ancoradouro da villa de Moura; communicando que nada tinha encontrado e que havia probabilidade que os indios já estivessem

para cima de Arabiana e talvez em retirada para as suas malocas.

No dia 1° de Fevereiro pelas 8 horas da manhã apresentou-se a bordo da lancha o individuo de nome *Hermenegildo Pastana,* trazendo-me um bilhete do morador da villa tenente honorario do exercito Antonio de Oliveira Horta, no qual me participava que haviam vinte homens preparados para seguirem para o rio Jauapery, ao lugar denominado *Taaquera,* contando com o indispensavel auxilio da lancha para verificar se ahi se achavam os indios. *Não sendo esse Sr. tenente autoridade, nem occupando cargo algum official neste lugar, não podendo, portanto, envolver-se ou ter gerencia no serviço publico,* respondi ao portador do bilhete, que de conformidade com as minhas instrucções havia de entender-me com o Sr. commandante do destacamento sobre essa expedição.

Nessa mesma tarde, dirigi-me para terra e communiquei ao Sr. commandante do destacamento o plano que se estava forjando em terra, e fiz-lhe ver que distando Taaquera quasi *um gráo da villa, seria uma perseguição aos indios,* ir a aquelle ponto, visto já estarem em retirada para suas malocas, e mesmo não haver ainda agua para a lancha chegar até lá. A's 9 horas e 10 minutos, não havendo movimento nesse lugar, continuei a navegar apitando sempre com o apito da machina, e só ás 11 horas encontrei as quatro canôas com quatro pescadores, que se achavam refugiados do Curaboau, os quaes tomei a reboque e segui para o rio Negro; e ás 12 horas e 10 minutos passei pelo estreito e a estacada, ás 12 horas e 40 minutos entrei no rio Negro e ás 2 horas e 20 minutos cheguei á Moura onde dei fundo e mandei abafar o fogo.

No dia 2 de Fevereiro de 1880 pela manhã veiu á bordo da lancha o subdelegado, o qual depois de consultar-me sobre a expedição ao Jauapery, declarei-lhe que seria uma loucura por parte delle se tal expedição se realisasse, visto o governo não permittir que se fosse ao Jauapery atacar os indios, e

que elle ficaria responsavel por qualquer desgraça que houvesse caso levasse á effeito semelhante expedição que eu e o Sr. commandante do destacamento reprovavamos.

Na tarde deste dia tive conhecimento que o fim da expedição não era verificar a existencia dos indios em Taaquera, e sim fazer uma pescaria de tartarugas, que ahi ha em abundancia, pretendendo-se assim illudir a minha boa fé para obter o auxilio e o reboque de lancha, sob pretexto de serviço. No dia 4 soube que das 3 para 4 horas da madrugada sahiram effectivamente as canôas com o subdelegado e o pessoal, tendo na vespera sido retirado o armamento do Estado que estava destribuido pelos moradores, para repellir qualquer assalto dos indios á villa, e com esse armamento preparou e municiou o subdelegado os seus pescadores e seguiu para a pescaria em Taaquera. No dia 7 ás 8 horas e 30 minutos da manhã segui em cruzeiro para o rio Jauapery, ás 8 horas e 40 minutos entrei pela bocca em frente a Moura.

A's 10 horas avistei no Jauapery duas canôas e pouco depois mais seis que estavam atracadas a uma ilha, parei e atraquei, para como de costume, indagar se havia alguma novidade e se tinham encontrado vestigios dos indios. Nessa occasião o pescador Hermenegildo Pastana, irmão do subdelegado me declarou que tinham ido até Taaquera, pescar tartarugas e que não tinham encontrado signal algum de indios, que naquelle logar haviam rastos, porém muito antigos, e que era de presumir que já estivessem em retirada para suas malocas.

Tendo eu notado que nas canôas achava-se o armamento, corriame e munições do Estado, que ultimamente foi remettido de Manáos para a autoridade policial armar os moradores da villa e auxiliar a força publica no caso de ser a mesma villa atacada pelos indios; observei ao irmão do subdelegado, visto esta autoridade estar do outro lado do paraná, que era um abuso lançar-se mão de armamento do Estado e munições para armar pescadores de sitios distantes

da villa, em numero de 20, e com elles seguir pelo rio Jauapery acima para fazer pescarias, e que os moradores tinham ficado contrariados por lhes ter sido retirado o armamento, depois de terem o trabalho de o limpar, ao que o pescador Hermenegildo respondeu que uma mentira da autoridade valia mais que dez verdades dos cearenses moradores da villa. Declarei-lhe então que ia communicar para Manáos essa occurrencia, bem como o facto de querer a autoridade illudir a minha boa fé, sob o pretexto de serviço eu seguir com a lancha para o Jauapery, auxiliando e rebocando as canôas de pescaria de tartarugas, respondendo-me o mencionado Hermenegildo que é verdade que o fim dessa expedição era a pescaria, porém que elle e seu irmão não tinham grande desejo de effectuar essa viagem, mas aconselhados pelo seu compadre Horta dispuzeram-se a seguir e illudir-me para serem rebocados e terem a proteção da lancha, n'um caso de ataque.

A's 10 horas e 15 minutos desatraquei e continuei o cruzeiro aguas acima. A's 12 horas e 10 minutos cheguei á bocca do lago Grande e depois de cruzar nas proximidades deste lugar, regressei aguas abaixo. Pelas 2 horas passei pelas oito canôas que tambem seguiam aguas abaixo. A's 2 horas segui entrei no rio Negro e ás 2 horas e 35 minutos cheguei a Moura onde amarrei e mandei apagar o fogo. Diversos cruzeiros fez mais a mesma lancha, mas não havendo mais receio de ser a villa aggredida pelos indios, não só por já haver muita agua como por continuar a crescer com muita força o rio, conforme me declararam diversas pessoas moradoras antigas e praticas deste lugar, suspendi no dia 28 de Fevereiro com destino a Manáos, onde cheguei no dia 1º de Março de 1880. »

Doc. n. 16

Communicação do piloto João Gualberto da Cunha Cardoso, commandante da lancha n. 1, em 15 de Novembro de 1880.

CÓPIA

« Acabo de chegar de um cruzeiro ao lago Cureru, onde se achavam os indios, não conseguimos vel-os por se terem retirado logo que ouviram o barulho da machina, encontramos porém diversas flechas em numero de oitenta approximadamente e muitos vestigios dos ditos indios. Amanhã sigo para o rio Jauapery onde elles se acham. »

Doc. n. 17

Communicação feita pelo piloto João Gualberto, commandante da lancha n. 2, a 15 de Dezembro de 1880.

CÓPIA

« Cumpre-me communicar que os indios Jauaperys ou Uaimerys teem a todo transe tentado atravessar para a margem direita do rio Negro, onde se acham situadas a villa de Moura e outras povoações, tendo empregado todos os esforços para frustrar-lhe esse intento, fazendo repetidos cruzeiros nos lugares onde elles costumam atravessar, que são mais estreitos do rio, felizmente até aqui ainda não conseguiram fazer a travessia, naturalmente com receio da lancha; no dia *16 do mez passado* em um cruzeiro que fiz á bocca

do lago Cureru, encontrei-os em grande numero na bocca do dito lago ; esse lugar é passagem de embarcações miudas; nem só para dentro do lago onde os habitantes destes lugares vão buscar meios de subsistencias, como para subir o rio Negro, vi-me por isso forçado a *desalojal-os* antes que fizessem *algumas victimas*, pois haviam pescadores dentro do dito lago e que se tinham de recolher ás suas casas por esse motivo resolvi dar *tres tiros de peça* para intimidal-os afim de que se retirassem, o que felizmente consegui sem que houvesse desgraça alguma a lamentar-se, visto que elles se achavam acobertados pelo matto. »

Doc. n. 18

Officio do alferes Manoel Ferreira da Silva, do quartel de Moura, ao commandante das armas da provincia, dando conta de providencias tomadas contra os assaltos dos selvagens, em 1881.

CÓPIA

« N. 31.— Quartel em Moura, 30 de Janeiro de 1881.

Illm. e Exm. Sr.— Tenho a honra de participar a V. Ex. que tendo sido baldado todos os esforços por mim empregados, afim de afugentar os indios Joaperys das cercanias desta freguezia.

No dia 17 do corrente segui com cinco praças deste destacamento até a freguezia do Carvoeiro, onde me constou ter os indios aparecido a 16, no dia 18 reuni com 28 homens moradores daquella freguezia e batemos a matta até confrontar foz do rio Branco e apenas encontramos vestigios por onde passaram os ditos indios, e como já fosse tarde, retirei-me a esta freguezia, com as praças que me acompanhavam.

No dia 19 o individuo de nome Camillo que seguiu desta freguezia para o rio unimim, encontrou os indios em uma praia, junto a fos daquelle rio.

No dia 20, um criado do Sr. tenente Horta indo pescar, encontrou com quatro hubás conduzindo quinze indios cada uma, e como fosse aprecibido por elles e não podendo se retirar *déra tres tiros sobre elles obrigandu-os a desembarcarem* e *internarem-se* pelas mattas ; logo que isso chegou ao meu conhecimento, mandei um cabo e quatro soldados em uma canôa, para render durante a noite pelo rio, afim de prival-os a passar para o lado da freguezia e no dia seguinte voltaram as praças dando parte de nada terem visto.

Posso a garantir a V. Ex. *que tinha-me esforçado para encontrar e bater esta horda de bandidos que tanto terror causa aos habitantes deste lugar ;* mais estou convensido que sem um bom trilhador como seja os indios da tribu Mundurucus nada poderei conseguir.

Deus Guarde a V. Ex.— Illm. e Exm. Sr. Coronel José Angelo de Moraes Rego, M. D. commandante das armas desta provincia.— (Assignado) Manoel Ferreira da Silva, alferes. »

Doc. n. 19

Officio do commandante do destacamento de Moura ao commandante das armas da provincia, dando conta do estabelecimento de um destacamento em Uirabiana e pedindo mais praças para reforço, em 1881.

CÓPIA

« N. 16.— Quartel do commando do destacamento de Moura, 1 de Outubro de 1881.

Illm. e Exm. Sr.— Tenho a satisfação de participar a V. Ex. que hontem 30 de Setembro, depois de fazer-se um

barracão na Ilha de Urabiana, foi collocado o destacamento, conforme as ordens desse commando de armas, ficando assim a população desta villa muito saptisfeita, por ter essa segurança e garantia pelo rio Juapery, por onde costumavam a passar em ubás (canôas) os indios Uamerys. Não posso deixar de pedir a V. Ex., que attenda ao meu officio n. 12 de 15 de Setembro afim de que V. Ex. me mande pelo menos mais 8 ou 9 praças, pois o Exm. Sr. faz-se muito preciso a collocação de dous piquetes nesta villa, em lugares onde sempre os indios costumam attacar; por isso eu, conhecendo esta grande necessidade, e para assim poder desempenhar o serviço que me foi confiado por V, Ex., creio que não deixará de attender-me. Em occasião opportuna, darei municiozamente conta a V. Ex. quaes as circunstancias em que se acha esta localidade, e as mortes e ferimentos havidos pelos indios Uamirys. Approveito a occasião de pedir a V. Ex. que da primeira parte deste meu officio se digne levar ao conhecimento do Exm. Sr. Presidente da Provincia.

Deus Guarde a V. Ex.— Illm. e Exm. Sr. General Hermenegildo de Albuquerque Portocarrêro. D. commandante das armas desta provincia.— (Assignado) Geraldo José de Abreu, tenente commandante.»

Doc. n. 20

Communicação do Piloto Antonio Monteiro Teixeira da Costa, commandante da lancha n. 1, feita em 14 de Outubro de 1881.

CÓPIA

« No dia 23 de Setembro ás 6 horas da manhã larguei do porto de Moura com destino á ilha Urabiana, no rio Jauapery, conduzindo á bordo o juiz de paz, o subdelegado de policia

e o commandante do destacamento tenente do exercito Geraldo José de Abreu, e o pessoal necessario para levantar-se na ilha de Urabiana um barracão para o destacamento do exercito que alli tem de ser collocado, onde cheguei e dei fundo ás 11 horas da manhã do referido dia, dando-se logo começo aos trabalhos.

No dia 25 ás 9 horas da manhã achando-se concluido o trabalho, larguei de Urabiana e vim dar fundo em Moura á 1 hora da tarde.

No dia 30, pelas 7 horas da manhã larguei de Moura para Urabiana, conduzindo á bordo o tenente Abreu e o destacamento que tem de ficar na ilha referida, composto de sete praças de linha, e dei fundo ás 11 horas da manhã; desembarquei o destacamento que alli ficou aquartelado. A 1 hora da tarde larguei de Urabiana e vim dar fundo em Moura ás 6 horas da tarde.

Havendo participação de ter-se ouvido tiros dados pelo destacamento de Urabiana na noite de 4 para 5 de Outubro, larguei do porto de Moura para Urabiana, no dia 6, ás 8 horas da manhã levando a bordo o commandante do destacamento afim de saber-se do occorrido, onde cheguei ao meio dia, e ahi soube-se que com effeito tinham os soldados disparado alguns tiros, mas estes, contra um grande jacaré que tinha avançado para a chalana do destacamento na occasião em que esta chegava á praia e saltava a gente que nella vinha remando.

A 1 hora da tarde do mesmo dia nada mais me restando fazer, larguei de Urabiana e vim dar fundo em Moura ás 6 horas da tarde. Agora que já o rio se acha bastante baixo e além disto, as muitas pedras que tem tornam a navegação bastante perigosa no Jauapery, parece-me que as rondas que o commandante do destacamento tivesse que fazer até Urabiana, deviam ser effectuadas na chalana que ultimamente lhe foi remettida pelo commandante das armas.

Acresce mais que estas commissões feitas na lancha são muito despendiosas, pois que só em lenha consome nunca

menos de 600 achas em cada viagem de ida e volta, e sendo estas rondas de oito em oito dias, quasi me vejo forçado a não poder fazer os outros cruzeiros do costume, porquanto luta-se aqui com muitas difficuldades para conseguir-se obter lenha. Por ultimo, declaro que no meu humilde e obscuro entender, o destacamento que hoje se acha definitivamente estabelecido na ilha de Urabiana, pode obstar a tudo, mas nunca impedir que os indios ataquem a povoação de Moura, e tanto que, acaba de ser encontrado no lugar denominado praia do Capitão, abaixo da villa, pelo Sr. tenente Bernardo Cruz, uma ubá dos indios Uaimirys, em perfeito estado, o que faz suppor que já os indios se acham na margem direita do rio Negro, o que não impediu o destacamento do Urabiana pois que os selvagens têm outros logares para fazerem suas travessias.»

Doc. n. 21

Officio do commandante do destacamento de Moura, ao commandante das armas da provincia, pedindo 500 cartuchos e capsulas correspondentes, em 1881.

CÓPIA

«N. 25.— Quartel do commando do destacamento de Moura, 16 de Outubro de 1881.

Illm. e Exm. Sr.— Tenho a honra de rogar a V. Ex. se digne ordenar que pela estação competente, me sejam remettidos *500 cartuxos embalados*, e as *capsulas fulminantes* correspondentes. O cartuxame que existe *acha-se destribuido ás praças deste destacamento*, e no da ilha de

Urabiana, e para que se tenha algum em reserva, para qualquer eventualidade faço este pedido a V. Ex., a quem Deus guarde.

Illm. e Exm. Sr General Hermenegildo de Albuquerque Portocarrêro, D. commandante das armas desta provincia. — (Assignado) Geraldo José de Abreu, tenente commandante.»

Doc. n. 22

Officio do commandante do destacamento de Moura, ao commandante das armas da provincia, enviando varios objectos tirados aos selvagens e dando diversas noticias destes.

CÓPIA

«N. 28. — Quartel do commando do destacamento de Moura, 9 de Novembro de 1881.

Illm. e Exm. Sr.— Tenho a honra de remetter a V. Ex. afim de offerecer ao Exm. Sr. Presidente da provincia, querendo, uma ubá nova com seis remos, um prato de páu e uma cuia, tomadas dos indios Uamerys no dia 29 de Outubro ultimo, pelo cabo Francellino Pereira, soldados Francisco Antonio da Silva, Francisco Jeronymo Dias, e Francisco Vieira Pacheco, os quaes achaim-se destacados na ilha do Urabiana, no rio Jaupery, cujas praças portaram-se com coragem, repellindo grande numero de selvagens que tentavam a passagem da ilha, para assim virem fazer suas correrias e barbaridades nesta infeliz villa de Moura que tantas vidas tem perdido nas mãos destes vandalos.

Os indios desde 17 do referido mez que tentam passar suas ubás, e levam sómente na girla delles, a dirigirem

para o destacamento da margem fronteira, grandes vozerias, que creio, será descompondo, batendo nos peitos, no chão apresentando os arcos e as flechas, talvez em desafio.

Até esta data, Exm. Sr., não consta terem elles passado para o lado de Moura, pois de oito em oito dias, tenho hido ao referido destacamento fazer a ronda, como é de meu dever, examinando tambem as outras mattas por onde possam estar fazendo alguma jangada ou ubá, afim de atravessarem, e nada tendo encontrado; é pois o que me cumpre agora fazer chegar ao conhecimento de V. Ex., e pedir que leve ao do Exm. Presidente esta occurrencia.

Deus Guarde a V. Ex.—Illm. e Exm. Sr. General Hermenegildo de Albuquerque Portocarrêro, D. commandante das armas da provincia.—(Assignado) Geraldo José de Abreu, tenente commandante.»

Doc. n. 23

Communicação do piloto Antonio Monteiro Teixeira da Costa, commandante da lancha n. 1, em 11 de Novembro de 1881.

CÓPIA

«No dia 24 de Outubro pelas 8 horas da manhã larguei do porto de Moura e segui aguas acima até o lugar denominado Curynahu onde cheguei ás 11 horas e dahi regressei para Moura, onde fundiei ás 2 horas da tarde. No dia 28 pelas 7 horas da manhã larguei do porto de Moura e segui em cruzeiro até a praia do Curerú onde cheguei pelas 10 horas da manhã, e regressei depois para Moura, chegando ás 2 horas da tarde. Nestes cru-

zeiros não encontrei indicio algum dos indios. No dia 30, pelas 3 horas da tarde, houve communicação nesta freguezia de ter-se houvido descargas dadas pelo destacamento de Urabiana, e ás 4 horas seguiu o tenente Abreu em chalana, acompanhado de algumas praças, afim de saber do occorrido. No dia 31 pelas 7 horas da manhã larguei do porto de Moura, e segui para o rio Jauapery, até o lugar denominado Lago Grande, onde cheguei ás 10 horas, não podendo ir mais acima por não haver agua para a lancha. Ao meio dia regressou o tenente Abreu trazendo uma ubá que disse ter sido tomada aos indios, pelos soldados do destacamento de Urabiana. Dentro da ubá vinham algumas pás de remos grosseiros e uma cuia rachada.

Arcos e flechas não foram tomados, e nem *consta que fossem os soldados aggredidos pelos indios, e sim pelo contrario os indios atacados* pelos soldados. A' 1 hora da tarde regressei para Moura com o tenente Abreu e a força que elle tinha levado, e vim dar fundo ás 4 horas da tarde.»

Doc. n. 24

Officio do commandante do destacamento de Moura ao commandante das armas, dando conta de um assalto de indios a Uirabiana, em 1881.

CÓPIA

« N. 29. — Quartel do commando do destacamento de Moura, 14 de Novembro de 1881.

Illm. e Exm. Sr.— Participo a V. Ex. que no dia 12 do corrente, os indios da tribu Uamirys atacaram o destacamento do Urabiana no Juapery, em grande numero de

ambos os lados do rio; cujo ataque occasionou a morte dos soldados Tiburcio Mendes de Oliveira e Alexandre José Alves, que sahiram do destacamento. para a praia fronteira, que dista muito perto, e sem licença do commandante do mesmo, como tudo verá V. Ex. da parte inclusa a mim dirigida, pelo que mandei retirar o destacamento, que é insufficiente para repellir com energia a grande massa de indios, que desde 11 do mez passado tentam acabar com aquellas poucas praças; além disso, o destacamento não impediu que os indios apparecessem na margem esquerda do rio Negro, no lugar denominado praia do Jacaré, conforme me declararam os marinheiros da lancha n. 5 que viram ubás, e indios na referida praia, que fica fronteira a Ayrão; a vista do que fica expendido, resolvi reunir um conselho entre mim e o 1º tenente Antonio Madureira Shau, e 2º tenente Joaquim Ribeiro da Costa e opinaram que era melhor retirar o dito destacamento, para evitar mais victimas, e por não ter força sufficiente para soccorrel-os, o que fiz a 14 do corrente.

No dia 11 Exm. Sr. tinha eu chegado da ilha do Urabiana, donde tinha hido rondar, entranhei-me mais de uma legôa na matta fronteira, encontrando cinco barracas provisorias dos indios, a entrada delles e rastos, demonstrando nesse momento terem corrido adiante de mim, e da força que levava (cinco praças), e no dia 12 deu-se o lamentavel facto que fica expendido, e aguardando somente as ultimas ordens de V. Ex. sobre este meu procedimento, com relação a retirada do destacamento. Permitta-me V. Ex. que lhe falle com toda a franqueza, e realidade, o serviço dos destacamentos, tanto de Moura como de Urabiana, não póde por maneira alguma, ser feito senão com vinte praças cada um, e um official, quando mesmo não se possa conseguir as praças deve ter uma lancha artilhada, para assim poder garantir melhor o ponto.

O destacamento de Urabiana, o mais arriscado, tendo a referida lancha até Fevereiro, póde se compor de seis praças

e um cabo, e esta lancha que seja commandada por um official, que harmonise intotuir com o commandante do destacamento de Moura, do contrario Exm. Sr. os indios estarão sempre a fazerem mortes; pois esta é a quarta victima este anno!

O que acabo de expor a V. Ex., espero que se digne levar ao conhecimento do Sr. presidente da provincia.

Incluso remetto a V. Ex. tres flechas tiradas do corpo do soldado Tiburcio, e mais seis, lançadas sobre o destacamento; quanto ao soldado Alexandre, desappareceu no fundo do rio, na occasião de atirar-se n'agua já bastante flechado, levando a espingarda; finalmente deu-se sepultura ao cadaver de Tiburcio no lugar do destacamento.

Da cópia inclusa, verá V. Ex. quaes as instrucções que dei ao commandante do destacamento de Urabiana; e bem assim, uma relação dos mortos e feridos feitos pelos indios, nestes ultimos annos.

Deus Guarde a V. Ex.—Illm e Exm. Sr. general Hermenegildo de Albuquerque Portocarrêro D. commandante das armas da provincia (Assignado) Geraldo José de Abreu, tenente commandante.»

Instrucções a que se refere o officio

CÓPIA

« — Instrucções pela qual deve reger-se o commandante do destacamento da ilha de Urabiana, no rio Juapery, filial ao de Moura.

Art. 1.º Perto da vigilancia para que não consinta canôas de indios bravios, passarem para baixo ou para cima do rio.

Art. 2.º Conservar durante o dia e noite, um piquete de tres praças e um cabo; afim de ter uma sentinella na ponta

da ilha do lado de cima, para evitar a passagem de canôas de que trata o art. 1.º

Art. 3.º Não consentir qualquer pescador passar para cima, sem atracar no destacamento, e dar parte ao commandante que lhe permittirá passar para cima, para pescar, e esta licença será até ás 6 horas da tarde.

Art. 4.º Não consentir que praças do seu destacamento, distraiam-se em caçadas e pescarias, e manter toda ordem deste paragrapho.

Art. 5.º Qualquer praça que infringir esta ordem será rigorosamente castigada, e o commandante responsavel; pois para isso deve ter toda a energia e boa direcção no commando que lhe foi confiado.

Quartel em Moura, 27 de Setembro de 1881.—(Assignado). O tenente Geraldo José de Abreu, commandante geral do destacamento.—Conforme.—Geraldo José de Abreu, tenente commandante.»

Doc. n. 25

Communicação do piloto Antonio Monteiro Teixeira da Costa, commandante da lancha n. 1, em 16 de Novembro de 1881.

CÓPIA

« No dia 14 de Novembro ás 11 horas da manhã larguei deste porto para a ilha de Urabiana, no rio Jauapery, para d'alli retirar o destacamento do exercito, por terem sido mortos pelos indios dous soldados que no dia 12 andavam na praia em frente á ilha apanhando ovos de tracajás, e ter-se reconhecido que tal destacamento não prehenchia os fins para que ali fôra collocado e não servir de utilidade al-

guma, isto é, impedir a passagem dos indios para a povoação. Já tive occasião de dizer que tal destacamento não servia senão para garantia de alguns pescadores que frequentam aquella paragem, e nunca impedir a passagem dos indios, pois que elles tem outros lugares para passarem, e que se alguma vez eu tivesse occasião de informar a este respeito, informaria contra tal medida, pois que, não passou de uma infeliz lembrança a de collocar n'uma ilha deserta a grande distancia da povoação de Moura um pequeno numero de praças que a todo o momento podiam ser atacados por grande numero de selvagens, ou mortos um por um, todas as vezes que fossem apanhados desgarrados pelas margens, como agora acaba de acontecer.

No dia 15 pelas 8 horas da manhã achando-se já o destacamento á bordo, composto de cinco praças, larguei de Urabiana, e vim dar fundo em Moura ás 2 horas da tarde.»

Doc. n. 26

Communicação do 2º tenente José de Almeida Bessa, commandante da lancha n. 1, em 30 de Outubro de 1883

CÓPIA

« — No dia 19 suspendi deste fundeadouro ás 7 horas da manhã e segui para os lagos do Curerú onde cruzei e regressei a este porto onde fundiei ás 5 horas e 30 minutos da tarde.

No dia 21 suspendi de novo e como o rio está muito baixo fui o mais devagar possivel, cheguei á bocca do rio Branco ás 11 horas e 30 minutos e notando que não havia lenha bastante para voltar entrei em canôa onde fundiei ás 12 horas e 15 minutos.

Ahi tomei alguma lenha e no dia seguinte sahi de Carvoeiro, demorando-me em cruseiro da ilha de Monte-Christo até o Cameruau.

Fundiei em Alfama ás 4 horas. Cheguei a Moura ás 4 horas da tarde; o tenente Horta mandou-me participar que no lugar denominado Massoeiro os indios haviam atacado em 10 ubás quatro canôas de pescadores que pediam soccorro.

Era juiz de paz e na localidade achava-se o subdelegado. Foram a bordo da lancha nesta occasião: o tenente Horta, Araujo, Hermogenes, Almeida, subdelegado Rato, Rodrigues e Justino que fôra a Moura pedir soccorro e alguns caboclos do tenente Horta e de Hermogenes.

A's 6 horas cheguei ao Marakaká do Massoeiro, e encontramos quatro canôas fundeadas com Delfino Wenceslão, Roberto, Ramos e alguns outros que de espingardas apuradas *apontavam para quatro ubás* varadas em terra.

Mandei encravar a peça afim de evitar que ella fosse disparada contra estes pobres selvagens *que eram os atacados.* Levava a lancha a reboque uma grande canôa onde ia o juiz de paz e o subdelegado.

A's 7 horas da noite comessou desta canôa que se affastou da lancha um terrivel tiroteio que durou até ás 8 horas e 30 minutos em que vieram para bordo quatro ubás trazidas por ordem da autoridade. Em seguida o tiroteio continuou até a meia noite e para bordo vieram mais seis ubás.

Devo dizer que da lancha não partiu um só tiro e que o tiroteio foi feito com carabinas a Menié *destribuidas pelo tenente Horta que as tem* em casa e por ordem do governo bem como cartuchame calculando eu em 1.500 ou 2.000 o numero de tiros dados nesta noite.

A's 7 horas da manhã do dia 15 de Novembro regressou a igarité que tinha ido com o tenente Horta, Araujo e outros, ao lugar citado acima. Na noite de 14 houve das 11 ás 2 horas grande tiroteio. *Metteram uma ubá a pique* em Maracacá, outra desapareceu. Atiraram sobre os indios que *encontraram descuidados.* No dia 23 suspendi do Maracacá

ás 7 horas e ás 9 fundiei em frente á Moura. No dia 26 recebi uma participação de que os indios haviam assassinado um pescador na praia do Jacaré, esta participação me chegou a bordo ás 4 horas.

Immediatamente tomei lenha e segui no dia 27 ás 6 horas e 15 minutos da manhã, ás 7 horas e 15 minutos chegamos á praia do Meio onde vimos alguns selvagens que se internavam pela matta com a aproximação da lancha. Ao meio dia fundeamos em Ayrão, onde fui me entender com o inspector parochial e elle me disse que os indios tinham sido vistos em fins de Setembro no Chipacá e que era falsa a noticia da morte. Sahi de Ayrão ás 2 horas e fundiei junto a praia do Jacaré ás 4 horas. Ahi passamos a noite.

Nesta praia encontrei signaes de que os indios a haviam abandonado a pouco e precipitadamente. Suspendi ás 6 horas da manhã de 28 e ás 2 horas da tarde fundiei na foz do Muini onde cortou-se alguma lenha precisa. No dia 29 suspendi ás 6 horas da manhã e fundiei em Moura á 1 hora da tarde. »

Doc. n. 27

Officio do commandante do destacamento de Moura ao commandante das armas da provincia, enviando varios mappas e um relatorio sobre o mesmo destacamento.

CÓPIA

« N. 14. — Commando do destacamento da villa de Moura, 13 de Dezembro de 1883.

Ilm. e Exm. Sr.— Tenho a honra de remetter a V. Ex. os mappas do material e pessoal como tambem o relatorio que

foi pedido pela sala das ordens desse commando em officio de 16 de Novembro do corrente anno.

Deus Guarde a V. Ex.—Illm. e Exm. Sr. tenente-coronel M. D. commandante da provincia do Amazonas.— (Assignado) Sebastião Gomes Corrêa de Miranda, segundo cadete primeiro sargento commandante do destacamento. »

—

Relatorio a que se refere o officio

CÓPIA

« O destacamento do 3º batalhão de artilharia a pé estacionado nesta villa compoem-se de um primeiro sargento, que se acha commandando, dous cabos, um anspeçada e 15 soldados.

A estação deste destacamento nesta villa é de muita utilidade, para garantir os habitantes do lugar, afim de não morrerem nas flechas dos indios Uaimirys, como já tem succedido por diversas vezes; o que o governo tomou em consideração, mandando para cigurança dos habitantes da mesma villa todos os annos um destacamento, armado e municiado para impedir que os mesmos indios ataquem esta localidade como é de costume; o qual conservo sempre nas armas colocando em torno da villa tres piquetes, das 5 horas da manhã as 6 da tarde, e uma guarda no quartel que sempre conservo prompta para qualquer ataque desses barbaros.

A casa que serve de quartel para o destacamento é uma que a provincia mandou fazer para cadeia, na mesma casa não tem barras nem tarimba, para as praças descançarem e não andarem dormindo em cima da terra como se acham que é muito prejudiciar a saude.

Utensilio pertencente ao destacamento é sómente um lampião, o qual não póde funccionar por falta do necessario que

A cerozene [illegible] me [illegible] de uma utilidade para o quartel é um [illegible] [illegible] em. E como a casa que serve de quartel não [illegible] [illegible] [illegible] as praças tomei a deliberação de mandar [illegible] [illegible] em casas particulares.

[illegible] também não [illegible] para o commandante do destacamento, [illegible] em uma casa particular, que [illegible] mensaes; e como este sendo um simples cadete, que seus vencimentos não chegam para comer, porque o preço das mercadorias nesta villa é tudo pelo dobro que se vende na capital, e não tendo gratificação para pagar [illegible] como também para comprar papel, para [illegible] do destacamento; pede ao governo Imperial que tome providencia e nesse sentido.

Tendo no dia 21 de Novembro [illegible] o soldado Antonio João dos Santos de uma enfermidade, que fazia parte do destacamento sob meu commando, no dia 23 do citado mez, morrendo este infeliz na maior miseria sem recurso para seu tratamento. A que o governo geral deve olhar para este destacamento mandando medicamento para as praças não morrerem à míngua [illegible] sem socorro.

O armamento e equipamento das praças do destacamento acham-se na maior ordem possivel. Existe mais a cargo do mesmo destacamento — 7 caixas embaladas a Comblain para segurança do mesmo. — Assignado, Sebastião Gomes Corrêa de Miranda segundo cadete primeiro sargento, commandante do destacamento. »

Doc. n. 28

Communicação do 1º tenente Manoel Innocencio Pires Camargo, commandante da lancha n. 3, em 26 de Janeiro de 1884.

CÓPIA

« Tendo-me informado o Sr. *tenente Horta*, então Juiz de paz desta villa (Moura) de que os indios Uaimerys se achavam em numero regular, proximo a esta villa, suspendi a lancha e segui com aquella autoridade, *professor Nolasco, negociante Pastana, morador do lugar Manoel Gonçalves*, e dirigi-me ao rio Jauapery até a praia Urabiana no dia 20 do corrente mez, não se encontrando, porém, os referidos indios durante o trajecto de ida e volta. A noticia de que elles se achavam em ubás percorrendo aquelle rio, foi confirmada por dous pescadores que encontramos em caminho. Julgo no entanto, que este cruzeiro não foi de todo inutil visto como por proposta minha, deixou-se ficar na praia Urabiana diversos brindes, taes como roupas, assucar, bolacha, dinheiro em cobre e nickel, garrafas vazias, um caixão, machados e terçados, dos que foram enviados pelo governo da provincia ao Sr. Manoel Gonçalves para esse fim.

No dia 22 regressei para Moura, sentindo bastante não ter encontrado os referidos indios, pois desejava empregar todos os meios brandos possiveis, para diminuir o terror que elles sentem da gente civilisada e a ferocidade que lhes é natural, começando assim a grande obra da civilisação desta enorme tribu, tão necessaria para o engrandecimento do rio Negro.

No dia 24, alguns indios em numero superior a 50, segundo fui informado, appareceram em frente á ilha de

Urupanaque, que fica 4 a 5 milhas acima de Moura, sem flechas e arcos, dando demonstrações de que queriam alguma cousa. Felizmente um pescador de nome Manoel Rato, em vez de disparar sobre elles a espingarda, procurou fallar-lhes, e deixou, sobre a praia o seu terçado, indo dar parte do occorrido ao Sr. Manoel Gonçalves, que para ali se dirigiu, collocando sobre a mesma praia machados, terçados e missangas, que por elles foram colhidos sem a menor demonstração de hostilidade.

Tendo tido sciencia destes factos no dia 25, julguei conveniente não conduzir a lancha ao lugar afim de não amedrontal-os, e para ali me dirigi na chalana, com duas praças afim de evitar qualquer aggressão, e fazer da minha parte o que fosse possivel para que os indios se retirassem levando optimas impressões. Quero crer que estes indios tivessem vindo, trazidos pelo desejo de alcançarem novos brindes, excitados pelos que ficaram na praia do Urabiana.

Infelizmente ainda desta vez não tive a satisfação em vel-os, pois tinham já se retirado, sendo porém de suppor que voltem ao mesmo lugar para levarem nova provisão de brindes.

Recommendei aos moradores do lugar que não atirassem sobre elles, e que pelo contrario mostrassem satisfação em vel-os. Julgo de meu dever dar parte dessas occurrencias, ficando convencido que *só por meios brandos se conseguirá chamar tão grande numero de homens ao gremio da civilisação.* »

Docs. ns. 29 e 30

Officios da presidencia da provincia ao encarregado da catechese dos indios Uaymiris.

CÓPIAS

« Palacio da Presidencia do Amazonas, em Manáos, 16 de Abril de 1884.— 1ª secção.

Illm. Sr.— Informado pelos officios e cartas de V. S. do quanto tem occorrido relativamente aos importantissimos trabalhos da pacificação e catechese dos indios Uaymiris confiados ao patriotismo e dedicação de V. S, me é grato reiterar ainda uma vez a segurança do elevadissimo apreço em que tenho tão notaveis serviços. Conto que esse generoso emprehendimento, que tanto tem preoccupado os poderes publicos desde longo tempo, vai finalmente chegar ao exito desejado, graças á decidida boa vontade com que V. S. a elle se dedicou. Asseguro a V. S. que para conseguir esse resultado esta presidencia não poupará medidas de qualquer natureza, provendo V. S. de todos os recursos necessarios.

Muito convem e espero que, na fórma das respectivos instrucções, ao regressar V. S. a esta capital, fique estabelecido o regimen colonial, ainda que de caracter provisorio para a população indigena pacificada e catechisada.

Deus Guarde a V. S. — (Assignado) Theodureto Carlos de Faria Souto.—Sr. Dr. João Barbosa Rodrigues.

« Palacio da Presidencia do Amazonas, Manáos, 22 de Abril de 1884.— 1ª secção.

Illm. Sr.— Accuso o recebimento do seu officio de 21 do corrente em que V. S. dá conta a esta presidencia da expedição de que fôra incumbido ao rio Jauapery, e indica differentes

medidas tendentes a continuar a grande obra de reconciliação entre os indios habitantes do mesmo rio e a gente civilisada. Conscio de que as primeiras relações amistosas travadas com aquelles indios, de todo o tempo intractaveis, e a sua consequente pacificação, são devidas aos esforços patrioticos de V. S. empregados no desempenho de sua commissão, e ao seu reconhecido zelo pela causa publica, cumpro o grato dever de louval-o pelos relevantes serviços que prestou, e, estou certo, continuará a prestar á minha administração, que muito espera de sua dedicação e prestigio em bem dos altos interesses da civilisação e da humanidade.

Nesta data, e de accôrdo com o que propoz V. S. naquelle seu officio, mandei pôr á minha disposição o alferes Manoel Ferreira da Silva, que se apresentará a V. S. para receber as precisas instrucções, assim como mandei preparar uma lancha da flotilha para ser posta á sua disposição, afim de estacionar no rio Jauapery até segunda ordem desta presidencia.

Deus Guarde a V. S.— (Assignado) Theodureto Carlos de Faria Souto.— Sr. Dr. João Barbosa Rodrigues, encarregado da catechese.»

Docs. ns. 31 e 32

Certidões

CÓPIAS

«Illm. Sr. Inspector da Thesouraria de Fazenda.— J. Barbosa Rodrigues precisa que V. S. se digne mandar certificar si por essa Thesouraria o supplicante tem recebido qualquer gratificação, como remuneração dos seus serviços

na catechese dos indios Crichanás, ou mesmo si tem recebido qualquer outra quantia a titulo diverso, que possa encapotar alguma remuneração. P. que espera favoravel deferimento.

E. R. M.cê

Manáos, 1 de Setembro de 1884.— (Assignado) J. Barbosa Rodrigues. (Estava uma estampilha de 200 réis competentemente inutilisada).

«Certifico que, revendo os documentos desta Thesouraria, delles não consta ter o Dr. João Barbosa Rodrigues recebido qualquer gratificação, como remuneração dos seus serviços na catechese dos indios Crichanás ou qualquer outra quantia a titulo diverso, que possa involver remuneração por esse serviço. As quantias recebidas têm sido para despezas do pessoal empregado na dita catechese ou brindes aos indigenas, cujas contas estão nesta Thesouaaria em conferencia, bem como o saldo que já recolheu. E para constar se passou a presente certidão, na Contadoria da Thesouraria de Fazenda do Amazonas, aos 29 dias do mez de Setembro de 1884.— Servindo de Contador, (assignado) João Francisco Soares. (Estava uma estampilha de 1$000 devidamente nutilisada.) »

—

« Illm. Sr. Inspector da Thesouraria Provincial.— O abaixo assignado precisa que V. S. se digne mandar passar por certidão si o supplicante tem recebido dessa Thesouraria alguma quantia, por insignificante que seja, como gratificação ou remuneração dos serviços que tem prestado na catechese dos selvagens Jauaperys. P. que o supplicante espera favoravel deferimento.

E. R. M.cê

Manáos, 9 de Setembro de 1884.— (Assignado) J. Barbosa Rodrigues. (Estava uma estampilha de 200 réis devidamente inutilisada).

« Certifique o Thesouro Provincial. — 9 de Setembro de 1884. — (Assignado) Baptista. A' 1ª Secção. — (Assignado) Tolentino.

« Nicolao Tolentino, chefe de secção servindo de contador do Thesouro Provincial do Amazonas, etc. Certifico em virtude do despacho retro, que não tem o supplicante recebido por esta repartição remuneração alguma pelos serviços prestados na catechese dos indios Jauaperys. Eu Julio Flores Torres, amanuense do Thesouro Provincial do Amazonas, a escrevi na 1ª secção da Contadoria, aos 23 dias do mez de Setembro de 1884. — Eu Ignacio Nery da Fonseca, chefe de secção, que a fiz escrever e subscrevi. — Nicolao Tolentino.

N. 308. Rs. 1$000. Pg. de emolumentos mil réis. Recebedoria Provincial 23 de Setembro de 1884. — O thesoureiro João Arnoso. — O conferente Salles.

Doc. n. 33

CÓPIA

« Nós abaixo assignados, declaramos que estando todos reunidos em casa do Sr. subdelegado de policia desta povoação José Gonçalves Botua, ahi assistimos a uma conversação havida entre os indios Pedro, interprete da commissão de catechese dos Jauaperys, e da tribu Macuchy, do rio Branco, e Carlos da mesma tribu, aggregado de José Maria Campos e que falla portuguez. Desta conversação, Carlos declarou-nos ter-lhe Pedro dito : que seu patrão Zeferino Jararaca foi quem o mandou fugir e esconder-se no sitio Jacundá, e que mandou elle fazer remos afim de seguir e seu

filho para o rio Branco em sua companhia : que Bicudinho prometteu pagar-lhe bem afim de o levar para o Jauapery, dizendo que o Dr. Barbosa já estava em Manáos e não vinha mais : que ha 10 mezes que é aggregado de Zeferino e que este apenas lhe tem dado um par de calças e uma camisa : que veio do sitio Jacundá, na lancha, por sua livre vontade, e que trouxera seu filho Raymundo, porque o patrão o obrigava a trabalhar sem pagamento, e que nem elle Pedro, nem seu filho queriam mais voltar para a companhia de Zeferino, porque este nada lhe dá. O exposto foi o que de Carlos ouvimos.

Ayrão, 12 de Junho de 1884.— (Assignados) O subdelegado José Gonçalves Bahia, Francisco Rodrigues Couto, Felippe Santiago Carvatá, Bruno da Assenção Pacheco, Francisco José Marques Vianna. »

Doc. n. 34

CÓPIA

« Declaramos nós assignados que, achando-nos reunidos na casa de residencia do Sr. Dr. João Barbosa Rodrigues, hoje, ouvimos de Benedicto Ferreira Gomes, interprete da commissão de catechese o seguinte :

Que, em viagem para a boca do lago Curerú, ao chegar, viu sobre as pedras indios em numero de cinco e junto delles uma canôa com tolda, a qual ao depois os conduziu do sitio « Carunan ». Disse mais que ouviu o outro interprete Pedro dizer, que os indios lhe affirmaram terem ido cinco delles ao referido sitio em canôa de pescadores ;

Assim tambem da praça João Antonio da Silva: que tendo ido na canôa do alferes Ferreira, no dia 28 do corrente, ao chegar ao Curerú viu uma canôa de pescador junto das pedras, mas que não viu si alguma canôa conduzia os indios que ahi estavam, porque a canôa em que ella praça ia tinha ficado atrás.

Que ouviu Benedicto dizer que os indios tinham ido ao sitio Carunan, que não sabe em que canôa, e que não queriam a lancha no Jauapery por causa de molestias e só a queriam na ponta do Curerú.

E por termos ouvido o que fica declarado, assignamos o presente em fé da verdade.— Moura, 29 de Setembro de 1884. (Assignados) J. P. Nolasco da Silva, Manoel Antonio de Castro a rogo de José Athanasio Alves, J. P. Nolasco de Oliveira. Estive presente em todo o depoimento acima. — (Assignado) Manoel Ferreira da Silva, alferes e subdelegado. »

Doc. n. 35

Topicos do capitulo « catechese e civilisação de indios » do relatorio dirigido á assembléa provincial do Amazonas, pelo presidente Jansen Ferreira, em 25 de Março de 1885.

CÓPIA

« .... Sobre o assumpto de que vos trato importantes serviços têm sido prestados pelo director do Museu Botanico desta cidade o Dr. João Barbosa Rodrigues que, por iniciativa propria, autorizada e animada pelos meus distinctos antecessores bachareis José Lustosa da Cunha Paranaguá e Theodureto Carlos de Faria Souto, votou-se á humanitaria empreza de trazer á civilisação os indios *Crichanás* que

constituem essa formidavel tribu que tendo, segundo noticias mais criteriosas, apparecido em 1855 no rio Jauapery, trouxe por muitos annos em continuos sobresaltos os habitantes de Ayrão, Carvoeiro e Moura, ameaçados das correrias de que por diversas vezes foi victima esta ultima localidade.

Segundo informa aquelle illustrado director, póde-se estimar em dous mil o numero dos referidos indios, com que tem estado em contacto, já pacificados e dispostos a entrar por meios amistosos para o gremio da civilisação.

As circumstancias difficieis da provincia e a exiguidade dos recursos votados na receita geral para catechese, não me permittiram cooperar, como desejava, para a terminação do trabalho feito por aquelle director, com o aldeamento regular dos referidos indios que ainda assustam aos habitantes de Moura quando apparecem na povoação em busca de objectos para permutar com os que trazem.

Si, acolhendo o meu parecer, tiverdes de decretar o auxilio de que já vos fallei, por certo tereis em consideração que o exito completo da importante empreza em que tantos esforços empregou o Dr. Barbosa Rodrigues, dará ao commercio um importante rio que tem sempre estado sob o dominio dos selvagens, restitue o socego e a tranquillidade a diversas povoações, e traz, para auxiliar a promoção do nosso progresso e engrandecimento, um grande numero de brazileiros até hoje separados da communhão nacional e entregues á selvageria. »

FIM DA TERCEIRA PARTE

QUARTA PARTE

VOCABULARIO

INTRODUCÇÃO

Apresento o vocabulario Crichaná comparado com os dialectos ipurucotó e macuchy, afim de que se possa ver a affinidade que ha entre os tres e as diversas modificações por que passam.

A lingua mãi, por assim dizer, e a ipurucotó, que, como a latina, a italiana e a portugueza conserva em alguns vocabulos, apezar de modificados, o mesmo significado ; em outros só ha as radicaes, havendo outros ainda, creados pelas leis phoneticas, pelo meio e pelo contacto com varias nações estranhas.

Nos tres dialectos adoptei o *y* especial do guarany para representar o som gutural entre o *é* e *u* francez e *ã* para o som nazal de *an*. Observo que o *r*, quer no principio, quer no meio da palavra, é sempre brando e sôa como entre vogaes, tal como nas palavras : *agora*, *merenda*, etc. O *h* é sempre muito aspirado e o *s* entre vogaes tem o som de *z*.

E' notavel a apparição dos sons do *l* e do *z*, soando este ultimo como *dz*.

As differenças entre os tres dialectos é a mesma que existe entre o Abanaenga, o Nheengatu e a lingua geral do Amazonas. Exemplo : *agora* é *coyr*, no abanaenga, *cuêre* no Amazonas e *cuire* no Pará.

Em um trabalho que tenho em mãos, sobre a lingua geral, melhor tratarei deste assumpto, mostrando como se modificou a lingua dos Tupynambás, a ponto de seus descendentes do Norte não comprehenderem a do sul.

PORTUGUEZ	CRICHANÁ	IPURUCOTÓ	MACUCHY
A			
Abaixar-se.	Essenaquy.	Euretaquy.	Taretinguihu.
Abalar.	Iarima.	Iarent quy.	Itecaquy.
Abanar.	Ipoty.	Ipocaquy.	Ipotequy.
Abelha.	Quéiponé.	Uanin.	Cumarecó.
Aberto.	Agamaquy.	Ipanangaquy.	Iuenengassá.
A bocca da noite.	Euenecu.	Iuenecu.	Cumameá.
Aborrecer-se.	Icurumá.	Tucurumá.	Ur pemá.
Acabar.	Pamá.	Nueltecai.	Ipuirá.
Acceso.	Poté.	Irembé.	Uaquoby.
Achar.	Etimbotá.	Etembitá.	Oporemaná.
Acima.	Menené.	Uaipá.	Canimá.
Acordar.	Nupacai.	Upacãa.	Ubocá.
Adeus	Iraquinotai.	Uteram.	Tembeuaby.
Admirar.	Tinguindy.	Tingumdy.	Essety.
Afogar-se.	Inaquy.	Anaré.	Siuragabonan.
Agora.	Auiané.	Cacoró.	Sereropé.
Agradar.	Uaqueré.	Uaquibexurú.	Uaquipycurú.
Agradecer.	Ch remó.	Ehia Eiongcheruy.	Uã.
Agua.	Apuiquiná.	Ehy.	Tuná.
Aguado.	Icoma.	Icomaquy.	Icaramuquy.
Aguardente.	Uaicó.	Uetcurú.	Uicó.
Ainda.	Machama.	Michará.	Mazari.
Alagar-se.	Neugerucai.	Unanequy.	Siurangá.
Ale va (quarto).	Uaiputá.	Uaipaquy.	Eutitá.
Alegre.	Uaquopé.	Erembé.	Aquibé.
Algum.	Irap ia.	Ucaitonem.	Tiarengon.
Algumas cousas.	Uamiri.	Tucaicanon.	Aneurozé.
Alguns.	Ic coronquy.	Iaquenem.	Imbambé.
Alheio.	Inapare.	Inaparó.	Inapaié.
Alto.	Uaonem.	Cauenem.	Cussambé.
Alma.	Iueriqui.	Iueriqui.	Assamandabé.
Alimento.	Uiuquenem.	Equci.	Ioton.
Alimpar.	Icocá.	Ironaquy.	Ironaquy.
Amanhã.	Auicaby.	Auicaby.	Ponané.
Amarello.	Tanat inon.	Tau tano.	Chinhihu.
Amargoso.	Main.	Acuran.	Maipé.
Amarrar.	Iaroromequy.	Imypequy.	Jauronquy.
Amigo.	Japé	Uauquené.	Upaunaré.
Amolar.	Ipocá.	Ipocá.	Ipocamiá.
Amor.	Uaqueré.	Uaqué.	Uaquebaecuru.
Andar.	Miacá.	Iarè.	Uton.
Anta.	Ombimá.	Ombimá.	Oirá.
Ante-hontem.	Iuanequy.	Iuaquy.	Minicumamburá.
Anzol.	Conochi.	Conochi.	Conoi.
Apadrinhar.	Uaquerevé.	Uaquepé.	Tene hy.
Apagar.	Ipocaquy.	Uatacaquy.	Ipotiquy.
Apanhar (frutos).	Iperucaquy.	Ipecá.	Picaquy.
Aquella.	Ucaicainé.	Uaiené.	Maniné.
Aquelle.	Aquiná.	Mereré.	Maiquoré.
Aquentar.	Iananyque.	Iananequy.	Anebé.
Aqui.	Chiretá.	Aretá.	Taré.
Aqui está.	Ené.	Meré.	Mahan.
Aquillo.	Uachia.	Iquiné.	Muquini.
Aranha.	Arai.	Arai.	Marohy.
Arco.	Urapá.	Urapaiangon.	Urapá.
Arder.	Inerequy.	Arequiri.	Lhené.
Areia.	Escabani.	Escaban.	Escaban.
Arpoar.	Iassocá.	Ipocaquy.	Assocá.
Arrala.	Apenequy.	Iaporequy.	Chiparé.

PORTUGUEZ	CRICHANÁ	IPURUCOTÓ	MACUCHY
Arrastar.	Iaronequy.	Iarenequy.	Turuanequy.
Arrebentar (corda).	Nassaety.	Nassaty.	Assaté.
Arrebentar com estrondo.	Nieupoturã.	Niuemui.	Enopoté.
Arroz.	Cufaia.	Uaty.	Uaty.
Arvore.	Incuquy.	Cury.	Iehy.
Aspero.	Caruaré.	Uaranarapã,	Riré.
Assás.	Iapoqueriquy.	Mepuiã.	Ipuquy.
Assassinar.	Teneque.	Teny.	Inequy.
Assim mesmo.	Uhy.	Uhy.	
Atraz.	Muratequy.	Muratequy.	Quenem.
Ave.	Toroniquy.	Torono.	Toron.
Avós.	Iahotó.	Itamó.	Amocó.
B			
Baba.	Itetá.	Itetacó.	Itatecó.
Bahia.	Tuaiquenem.	Ubenan.	Auené.
Baixo.	Nonipuná.	Anopunan.	Nombó.
Banana.	Erupá.	Erupá.	Paruru.
Bananal,	Erupaecá.	Erupaecà.	Pararunocá.
Bananeira.	Erupahy.	Ité.	Ité.
Banhar.	Ebocó.	Nouipui.	Uepeny.
Barba.	Utanzó.	Uitanzo.	Iepó.
Barriga.	Uene.	Umi.	Orotá.
Barro.	Itanary.	Icumá.	Rimé.
Batata.	Sacuné.	Sacu.	Sahá.
Beiços.	Undanó.	Undá.	Undapipé.
Beijar.	Ipichomaia.	Bichumuiá.	Ipichomoquy.
Beijú.	Uhihiu.	Iquey.	
Belleza.	Uaquerepé.	Uaquepé.	Mory.
Bicho.	Apichuca.	Upaé.	Oman.
Bico.	Iepi.	Iepi.	Itebi.
Bico de frecha.	Upreuaipu.	Urapamputy.	Iramatá.
Bisavô.	Epai.	Upai.	Amocó.
Bôa noute.	Nuencam.	Uetum.	Sabontequy.
Bôa tarde.	Cocarité.	Cocamé.	Icomamuiá.
Bocca.	Utano.	Indanáque.	Undá.
Boiar.	Iemberano.	Iemberã.	Iemboiá.
Bom.	Uaquerepé.	Uaquipé.	*Uaquibé.*
Bom dia.	Neueté.	Neuetù.	Pocamamá.
Bonito.	Uaquerebé.	Uaquebé.	*Uaquebé.*
Borboleta.	Uacaparo.	Uacáo.	Pepé.
Bordoada.	Iqueté.	Iquetaquy.	Iquey.
Braços.	Meicumú.	Emeicu.	Uemeam.
Branco.	Caraiuá.	Caraiuá.	Caraiuá.
Branco (adj.)	Aimoná.	Aimutum.	Almuná.
Briga.	Apichia.	Iapiquy.	Iapiquy.
Brinco.	Panalary.	Panalary.	Panahã.
Buscar.	Iaranequy.	Inequy.	Iramatá.
C			
Cabeça.	Upahy.	Iareté.	Popahy.
Cabello.	Pupinaré.	Upupaiaré.	Unzé.
Caça.	Ieneté.	Ianaca.	Uraná.
Caça morta.	Euericha.	Iuerichá.	Chamandessá.
Caçar.	Iacamanapé.	Iacamanapé.	Caripitapé.

PORTUGUEZ	CRICHANÁ	IPURUCOTÓ	MACUCHY
Cachimbar.	Aboté nibainon.	Ucattaionepainen.	Paiparcton.
Cachimbo.	Aboté.	Ucauai.	Paipá.
Cacho.	Irupaiuporu.	Irupaiuporu.	Paruruiperu.
Calcanhar.	Upufune.	Utá.	Upú.
Caminho.	Iemá.	Eiman.	Iemary.
Canavial	Cararacuiéca.	Carabunguy.	Caiuararocá.
Cançar-se.	Matungnopé.	Meremdonequy.	Murunderepepin.
Canôa.	Curiara.	Curiará.	Curiará.
Cantoria.	Ianunquy.	Icobequy.	Icoquy.
Cão.	Aqueré.	Aqueré.	Arimaracá.
Carne.	Iponim.	Ipó.	Ipocon.
Castigar.	Iquitequy.	Iquety.	Ipatequy.
Cavar.	Iacá.	Ipecaquy,	Iacaquy.
Casa.	Monené.	Uaipá.	Euetè.
Casado.	Iepequená.	Irumé.	Tenobequená.
Cera.	Paná.	Moramby.	Marombé.
Chamar.	Eucá.	Meauiá.	Iturutu.
Chamar.	Parachiquy.	Amiáachiquy.	Achiquy.
Cheirar.	Uaquy.	Uati.	Uaquy.
Chorar.	Nacarauatái.	Caraquiné.	Ucaráo.
Chove.	Cononypé.	Conopuipe.	Conoiepomá.
Chover.	Neutecai.	Ipoman.	Comaitecá.
Chuva.	Conopó.	Conopó.	Conó.
Cidade.	Upatá.	Upatá.	Patá.
Cinzas.	Iaré.	Iaré.	Anitaça.
Ciume.	Cainaibá.	Eruaré.	Uriró.
Clara d'ovo.	Iparú.	Iparú.	Atassucá.
Cobra.	Enemá.	Iaramá.	Palaraimá.
Cobrir.	Pontiquy.	Imundé.	Inapontequy.
Coçar.	Ucaiqueny.	Cassamá.	Camiqui.
Colher (verbo).	Camucui.	Ipicá.	Ipicaquy.
Comer.	Untacano.	Itamocamim	Itamocá.
Comprar.	Apichiquy.	Apichia.	Iapiquy.
Comprido.	Uaiquemin.	Nussá.	Cussambé.
Coração.	Ieuanem.	Ieuan.	Uienán.
Corda.	Ianaqui.	Conochihiuá.	Conoihiuá.
Corpo.	Icoquenen.	Iezá.	Uré.
Coruja.	Purutury.	Puruturi.	Purutute.
Costa,	Teiquencu.	Uichá.	Itupá.
Costellas.	Iuaratá.	Iaratá.	Uicoroiobé.
Cousa velha.	Ibiapé.	Apiáca.	Ibapy.
Cova.	Iteté.	Iteté.	Itontá.
Crer.	Cheroconaquy.	Chorenaré.	Chorecopisu.
Crú.	Temonequeny.	Iqueneteque.	Mymboamá.
Cume.	Tiuepiputy.	Iuetoperty.	Uepoty.
Cunhado.	Yacóbi.	Ianon.	Uiezi.
Cupim.	Urariuan.	Tapiucá.	Muná.
Curto.	Nussaniquo.	Nuçanequy.	Cussambeburá.
Curvo.	Tenumim.	Enessimessá.	Uiaipá.
D			
Dança.	Uaihane.	Numanaiá.	Mananu.
Dar.	Ireiniá.	Iarery.	Ereuiá.
Debaixo.	Ioconé.	Iocó.	Itocó.
Dedo.	Uenyá.	Uicané.	Uienzá.
Defronte.	Icaichará.	Icaicharé.	Icaicharon.
Defunto.	Uerichá,	Uerichà.	Assamandessa.
Deitar.	Iacaquené.	Aienacá.	Aienà.
Deixar.	Ienenechi.	Ieneneri	Toaenechin.

PORTUGUEZ	CRICHANÁ	IPURUCOTÓ	MACUCHY
De longe.	Uinchá.	Minchá.	Amingá.
De madrugada.	Uarupé.	Iuarupé.	Iuaranzá.
De manhã.	Uaingapé.	Uaicabé.	Penané.
De noite.	Serepé.	Seruearé.	Sereropé.
Dentada.	Aicamá.	Iaicá.	Iaicaulá.
Dente.	Uioté.	Uié.	Uiocá.
Dentro.	Meretiá.	Mereiiá.	erererá.
Depois.	Miauattapai.	Marotapai.	M ropai.
De qualquer modo.	Miurerainon.	Ipuiainon.	Mu areicá.
Descalço.	Itapum.	Itat n.	Issassapin.
Descançar.	Muratiquy.	Iaratô.	Inguanenechy.
Descarregar.	Imocá.	Icocá.	Imocaquy.
Descer.	Noueté.	Nerucumé.	Uté.
Descobrir.	Inoneaquy.	Inoncá	Iuaromacaquy.
Descompor.	Uorecaiypé.	Merecaiypé.	Curemabé.
Des jar.	Uacuruanimbainem.	Ueconuonaimbainon.	Aneneuainan.
Desgraçado.	Afachini.	Imacuipé.	Uriré.
De tarde.	Euarupé.	Comamé.	Comamuiá.
Dous.		Chichachierai.	Ca uanó.
De vagar.	Tenenim.	Te ombebaré.	Tenombé.
Dia.	Uaiainaen.	Ueinaen.	Ueinairé.
Diabo.	Tafachine.	Iuerecá.	Ieuenecá.
Direito.	Chiuperecá.	Chiuperecá.	Chiuperocaquy.
Disputa.	Uirerecá.	Uirecá.	Icoremassá.
Doce.	Amecó.	Amai ó.	Aiquicó.
Doente.	Tapachiné.	Ecuremuça.	Piriaburá.
Dono.	Mareté.	Mareté.	Mareré.
Donzella.	Uaqueré.	Uaquyré.	Uaquy.
Dormir.	Uiotunu.	Uetunu.	Iuetum.
Doudo.	Nouybicon.	Toyuibian.	Taichá.
Duro.	Itahanim.	Samaiquiné.	Sahamá.
E			
Elle.	Ericane.	Maqueré.	Maquery.
Embebedar-se.	Somaraiconá.	Sereconá.	Itemé.
Encolher.	Icucaquy.	Icunan.	Iunã.
Então.	Tepassacai.	Tenauachy.	Emainina.
Enterrar.	Iamecá.	Itarangaçá.	Irangassá.
Entrar.	Irecumopa.	Itepé.	Autenó.
Entristecer-se.	Tapaihiunim.	Eruarí.	Uaquebeburá.
Enxada o Enxo.	Sambané.	Sambamí.	Sambá.
Escada.	Cambáne.	Necafené.	Benutó.
Escama.	Ipipy.	Pipe.	Moropitu.
Escamar.	Ipucaquy.	Ipicá.	Ipacaquy.
Esconder.	Iraná.	Icocaquy.	Iconecaquy.
Escuro.	Uarupy.	Iuarupy.	Inaron.
Espelho.	Senutó.	Uanamary.	Uanamary.
Esperar.	Muratiquy.	Muratequy.	Mazá.
Espeto.	Iachitequy.	Iachity.	Iatchy.
Esta gente.	Ucuere.	Ussassi.	
Estar.	Iapoquy.	Mereté.	Maró.
Estar vivo.	Tapassaca.	Cutupan.	Chamandapirá.
Estas.	Chamequy.	Iromá.	Iamaron.
Esto, esta.	Myré.	Mereré.	Mequeré.
Esteira.	Iapon.	Chiumbary.	Chiumbá.
Estes que.	Iamonequy.	Iamoró.	Ingamoró.
Estrella.	Chirequy.	Chiriquy.	Chiriquy.
Estrella cadente.	Uaichá.	Chachierai.	Chiriquy ueté.

PORTUGUEZ	CRICHANÁ	IPURUCOTÓ	MACUCHY
F			
Faca.	Mariai.	Taurá.	Taurá.
Faca pequena.	Mariaimeriquy.	Taurámeriquy.	Taurachemeriquy.
Facão.	Chubrá.	Chubrá.	Chubrá.
Faisca.	Carapá.	Motó.	Apoliapy.
Fallar.	Siunimam.	Siuniman.	Siarumá.
Farinha.	Amery.	*Uhy.*	*Uhy.*
Fazer.	Macuenhecará.	Iconecaquy.	Iconecaiuiá.
Febre.	Nicomitai.	Comiteçá.	Comitambaué.
Fechar.	Iarangá.	Iarangueçaiá.	Iaranguessá.
Feder.	Iquenetá.	Iconetaiá.	quy.
Fedorento.	Iquenetá.	Camy.	Iquy.
Feio.	Iuamaiquy.	Eruaré.	Uriré.
Feijão.	Camassary.	Ucamussá.	Cumassá.
Feitiço.	Moretá.	Mor ny.	Muran.
Feixe.	Neuat cai.	Iuantecairiá.	Iuantessá.
Ferir.	Arequessaiá.	Uiguençaiá.	Tialessaia.
Ferver.	Irindy.	Irindequy.	Irendeuiá.
Fiar.	Chipeny.	Chipy.	Chipim.
Ficar.	Mororequy.	Muretequy.	Mororequy.
Fim.	Mi ssá.	Miarénan.	Uaicotó.
Fino.	Chirique.	Chiriquy.	Mararé.
Flauta.	Chinary (em geral).	Chinary.	aiy.
Fior.	Irareté.	Ipu.	Iarembu.
Focinho.	Atuniá.	Teunam.	Iunam.
Fogo.	Uató.	Cerequy.	Apó.
Fome.	Ananepaissen.	Indanonpainon.	Indamucaupainon.
Fonte ou poço.	Peraquy.	Tuanequy.	Perá.
Fóra.	Auipuná.	Teipunan.	Itei.
Force.	Merunté.	Cutupam.	Merundy.
Forçar.	Indapequeré.	Mendopacurum.	Merundy.
Formiga.	Miquy.	Miquy.	Miquy.
Forno.	Iipo.	Putary.	Remam.
Forquilha.	Temondaquenan.	Temondaquenan.	Pandaquenan.
Frecha.	Upreu.	Urapá.	Eryu.
Frechar.	Ipocaquy.	Pocá.	Pocaquy.
Frio.	Nicomitai.	Icomiteçá.	Comiquy.
Fructa.	Teberu.	Eteberu.	Teberu.
Fugir.	Nauaté.	Uatembai.	Tirec quy.
Fumaca.	Itericá.	Iterocaquy.	Uopoessá.
Fumar ou mascar.	Anauapainon.	Ananapainá.	Ananapainá.
Fundo.	Icupá.	Mainró.	Mairum.
Fuso.	Porepichi.	Porepichi.	Perebi.
Furar.	Iapoquy.	Iapó.	Icaquy.
Furo.	Itentá.	Itenetá.	Itentá.
Furtar.	Imocá.	Imocaquy.	Imocaquy.
Furto.	Iamoqueçá.	Imocaçaia.	Imoqueçá.
G			
Gado.	Pacá.	Pacá.	Pacá.
Gafanhoto.	Uneró.	Uaneró.	Uarapi.
Gallinha.	Otorocó.	Cariuná.	Cariuná.
Gallo.	Curai.	Curai.	Uara.
Gambá.	Iporá.	Iuaré.	Iuaimocoré.

PORTUGUEZ	CRICHANÁ	IPURUCOTÓ	MACUCHY
Garça.	Uararù.	Uai.	Angra.
Gastar.	Serotecambomá.	Seroteconá.	Tocabomá.
Gato.	Aqueré.	Iqueré.	Pichaná.
Gavião.	Torono.	Umim.	Cuanó.
Gemma d'ovo.	Chiriquy.	Chiraiiriquy.	Miriquy.
Gente.	Nogueno.	Pomongono.	Pomongó.
Gomma.	Tipipi.	Imani.	Imásessá.
Gordo.	Icaté.	Icaihiuanó.	Caiuá.
Gordura.	Icaté.	Icazez.	Icá.
Gostar.	Uaquery.	Uaquy.	Ipó.
Grande.	Tanó.	Ocai.	Ucahy.
Gritar.	Queoná.	Capachin.	Quopachim.
Grosso.	Tanoriná.	Etemum.	Curená.
Grudar.	Uapichiá.	Uapichipoai.	Tapichy.
Grude.	Itocaré.	Indacaro.	Tecó.
Guardar.	Uiratequy.	Uiraté.	Iconecaquy.
Guella.	Pometó.	Umym.	Otoré.
H			
Ho assim.	Inanaquemy.	Naneque.	Nanepyá.
Hoje.	Sereuaré.	Sereropé.	Sereropé.
Hombro.	Motaquino.	Motá.	Umbai.
Homem.	Itiamon.	Curai.	Uratáe.
Hontem.	Ocomamé.	Miniconnamburá.	Comamburá.
Humido, ensopado.	Amunan.	Aimutu.	Amutu.
I			
Idade.	Miá.	Uião.	Aiquitum.
Ilha.	Ionom.	Michine.	Ipahô.
Inda a pouco.	Mararequy.	Mararequy.	Mararé.
Inimigo.	Canaymé.	Canaymé.	Canaimé.
Ir.	Aracumopé.	Itopé.	Atopi.
Inteiro.	Iarémaburamá.	Ramáburamá.	Inaicotoimoroná.
Irmã do homem.	Curaiurigy.	Inapagé.	Uararorigy.
» da mulher.	Emaina.	Ipachy.	Topachy.
Irmão do homem.	Itaconó.	Itacon.	Uararocon.
» da mulher.	Epachy.	Petopachy.	Inobopachy.
Isca do anzol.	Canochiá.	Canochiaton.	Canoyó.
» de fogo.	Uerqueró.	Murané.	Uereró.
Isqueiro.	Uató.	Uiriquy.	Ueré.
Isto.	Maraiquy.	Mereré.	Mequeré.
J			
Já (agora).	Seró.	Messeré.	Sereré.
Já (tempo presente).	Euatamemby.	Itebé.	Otoby.
Jaboti.	Cueque.	Cueque.	Uaramory.
Jacaré.	Jarnymy.	Teratará.	Curutú.
Janella.	Uiemá.	Unatá.	Manatá.
Jantar.	Endaná.	Endanaquy.	Damocaquy.
Joelho.	Jazemu.	Jozemu.	Iezemu.
Jogar.	Ipacamá.	Ipacamuquy.	Inamuiá.
Junto.	Tupareré.	Tamanaueré.	Tamenaueré.

PORTUGUEZ	CRICHANÁ	IPURUCOTÓ	MACUCHY
L			
Lá.	Minchá.	Chimbatá.	Chimbetá.
Laço.	Tapassamá.	Tupassamá.	Tupassamá.
Laço dos pés.	Utauramé.	Eincó.	Uporomé.
Lado.	Iratoló.	Iratoi	Iratoicassá
Ladrão.	Amaby.	Amaby.	Amaz.
Lago.	Icoboré.	Icubequy.	Icobé.
Lagrimas	Uembaruae.	Uembarucu.	Uanerecu.
Lançar fóra.	Irumé.	Pacamangué.	Inumuiá.
Largo.	Auené.	Taccanoté.	Auené.
Lavar.	Icocá.	Icocaquy.	Ironaquy.
Leite.	Itecó.	Manatiolecc,	Manaiecó.
Lembrar-se.	Etonauá.	Etenauá.	Omoiacapé.
Lome.	Iacumá.	Iauré.	Camareré.
Lonha.	Iuatoquy.	Icamatu.	Upatá.
Levantar-se.	Uiy.	Ity.	Tequezé.
Levar.	Irareroqué.	Miareraraquy.	Iaqueté.
Leve.	Arionó.	Aicionó.	Aminnerum.
Ligeiro.	Caquy.	Nicaran.	Cané.
Ligeiro (homem).	Iuararucaquy.	Iuaracaquy.	Uarurucaré,
Limpo (bonito).	Uaquy.	Uaquypoman.	Moripi.
Linha.	Tená.	Tená.	Immó.
Lingua.	Nuiá.	Unum.	Unum.
Liso.	Iracumeçá.	Iacumeçá.	Aritassá.
Livrar.	Taquebé.	Uaquerebé.	Arapichinemai.
Logo.	Massaquine.	Mazary.	Masá.
Longe.	Muyam.	Mauyniti.	Amingá.
Lontra.	Arauitá.	Araioatá.	Turará.
Lua.	Toparé.	Capuhe.	Capuhy.
Lugar.	Upatá.	Pororó.	Turará.
Luz.	Topó.	Cá.	Cá.
M			
Macaco.	Uato.	Coaty.	Coaté.
Machado.	Umy.	Pracuá.	Uacá.
Macho.	Ucurai.	Curairequy.	Uararó.
Madrasta.	Ichanequy.	Pichá.	Ichampipy.
Mãe.	Ichane.	Ichane.	Ichá.
Magro.	Maguhiby.	Emeriquy.	Caranapá..
Maior parte.	Iratoioquiué.	Iratoiquicé.	Iratoi.
Maldado.	Eruaré.	Ariré.	Uriré.
Mandar.	Miaretequy.	Morotequy..	Atequy.
Mandioca.	Imu.	Quissé.	Quissé.
Manhã.	Auiacabé.	Auiachané.	Penané.
Manso.	Uaquiry.	Uaquiry.	Sancaropepim.
Mais.	Marareroquy.	Tuparerequy.	Mararomiquy.
Máo.	Eruaretequy.	Eriré.	Sacaropá.
Mão.	Enna.	Eiá.	Iandá.
Mas.	Anauenacá.	Iauanacá.	Tescananabó.
Marroca (macho).	Araponan.		Anerua.
Marroco.	Raponó.	Anaraná.	Anoruá.
Marisco.	Chipatichipá.	Chipatichipá.	Paraná.
Marido.	Curai.	Curai.	Inhó.
Mastigar	Iocá.	Ia caquy.	Ioquoquy.
Matar.	Paman.	Utamó.	

PORTUGUEZ	CRICHANÁ	IPURUCOTÓ	MACUCHY
Matrimonio.	Iapichiquy.	Japichiá.	Pichaiá.
Matto.	Hihu.	Ingaretá.	Ihu.
Mecher.	Icaramá.	Icaramon.	Icaramuquy.
Medo.	Pangá.	Pangá.	Nary.
Medroso.	Moiquy.	Imaquy.	Pacó.
Meio.	Iraquiçá.	Iarangaçá.	Araquitá.
Meio dia.	Iaquetá.	Iaraquetá.	Uraquitá.
Mel.	Uanim.	Uania.	Uá.
Melhor.	Erembé.	Amambé.	Oquyebomby.
Membro viril.	Tuaui.	Ianqui.	Meré.
Menina.	Achiry.	Muré.	Manum.
Menino.	Miaroniquy.	Merenequy.	Maré.
Menino de peito.	Ichocoriquy.	Chiquiriquiriquy.	Muremuriquy.
Mentir.	Itichibu.	Itichibu:	Cherouié.
Mentira.	Imcteá.	Assorecú.	Chérico,
Mergulhar.	Sourangá.	Seurangaquy.	Seurangá.
Metade.	Iarenam.	Iareté.	Iuaicoto.
Milho.	Ená.	Anain.	Amaim.
Miolo.	Unecase.	Upupaicá.	Pupaimacaré.
Misturar.	Idiman.	Iainongaquy.	Iaimaquy.
Moço.	Ucuraihé.	Curaimiquy.	Mainerípy,
Moer.	Iasiucá.	Iassucaquy.	Iassucaquy.
Mofino.	Apiquená.	Merundenequy.	Meremderepepum.
Molhado.	Aimonan.	Amunan.	Auamuná.
Molhar.	Inanepi.	Inanequy.	Tunará-icamoquy. (*)
Molle.	Emery	Amuru.	Emery.
Monte.	Eperguy.	Uepuimy.	Uhy.
Monturo.	Ionequy.	Murucundaquy.	Imurucutequy.
Moqueado.	Uchurá.	Churary.	Churá.
Morador.	Sereteron.	Maretoron.	Tariron.
Morcego.	Sassáo.	Sauamun.	Marapá.
Morder.	Iacaquy.	Iacaqué.	Iecauiá.
Morrer.	Ucriquy.	Uerichá.	Samundá.
Morte.	Emocá.	Emocá.	Iauiauté,
Mosquito.	Ruyruy.	Uimguy.	Canguy.
Mostrar.	Men	Mem	Man.
Mover.	Tanorimé.	Tanorimé.	Cumauriná.
Mudar.	Iaréqué.	Iaquy.	Iaquy.
Mudar-se de um para outro logar.	Iracomequy.	Maracomequy.	
Muito.	Tupareron.	Tucan.	Imarápipim.
Muito cedo.	Caioroetecon.	Cacoró.	Penarépapume (*cedo muito*).
Muitos dias.	Necocanquy.	Cocomamá.	Comambutá.
Mulher.	Uaqu né.	Upety.	Nery.
« (casada).	Ipotiquy.	Teputequenan.	Tenobequiná.
Mundo.	Tanon.	Uquey.	Ocahy.
Mutum.	Pauichy.	Pauichy.	Pauhy.
N			
Na (no).	Ra.	Camé.	Rá.
Na (dentro).	Toman.	Iaratequy.	Rá.
Nada.	Ipói.	Iporó.	Puiramá.
Nadador.	Tunanquetava.	Tunanquetava.	Tunacaon.
Nadar.	Puinanu.	Puenanu.	Orequeté.
Não.	Ifá.	Lá.	Cané.

(*) *Tuná*-(agua) *ra* (na) *icamoquy*-metter).

PORTUGUEZ	CRICHANÁ	IPURUCOTÓ	MACUCHY
Não ha.	Peramã.	Piraman.	Itecabé.
Não sei.	Taraquiné.	Iaraquine.	Inapaié.
Na ponta.	Ipotepó.	Ipotepó.	Poteponá.
Na ponta do rio.	Tunapoté.	Tunapoté.	Tunarapé.
Nariz.	Tunaré.	Iunaré.	Iuná.
Nascer.	Nepacahy.	Nepacahy.	Poquessá.
Negro (adj.)	Aricuná.	Uriquitum.	Uriconá.
Neto.	Opary.	Opá.	Ipá.
Ninguem.	Anetomberaman.	Anetimberamá.	Aneperi.
No fim.	Epeiarepy.	Epeiarepy.	Uaicotaribé.
No fundo.	Itunan.	Ituman.	Itunanaré.
Noite.	Iuarupé.	Iaurupé.	Iuaron.
Noiva.	Teputiquinon.	Teputiquinon.	Tinuquiná.
No meio.	Eraquitá.	Eraquitá.	Araquitá.
No principio.	Poty.	Poty.	Asarétocatoby.
Nora.	Curainoby.	Carainoby.	Imonoby.
Nós.	Cananequine.	Ananequim.	Urenecon.
Nova.	Curainoby.	Cherouarú.	Amená.
Nova.	I mony.	Iamoniquy.	Iamun.
Novidade.	Caran.	Caran.	Cará,
Nu, nua.	Iponifé.	Ipombim.	Ipombim.
Nunca.	Epenzá.	Epenzá.	Epenzá.
Nunca mais.	Cocamberá.	Cocamberá.	Epemberá.
Nuvem.	Aricaricá.	Ricatum.	Riconá.
O			
Obedecer.	Itáque.	Itaquy.	Uicuiá.
Obrar (fazer).	Cocá.	Iococquy.	Iuecai.
Obrar (fazer necessidade)	Iuocacená.	Menecaná.	Conecai.
Occulto.	Seranaaniquy.	Seranauá.	Seramapi.
Olhe.	Euerichá.	Teuroqueçá.	Curemussá.
Olhar (observar).	Ineiá.	Ionquy.	Iramá.
Olhos.	Uiá.	Uyenu.	Tenu.
Onça.	Equeré.	Quiré.	Caicuchy.
O que?	Etonaquin?	Tenauá?	Esé?
O que.	Equy.	Ionquy.	Esi.
Orelhas.	Tupaiquy.	Panan.	Panuré.
Osso.	Topy.	Itepy.	Tibirebé.
Outro.	Iarum.	Iaró.	Tiarum.
Outro dia.	Penatopy.	Ponaró.	Penaró.
Ouvido.	Upanauitá.	Iopiriátó.	.....
Ouvir.	Uetaran.	Tabaná.	Tapanon.
Ovo.	Imuin.	Imu.	Inré.
P			
Padecer.	Neuiriá.	Neri-iai.	Iené.
Padre.	Tominy.	Tominy.	Tominy.
Pai.	Itanon.	Itamon.	.....
Paixão.	Romari.	Romonon.	.....
Palma (da mão).	Uicaraná.	Uicaraná.	Ierá.
Panciro.	Sarambé.	Uacarapé.	Oaierá.
Panella.	Putary.	Eribó.	Uené.
Pão.	Minrié.	Curié.	Ioi.
Papagaio.	Sacaná.	Sacauá.	Oróquy.
Para baixo.	Maniatá.	Maniá.	Mauinequy.

PORTUGUEZ	CRICHANÁ	IPURUCOTÓ	MACUCHY
Para cima.	Ipoianoten.	Ipuianatecon.	Cauiniqui.
Para (onde).	Emoana.	Stombotá.	Onombetá.
Para onde ?	Ichaiana ?	Tenhairé ?	Onombetá.
Para (fim).	Indaná.	Indá.	Chinbetanté.
Para ti.	Opequenan.	Apaiquoté.	Apy.
Pardo.	Enguná.	Inguná.	Euaron.
Parecido.	Mererecá.	Mererè.	Mererecá.
Parente.	Iombaquiné.	Otumbá ou yacó.	Otombá.
Parir.	Atariçá.	Itaribarai.	Icembó.
Partido.	Eaquecaquy.	Iaquecá.	Iataçá.
Partir.	Etanin.	Etamon.	Ueten.
Passar.	Itepy.	Itamebé.	Autepy.
Passaro.	Aroponoquine.	Oreponó.	Taron.
Pato.	Matichu.	Matichu.	Maiuá.
Patrão.	(Não tem).	Cariuary.	Cariuary.
Pavão.	Maré.	Mareré.	Matirerè.
Pé.	Utaué.	Utan.	Upu.
Pedaço.	Iarama.	Iaroná.	Iuacotor.
Pedir.	Urotonepequé.	Uretoneipaná.	Ureton.
Pedra.	Topu.	Tepuime.	Té.
Pegar (com força).	Amambé apiguy.	Cutupé apiqué.	Merundy-apiquy.
Pegar (se quizer).	Iapiquy.	Iapichiá.	Iapiquy.
Peito.	Rupotó.	Urutó.	Iropotoriby.
Peixe.	Morocó.	Caná.	Moró.
Peixe-boi.	Uaiurary.	Uaimereré.	Apiná.
Pelle.	Piperó.	Piperybo.	Ipipé.
Penna.	Iaberi.	Iaporì.	Poromberoi.
Pensar.	Tonauá.	Otonaquin.	Onoricapé.
Pente.	Saraicá.	Taquiná.	Charaicharai.
Pontelho.	Iapichin.	Uiaquy.	
Pequeno.	Chiriquy.	Chiriquy.	Miriquy.
Porder.	Ipacaman.	Ipacamuquy.	Inomopoai.
Porguntar.	Ipoquy.	Ironá.	Ipecaquy.
Periquito.	Maracã.	Maraconá.	Maracan.
Perna.	Pichian.	Uchy.	Uchy.
Perto.	Minchaborá.	Monchabiquy.	Mingaum.
Pescador.	Conochibequy.	Cunaypiquy.	Cuneipecon.
Pescar.	Incubaquy.	Incaconá.	Toiocai.
Pescaria.	Conochiboquy.	Cunaipiquy.	Conaiby.
Pescoço.	Uny.	Urumé.	Toré.
Peste.	Uacaplaime.	Uaiapauimy.	Paran.
Pezado.	Itamuiné.	Amuine.	Amuiné.
Pilão.	Acui.	Uiacui.	A'.
Piloto.	Iuorepon.	Iacumapon.	Iueré.
Pimenta.	Paraiá.	Eucrequeré.	Priui.
Pintado.	Saramonum.	Iaramunum.	Araramenum.
Pintar.	Nessemongaiá.	Semingai.	Somenungá.
Pintar de preto.	Taramingai.	Taramingai.	Seminungáuricotonguy
Pintar de encarnado.	Turamengará.	Suiuque-somonucá.	Semimugásuiuquy.
Pisar.	Aquitapauiá.	Aquitapauiá.	Amirouiá.
Poder.	Icaichará.	Cachareberú.	Cacharé.
Pode ser.	Inanaquemy.	Inanoquy.	Inarezy.
Podre.	Quená.	Iquenataquy.	Iquy.
Podridão.	Quemataibonai.	Iquenotaimeraran.	Quebecuru.
Poeira.	Pangá.	Pangá.	
Polvora.	Curberá.	Curberá.	Curberá.
Pomba.	Macuçá.	Macuco.	Macucá.
Popa.	Qumaquety.	Quinaqueté.	Poté.
Pôr (verbo).	Iruiá.	Tiquy.	Terniá.
Por ahi.	Merereporó.	Merereporó.	Mereréporó.
Por aqui.	Mereporó.	Cereporó.	Ceporó.
Porco.	Ruyruy.	Rueneton.	Puinguy.
Por isso.	Merécuaré.	Meropé.	Marerepé.

PORTUGUEZ	CRICHANÁ	IPURUCOTÓ	MACUCHY
Porquo ?	Atanaquiné ?	Tanauczy ?	Euiniani ?
Porta.	Unatá.	Unatá.	Minatá.
Porto.	Pichitó.	Piaquy.	Peá.
Pouco.	Unaen.	Mararuin.	Pararú.
Prain.	Sacabani.	Essaquy.	Lecaban.
Precisar,	Itocouan.	Itocorai.	Itozoai.
Progar.	Ipocá.	Procaquy.	Pocaquy.
Prego.	(Não tem).	Puiá.	Putupuiury.
Preguiçoso.	Eruery.	Eruerć.	Pacó.
Presente.	Ria.	Ria.	Oterepouai.
Principiado.	Massaquino tuaiquiné.	Mazariquinauá.	Mezaman.
Prôa.	Toné.	Poné.	Pom.
Procurar.	Enetá.	Iondá.	Iramutá.
Prostituta.	Tianon.	Iaró.	Uiry.
Proximo.	Iaconó.	Taconó.	Tacun.
Q			
Quaes são ?	Anecaianon ?	Anameré ?	Anecan ?
Quando ?	Etonobaré.	Etonaquin ?	Europá ?
Quando.	Purauichi.	Piramá.	Epen.
Quantos.	Atiboré.	Timboré.	Epenzá.
Quasi.	Sorenaré.	Sorená.	Achipicuru.
Quo.	Tonintè.	Touim.	Equincá.
Que ? (o).	Tenauá ?	Tonauaui ?	Ezy ?
Quebrado.	Ipyteuiá.	Ipecauiá.	Uaquité.
Quebrar.	Ipety.	Itopé.	Uaquitibuiá.
Quem ?	Animequeré ?	Anin ?	Anem ?
Quem (alguns).	Etonguona.	Onanguim.	Anozé.
Que modo (Do).	Tenauiquy.	Iuaniuané.	Unaicapy.
Quente.	Icuinan.	Icuinaquy.	Ané.
Queixar-se.	Ecamequy.	Icaramequy.	Icaramequy.
Querer.	Iuaiaoiai.	Siuai.	Itozoai.
R			
Rabo.	Erenan.	Erenaquy.	Taoquy.
Raio.	Ierembaium.	Torembaim.	Uaranapi.
Raiz.	Iucá.	Iucaquy.	Iucaquy.
Ralar.	Inquoté.	Iencaquy.	Chimari.
Ralo.	Chimariri.	Chimari.	Chimariri.
Ramela.	Iembarucú.	Iamburú.	Tonué.
Rapariga.	Tiamon.	Tiamon.	Uiry.
Rapaz.	Caray.	Ucarão.	Uarazó.
Raso.	Apaby.	Abeçá.	Maraná.
Rasto.	Itaby.	Itapitapy.	Itemaby.
Rato.	Touapy.	Teuaranguá.	Uaimum.
Recuar.	Soroichiquy.	Iarechiquy.	Torroachiquy.
Rede.	Uibom.	Ocarimi.	Autá.
Rede de pescar.	Cary.	Camy.	Tondy.
Remanso.	Iquotum.	Quenotaquy.	Aperupipim.
Remar.	Atauá.	Ecurá.	Icuraquy.
Remedio.	Iepicanzá.	Iepitoçá.	Epitessá.
Remeiro.	Iuaton.	Iuaton.	Curaton.
Remo.	Atauá.	Ecurá.	Nairé.
Repartir.	Nererobia irequy.	Morebia inquy.	Mariquibiátorcuiá.

PORTUGUEZ	CRICHANÁ	IPURUCOTÓ	MACUCHY
Resistir.	Cichará.	Caoparé.	Cacharé.
Respeitar.	Quonatá.	Quenetaquy.	Sucuiá.
Responder.	Éry.	Moré.	Eré.
Restituir.	Soucipaqny.	Incipaquy.	Teneupanichi.
Resto.	Nassanequy.	Chipiaby.	Ipapy.
Rio.	Irouiu.	Uaiaurem.	Irim.
Riso.	Inaté.	Iuatequy.	Ichichi.
Roça.	Teuiçaoró.	Maiiam.	Umery.
Rogar.	Ipytopy.	Tapetequy.	Apytanaquy.
Roçar.	Aquocenan.	Iaquecenan.	Iaicai.
Roupa.	Uponi.	Upon.	Upon.
S			
Saber.	Ipoqnoná.	Eponem.	Oponé.
Saco.	Uaichai.	Pacarai.	Saquiri.
Sacudir.	Iatoquemaquy.	Iaquocumaquy.	Itequetemaquy.
Sal.	Panim.	Pam.	Pan.
Saltar.	Imocá.	Icocá.	Imocá.
Sangria.	Aquitiá.	Iaqueçá.	Ipapitiá.
Sangue.	Mene.	Carapá.	Mim.
São (sadio).	Uaquehané.	Uaquepeman.	Preaman.
Sapo.	Purassaimá.	Uahe.	Poretucu.
Sapecar.	Iapepeça.	Iapemeça.	Ipoça.
Saúde.	Aquiropemau.	Uaquery.	Periaman.
Se	Uanequy.	Uaiquine.	ourom.
Seda.	Uamunarai.	Uamunié.	Tunabaioni.
Segunda vez.	Iticub ré.	Timporé.	Ineré.
Seio.	Manapé.	Imanaté.	Maná.
Semente.	Iaimum.	Imum.	Imum.
Sem.	Timbim.	Tenim.	Epim.
Sempre.	Ineporé.	Ineparé.	Iné.
Senão.	Tonaaté.	Teaté.	Mameté.
Sentar-se.	Ituiangá.	Ianianapuiá.	Tengunïú.
Sentir.	Iramorai.	Iramoquy.	Ienó.
Serviço.	Cocamim.	Cacameté.	Ocomamá.
Sino.	Campaná.	Campaná.	Campana.
Sitio.	Upatá.	Upatá.	Patá.
Só.	Toquinjaron.	Tequinjaron.	Tiuinan.
Soado.	Iramuté.	Euaihiuai.	Auainapoai.
Sobre (em cima).	Inobombaná.	Nonoboná.	Iponá.
Sobrinho.	Umuru.	Upané.	Umu.
Sogra.	Ichano.	Ichanin.	Uané.
Sogro.	Uhimané.	Utamon.	Tori.
Sól.	Ucihu.	Uci.	Uci.
Soltar.	Tonarequy.	Tenauriquy.	Tauanichi.
Solteiro.	Ipetepim.	Iuabepin.	Inobepim.
Somno.	Iuenuai.	Euainá.	Ienumbeuei.
Subir.	Enocuian.	Einciú.	Enocu.
Subida.	Traman.	Tenaniná.	Teuainon.
Sujar.	Urichaiana.	Eruaré.	Morá.
Suor.	Iromuterai.	Tuaihiuei.	Anainá.
T			
Tabaco.	Cauiai.	Acui.	Cauai.
Taboa.	Iracá.	Iracaquy.	Iraquequy.
Tapar.	Iapoquy.	Iaripoquy.	Iatapuriá.
Tarde.	Menincomambirá.	Misincomambirá.	Cimimiá.

PORTUGUEZ	CRICHANÁ	IPURUCOTÓ	MACUCHY
Tartaruga.	Uarará.	Uarará.	Uarará.
Tatú.	Auaraquy.	Auaraquy.	Muru.
Tecor.	Canetequy.	Panaraquy.	Caneté.
Tempo.	Iuiaré.	Iarembó.	Uinan.
Ter com.	Ipá.	Ipiá.	Ibiá.
Ter fome.	Tuaiuci.	Tuaiuiné.	Minapanzá.
Ter pressa.	Aquibé.	Iaquibé.	Canebé.
Terreiro.	Noné.	Noné.	Non.
Ter sede.	Maquiriby.	Emacuibé.	Inambauai.
Terra.	Chiriquy.	Chiriquy.	Nambecuru.
Testiculos.	Muquoné.	Ussurá.	Itemum.
Teu.	Amoronané.	Ameré.	Amerémaqueré.
Tezouras.	Iaquerequeté.	Iaquequy.	Saquei.
Timido.	Nariquy.	Inariquy.	Naripé.
Tirar.	Mocaquy.	Iamocaquy.	Imocá.
Todos.	Tupareberé.	Tupareré.	Tamenauoré.
Tolda.	Itapuí.	Iuapú.	Tamacari.
Tolo.	Oman.	Omá.	Iautichin.
Tonto.	Somarecuman.	Eracumé.	Itemun.
Topar.	Seporai.	Seporai.	Iporohai.
Torcer.	Cuinemé.	Cuiná.	Iébishi.
Torto.	Imamboquy.	Mamboquená.	Poquené.
Trazer.	Eavenequy.	Iarenequy.	Manepi.
Trapo.	Iaré maribé.	Iarequy.	Ibiapé.
Traquino.	Otean.	Uetumé.	Assaré.
Tripa.	Picren.	Ipequitaçá.	Iuerem.
Tristo.	Manaquine.	Mabonon.	Tenguihu.
Tristeza.	Moritaequy.	Moraoquy.	Moroquy.
Trovoada.	Probanhium.	Iaramahium.	Uaranapi.
Tu.	Unaem.	Uaim.	Ameré.
Tudo.	Ipairé.	Tupairé.	Iperá.
U			
Ulcera.	Uihihuchá.	Auichá.	Auichá.
Umbigo.	Ponchen.	Upony.	Spony.
Unha.	Enhiapibé.	Inhapibé.	Terapipé.
Unhada.	Upichiiá.	Apichicahuiá.	Uarocaiá.
Unir.	Apichiá.	Apichiquy.	Atapichy.
Urina.	Otocó.	Uateicon.	Uchutá.
Urro.	Canatá.	Canataquy.	Etetum.
Urubú.	Uatu.	Uriquy.	Uatunae.
Uso.	Uapemin.	Uapé.	Sereréncty.
V			
Vae.	Itanaquy.	Indaná.	Auteqny.
Vara.	Uadida.	Uaniá.	Uaruri.
Velha.	No sane.	Conossó.	Nosondon.
Velho.	Tequeipunan.	Teipuná.	Aquitum.
Vergonha.	Aranapan.	Anarauapan.	Iauchin.
Vermelho.	Ianoné.	Uianoné.	Chuihu.
Veneno.	Umurá.	Umuian.	Murani.
Vento.	Iromá.	Essená.	Seman.
Ver.	Iongny.	Iremá.	Iramá.
Verão.	Inenipy.	Ipussaiá.	Uciai.
Verdade.	Uapunepené.	Iapinipé.	Seruipin.

PORTUGUEZ	CRICHANÁ	IPURUCOTÓ	MACUCHY
Vigiar.	Teuequy.	Teuequy.	Iramamaquy.
Vingar-se.	Inyquy.	Tenchian.	Teuoiui.
Vir.	Uopeny.	Uaiquino.	Aipy.
Visinho.	Uapy.	Tetillapy.	Ponaré.
Viuva.	Ipotepin.	Teamopim.	Inhopim.
Viver.	Icocomamá.	Cocômamá.	Ecomaná.
Voar.	Eterocarané.	Eterecaquy.	Uequiricá.
Voltar.	Uinahá.	Auinihá.	Uenabó.
Vontade.	Tuetunupãi.	Uenumbae.	Enumbaiuai.
Vulva.	Uassahy.	Uassai.	Muné.

NUMEROS CARDEAES

1.	Tuim.	Tuquincaré.	Tiuim.
2.	Sananoburé.	Assaquené.	Sagané.
3.	Sarciuá.	Sercuaré.	Siruané.
4.	Saquerebá.	Saquerebuné.	Sacreré.
5.	Tupaiqué.	Tuparé.	Matiquim.
6.	Teuimeaboná.	Amoteçá.	Seuraburantiuin.
7.	Saquené.	Ineupuré.	Searaburancaquené.
8.	Sereuaréneabunan.	Sareuáneabunan.	Seuraoyrié.
9.	Saquererémeabunan.	Tirimiabunan.	Asacreré.
10.	Taparonon.	Tupareré.	Tamainaureron.
20.	Tiuimtemongonon.	Tuparépemangonon.	Tiuimpemongon.
30.	Sercicamongon.	Seremongon.	Seuarépemongon.
40.	Ineporé.	Eneporé.	Sacanépunongon.
50.	Tuparémemongonon.	Tuparememongon.	
100.	Sereparetuparé.	Senareburémongon.	Miatiquinpemongon.

PRONOMES PESSOAES

Eu.	Iury.	Uy.	Uré.
Tu.	Unaem.	Uaim.	Amoré.
Elle.	Ericane.	Moqueré.	Maquery.
Nós.	Cananequine.	Cananequé.	Aná.
Vós.		(Não uzam este pronome)	
Elles.	Taraquiné.	Utaráu.	Tozá.

POSSESSIVOS

Meu.	Iurequiné.	Iuré.	Uré.
Teu.	Ameronamé.	Ameré.	Ameré.
Seu.		(Não uzam este pronome)	
Nosso.	Inaré.	Inaré.	Inambe.
Vosso.		(Tambem não uzam este)	
Delles.	Iamoró.	Inhamoro.	Ingamoró.

FIM DA QUARTA PARTE

QUINTA PARTE

APPENDICE

3.ª Expedição

Sobre a 3ª expedição ao rio Jauapery limito-me a transcrever o officio que em 16 de Abril de 1885 dirigi ao Exm. Sr. Dr. José Jansen Ferreira Junior, presidente da provincia do Amazonas.

Illm. e Exm. Sr. — Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex. o resultado da viagem que fiz ao rio Jauapery, apresentando as medidas que convem tomar afim de aproveitar a pacificação dos indios Crichanás, civilisando-os, para que não só elles como a provincia usufruam as vantagens do homem civilisado, sem as quaes nada se conseguirá, tendo os selvagens de voltar, com razão, ao estado de ferocidade primitiva.

Conforme as ordens de V. Ex., por uma notavel coincidencia deixei o porto de Manáos, a 28 de Março, pelas 6 3/4 horas da manhã, dia anniversario de minha primeira partida, cujo fim foi a completa pacificação que já permitte que os civilisados frequentem o rio Jauapery sem receio de aggressão, e ahi estejam em tratos commerciaes illicitos com os indios, frequentando estes ordinariamente a povoação de Moura, onde outr'ora só iam para repellir os insultos dos habitantes.

Conduziu-me a lancha n. 4 da flotilha desta provincia, commandada pelo 1º tenente Bessa, vindo em minha companhia o Sr. capitão de fragata Rollin, chefe da flotilha, e capitão do porto, que foi testemunha ocular e insuspeita de tudo quanto se passou com relação aos indios,

Depois de ter tocado em Muirapinima e Ayrão, chegámos a Moura para tomar combustivel, ás 8 horas da noite do dia 29. Ahi passámos a noite fundeados e ás 6 horas do dia seguinte segui viagem para o Jauapery, entrando pelo paraná do Calango.

Por um morador de Moura soube que os indios ahi não appareciam já ha 12 dias. Tive, porém, a confirmação de que, depois de minha estada os indios appareciam diariamente em grandes grupos, ajudando os moradores a fazer duas casas, uma para um tal Jararaca e outra para um individuo de nome Almeida, carregando todo o material preciso, como pedras, póus, etc., ás costas.

Recebendo em paga desse serviço, a que ajuntavam a dadiva de suas armas e utensis, uma tartaruga, chelonio que existe em abundancia, e meia duzia de pequenas facas de xarquear, os indios aborreceram-se e retiraram-se para o interior, não apparecendo mais.

Chegando a Urabiana, procurei ver si encontrava vestigios de sua passagem pela praia. Não os encontrei. Segui viagem e fundeei em frente ao local do futuro aldeamento, fazendo logo os signaes convencionados para chamal-os. Não apparecendo elles, a 31 segui rio ácima, e como estivesse este muito baixo, fundeei proximo ao rio Chichinahu, em frente á praia das Flechas, logar onde os indios, depois da morte de Hermenegildo haviam, espetado as quatro flechas, conforme já declarei a V. Ex.

Repetidos signaes que fiz foram improficuos. A 1 de Abril resolvi continuar para chegar á enseada de Mahaua e d'ahi ir por terra ás malocas, não só chamal-os como descobrir a causa que os obrigava a retrahir-se fugindo de nossas vistas. Infelizmente, porém, pouco tempo depois a lancha encalhou, obrigando-me a ficar nesse ponto.

O dia 2, sexta feira santa, passámos fundeados. Vendo que os selvagens não appareciam e que haveria motivos que os afastava novamente, tratei de estudar o terreno, indo procural-os mesmo nas malocas, si preciso fosse,

embora expondo a vida. A's 6 horas da manhã tomei uma das canôas da lancha, tripolada por tres marinheiros, o interprete, e, acompanhado pelo tenente Bessa, segui rio acima. Durante o trajecto encontrei vestigios de sua passagem, sobresaltando-me o achar uma ubá mettida a pique, assim como varios remos trazidos pelas aguas. Esse facto não era natural, pois que os indios nunca abandonam seus meios de transporte, nem os remos que levam a guardar nos ITAPUIS.

A's 3 horas da tarde cheguei á ilha do Triumpho, onde encontrei a prova que motivara a retirada dos indios. Estavam encalhadas na praia 15 embarcações civilisadas, tres batelões tripolados por mais de 40 individuos, havendo em alguns grande armamento e em quasi todos muitos arcos e flechas e objectos selvagens, signal que elles haviam estado em contacto com os naturaes. Pertenciam essas embarcações a pessoas, presentes, entre as quaes distingui : o alferes Manoel Ferreira da Silva, meu ex-auxiliar, o professor publico de Carvoeiro, Jararaca, Pastana, Antonio Pinto, Fabricio Gomes, Almeida, Antonio Pereira, Fogaça, e outros de Moura e Carvoeiro.

Perguntando ao alferes Ferreira si tinha visto os indios, respondeu-me que em 15 dias de estada no rio, apenas os encontrara dentro do lago Tara, tendo estado com um delles na ilha do Triumpho.

Immediatamente voltei, por me parecer inutil a demora. A ausencia dos indios, o grande numero de objectos indigenas recolhidos ás canôas e a declaração de que esses homens não tinham encontrado os selvagens, tudo indicava que estes tinham soffrido algum insulto que se procurava occultar. Diziam que não tinham visto os indios e entretanto como houveram os objectos ? Depois, porque não appareciam, sendo essa a época propria ?

A resposta que confirmou minhas suspeitas tive-a algum tempo depois.

Descia eu em retirada, quando appareceu um indio na

praia. Reconhecendo-me internou-se pelo matto, voltando pouco tempo depois acompanhado de mais cinco, todos meus conhecidos, que, contra o costume, appareceram-me sem armas e sem enfeites, embora alegres, porém desconfiados.

Ueneró e Mekakonó, o primeiro um indio dedicado, logo que saltei em terra queixou-se que os brancos, em Mahaua, tinham-lhes tirado tudo quanto possuiam, deixando-os sem recompensa, até sem arcos para caça. Mostravam-se indignados. Distribui alguns machados, terçados e facas, convidando os dous a me acompanharem. Fizeram-o de bom grado, entrando na montaria, tendo o cuidado de mandar, pelos outros, prevenir a maloca.

Debaixo de grande temporal e por noite tenebrosa cheguei á lancha ás 8 horas, vestindo immediatamente os dous indios que tiritavam de frio. Passaram tranquillamente a noite comnosco, dormindo Ueneró commigo na mesma rêde e Mekakonó com o tenente Bessa. Ao alvorecer levantaram-se, pedindo-me que os mandasse pôr em terra, na praia fronteira, pois queriam ir ao encontro dos outros. Não cessavam as demonstrações contra o procedimento dos brancos.

Nesse dia, em consequencia da grande chuva, nenhum appareceu. No dia seguinte (5), ás 7 horas da manhã, passaram pela lancha as canôas que viramos antes. Por ordem do Sr. chefe da flotilha e capitão do porto chegaram-se á falla, procurando desobedecer os batelões do alferes Ferreira e de Jararaca.

Apenas desappareceram as canôas, vimos os indios na mesma praia, mostrando desse modo que só esperavam que partissem as canôas que alli haviam passado a noite fundeadas. Indo a seu encontro, encontrei-os mansos e inoffensivos, embora queixosos, desconfiados e exigentes, querendo que eu pagasse a expoliação que haviam soffrido dos outros. Retiraram-se ás 3 horas, dizendo-me que iam para longe.

Correndo a noticia de minha chegada, no dia 6, ás 9 horas, appareceram duas ubás, vindas de baixo, encostando a uma praia distante da lancha. Indo vel-os disse que subissem e viessem para a praia junto á lancha. Obedeceram alegres e satisfeitos.

Saltando nessa praia, foram a seu encontro commigo não só o Sr. chefe Rollin, como o commandante da lancha e o machinista. Cantando e dansando nos entregaram armas, fructos, beijús, etc.

O parallelo feito entre estes e os que vinham de cima nos provou quão pernicioso fôra o contacto com os negociantes que, procurando sómente o interesse, destruiam a obra que me custara tantas fadigas.

Foi unanime o parecer de que eu tinha razão quando não queria pessoa alguma em contacto com os indios, porque já começam a apparecer os maleficos resultados, fructos que poderão ser mais tarde bem amargos.

Algum tempo depois appareceu outra turma vinda de cima, desconfiada como a primeira. Desde que se poz em contacto com os de baixo, levou a estes a desconfiança, pois contaram os indios as scenas do Tará e de Mahaua.

As chuvas impediram-me vel-os a 7 e a 8. A 9, ás 2 horas da tarde, vieram de cima tres homens, uma mulher e quatro meninos, um de dous annos. Haviam feito viagem por terra. Desconfiados como os outros, só confiando em mim, trouxeram-me unicamente alguns fructos. Estavam desarmados. A mulher occultou-se, apparecendo sómente quando me viu a sós com os homens na praia. Estando o sol muito quente na praia, deitei-me á sombra de uma arvore da margem, sentando-se os indios em redor, pondo a mulher uma rêde debaixo de minha cabeça, á maneira de travesseiro.

Mandando chamar o Sr. chefe, logo que elle abicou á praia, a mulher, por ordem do marido, retirou-se, depois de ameaçada por uma flecha, pois não queria obedecer á ordem.

Pedindo-me os indios que subisse, no dia 10 segui rio

acima, mas ao chegar a uma praia abaixo do lago Tará, encalhámos.

No dia 11, já em descida, encontrei na praia abaixo da fóz do Chichinahú os mesmos indios que acompanhavam Ueneró, havendo então entre elles tres mulheres que se occultaram logo que eu e o commandante Bessa saltámos em terra. Ahi tive occasião de saber que estas se occultavam porque já tinham sido insultadas pelos brancos.

Depois de algum tempo de *palestra*, Ueneró, dando-me o braço, convidou-me para ir só á matta tomar *tipipi* com as mulheres. Accedi ao convite. Chegando quasi á floresta, Ueneró, vendo que o tenente Bessa nos seguia, soltou-me o braço e com gesto imperativo fêl-o voltar para a lancha.

Voltando o Sr. tenente Bessa, o indio tornou a dar-me o braço.

Aquelle temendo que nesse proceder houvesse alguma traição occulta, advertiu-me, fazendo-me ver a que eu ia expor-me. Não contrariei-o e disse ao indio que mais tarde iria á matta.

Não tendo ido preparado para ficar por muito tempo no rio e desejando sómente ver a disposição de animo dos indios, depois do contacto com os civilisados de Moura por cinco mezes, não dando o rio mais passagem senão a canôas, resolvi voltar para Manáos afim de trazer todos os factos ao conhecimento de V. Ex. e pedir providencias.

Nesse dia, pois, desci e vim fundear em Uirabiana, onde encontrei as canôas que ahi ficaram. Parti no dia seguinte, e sem tocar em Moura, fui pernoitar em Muirapinima. No dia 12 pelas 7 horas da manhã ancorei no porto de Manáos.

Exm. Sr., por officio datado de Moura de 2 de Novembro do anno passado, e pelo meu relatorio tive occasião de pedir providencias a V. Ex. Agora, baseado nos factos que previa nessa occasião e que se realizaram em parte, venho ainda uma vez expor a V. Ex. as medidas preventivas que convem tomar afim de poder aproveitar a boa vontade dos indios, tornando-os homens uteis á provincia, evitando que

voltem ao estado da barbaria primitiva em que os encontrei, do qual não sahirão senão por meio da bala, como acontecia até Março de 1884.

Não é possivel que as cousas continuem no estado em que vão. O governo, tratando do bem geral, não póde nem deve estar á mercê de meia duzia de individuos sem posição official definida, que o obrigam a gastar improficuamente os dinheiros publicos, desmanchando todos os meus planos, inutilizando meus esforços, procurando sómente a satisfação do amor proprio de pequenos mandões e da ganancia de outros.

Convem tomar medidas urgentes, pois sem ellas nada se fará ante a má vontade desses individuos que de tudo zombam, certos da impunidade que lhes dão a natureza do logar em que vivem e a protecção de alguns politicos que desconhecem o patriotismo.

Aceitando a commissão com que fui honrado pela presidencia passada, não tive em vista lucros nem proventos, porque não havia interesse que pagasse a vida que expuz voluntariamente para conseguir pacificar e poupar vidas que desappareciam annualmente á frecha vingativa do indio. Meu fim é prestar simplesmente um serviço á humanidade, fiado no estudo que tenho feito do caracter indio.

Hoje, porém, que consegui vencer a barbaria delles, hoje que o indio não offende e só pede ensinamentos, preciso de meios, que, não obtidos, me obrigarão a pedir dispensa desse encargo, para que outro, mais habil e baseado em melhores estudos, consiga o que para mim é impossivel, como já o julgaram os antigos reis e ministros portuguezes, e todos os missionarios, como Nobrega, Anchieta, Vieira e outros.

Já disse e repito: o trato commercial implica a civilisação, e a prova é a desmoralisação que vai pelo valle do Amazonas. Ante o commerciante, o indio é um ente inutil, porque é uma machina productiva, porém ante Deus e a humanidade é um ente depravado e perigoso. Baseado nas vantagens que traz a separação do indio neophyto do contacto do civilisado, vantagens provadas nos factos a que

assisti e que levaram os reis a expedir cartas régias e alvarás que mais tarde foram confirmados pelo decreto de 30 de Junho de 1833, pelos avisos de 31 de Julho e de 30 de Agosto de 1834, pelo decreto de 24 de Julho de 1845 e outros que consideram orphão o selvagem, não é livre a este o exercicio do commercio. Ainda os avisos de 14 e 19 de Outubro de 1870 e as instrucções do ministerio da agricultura de 8 de Novembro do mesmo anno, claramente prohibem o contacto do civilisado com o indio sem consentimento do missionario.

Assim, pois, é de extrema necessidade prohibir a entrada de todo e qualquer individuo no rio Jauapery, de Uirabiana para cima, principalmente do ponto que está preparado para o aldeiamento. Isto não causa transtornos aos moradores do rio Negro, porque outr'ora esse rio não era frequentado e mais por não existirem ahi casas. Ainda não impede a pescaria, porque o logar de pesca, os lagos e PARANÁS ficam abaixo.

Para que ninguem se chame á ignorancia, convem affixar nas portas das matrizes de Ayrão, Moura e Carvoeiro a ordem das autoridades prohibindo o ingresso no rio e o trato com os indios. Essas autoridades devem ser pessoas de confiança, principalmente a de Moura.

Para garantir as ordens e a segurança dos indios, deve-se estabelecer um destacamento no aldeiamento, composto de praças escolhidas, morigeradas e casadas, commandadas por um inferior de confiança. As instrucções que receberem devem estar de accôrdo com os fins da catechese. Deve ahi estacionar uma lancha não só para proteger o destacamento e os indios, como para cruzar da foz do rio até esse ponto, impedindo o contacto dos indios com os civilisados e para servir á catechese. Suas instrucções militares serão dadas de accôrdo com as da catechese, afim de que uma não difficulte a outra.

Seria conveniente estabelecer no aldeiamento algumas familias, dando-se-lhes terrenos para cultura, afim de que os indios mais se unissem, pelos bons exemplos.

Por economia e facilidade para o estabelecimento de casas e roças, o governo deverá pagar uma gratificação ás praças por esse serviço, estabelecendo uma diaria para os dias de trabalho. Feito em primeiro logar um quartel ou casa forte, se dará logo começo a uma capellinha, da qual tomo a liberdade de propor para padroeiro S. João Baptista, compromettendo-me a dar a imagem do Santo. Feitos o quartel e a capella, cada soldado fará uma casa para sua familia, casa que passará á familia do que vier render a guarda.

Para tornar effectivas as ordens, cumpre estabelecer penas para os infractores.

Logo que começar o aldeiamento, é necessario, desde que os indios possam comprehender a doutrina e instrucção, providenciar sobre a nomeação de um professor e capellão. Mais tarde devem ser fundadas officinas, tudo submettido a uma direcção geral, e com um só plano de ensino.

Eis o que me cumpre ponderar a V. Ex. e que V. Ex., em seu alto entendimento, resolverá, como melhor entender, certo de que sem essas garantias não continuarei na catechese, porque tenho outros trabalhos que meu cargo impõe, assim como familia numerosa, que não quero deixar desamparada de um para outro momento, por causa de meia duzia de individuos que não trepidam sacrificar a vida do proximo, comtanto que cheguem a realizar seus fins, embora não acolhidos pela moral.

Deus Guarde a V. Ex.—Illm. e Exm. Sr. Dr. José Jansen Ferreira Junior, M. D. Presidente da Provincia do Amazonas.

Manáos, 16 de Abril de 1885.

(Assignado)

JOÃO BARBOZA RODRIGUES

FIM DA QUINTA E ULTIMA PARTE

EXPOSIÇÃO

Com que o Exm. Sr. Dr. José Jansen Ferreira Junior passou a administração da provincia ao Exm. Sr. 1° Vice-presidente Tenente-Coronel Clementino José Pereira Guimarães, em 21 de Setembro de 1885.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Catechese e civilisação de indios

Peço licença a V. Ex. para, sobre este assumpto, referir-me ao que disse á assembléa legislativa provincial.

Transmitti ao Governo geral a exposição, que fez o illustrado Dr. João Barbosa Rodrigues, das medidas que julga necessarias para completa realização da importante obra da civilisação dos indios *Crichanás*, para a qual tanto concorreu, encarregando-se da pacificação que, com sacrificios e difficuldades, conseguiu, e de que é prova evidente o facto importante, que folgo poder consignar nesta exposição, do apparecimento daquelles indios em diversos logares, procurando realizar a troca de objectos, signal indubitavel de que desejam tomar parte na grande communhão da gente civilisada.

Oxalá que sejam coroados de felizes resultados os esforços feitos, secundados por esta presidencia para arrancar dos habitos de ferocidade e selvageria aquelles silvicolas, cuja catechese, assim como a dos mais aborigenes, grande vantagem poderia ter trazido e proporcionar ao nosso paiz, si antes tivessem sido os meios empregados pelos nossos

antepassados, e bem intencionados fossem os coevos, que, salvas honrosas excepções, surdos á voz da consciencia e aos dictames das leis divinas e humanas, consideram os infelizes indigenas como um objecto de negocio, miseros servos condemnados a ferrenho captiveiro, de que ainda não os pôde libertar, completamente, a autoridade, cujos meios de acção, nesta immensa e especialissima região, são deficientes e quasi improficuos, diante de habitos inveterados, da ambição desmarcada dos que, com astucia criminosa, illudem a lei e vão, muitas vezes, com o ferro e fogo, arrancar das malocas as innocentes mulheres e crianças, que constituem objecto daquella torpe mercancia, destinadas ao referido captiveiro.

Infelizmente, nesta provincia, o direito de liberdade ainda está sujeito a esses vergonhosos assaltos, que os homens de bem condemnam, mas grande numero de especuladores animam e protegem, contrariando os esforços dos que, com a lei cuja observancia lhes compete fiscalisar, procuram evitar a escandalosa violencia ; sendo a condição dos indios, é triste dizel-o, quasi a mesma que, em 1694, descreveu o padre Antonio Vieira, na carta que dirigiu ao Duque de Cadaval, dizendo-lhe que : « em todas as voltas ou mudanças, sempre, a roda da fortuna levava debaixo aquelles infelizes. »

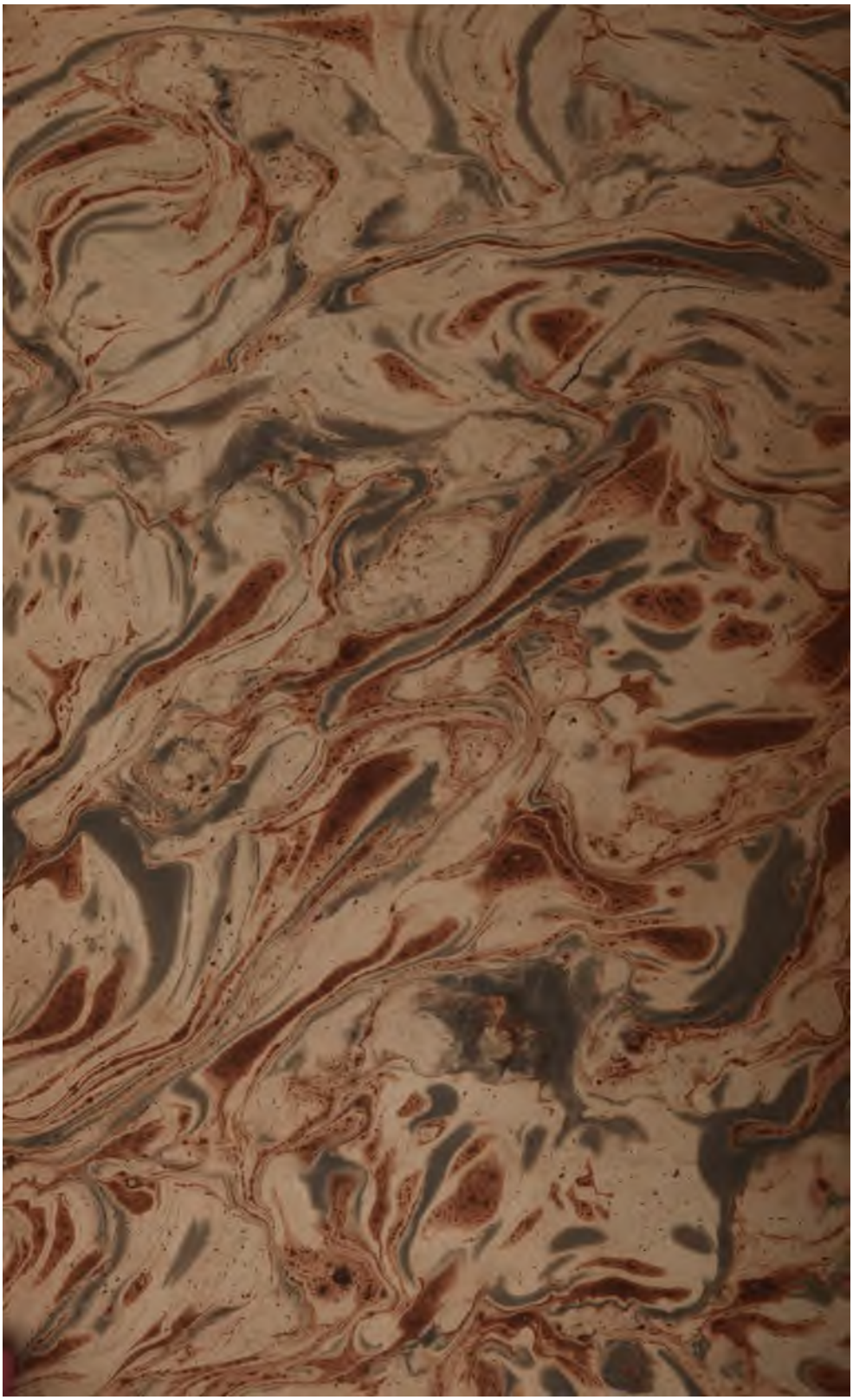
Os *Crichanás* estão em uma phase quasi semelhante á que, segundo Thiers, atravessa a humanidade, antes de lançar-se no caminho da civilisação, phase de simplicidade, de ignorancia, e de pureza, em que se desejaria detel-a si sua sorte não fosse marchar, atravez do mal, para todos os generos de aperfeiçoamento ; é preciso, pois, grande prudencia e todo cuidado na continuação da obra começada ; na educação dos referidos indios, principalmente, tendo-se em vista, como diz Platão e repete Chateaubriand, que uma absoluta ignorancia não é o maior mal e nem o que mais se deve temer.

Rio, 21-8-60

ficha 15
Brasil, Índios.

x dc.—

v) 72



F 2519 .B24 C.1
Rio Jauapery.
Stanford University Libraries
3 6105 037 156 655

F
2519
.B24

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due.

NOV 28 1984
JAN 2 - 1985